



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Filosofia e Ciências
Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais
Campus de Marília

***“QUANTAS CURTIDAS MERECE ESSA TRANS?”: A
RECEPÇÃO DA TRANSEXUALIDADE NAS MÍDIAS DIGITAIS***

Luiz Augusto Mugnai Vieira Júnior

Marília - SP
2018

“QUANTAS CURTIDAS MERECE ESSA TRANS?”: A RECEPÇÃO DA TRANSEXUALIDADE NAS MÍDIAS DIGITAIS



FIGURA 01. Thammy Miranda, Ariadna Arantes, Lea T., Thalita Zampiroli e T. Brant.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Filosofia e Ciências
Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais
Campus de Marília

**“QUANTAS CURTIDAS MERECE ESSA TRANS?”: A
RECEPÇÃO DA TRANSEXUALIDADE NAS MÍDIAS DIGITAIS**

Luiz Augusto Mugnai Vieira Júnior

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista/UNESP – *Campus* Marília, como requisito para obtenção de título de Doutor em Ciências Sociais.

Linha de Pesquisa: Cultura, Identidade e Memória.

Orientadora: Prof. Dra. Larissa Maués Pelúcio Silva.

Marília - SP
2018

Vieira Junior, Luiz Augusto Mugnai.
V673q “Quantas curtidas merece essa trans?”: a recepção da
transexualidade nas mídias digitais / Luiz Augusto Mugnai
Vieira Junior. – Marília, 2018.
280 f. ; 30 cm.

Orientadora: Larissa Maués Pelúcio Silva.
Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade
Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências,
2018.

Bibliografia: f. 236-263

1. Antropologia. 2. Mídia digital. 3. Transexualidade. 4.
Identidade de gênero. 5. Redes sociais on-line. I. Título.

CDD 306.768

Elaboração: André Sávio Craveiro Bueno
CRB 8/8211

Unesp – Faculdade de Filosofia e Ciências

A Redenção (Agradecimentos)

A minha viagem imersiva me permitiu mais que uma habilidade de escrita, um desafio de memória, ao colocar cada parte lembrada do retalho no lugar certo da colcha antropológica. O rótulo de intelectual, muitas vezes repellido socialmente por ser visto como de um homem frágil e sensível, na realidade, é aquele que foge do modelo de homem misógino. A transexualidade de minha irmã me permitiu romper com o próprio modelo de homem cis hetero e me tornar além de qualquer classificação, um ser humano mais humano. Talvez essa seja uma das principais, se não, a mais nobre função social de um intelectual, se colocar e estar no lugar do outro.

Ao longo da escrita da pesquisa, muitas vezes, satisfeito com o meu trabalho, me senti fazendo algo análogo ao ofício de um escultor que lapida dando forma à sua obra prima. Experimentei-me quase como um pequeno Michelangelo, um dos maiores criadores de arte, que ao finalizar a escultura de Moisés exclamou para ela: *Parla !* E realmente ela (a tese) falou, com as vozes das pessoas transexuais em resposta ao grito de ódio e ao silêncio ensurdecedor da sociedade imbricada nas mídias digitais que estão cheias de preconceito e violência contra elas, mas que nessa obra poderão ser mais ouvidas.

Agradeço por me deparar-me com a trajetória da minha orientadora, Professora e Antropóloga Doutora Larissa Pelúcio quanto às pesquisas que abordam temas como gênero, sexualidade e mídias digitais que possibilitou como seu orientando juntar as coisas. Minha irmã e eu somos naturais de Marília- SP e saímos da cidade para estudar em Londrina - PR e hoje residimos em Cascavel -PR e dessa maneira estava eu diante de um sincronismo, pois a transexualidade que foi o motivo principal de minha saída de Marília- SP era agora a causa de minha volta. Retornar para estudar a transexualidade era uma espécie de redenção; tal que em uma súbita decisão mesmo aprovado nas primeiras fases das duas universidades (UFPR e UFSC) decidi focar-me para a aprovação da Universidade Estadual Paulista - UNESP. As trilhas e as preocupações de Larissa Pelúcio significaria tudo isso e mais, era o encontro de estudar a transexualidade com uma abordagem pelas mídias digitais, sobretudo, juntar todas as peças para os percalços de um estudo antropológico digital. Grato por todo seu cuidado, carinho e conhecimento proporcionado a mim. Eu te admiro profundamente!

Aos/as professores/as de cada disciplina que cursei, e por terem me disponibilizado no conteúdo delas reflexões e caminhos para pensar a minha pesquisa.

À banca composta pela Profa. Dra. Flávia Teixeira, Profa. Dra. Carolina Parreiras e

Prof. Dr. Toni Braga por suas valiosas contribuições e apontamentos. Ao Professor Dr. Luís Antônio de Souza que me despertou enorme admiração e orgulho de ser um Cientista Social.

À/Aos meus/minhas queridos/as amigos/as que ao longo do Doutorado pude além das risadas compartilhar as angústias e por nossas trajetórias terem sido cruzadas e termos tido momentos que passamos juntos: Tamires, Zuleika, Rafael, Wahuane, Michele, Juliana Jardim, Késia, Franz, Edson, Thiago, Camila, Alex, Egor e Marlyson. Em especial, as minhas amigas, Lays e Patrícia que me receberam com muito carinho e pude compartilhar as nossas preocupações acadêmicas e sociais e lutarmos juntos sempre também com muita alegria.

À minha querida amiga Maria Santana, um anjo que entrou na minha vida e que sou eternamente grato por você ser tanta luz e amor para mim.

Ao meu amigo quase irmão Luís Gustavo Selegin, filósofo e intelectual de grande capacidade de abstração que sempre esteve do meu lado durante a jornada da tese, refletindo em momentos de entaves como também de muitas risadas.

Àx my amigxs Silvia Schneider, Izadora Castilho, Camila Torres, Átila Rodolfo, Mariana Mello, Claudimara, Chaí entre outr@s que parte da minha vida sempre estão comigo.

À Universidade Paranaense - Unipar pelo apoio e aos meus queridos/as amigos/as colegas: Silvana, Gisele, Fausto, Vlad, Kaoana, Leo, Anália, Juliane, Clarice, Gabriela, Tati, Caio, Cleina, Juliana, Carol, Rudy e a tod@s os/as meus/minhas queridos/as alun@s.

À Raquel de namorada a minha amiga confidente que sempre incentivou e valorizou a minha pesquisa e junto dela os meus amores: Ana Luiza, *my princess* e Nicolas, o *baby*.

À minha Família Garcia e Mugnai Vieira, em especial, Camila e Priscila Mugnai Vieira, as minhas primas de infância e que hoje mais do que laços de sangue, somos luta e resistência enquanto pensamento de transformação social!

Aos meus pais, Sônia e Luiz, que mais do que quaisquer outras pessoas me fizeram um ser humano que se reconhece com compaixão no outro, antropológicamente falando com alteridade. Grato por suas orações. Meu amor incondicional por vocês, Mamãe e Papai!

À minha querida irmã Juliana e sua família, meu cunhado Rogério e meus amados sobrinhos Lucas e Vinícius por estarem sempre torcendo por mim.

À minha irmã alma gêmea Amanda, escritora nata e razão dessa tese e ao seu namorado Ademir.

E por fim e o começo à Deus@ ou à energia cósmica ou ao grande plasma do Universo que por meio de suas vibrações conspirou por mim!

"Eu não estou onde você me espreita, mas aqui de onde o observo rindo" (Michel Foucault).

Renascid@ (para Marília)

Era um entardecer, mais gelado que sorvete,
Era o vento no meu rosto infantil;
O carro maternal, porém guiado pelo papai fazia a função de útero;
No banco de trás estavam nós, os gêmeos;
Ah, como era refrescante aquele ar do bosque;
Sensação única como do primeiro respirar de um recém- nascido;
Queria ali, reparar a natureza, congelar aquele momento (...)
A Avenida Brigadeiro Eduardo Gomes era nome dela,
Casa da vovó, da cidade de um café vencedor®,
Numa felicidade incompleta para os pueris era na “verdade” um doce;
A direção era o aeroporto;
Queríamos voar;
O desejo inconsciente de um bis, mas de chocolate,
De que tudo seria completo
Se fosse ela (...) fosse minha gêmea (...)
A volta era contramão
A triste realidade o chão
O amargo da normatização
Às vezes é preciso seguir o vento das piruetas
É ! O sonho criou asas
E de paraquedas
Ela desceu frágil e tão segura
Nos ares frescos daquele bosque
O que sempre fora, é, e o que eternamente será
MULHER.

(Guto Mugnai – 21-11-2017)

Dedico essa tese aos meus pais, Sônia e Luiz e as minhas irmãs Juliana e Amanda, na doce lembrança de um anoitecer em volta da mesa de jantar oval de casa, quando erámos cinco em Marília – SP.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Profa. Dra. Larissa Pelúcio (Universidade Estadual Paulista – UNESP – Marília)

Membros Títulos

Profa. Dra. Flávia do Bonsucesso Teixeira (Universidade Federal de Uberlândia – UFU – Uberlândia)

Profa. Dra. Carolina Parreiras Silva (Universidade de São Paulo – USP – São Paulo)

Prof. Dr. Luís Antônio Francisco de Souza (Universidade Estadual Paulista – UNESP- Marília)

Prof. Dr. Antônio Mendes da Costa Braga (Universidade Estadual Paulista – UNESP- Marília)

Suplentes

Profa. Dra. Patrícia Porchat Pereira da Silva Knudsen (Universidade Estadual Paulista – UNESP – Araraquara)

Profa. Dra. Carolina Branco Castro Ferreira (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – Campinas)

Profa. Dra. Lídia Maria Viana Possas (Universidade Estadual Paulista – UNESP – Marília)

Marília, 04 de dezembro de 2018.

RESUMO

As mídias digitais juntamente com seus aparatos multifuncionais possibilitaram um protagonismo de seus usuários no processo de comunicação. Comentar em um Portal de notícia ou compartilhar, seguir, curtir ou se organizar em um grupo na Rede Social permitiu que os seus usuários expusessem mais efetivamente as suas opiniões assim como também possibilitou uma maior visibilidade de grupos sociais como os das pessoas transexuais. A partir de uma investigação antropológica imersiva oculta em ambientes on-line utilizando-se dos estudos de recepção a presente pesquisa teve como a principal problemática compreender a receptividade da transexualidade. Procurou-se entender quais argumentos têm fundamentado os discursos deslegitimadores da transexualidade e aqueles legitimadores da experiência das pessoas trans. Dessa forma a pesquisa analisou os discursos sobre transexualidade a partir de comentários feitos por leitoras/es do Portal *Globo.com* - publicações em suas versões digitais e de grupos compostos por pessoas que se identificam ou não com as transexuais alojados no *Facebook*. Como também as falas de figuras expressivas circulantes na internet que ao falar de identidade e ideologia de gênero se mostram tanto articuladas ou não com o discurso das transexuais. Coube a participação da ex- *Big Brother Brasil 11*, Ariadna Arantes, introduzir a mudança tanto, na frequência, como no tom dos discursos que deixam de ser anedóticos para se mostrarem mais políticos nas matérias sobre transexualidade publicadas no Portal *Globo.com*. Por meio da análise dos dados que se valeu dos estudos de gênero e sexualidade que dialogam com vertentes pós-estruturalistas observou que os comentários deslegitimadores em sua maioria se fundamentam de enunciados de exclusão, desumanização e distorção e, que por sua vez, se apropriam regularmente de discursos sociais que percebem a pessoa transexual como antinatural, antimoral e anticristã. Em relação antônima aos discursos que não reconhecem os direitos das pessoas transexuais, os legitimadores da transexualidade elaboram em grande parte os seus enunciados por meio da inclusão, humanidade e esclarecimento se utilizando frequentemente de discursos natural/antrópico, moral/laico e cristianismo ampliado/superado sobre as pessoas transexuais. As preocupações que conduziram a pesquisa foram atravessadas pelo advento de combate aos estudos de gênero chamado por seus opositores de “ideologia de gênero”, num cenário em que as palavras pertencentes ao vocabulário de gênero trouxeram não somente uma disputa semântica conceitual, mas também uma resistência e batalha on-line. Ademais, a maior visibilidade da transexualidade nos meios digitais revelou, sobretudo, conservadorismos, e a predominância de discurso deslegitimador que tem como base a misoginia e a demonização de gênero, assim como visibilizou mudanças nas redes on-line da inclusão positivada e humanizada das pessoas trans.

Palavras-chave: transexualidade; transexual; transgênero; pessoa trans; gênero; discurso; mídias digitais; redes on-line; recepção.

“HOW MANY LIKES DOES THIS TRANS DESERVE?": THE RECEPTION OF TRANSEXUALITY IN DIGITAL MEDIAS

ABSTRACT

The digital medias along with its multifunctional devices have enabled its users to play a leading role in the communication process. Commenting on a News Portal or sharing, following, liking or organizing a group on the Social Network has allowed its users to more effectively expound their opinions as well as to enable greater visibility of social groups such as transgender people. From an immersive anthropological research hidden in on-line environments using the reception studies the present research had as main problem to understand the receptivity of transsexuality. It was tried to understand which arguments have been based on the delegitimizing discourses of transsexuality and those legitimating the experience of trans people. In this way the research analyzed the discourses about transsexuality from comments made by readers of the *Globo.com* Portal - publications in their digital versions and groups composed of people who identify themselves or not with the transsexuals housed in *Facebook*. As well as the speeches of expressive figures circulating on the internet that when speaking of gender identity and ideology are shown to be either articulated or not with the transsexual discourse. It was the participation of the former *Big Brother Brasil 11*, Ariadna Arantes, to introduce the change both in frequency and in the tone of the discourses that are no longer anecdotal in order to be more political in the subjects about transsexuality published in *Globo.com* Portal. Through the analysis of the data that used the studies of gender and sexuality that dialogue with poststructuralist strands observed that the delegitimizing comments are mostly based on statements of exclusion, dehumanization and distortion and, in turn, appropriate of social discourses that perceive the transsexual person as unnatural, anti-moral and anti-christian. In an antinuous relation to discourses that do not recognize the rights of transsexual people, the legitimators of transsexuality largely elaborate their statements through inclusion, humanity and clarification, often using of the discourses natural / anthropic, moral / secular, and extended / overcoming christianity about transsexual people. The concerns that led to the research were crossed by the advent of combating the gender studies called by their opponents of "gender ideology," in a setting where words belonging to the gender vocabulary brought not only a conceptual semantic dispute, but also a resistance and battle on-line. In addition, the greater visibility of transsexuality in digital medias revealed, above all, conservatism, and the predominance of delegitimizing discourse based on misogyny and gender demonization, as well as making visible changes in on-line networks of positive and humanized inclusion of people trans.

Keywords: transsexuality; transsexual; transgender; trans person; gender; discourse; digital medias; on-line networks; reception.

“COMBIEN D'AIMES MÉRITENT CE TRANS?": LA RÉCEPTION DE LA TRANSEXUALITÉ DANS LES MÉDIAS NUMÉRIQUES

RÉSUMÉ

Les médias numériques ainsi que ses appareils multifonctionnels ont permis à ses utilisateurs de un protagonisme dans le processus de communication. Faire des commentaires sur un portail d'actualités ou partager, suivre, j'aime ou organiser un groupe sur le réseau social a permis à ses utilisateurs d'exprimer plus efficacement leurs opinions et en plus de donner une plus grande visibilité aux groupes sociaux tels que les personnes transsexuelles. Depuis une recherche anthropologique immersive caché dans des environnements en ligne utilisant les études de réception, la présente recherche avait pour principal problème de comprendre la réceptivité de la transsexualité. On a essayé de comprendre quels arguments étaient fondés sur les discours de délégitimation de la transsexualité et ceux légitimant l'expérience des personnes trans. La recherche a ainsi analysé les discours sur la transsexualité à partir des commentaires des lecteurs du portail *Globo.com* - des publications dans leur version numérique et des groupes composés de personnes s'identifiant ou non avec les transsexuels hébergés sur *Facebook*. De même que les discours de personnalités expressives circulant sur Internet, il est démontré que, s'agissant de l'identité de genre et de l'idéologie, ils s'articulent ou non avec le discours transsexuel. Ariadna Arantes, ex- *Big Brother Brasil 11*, a introduit le changement de fréquence et de ton dans les discours qui ne sont plus anecdotiques afin d'être plus politiques dans les sujets sur la transsexualité publiés dans Portal *Globo.com*. En analysant les données qui utilisaient d'études sur le genre et la sexualité, le dialogue avec les groupes poststructuralistes a montré que les commentaires de délégitimation sont principalement basés sur des déclarations d'exclusion, de déshumanisation et de distorsion et, par conséquent, appropriés des discours sociaux qui perçoivent la personne transsexuelle comme non naturelle, anti-morale et anti-chrétienne. Dans une relation antonyme avec les discours qui ne reconnaissent pas les droits des personnes transsexuelles, les légitimateurs de la transsexualité élaborent en grande partie leurs déclarations à travers l'inclusion, l'humanité et l'clarification, en utilisant souvent d'un discours naturel / anthropique, moral / laïque, christianisme étendu / dépassé sur les transsexuels. Les préoccupations qui ont conduit à la recherche ont été traversées par l'avènement combattre d'études sur le genre appelées par leurs opposants à "l'idéologie du genre", dans un cadre où les mots appartenant au vocabulaire de genre ont apporté non seulement un conflit sémantique conceptuel, mais aussi une résistance et bataille en ligne. En outre, la plus grande visibilité de la transsexualité dans les médias numériques a révélé, avant tout, le conservatisme et la prédominance du discours de délégitimation fondé sur la misogynie et la diabolisation de genre, ainsi que des changements visibles dans les réseaux en ligne d'une inclusion trans positive et humanisée.

Mots-clés: transsexualité; transsexuel; transgenre; personne trans; genre; discours; médias numériques; réseaux en ligne; réception.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01. Thammy Miranda, Ariadna Arantes, Lea T., Thalita Zampirolli e T. Brant.....	02
FIGURA 02. <i>Print</i> da composição das notícias no Portal <i>Globo.com</i>	44
FIGURA 03. <i>Print</i> do <i>Top sites in Brazil</i> no site <i>Alexa</i> : O <i>ranking</i> dos sites mais acessados no Brasil.....	46
FIGURA 04. Exemplo de caixa de comentários do Portal <i>Globo.com</i> e suas funcionalidades descritas acima.....	65
FIGURA 05. Uma das capas do grupo; como nas demais outras capas enfatiza a resistência. O <i>print</i> foi retirado no dia 20 de junho de 2017.....	67
FIGURA 06. A capa anterior da atual do grupo fazia referência às cenas de guerras de combates medievais. O <i>print</i> foi retirado no dia 20 de junho de 2017.....	70
FIGURA 07. Na primeira coluna à esquerda está a matéria sobre a transexualidade em destaque em vermelho na composição do Portal para a configuração em <i>pc</i> e na segunda coluna também em destaque vermelho à direita na composição do Portal para a configuração no <i>smartphone</i>	100
FIGURA 08. Composição das matérias no Portal <i>Globo.com</i> . Na direita do canto superior se encontra a seguinte manchete: “Se fosse cis, gostaria de gerar uma vida, diz Pablo Vitar: assista.”.....	109
FIGURA 09. A postagem realizada no grupo <i>Hetero/orgulho</i> com fotos compartilhadas de Thalita Zampirolli.....	161
FIGURA 10. À esquerda: Thalita Zampirolli – mulher trans- que esteticamente ilustra o anti-masculino cis-heteronormativo. À direita: T. Brant – homem trans – que estampa esteticamente o anti-feminino cis-heteronormativo. Ambos representam o padrão estético cis que a maioria das pessoas cis não alcança.....	166
FIGURA 11. Verônica Bolina, Laura Vermont e Dandara dos Santos: seus corpos trans alvos da violência foram resistência na rede social e ganharam repercussão de solidariedade.....	183
FIGURA 12. Exemplos do <i>meme</i> da ideologia de gênero.....	215
FIGURA 13. A ridicularização da mulher no grupo <i>Hetero/orgulho</i>	219

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 - Categoria: os direitos das transexuais e as suas subcategorias que compõem as matérias analisadas no Portal <i>Globo.com</i>	52
QUADRO 02 – Categoria: trivialidades e rotinas de celebridades transexuais e as suas subcategorias que compõem as matérias analisadas no Portal <i>Globo.com</i>	55
QUADRO 03 – Categoria: violências e crimes de transfobia e as suas subcategorias que compõem as matérias analisadas no Portal <i>Globo.com</i>	58
QUADRO 04 - Matérias com suas categorias e subcategorias analisadas no Portal <i>Globo.com</i> anteriores ao ano de 2015	61
QUADRO 05 - Tipos de comentários deslegitimadores sobre a transexualidade e as pessoas trans e os enunciados de exclusão, desumanização e distorção.....	128
QUADRO 06 - Tipos de comentários legitimadores sobre a transexualidade e as pessoas trans e os enunciados de inclusão, humanidade e esclarecimento.....	129
QUADRO 07 - Tipos de comentários deslegitimadores sobre a transexualidade e as pessoas trans e os enunciados apropriados dos discursos antinatural, antimoral e anticristão.....	132
QUADRO 08 - Tipos de comentários legitimadores sobre a transexualidade e as pessoas trans e os enunciados apropriados dos discursos natural/antrópico, moral/laico e cristianismo ampliado/superado.....	133
QUADRO 09 - Frequência das palavras no site <i>Extra</i> do Portal <i>Globo.com</i>	190
QUADRO 10 - Frequência das palavras no site <i>Ego</i> do Portal <i>Globo.com</i>	190
QUADRO 11 - Frequência das palavras no site <i>O Globo</i> do Portal <i>Globo.com</i>	191
QUADRO 12 - Frequência das palavras no site <i>G1</i> do Portal <i>Globo.com</i>	191

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
<i>As veredas</i> de uma pesquisa.....	17
Transexualidade, existe uma definição?.....	21
Afinal, o que essa pesquisa se propõe?.....	30
<i>O cabedal</i> teórico: gênero, discurso e mídia digital.....	35
CAPÍTULO I – <i>O caminho da descrição do campo: o Portal e a Rede Social</i>.....	41
1.1 A descrição do campo on-line: <i>Globo.com</i> e <i>Facebook</i>	41
1.2 As temporalidades, as categorias e as escolhas das matérias	50
1.3 Os grupos <i>Transgente</i> e <i>Hetero/orgulho</i>	66
1.4 Desafios de uma imersão on-line: a confecção de uma pesquisa.....	73
1.5. A escolha pelo estudo de recepção.....	80
1.5.1 A recepção como forma discursiva.....	86
CAPÍTULO II- <i>A trajetória da transexualidade no Portal Globo.com</i>.....	91
2.1 O percurso das frequências e a dinâmica das temáticas de matérias sobre transexualidade no Portal	91
2.2 Conectada ao Portal: a força das redes sociais.....	102
2.3 A recepção sobre a transexualidade revela: a misoginia.....	113
CAPÍTULO III – <i>O acesso aos comentários e seus tipos de enunciados</i>.....	125
3.1 Os enunciados e os tipos de comentários deslegitimadores e legitimadores	126
3.1.1 A apropriação dos discursos sociais pelos comentários.....	131
3.2 A biologização de gênero.....	137
3.3 Corpos abjetos e a monstrialização das pessoas trans.....	150
3.4 A estética de gênero e a passabilidade.....	157
3.5 A lógica biopolítica: a negação da demanda trans e a sua cidadania precarizada.....	168
3.5.1 O outro como ameaça.....	177

CAPÍTULO IV – A batalha das palavras: a visibilidade do vocabulário de gênero.....	188
4.1 Entre links: as palavras.....	189
4.1.1 Os sentidos deslegitimadores e legitimadores das palavras.....	193
4.2 A palavra transgênero: uma disputa semântica.....	197
4.2.1 Rotular organiza ou atrapalha?.....	208
4.3 O <i>meme</i> da ideologia de gênero.....	214
FINALIZANDO A CONEXÃO: reiniciando sempre o sistema.....	227
Fontes do Portal <i>Globo.com</i>.....	236
Fontes da Rede Social <i>Facebook</i>.....	248
Outras fontes.....	249
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	251
ANEXO 01.....	264
ANEXO 02.....	274

INTRODUÇÃO

As veredas de uma pesquisa

Começo contando a epopeia pessoal e acadêmica que me trouxe até aqui para discutir a recepção da transexualidade nas mídias digitais.¹ Meu flerte acadêmico com as questões de gênero se iniciou na preparação do projeto de mestrado, no qual desenvolvi uma dissertação que tinha a seguinte problemática: a ilegalidade do aborto no Brasil está fundamentada nas relações de gênero? Entretanto, as problematizações de gênero já se mostravam presentes no meu cotidiano, uma vez que minha irmã vivenciava a sua transexualidade anteriormente e durante a minha jornada acadêmica, ou melhor, essas questões podem ser percebidas como um problema ontológico *ab ovo*. Todavia, ainda não me sentia preparado e seguro academicamente, e nem mesmo emocionalmente, para tratar o assunto. Precisava de um amadurecimento tanto intelectual como pessoal. Iniciar um tema como o aborto era adentrar, por meio de uma pauta feminista, no campo dos estudos de gênero para, mais tarde, mergulhar nos estudos *queer*.²

Houve assim, um processo de maturação necessário para ter a transexualidade como tema de estudo e as transexuais os meus sujeitos de pesquisa.

Concomitante e lado a lado, eu e minha irmã passamos por dolorosas situações na qual via o sofrimento dela e, acompanhando de perto, me colocou em condições de compreender a transexualidade de uma maneira distinta daquela que muitas pessoas a vivenciam apenas por meio midiáticos, por exemplo, as novelas da Rede *Globo*, dificilmente poderiam imaginar. Eu ao lado dela, não ouvi apenas falar, eu testemunhei e senti na pele. Foi

¹ Conforme Richard Miskolci (2011, p.12) as mídias digitais “são uma forma de se referir aos meios de comunicação contemporâneos baseados no uso de equipamentos eletrônicos conectados em rede, portanto referem-se – ao mesmo tempo – à conexão e ao seu suporte material”. O pesquisador destaca que existem diversas formas de equipamentos (computadores de mesa, portáteis, celulares ou *tablets*) como de se conectar (rede telefonia fixa ou rede móvel de celular). Todas essas formas e meios usados para se conectar se entrecruzam em diversas frequências de acesso, formas de mobilidade, velocidades de conexão e tipos de redes em que o usuário vai estar inserido.

² *Queer* de termo pejorativo (excêntrico, estranho, anormal) passa ser a vertente teórica de estudos de gênero contra o “normal” ou normatizador. A teoria queer faz uso de ideias da teoria pós-estruturalista como de Jacques Lacan, Jacques Derrida e Michel Foucault. O estudo queer não é um quadro de referência singular, conceitual ou sistemático, mas sim uma coleção de compromissos intelectuais com as relações entre sexo, gênero e desejo sexual. (SPARGO, 2006). Enfim, teoria que crítica à oposição heterossexual/homossexual, compreendida como a categoria central que organiza as práticas sociais tanto para pensar a sexualidade e as questões de gênero (LOURO, 1997).

parte da minha vida o seu processo de transição.³ Percebo, dessa forma, que a possibilidade de desenvolver uma pesquisa sobre tal temática unirá toda a instrumentalização acadêmica de minha formação junto com um tema vivenciado na vida pessoal (como explicarei a seguir). Vejo que as duas trajetórias (acadêmica e pessoal) se entrecruzam a fim de contribuir em uma fusão para uma melhor compreensão dos fatos que cercam a transexualidade.

Desde muito cedo, minha irmã se sentia encarcerada em um corpo lido como masculino, mas se percebia e acreditava que era uma menina. Achava que meninas também tinham “pipis”. E foi tenebroso ouvir a realidade: ela não era uma menininha e sim um menino que pensava e queria ser menina. Sonhava como seria adulta e vinha sempre a imagem de uma mulher. Foi uma luta muito grande e lenta. O desejo se tornava cada vez mais forte. Terapias e hormônios são indispensáveis para muitas/os transexuais. Viver como a mulher que se sentia ser, e conseguir “passar como uma” e “ser tratada como uma mulher”. Era tudo tão diferente e “maravilhoso”, segundo ela. Ela me relatava que ver seu corpo mudar era a reconciliação do seu corpo com sua alma. Apesar da fala da minha irmã tentar descrever o quanto estava realizada, o conceito de alma é enganoso e pode levar as várias incoerências discursivas, razão pela qual tem sido abandonado na literatura científica, como por exemplo, de que o corpo estava entrando em harmonia com o gênero. Foucault (1996) disse certa vez que o corpo era o prisioneiro da alma, justamente para criar o estranhamento e dar evidência à subjetivação. Além disso, o que dizia minha irmã reproduz uma visão cartesiana que separa corpo e mente, sem esquecer também que alma é um conceito metafísico e religioso.

É importante sinalizar que tais falas da minha irmã são referentes às fases – a pré-operatória – e logo o pós-operatório. A primeira foi uma fase muito extensa marcada pela própria descoberta da transexualidade, uso de hormônios por uma esperançosa tensão pré-operatória imaginativa que o uso hormonal e com a cirurgia, seu estatuto de mulher estaria assegurado. Pouco tempo antes da cirurgia progressivamente ia pensando na sua real motivação daquele ato cirúrgico, seria o que realmente queria? Ou seria o querer da sociedade manifestado pela maneira quase compulsória nela? Até que ponto era uma coisa dela, uma real necessidade sendo um grito de liberdade ou apenas uma introjeção pelos valores sociais? Perguntava-se, se para ser o que é, realmente precisaria de uma cirurgia para assim obter o

³ Geralmente, chamado pela equipe médica de saúde de processo de transexualização ou transexualizador.

direito de mulher? Ou estaria apenas tentando se enganar? Mesmo a cirurgia, seria uma panaceia para todos os seus males?⁴

Lentamente e não necessariamente logo depois da cirurgia via-se o que almejava: ser uma mulher dada às condições da sociedade era vedado. Foi o instante que da consciência individual passou para a consciência política, percebendo-se não como uma mulher igual a todas as outras, mas como uma mulher especial, muito especial; e o que o rótulo trans não depunha contra ela, pelo contrário, ressaltava os seus pontos fortes.⁵

Com isso, depois da cirurgia e mais apropriada de uma gramática fundamentada nos estudos de gênero, minha irmã vê que a operação foi contingente, poderia muito bem não ter ocorrido, pois, hoje, para ela não há identidade definida de mulher ou homem assim como uma substância feminina ou masculina (BUTLER, 2003) e nem mesmo uma alma “feminina” separada de um corpo (FOUCAULT, 1996).

Da mesma forma minha irmã vai compreendendo que a própria noção do que é ser trans está em disputa entre as próprias pessoas trans; algumas vão recusar a medicalização da transexualidade outras irão recorrer ao aparato cirúrgico médico. Com o tempo ela vai percebendo que o passar por mulher não é um processo fácil nem rápido, e que as pessoas trans por muito tempo têm medo de serem vistas como “fraudes”. Descobri por meio do campo de pesquisa acadêmica que tal sensação tem nome, chama-se “passabilidade”. Essa concepção é “intuitivamente conhecida por todas as pessoas trans, incluindo itens tão sofisticados como inflexão da voz e forma de piscar os olhos, detalhes que certamente nos passam quase sempre despercebidos quando se trata de uma mulher ‘genética’” (LANZ, 2015, p.290). Ser tratada como mulher em um mundo machista não é maravilhoso, estatisticamente falando, mas sim, claro, para ela e para outras trans que lutaram para isso, conseguir essa conquista é, sem dúvida, magnífico. Principalmente, hoje, sem perder a benemerência de poder utilizar da sua experiência para adentrar uma arena tanto mais acadêmica e política sobre as concepções e relações de gênero.

A cirurgia aconteceu em agosto de 2008 completou dez anos neste ano de 2018. Hoje operada, sente-se realizada, “completamente mulher.” Agora, reconhecida pelo Estado, possui nos documentos seu nome feminino. Mas, para chegar até esse ponto passou por repressões,

⁴ Uma cidadania precária e deficitária porque o Estado frequentemente entende que são normais os indivíduos que suas genitálias correspondem com a sua identidade de gênero e para conseguir tal *status* de normalidade somente por meio da cidadania cirúrgica (BENTO; PELÚCIO, 2012).

⁵ Trans é abreviação para transexual ou travesti ou transgênero ou pessoa trans*que será explicado mais adiante.

humilhações, preconceitos, rejeições, depressões, vontade de morrer e viver. E estando ao seu lado, como irmão gêmeo, pude experimentar todo o processo dessa transformação. Como tal, fui também alvo de preconceitos, rejeições e pré-rotulações que me machucaram profundamente, porém hoje percebo o quanto esta experiência me sensibilizou e me proporcionou um olhar para as diferenças, fazendo perceber quão fundamental é o exercício da alteridade tão próprio das ciências sociais.

Encarar a transexualidade como um tema de pesquisa foi um processo que se deu em conjunto com a minha irmã. Precisava respeitar o tempo dela, de sentir que estávamos prontos. Um processo da vida, mas que acaba sendo refletido como antropólogo e dentro do que é apresentado agora nesta pesquisa. Neste processo, mudaram as minhas percepções sobre a transexualidade também, de uma visão médica-midiática para um olhar mais político sobre o tema. Isso ocorreu aos poucos, durante a observação de campo. Como serão abordadas, essas mudanças não se restringiram somente à pesquisa ou ao pesquisador ou à irmã dele, ou ainda às mídias (digitais), mas passou-se também no nível macrossocial. Há pelo menos 20 anos temos assistido à politização e visibilização das temáticas de gênero e sexualidade. Entender a recepção sobre a transexualidade foi uma sucessão de acontecimentos.

Sem qualquer intuito antropológico, já explorava os portais de notícias por distração pessoal. Porém, não tinha ainda a recepção nas mídias digitais como proposição acadêmica, mesmo quando já em processo de elaboração do projeto de doutorado, com a temática da transexualidade definida. Talvez, o *start* que me despertou para tal, foi quando participei de um evento na Universidade Federal do Paraná- UFPR. Lá me deparei com estudos que envolviam gênero e mídias digitais. Mais tarde, sou inserido para problematizar a internet enquanto recepção social das transexualidades a partir de uma notícia no Portal *Globo.com* sobre a agressão que Sofia Favero que se entende como travesti e que sofrera violência em um ônibus a caminho da faculdade de psicologia. O clique que buscava para uma pesquisa de doutorado foi dado de vez. Realmente a proposição da minha pesquisa seria o que as pessoas pensavam e como recebiam a transexualidade que mobilizaria uma jornada acadêmica com o propósito de desfazer o sofrimento que em outrora devido à desinformação, a distorção e o preconceito causado em minha irmã, a mim e a todos os entes em nossa volta. Foi um espanto! Pois, havia muita falta de informação, ignorância e ódio em relação às identidades trans. Por outro lado, fui percebendo o campo da internet como um espaço de travestilidades e transexualidades de luta, conquista e experiência trans.

Assim, a minha curiosidade, reflexões despreziosas e indignações foram se tornando preocupações antropológicas para uma tese de doutorado. Via que o melhor meio que encontrava para entender essa recepção da transexualidade seria o uso do on-line. De maneira que é plenamente possível transliterar fatos e eventos on-line e off-line reciprocamente, e não pense que essa criptografia é difícil, on-line e off-line, possuem uma origem humana em comum que lhes serve de fundamento e permite que se “fale a mesma língua” nas duas modalidades, com algumas diferenças de “sotaque” como era de se esperar. Isso significa em relação ao nosso estudo que on-line e off-line são apenas duas formas de percepção do mesmo fenômeno da transexualidade.⁶ Essas mudanças proporcionadas pelo on-line e off-line tendem a alterar a maneira de nos relacionarmos e assim produzir cultura. Mas, o que é importante acrescentar, é desmistificar, como faz Nancy Baym (2010), a ideia de “ciberespaço” como um outro território com leis, normas, sociabilidades próprias.

Transexualidade, existe uma definição?

Antes de apresentar o que a pesquisa mais minuciosamente pretende, é preciso situar e discutir se é possível uma definição de transexualidade. Uma vez que, como serão abordadas ao longo de todos os capítulos, ideias, visões, posições de recepções que vão formando discursos sobre a transexualidade seja pelas notícias no Portal seja pelas postagens nos grupos em Rede Social, mas principalmente pelas opiniões realizadas via comentários de usuários pelas mídias digitais. Assim, parto se nas opiniões das pessoas que usam este tipo de meio digital, muitas vezes, se mostram como ideias equivocadas e distorcidas em relação à transexualidade? Se existe uma ideia certa? Dessa forma, é pertinente para o transcurso da pesquisa oferecer uma discussão dos pontos mais relevantes com revisão bibliográfica sobre a transexualidade.

Tal empreitada de definir não se mostra de um labor fácil e talvez seja necessário iniciar discutindo-se a própria história da transexualidade, ou melhor, uma possível aproximação histórica dela. Segundo a antropóloga Fátima Lima (2012) mesmo que haja um resgate da figura da transexual seja por meio de uma dimensão mítica ou de épocas históricas

⁶ Segundo Christine Hine (2004) há uma relação dupla da internet com a cultura. Pois, ao mesmo tempo, que ela é produto da cultura, ela é também produtora da cultura. Assim, a internet ou as mídias digitais são tanto moldada pelo comportamento social como também modeladoras da forma de ser dos sujeitos sociais pertencentes a uma mesma realidade.

mais remotas, ou ainda de culturas não ocidentais, o momento de *start* para compreender o constructo da transexualidade é o de sua patologização pela cultura ocidental.

Berenice Bento (2006) chama a oficialização da transexualidade através da medicina de “a invenção da transexualidade.” No seu livro *A reinvenção do corpo* a socióloga busca a partir de documentos oficiais da Associação Internacional de Disforia de Gênero Harry Benjamin e ou Associação Psiquiátrica Americana contextualizar como a problemática transexual vai sendo tratada, percebida e definida pelos protocolos médicos ao longo do tempo. É apenas a partir da década de cinquenta que a medicina reúne subsídios para dar vazão à demanda transexual. Anteriormente a esse período, “não havia uma nítida separação entre transexuais, travestis e homossexuais” (BENTO, 2006, p.40).

Observa-se que até hoje existe para o discurso de *sensu comum* uma confusão entre os três termos, segundo Letícia Lanz (2015, p.295) para a população em geral, transexuais, travestis e homossexuais “são tudo viado” ou “boiola” de modo que “qualquer indivíduo que se comporte de maneira a levantar suspeita sobre a sua conduta na população que se considera “hetero⁷/cisgênera” pode ser alvo de rechaços.⁸

Jorge Leite Júnior (2008) ao pesquisar a construção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico remonta a história dessas categorizações e revela que no decorrer do tempo vai haver variações de discursos de diferentes grupos (médico, religioso, político) em épocas específicas que vão impor limites entre a masculinidade e a feminilidade para assim categorizar aqueles/as que estão fora das demarcações às normas de gênero. Na idade antiga vai surgir o discurso do hermafrodita mítico. Hoje chamado de intersexual. Na modernidade o discurso do hermafrodita psíquico que não era mais visto por um viés de magia torna-se um desvio da natureza pelo racionalismo científico, tal variação chama atenção das ciências psi (psiquiatria, psicologia e psicanálise), que partindo da figura do hermafrodita cria distintas novas classificações; integrando dessa maneira a travesti e a/o transexual ao discurso patolizante.

⁷ Hetero é uma abreviação para heterossexual ou heterossexualidade.

⁸ Cisgênera ou cisgênero é “a pessoa que se encontra bem ajustada ao rótulo de identidade de gênero (mulher ou homem) que recebeu ao nascer em função do seu órgão genital exposto. Indivíduos —cisgêneros estão, portanto, de acordo e normalmente se sentem confortáveis nos códigos de conduta (incluindo vestuário) e papéis sociais atribuídos ao gênero a quem pertencem, ao contrário de indivíduos transgêneros, que de muitas e variadas formas se sentem —desajustados| em relação aos rótulos de gênero que originalmente receberam ao nascer.” (LANZ, 2015, p. 403).

É a partir da ideia de “transexual verdadeiro” que Harry Benjamin no livro *O fenômeno transexual* (1966) vai desenvolver por meio de escalas uma separação entre a figura da transexual e da travesti, a primeira associada a um problema de gênero no qual a cirurgia seria o bálsamo para o sofrimento de conflito entre a identidade de gênero e o corpo biológico e a segunda relacionada a um problema social, o fetichismo que para sua solução seria recomendável evitar parceiros sexuais (LEITE JÚNIOR, 2008). Ainda Jorge Leite Júnior (2008) vai salientar que o olhar médico de Benjamin sobre a homossexualidade é de um problema sexual, dessa forma a transexualidade sendo um problema de gênero, a travestilidade um problema social e a homossexualidade um problema sexual, vão expressar as três um problema em si.

Esse etiquetamento de definição do que é transexual, isto é, esse engessamento universalizante de definições que se mostra presente no discurso médico, traz a ideia de “um/uma verdadeiro/a transexual” a partir de uma definição de gênero diagnosticável. Reforçando que o saber médico tem o poder de falar com propriedade sobre a transexualidade, legitimando a partir de parâmetros equivocados, como uso de tabelas classificatórias quanto à escala de desorientações de gênero de Benjamin (1966) e na personalidade da mãe de Stoller (1982), de que uma pessoa é transexual ou não (BENTO, 2008; LEITE JÚNIOR, 2008).

Tanto Lima (2012) como Leite Júnior (2008) vão evidenciar que a categorização da transexualidade estará marcada por “relações entre diferentes campos de saber” que além de variar durante as épocas vão se mostrar em disputa para classificar a transexualidade, havendo assim até o século XX a predominância da patologização. Porém, com o tempo vai aparecer uma abordagem mais crítica aos saberes médicos e psi, uma perspectiva de pressupostos de gênero e sexualidade em grande parte da Teoria *Queer*, que tem Judith Butler uma das pensadoras mais expressiva. Tal abordagem vai evidenciar que o conceito de transexualidade está em permanente negociação abarcando uma diversidade de experiências e construções de si distante de qualquer ideia de estabilidade e acabada de diagnóstico de identidade transexual (ÁRAN; MURTA, 2009). Como se observa vai havendo uma singularização (uma única forma) de perceber o fenômeno da transexualidade a partir de discursos de diferentes saberes, inicialmente e principalmente pelas ciências psi (LEITE, 2008). Mas, posteriormente, vão haver, na realidade, singularidades da transexualidade, diferentes formas de percebê-la, uma vez que atualmente a questão da dimensão de se

produzir enquanto sujeitos tem ganhado cada vez mais preocupações no campo da Psicologia, Sociologia e Antropologia⁹. No momento atual são referências expressivas sobre a transexualidade; Berenice Bento (2006), Tatiana Lionço (2000), Flávia Teixeira (2009), Daniela Murta (2011), Márcia Áran (2006), Jorge Leite Júnior (2008), Fátima Lima (2012).

A transexualidade surgiu para o mundo na literatura médica e, posteriormente, ganhou os espaços midiáticos, ao ponto que durante algum tempo, para se saber sobre a transexualidade o seu acesso se restringia predominantemente aos compêndios médicos, tornando assim o discurso médico um grande detentor de poder para falar sobre a transexualidade, o que vem a revelar o destaque que a medicina tem nas configurações sociais de gênero e sexualidade. Segundo Daniela Murta (2011) a psiquiatrização da transexualidade trouxe efeitos. Entre eles o direito do/a paciente transexual de utilizar o serviço de saúde para a cirurgia de transgenitalização¹⁰, mas também da estigmatização patológica das transexuais que, por causa do diagnóstico, muitas vezes vai comprometer toda a subjetividade da experiência transexual (ÁRAN, 2006), negando-lhes dessa maneira o direito de agência das pessoas transexuais.

Para Lima (2014, p.19) há “uma multiplicidade de modos de subjetivação que subvertem e/ou alargam a ordem estabelecida de gênero e sexualidade.” Sofia Favero e Lea T são exemplos militantes e midiáticos, respectivamente, que rompem com ideia de identidade fixa, engessada e completa de travesti ou transexual.¹¹ Sofia Favero, mesmo feito a cirurgia de

⁹ Assim, como a transexualidade o conceito de gênero tem sua gênese no campo da psiquiatria no qual o psicanalista estadunidense Robert Stoller em sua obra *Sex and Gender* (1968) buscou estabelecer distinções entre gênero e sexo biológico. Para Stoller (1968) gênero seria a quantidade de masculinidade, ou de feminilidade, que uma pessoa poderia possuir. Segundo Leite (2008, p.133), em paralelo a isso havia a jovem antropologia apontando o estudo de Margareth Mead no livro *Sex and temperament in three primitive societies* (1935) que “pode muito bem ser compreendido hoje como “gênero”. Tais apreciações possibilitaram nas décadas seguintes novas abordagens analíticas e o termo gênero tornar-se-ia cada vez mais difundido nas Ciências Sociais.

¹⁰ Terminologia dada a cirurgia que as/os transexuais podem ou não desejar em fazer de acordo com as suas subjetividades de satisfação sexual e de auto identificação de gênero, de modo que essa intervenção cirúrgica se “põe diante da pluralidade de configurações internas à experiência transexual” (BENTO, 2009, p.102) Outros termos usados por alguns/as autores/as são redesignificação sexual, readequação genital e cirurgia de confirmação de gênero. É válido destacar como outros vocabulários sobre gênero e sexualidade, esses termos estão em disputas semânticas. Ainda, geralmente, a cirurgia é chamada de mudança de sexo pelo *sensu comum*, um nome visto de forma inadequada tanto pelos médicos, estudiosos e militantes transexuais, pois não são as mudanças proporcionadas pela cirurgia que fará definir o gênero da pessoa.

¹¹ Sofia Favero, brevemente já citada no início dessa introdução, é estudante de psicologia, travesti militante e administradora da página *Travesti Reflexiva* na rede social do *Facebook*. Lea T, transexual feminina que fará parte das análises de comentários aqui usados, é o nome artístico de Leandra Medeiros Cerezo, é uma estilista e modelo brasileira que se tornou famosa na Europa e filha do ex-jogador de futebol Toninho Cerezo.

transgenitalização se percebe como travesti, devido a sua forma de posicionar no mundo e sua identificação política com o universo das travestilidades, contrária da visão médica que a vê como operada uma transexual. Já, Lea T, antes de fazer a cirurgia de transgenitalização, se dizia transexual e não via o desejo da operação como critério para ser uma transexual. Ela se percebia como tal e não uma travesti, independente de realizar ou não a operação cirúrgica. E além do mais, não via a cirurgia como um critério que a levaria a se definir como mulher. São casos emblemáticos relevantes, que rompem com o discurso médico de identidade “transexual verdadeira” como foi aqui analisado ao longo desta breve discussão que vem a confirmar que ao falar de transexualidade, fala se mesmo de transexualidades. São dimensões sociais de vidas de pessoas trans que escapam dos saberes dominantes, de modo que os processos de subjetivações são indeterminados pela fixidez de uma ideia de transexual, muitas vezes patologizada como relata Flávia Teixeira (2009).¹²

A medicina acredita que gênero é uma questão de sexo e heterossexualidade, e ela está convencida da necessidade de um substrato biológico para a identidade de gênero (CORRÊA, 2008), porém, nos dias de hoje, dentro da própria área médica há revisões de tais afirmações. Há agentes da área médica com discursos mais próximos ao das pessoas trans ativistas, inclusive, por exemplo, dialogando com as proposições teóricas de Butler (2003) e criticando a hegemonia do saber médico como, por exemplo, os médicos Sérgio Zaidhaft e Joel Birman.¹³

O próprio campo on-line também vai me mostrando outros profissionais como Dráuzio Varella que mostra provido no entendimento de que gênero é uma construção social e

¹² Mesmo que os exemplos de Lea T e Sofia Favero mostrem a questão das subjetividades, tem que se salientar que as duas partem de outro cenário social, diferente daqueles anos em que se materializaram a política da AIDS que acaba distanciando as travestis das transexuais. “A AIDS foi notadamente um catalisador da organização política dessas pessoas” (CARVALHO; CARRARA, 2013, p.328). Foi um processo em que as transexuais exigiam uma separação com as travestis, até mesmo usando o termo transexual para fazer uma limpeza de quem está na margem e quem está mais no centro como é retratado em alguns estudos pelas pesquisadoras Flávia Teixeira e Larissa Pelúcio. Entretanto, agora há uma virada discursiva. Muitas pessoas que se viam transexuais reivindicam principalmente nos espaços da política serem chamadas de travestis, tais questões serão retomadas mais especificamente no quarto capítulo no tópico *A palavra transgênero: uma disputa semântica*.

¹³ Zaidhaft é psiquiatra e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e tem produzido cientificamente sobre transexualidade ao lado de pesquisadoras de referência do campo *Queer* como Márcia Aran e Daniela Murta. Por sua vez, Birman que também é psicanalista e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro tem produzido sobre gênero, sexo e desejo e participado de eventos da Antropologia Médica como também fazendo parte do corpo editorial do livro *Bagoas: revista de estudos gays – gênero e sexualidades*.

cultural como foi postado na página e no site Nlucon (2016).¹⁴ Munido de mesmo olhar, o médico psiquiatra Alexandre Saadeh, do Hospital das Clínicas de São Paulo mostrou se ao participar do programa *Encontro com Fátima Bernardes* (GLOBO, 2017 a) que também vê gênero como um constructo social. Entretanto, mesmo que os dois médicos citados que aparecem no cenário on-line pensem as relações de gênero de forma menos biologizante, ambos não são referências no campo dos estudos *Queer*. É preciso equalizar que a fala, principalmente, de Saadeh, ainda causa muitas vezes apreensão e impacta outras vezes negativamente os ativismos trans e que apesar de uma alocução mais humanizada dele como de Varela, os dois médicos citados, Alexandre e Dráuzio não são estudiosos ou especialistas sobre a temática de gênero.

Anterior a uma definição da transexualidade, é interessante perceber que a teoria não dá conta em compreender totalmente os objetos, que se propõe em estudar, isso se deve ao fato que esses objetos possuem como que uma vida própria que escapa, e é irreduzível a toda espécie de formalização, corre se assim o risco de engessar e reduzir a complexidade da transexualidade à meia dúzia de expressões que empobreceriam toda riqueza da experiência transexual em si. No entanto, não se pode deixar de teorizar, explicar e compreender o mundo apenas porque essa peripécia retrata ou não com perfeição os objetos que estuda. Deve se lembrar que por mais incompleto que seja um conceito, este ajuda a compreender em alguns aspectos os sentidos e significados sociais de ao menos uma parte desses objetos, até mesmo porque o ser humano não se esquivaria de teorizar o mundo, pois este é um dos seus atributos mais íntimos. Atenta as limitações conceituais, a transexualidade é uma questão de identidade de gênero marcada por conflitos com as normas de gênero, segundo Tatiana Lionço (2008). Isto é, o gênero com qual a pessoa se sente, reconhece ser, deseja ser vista e tratada com o que ela se identifica difere do informado pelo seu sexo genital. Uma vez que gênero e sexualidade apesar de estarem entrelaçadas são dimensões distintas, revela que é possível ser transexual heterossexual, transexual homossexual, transexual bissexual entre outras pluralidades da sexualidade.¹⁵

¹⁴ O NLUCON – conteúdo livre de preconceitos é uma página escrita pelo jornalista Neto Lucon na defesa pela causa trans. Muitas reportagens do NLUCON pautaram grandes veículos tais como *O Globo*.

¹⁵ Ainda, um homem não deixará de pertencer ao gênero masculino por ser homossexual, assim como uma mulher não deixará de ser feminina sendo lésbica. Até mesmo porque como ancora Butler (2003) o masculino e o feminino são dimensões dinâmicas e contingentes, isso quer dizer podem ser vivenciadas de diferentes formas tanto para as pessoas homossexuais como para as pessoas heterossexuais da mesma forma para as pessoas cisgêneras e transgêneras.

Longe de um acordo geral entre a academia e a militância, as experiências de gêneros se mostram de maneiras tensas e de negociações quanto à sua discussão de como identificá-las e nomeá-las. Denominações como transgênero, travesti e transexual revelam deslocamentos do sistema binário de gênero¹⁶ e nem por isso podem ser definidas como sinônimas e homogêneas. De acordo com Lionço (2008) o termo transgênero abrangia todas as expressões de trânsito entre os gêneros: travestis, transexuais, *drag queens*, *drag kings*, *cross-dressers*, transformistas, e partindo de que ser transgênero é transitar, de alguma forma, de um gênero ao outro; não atendia as peculiaridades de cada expressão identitária. As pessoas que reivindicavam o reconhecimento de gênero identificado, no caso as transexuais, não se reconheciam nesta terminologia, pois a ideia de estar em trânsito entre os gêneros era discordante com a certeza de identificação do gênero que tinham em discrepância com o sexo delas.¹⁷ Já, as travestis, inicialmente, por verem a palavra travesti carregada de maneira pejorativa e alvo de preconceitos veem uma alternativa o termo transgênero, visando diminuir a sua estigmatização na sociedade. Entretanto logo, resgatam e assumem a posição identitária de travesti que considera mais apropriada a sua condição. Com efeito, os transgêneros não tendo uma marcação de gênero fixa como as pessoas transexuais, são indivíduos que se apresentam, às vezes, de uma forma mais masculina e, outras vezes, mais feminina e vice-versa e que efetivamente estão em trânsito entre os gêneros.¹⁸

É relevante destacar a temporalidade deste debate sobre as categorizações, que foi realizado em 2008 numa entrevista dada por Tatiana Lionço intitulada “A transexualidade não é um equívoco”. Tais questões não estão resolvidas, ao contrário, como já faladas, estão em

¹⁶ De acordo com Jaqueline Gomes de Jesus (2012, p.28) o sistema binário de gênero advém de uma “crença, construída ao longo da história da humanidade, em uma dualidade simples e fixa entre indivíduos dos “sexos” (gêneros) feminino e masculino.”

¹⁷ Roberta Close ilustra numa matéria a disputa terminológica dos termos sobre gênero e sexualidade. Na reportagem “Roberta Close afirma que é mulher, casada e feliz” (GLOBO, 2008 a, s.p) ela diz: “Sou mulher e não tenho porque ficar pensando nisso. Não entendo isso, pra mim isso não existe. Até porque transexual é aquela pessoa que está com sua sexualidade em trânsito, né?! E eu sei o que eu quero da minha vida, não estou em trânsito nenhum.”

¹⁸ Será mesmo que transexuais têm marca de gênero fixa? O que dizer das pessoas que estão destransicionando? A discussão sobre o processo de destransicionar (reconduzir o processo de generização para aquele assiganado ao nascimento) tem emergido tanto academicamente como, por exemplo, na dissertação *Uma noção de pessoa trans não-binária* de Alisson Gebrim Krasota como em grupos no Facebook como *Destransicionando* (link: <https://www.facebook.com/destransicionando/>) e *Transevidência Não-Binária* que foi o grupo de análise de Krasota (2015) que segundo o pesquisador se encontra secreto e somente os membros dele podem encontrá-lo no Facebook.

franca disputa; novos vocabulários têm cada vez mais surgido e se mostram em discussão na acadêmica, militância e pelas experiências das pessoas que se auto identificam como transexuais ou outras posições identitárias.

Ademais, o sufixo da palavra transexualidade pode erroneamente levar a crer que se trata de uma temática da sexualidade, entretanto, tem-se preferido de forma crescente os estudos da área o uso corrente da expressão transgênero no lugar de transexual como tem optado Letícia Lanz (2015). O neologismo tem a vantagem de fazer a associação do fenômeno trans ao gênero corrigindo assim o referido problema. Transgênero é um termo guarda-chuva que tenta abrigar todas as inúmeras manifestações de identidade de gênero que ocorrem fora do binômio masculino-feminino (LANZ, 2015). Da mesma forma a expressão pessoas trans* uma abreviação guarda chuva (*umbrella term*) que engloba as/os transexuais, as travestis, e as/os transgêneros/as (KASS, 2013).¹⁹

Contudo, outros/as autores/as tem preferido não usar o termo guarda-chuva "transgênero" como, por exemplo, a pesquisadora Berenice Bento (2017). Na sua obra *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos* (2017) a socióloga diz ter uma considerável suspeita com os termos/conceitos guarda-chuvas, uma vez que estão a serviço da colonização das diferenças podendo assim produzir uma ficção identitária na ilusória diluição das diferenças.

Como resultado, deve-se ter um cuidado ao definir todas essas terminologias como iguais, pois pode haver a ideia de pautar exclusivamente em uma preocupação na diferença em relação à heterossexualidade. Assim, é imprescindível que ao discutir a transexualidade se remeta a um debate de identidade de gênero como também revela as convenções sociais sobre masculinidade e feminilidade. Estas, por sua vez, são frequentemente concebidas através de uma visão heteronormativa que se encontra presente nos discursos sociais, os quais muitas vezes além de monopolizar e naturalizar gêneros e sexualidades exclui, estigmatiza, patologiza e violenta os que estão fora dessa norma de gênero feminino = vagina = mulher = fêmea e masculino = pênis = homem = macho. Nesse aspecto, a heteronormatividade compõe-se da heterossexualidade compulsória que expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais em um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto.

¹⁹ O uso do asterisco na expressão pessoa trans* assinala segundo Hailey Kass (2013) um termo mais englobador e fluído que sobrepõe a qualquer classificação que possa ser excludente. De modo que a auto identidade das pessoas trans é soberana e decisória na forma de como elas desejam se identificarem.

Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos tidos como legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade (MISKOLCI, 2009, p. 156-157). O sofrimento de transexuais se deve em grande parte à ordem compulsória existente na sociedade que exige total coerência entre sexo, gênero, prática/desejo que são obrigatoriamente heterossexuais (BUTLER, 2003).

Acrescento ainda a essa discussão a necessidade de falar sobre “o termo “cisgênero” ou “cisgeneridade” que emergem no discurso como uma forma de marcar a diferença diante o termo “transgênero” ou “transgeneridade” de acordo com Beatriz Pagliarini Bagagli (2016).²⁰

Para os definidos fins, declaro que não faço distinção entre as expressões transexual e transgênero, entendendo ambas como identidades da transexualidade. Entendo a experiência transexual, como mesmo embora em certos casos possam se assemelhar a dicotomia mulher-cis e mulher trans que também não considero diante de outra dicotomia: transexual e travesti.²¹

A transexualidade é um fenômeno complexo e não é reduzível a esse tipo de essencialidade, da mesma forma o processo identitário trans se vê transversalizado de maneira que há trans ricas e pobres, negras e brancas, vermelhas e amarelas e de todas as cores, de uma multiplicidade impossível de se reduzir a uma definição. Em suma, o que poderíamos dizer da transexualidade? Apenas uma pessoa que por qualquer razão não se identifica com o gênero que lhe é atribuído. É importante ressaltar que ao falar de transexualidade fala se mesmo de transexualidades. As pessoas trans como as pessoas cis têm classe, raça, etnia, pertencimento geracional, filiação religiosa. Dessa maneira, a transexualidade não é uma experiência que se reduza a gênero. É preciso considerar os demais marcadores sociais da diferença. Desse modo iremos encontrar nas pessoas transexuais diferentes matizes o que vêm revelar como a pluralidade das experiências sexuais e de gêneros são significantes como vêm comprovando os estudos de Bento (2006), Áran (2006), Lionço (2009), entre outros.

Destaco dessa maneira que quando faço uso do termo “pessoa/as trans” estou falando,

²⁰ Tais termos também geram embates, uma vez que cis e trans, abreviações de cisgênero e transgênero ou transexual ou travesti respectivamente podem sugerir dois tipos de mulheres e de homens: mulher-cis; homem-cis e mulher-trans e homem-trans. Entretanto, por outro lado, os termos demarcam que há tanto uma nomenclatura para as/os trans como para os/as cis, de modo que ambos/as são homens e mulheres.

²¹ A palavra cis é abreviação das palavras cisgênero/cisgenera ou cisgeneridade.

principalmente, das mulheres transexuais, travestis e homens transexuais²² como também de outras multiplicidades de se vivenciar os gêneros que podem aparecer no campo de pesquisa e que revelam uma variedade de diferentes tonalidades de experiências que não se limita aos modelos binários de masculino e feminino estabilizados, acabados e fixos.

Afinal, o que essa pesquisa se propõe?

A pesquisa se propõe a copilar e refletir sobre a recepção de matérias sobre transexualidade nas mídias digitais. Procura-se, com esse esforço de coleta e análise, apreender as opiniões das pessoas via digital sob os efeitos de verdade e de poder têm sobre questões envolvendo as transexualidades, afim de verificar como essas opiniões aparecem e quais são os discursos recorrentes, como se constituem, em que saberes se alicerçam.

Assim, o presente estudo tem como objetivo geral analisar os discursos elaborados sobre a identidade trans a partir de comentários realizados por leitoras/es do Portal *Globo.com* e de grupos compostos por pessoas que se identificam ou não com as transexuais que estão alocados na rede social *Facebook: TRANSGENTE* e *Hetero/orgulho [H/O]*.²³ Proponho-me, ainda, levantar as falas de figuras expressivas circulantes na internet que ao falar de identidade e ideologia de gênero²⁴ se expressam tanto articuladas ou não com os discursos das transexuais; incluindo as biografias de trans famosas ou que tiveram por algum motivo uma relevância no cenário midiático; tais informações serão dados suplementares para entender de forma mais detalhada e amplificada da recepção sobre a transexualidade.

²² Pesquisas sobre homens transexuais têm sido um fenômeno bem recente, uma vez que a identidade trans masculina de repente deflagrou. Estudos como de Simone Ávila; Miriam Grossi (2013) e Fátima Lima (2014, p.13) mostram que as transmasculinidades “vêm ganhando visibilidades em diferentes cenários seja no âmbito acadêmico, nas redes sociais ou nas experiências mais cotidianas onde constantemente sujeitos transexuais são interpelados e interpelam as normas de gênero.” Ressalto ainda que assim como Guilherme Almeida (2012) tomo como categorias empíricas equivalentes os termos “homens transexual”, “homens trans”, “transhomem” e “transexual masculino” da mesma forma também vejo equivalência nos termos “mulher transexual”, “mulher trans”, “transexual feminina” e “transmulher”.

²³ Optarei para referir ao grupo TRANSGENTE pela grafia *Transgente* e para o grupo Hetero/orgulho [H/O] a grafia *Hetero/orgulho*, assim como para globo.com a grafia *Globo.com*, simplesmente para uniformizar a escrita.

²⁴ Segundo Richard Miskolci e Maximilano Campana (2017) nos últimos anos tem emergido debates de grupos religiosos e laicos nos quais as teorias e estudos sobre gênero e sexualidade são denominadas por eles de “ideologia de gênero”. É importante dizer que a adoção e disseminação do termo “ideologia” e não de “teoria ou estudos” de gênero tem papel político e biopolítico, como será visto mais adiante nos discursos daqueles que o adotam, o que revela uma tomada de posição explicitamente contrária à pluralidade identitária.

A problemática central da pesquisa consiste em compreender como vem se dando a recepção da transexualidade nas mídias digitais. Essa recepção apresentaria de forma a legitimar ou a deslegitimar a transexualidade? Existiria diferença nas recepções de um portal de notícia e de uma rede social digital? Se há diferenças, quais seriam? Haveria mudanças, ao longo do tempo, na recepção da transexualidade nas mídias digitais? O que fundamentaria a recepção dos comentários que deslegitima e legitima a transexualidade? Como esses comentários seriam caracterizados? Aqueles que combatem ou reconhecem a legitimidade da transexualidade se apropriariam de quais discursos sociais? Enfim, como as opiniões das pessoas que usam o meio digital revelam diferentes discursos a partir da recepção sobre a transexualidade.

Assim, apresento os caminhos metodológicos teóricos, afim de ilustrar como procedi metodologicamente para pensar a recepção da transexualidade on-line, mas que irei retomar de forma mais pormenorizada no primeiro capítulo. Para tal, a pesquisa se valeu de imersão observante nas plataformas *Globo.com* e *Facebook* com a finalidade de analisar como as falas desses comentários do Portal e da Rede Social se mostram enquanto continuidades ou discontinuidades de discursos de combate (contra) e/ou luta (prol) das/dos transexuais, assim como se constroem em consonância ou em tensão com a identidade de gênero e sexualidades hegemônicas.

A imersão, assim sintetiza Marilyn Strathern (2014), é o “momento da observação” no qual se estabelece o contato com o objeto/sujeito observado. É o momento de tecer as observações, descrições e considerações preliminares a respeito do vivenciado que serão analisadas, aprofundadas, questionadas e inter-relacionadas num segundo momento distante do campo de observação preliminar. A imersão quando realizada na internet ou mídias digitais tem algumas idiosincrasias que as distingue da imersão tradicional (off-line). Uma delas, muito curiosa por sinal, é a aparente temporalidade ou porque não dizer politemporalidade do trabalho antropológico, pois enquanto algumas matérias e postagens foram analisadas em tempo real, outras ainda remontam ao um passado enquanto outras ainda são “quentes”. É um verdadeiro desafio de trabalhar nessa corda bamba que separa o passado do presente bem como por ocasião da feitura dessa tese. Então está equilibrando-se na tênue

linha do tempo vai o antropólogo (no digital) “printando”, copiando/colando e arquivando as suas observações em torno da recepção da transexualidade.²⁵

Portanto, foi por meio do procedimento de imersão que foi possível levantar dados, falas, comentários e experiências sobre a transexualidade. E o tipo de imersão que usei nas plataformas dos comentários via internet foi a não obstrutiva observacional. Robert Kozinets (2006) afirma que essa forma de imersão possibilita a observação minuciosa e a coleta de comentários expostos na internet tanto de reportagens como de grupos/páginas do *Facebook* sem a interação com as pessoas que comentaram. Assim, dessa maneira fiquei imerso à toda dinâmica de campo sobre as transexuais, sem interagir.

As fontes dos comentários pela internet mais utilizadas no estudo são de matérias que tangem a transexualidade do Portal *Globo.com*, esses representam o *sensu comum*, aqui posto como o microcosmo da sociedade. O uso desses comentários pela internet deve-se porque o Portal *Globo.com* é uma das cinco plataformas mais acessada do Brasil e está entre os mais significativos portais de notícias do País, no qual a interatividade é possível, isto é, leitoras e leitores podem deixar comentários abaixo nas matérias utilizando-se de *nicknames* (apelidos).

O Portal *Globo.com* faz parte do conglomerado *Globo*, a rede de televisão brasileira aberta de maior audiência no Brasil e tem uma extensão que vai da TV à editora, perpassando jornais impressos como *O Globo* até plataformas na rede mundial de computadores.

O recorte temporal das matérias sobre transexualidade consiste como marco a entrada da participante transexual do *Big Brother Brasil 11*, Ariadna Thalia da Silva Arantes em 2011. Após a sua participação no *reality show* pode-se observar que houve uma maior evidência de matérias que falam sobre transexualidade no Portal da *Globo.com*. Matérias que envolvem casos de transexuais como exemplo, o uso de banheiro em espaços públicos, candidatas ao Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), relação de pais e crianças transexuais, celebridades trans e seus relacionamentos com famosos, concursos de beleza como os de Miss, modelos de passarela, entre outros. Isso não quer dizer que a temporalidade anterior a participação de Ariadna como o início do Portal *Globo.com* em 2000 e os anos anteriores a 2011 não vão respaldar a discussão.

²⁵ “Printado” vem de “printar” ou “dar um print” que nos termos da internet é um procedimento de captura da imagem de tudo que está presente na tela, exceto o ponteiro do mouse. Para tal, em um computador basta apertar simultaneamente os comandos das teclas “Ctrl + Alt + Print Screen” e depois colar no programa de imagem *print*. Já, no aparelho celular *smarthphone* a mesma técnica do *print screen* consiste em apertar e manter pressionado, ao mesmo tempo, o botão de desligar o aparelho e também o botão para diminuir o volume. A imagem “printada” é automaticamente salva em uma pasta chamada *Screenshots* (captura de tela) no aparelho de celular.

Outros comentários e postagens sobre a transexualidade são aqueles de dois grupos da rede social digital *Facebook*. Quanto às escolhas dos grupos é óbvio que não verifiquei um a um, de todos os grupos e páginas no Brasil, o que não significa que a minha escolha não foi diligente haja vista que escolhi o *Transgente* pelo fato de ser profundamente engajada na luta política e ter uma atualização praticamente diária; já o grupo de combate à transexualidade escolhido foi *Hetero/orgulho*²⁶ que só pelo nome parece se auto justificar, mas o fato é que, além disso, possui uma atualização diária e um ativismo homem-hetero-cis, de verdadeira cruzada anti-trans. Atualmente a maior rede social do mundo, o *Facebook* atingiu em 2017 os 2 bilhões de usuários (GLOBO, 2017 b). Em 2016, último dado atualizado, 102 milhões brasileiros compartilham seus momentos e opiniões pela rede segundo o próprio *Facebook* (2016).²⁷

Em relação ao *Facebook*, a garimpagem das postagens e dos seus comentários foram aquelas que tiveram repercussão no Portal *Globo.com*. É necessário nesse ponto justificar o porquê de certas escolhas: primeiro falar de certas notícias e não de outras ou determinada postagem e não de outras. A principal escolha são de matérias que algum momento fizeram parte da composição de destaque no Portal *Globo.com* e que por conseguinte, a mesma ou o assunto abordado por ela tiveram relevância de compartilhamentos, comentários e curtidas num ou nos dois grupos: *Transgente* e *Hetero/orgulho*.

É preciso entender que a rede social é como uma esteira de links onde nela vão aparecendo, em volta desses dois grupos escolhidos, os seus adjacentes. Sejam outros grupos, páginas e figuras circulantes do próprio *Facebook* como de links que levam para fora dele

²⁶ É importante destacar que seguindo o princípio ético no campo on-line proposto por Kozinets (2002) o nome do grupo que combate à transexualidade foi camuflado, isso quer dizer que o pesquisador criou um nome fictício substituindo o nome original por razões de segurança da pesquisa e de ética com o grupo e seus membros pesquisados. A escolha do pseudônimo *Hetero/orgulho* primou em manter o mais próximo possível a neutralidade com o grupo analisado, dessa forma, foi verificado (até novembro de 2018) que não existem grupos ou páginas com o mesmo nome fictício escolhido, entretanto, as palavras “hetero” e “orgulho” compõem alguns nomes de outros grupos e páginas no *Facebook*. Assim, utilizar as palavras “hetero” e “orgulho” como nome fictício do grupo se deve por elas serem emblemáticas e mostrarem a heterossexualidade (heteronormatividade) como algo a se orgulhar, o que realmente o grupo analisado e outros grupos que usam essas palavras nos seus nomes desejam expressar. Em relação ao grupo *Transgente* o presente estudo preferiu manter o uso do seu nome original, sem camuflá-lo, pois não há nenhuma crítica que pudesse prejudicar se não de uma proposta de debate científico. Expor o nome do grupo *Transgente* também tem como intenção de visibilizar a luta trans como também o conhecimento acadêmico produzido por pessoas trans como, por exemplo, Letícia Lanz, a administradora do grupo. Além disso, ao contrário do primeiro grupo, este último é um grupo aberto, quer dizer, seu conteúdo pode ser acessado sem necessidade de haver um aceite prévio por parte da administração do mesmo.

²⁷ Tal informação se encontra disponível no link: <https://pt-br.facebook.com/business/news/102-milhes-de-brasileiros-compartilham-seus-momentos-no-facebook-todos-os-meses> (FACEBOOK, 2016).

como também do Portal *Globo.com*, entre outros que atravessam esses dois grupos firmando-se circuitos. São por meio desses convizinhos que cheguei as páginas e grupos mais militantes como os grupos e páginas: *Travesti Reflexiva*, *Nlucon*, *Transgrupo Marcela Prado*; as de pluralidades de gênero e sexualidade: *Tombando a norma*, *Página Desconstruída*, *Transgressiva*, *Translúcido*, *Transfeminismo* e aquelas mais conservadoras *Marisa Lobo*, *Marcos Feliciano*, *Ideologia de Gênero Não* e as páginas binárias: *Homem de honra*, *Homem tradicional*, *Homem de verdade*, *Mulher conservadora*, *Mulher de verdade* que ajudarão na percepção da transexualidade de maneira mais amplificada.

O Portal *Globo.com* é *par excellence*, o epicentro que moverá as discussões no tocante aos assuntos pertinentes à pesquisa. Sendo que as outras fontes terão importância, mas apenas subsidiariamente as matérias do grupo *Globo*. A inclusão dos grupos *Transgente* e *Hetero/orgulho* tem como intenção de perceber como é repercutido essas matérias, os seus conteúdos e suas temáticas na Rede Social *Facebook*. O uso desses dois grupos tem o intuito de ampliar o controle sobre a recepção sobre a transexualidade, uma vez que as redes sociais digitais como o *Facebook* possibilitou uma nova de forma de grupos se organizarem tanto a favor como contra as transexuais. Assim, tanto as biografias trans como os dados levantados nos grupos serão usados como informações complementares para entender a recepção da transexualidade no portal *Globo.com*. Também são adendos as páginas sugeridas e que estão linkadas nos grupos citados e as figuras circulantes que transversalizam o mosaico digital *Globo*.

É interessante falar sobre as figuras circulantes já mencionadas anteriormente, entender o que são elas e a importância delas na recepção da transexualidade na internet. A princípio as figuras circulantes são celebridades, enfim é toda pessoa por qualquer motivo significativo ou por mais uma trivialidade criada pela mídia tornou a sua existência notória. As figuras circulantes que atravessam a nossa discussão sobre as identidades de gênero são personagens heterogêneas, são desde representantes políticos, cantores/as, atores/as, ativistas, militantes até médicos, juristas, religiosos que se posicionam contra ou favor das transexualidade e, assim, estão presentes nas redes sociais.

Após a pesquisa bibliográfica e leituras (de teses, dissertações, livros e artigos) sobre o tema deste estudo – privilegiando textos das Ciências Sociais, mas também buscando aportes do Direito, da Religião e da Saúde – a fim de ter uma pedra de toque que permitisse engendrar questões norteadoras, que objetivassem delimitar o objeto de análise, foi iniciada a coleta de

dados. As fontes privilegiadas na presente pesquisa foram relatórios da Organização Mundial da Saúde, documentos oficiais do Ministério da Saúde como documentos de Programas Nacional dos Direitos Humanos (PNDH), Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais e outros/as. Embora a sua utilização não fosse antevista no início do trabalho foi necessário fazer uso de fontes sobre violência transfóbica, dado o fato de as agressões serem diuturnas e muitas vezes banalizadas, assim elas puderam balizar o entendimento dos discursos sobre a transexualidade.

As incursões nas mídias elencadas me fizeram atento às diferentes reações discursivas sobre a transexualidade e, assim, me aproximar das reflexões de Nancy Baym (2010) quando ela escreve que as redes sociais digitais se mostram como espaços para relações interpessoais, disputas simbólicas e para a circulação de informações.

A perspectiva de análise que adoto percebe a recepção tal como as teorias de mediações de Jesús Martín-Barbero (1987), isto é: como processo dinâmico, posto que os sujeitos (os leitores/as do Portal *Globo.com* ou do *Facebook*) integram um grupo social ou um universo particular que, ao comentar sobre uma matéria ou postagem alojada na rede, vão expondo suas opiniões e, assim, negociando e se apropriando de discursos graças aos meios interativos como o uso da plataforma de comentários. O receptor faz um papel de mediador de uma informação ou reportagem sobre experiências transexuais advinda de portal de notícia ou de rede social, pois ele intervém comentando, postando, curtindo ou compartilhando e não apenas coletando e aceitando conteúdos. Isso quer dizer que o usuário da rede protagoniza e se torna mediador de um processo de comunicação que possibilita assim a percepção de forma interativa dos discursos sobre as pessoas transexuais nas mídias digitais.

O cabedal teórico: gênero, discurso e mídia digital

Para analisar todo o caminho a ser percorrido apresento as suas bases teóricas constituídas essencialmente pelo tripé teórico Foucault, Butler e Derrida, sem olvidar a importância de outros autores nos quais destacam Beauvoir, Irigaray, Connell, Nietzsche e Sémelin. Assim como as extensões teóricas brasileiras como Bento, Pelúcio, Miskolci, Lanz, Leite.

A proposta desta pesquisa antropológica de imersão é um estudo de recepção que

adota à perspectiva teórica da análise de discurso foucaultiana, que tem o discurso como toda produção de sentidos pela sociedade por meio das linguagens, sejam elas orais, escritas, pintadas, não ditas e silenciadas. Enfim, tudo aquilo que produz algum sentido para as pessoas é uma forma de discurso. Para Foucault (2006) o discurso compreende um espaço de articulação entre saber e poder que sustentam práticas. Do mesmo modo, no presente trabalho, as reflexões que mobilizaram Foucault (1999) a tecer uma reflexão sobre a sociedade, também serão levadas em conta. Uma vez que, a recepção sobre a transexualidade é discursiva e traz efeitos sociais de verdade e de poder.

Pensar pela perspectiva foucaultiana a receptividade da transexualidade é analisar os discursos sobre o que está sendo dito na rede em termos tanto de valorização das trans quanto de deslegitimação de seus direitos. Uma recepção que revela diferentes enunciados discursivos sobre as pessoas transexuais e a transexualidade.

Para Michel Foucault (1995) a unidade elementar de um discurso é o enunciado. Até porque o discurso de acordo com o pensador francês é “um conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação” (FOUCAULT, 1995, p.112). Isso quer dizer, que enquanto uma prática social, o discurso é formado por enunciados que por sua vez, segundo a pesquisadora Rosa Maria Bueno Fischer (2001) são acontecimentos, algo que irrompe num certo tempo e num certo lugar, ou seja, que têm uma função que atravessa a linguagem e possuem uma temporalidade que pertencem a uma certa formação discursiva, e que estando dentro de um campo discursivo possuem uma relação com determinados campos de saber estabelecendo dessa forma um jogo de verdade e poder.

Como já sinalizado, a recepção é uma forma de discurso. Dessa forma, o estudo de recepção se mostra uma abordagem de pesquisa cada vez mais usada para compreender as mídias digitais e os impactos delas nas opiniões das pessoas que usam este tipo de meio digital. Ademais, como também já falado, nesta forma de comunicação as pessoas que recebem, por exemplo, uma notícia ou informação sobre um determinado assunto, aqui no caso, sobre a transexualidade, não são meros receptores passivos, mas também geradores de discursos, havendo assim um protagonismo delas no meio digital. Em suma, o estudo de recepção é uma interpelação mais adequada para melhor entender os meios midiáticos de uma vida social e cultural de contemporaneidade gradativamente mais digital (PAULINO, 2000).

Assim, outros conceitos pertencentes à pesquisa bibliográfica de campo na internet e mídias digitais como site, portal, rede social, campo on-line dentro outras de possíveis

relações mediadas digitalmente serão de importância no estudo, além da tentativa de transcender estilos e intenções das ciências sociais em suas produções científicas. Mas também, a importância de meios e ferramentas tecnológicas para discussão sobre a transexualidade que integra e contribuiu para transformar o regime de visibilidade das sexualidades e gêneros nas sociedades (MISKOLCI, 2011).

Outra categoria fundamental para o entendimento da construção dos discursos sociais em torno da transexualidade no Brasil é a categoria gênero. Para tal, terá como bases os estudos de autoras e autores aqui citados e referenciados na bibliografia. Segundo Joan Scott (1991) uma visão do gênero como constituinte de relações sociais e culturais fundamentadas no interior de relações de poder. Discutir gênero é transitar por um conjunto de teorias e de concepções e explicações sobre o que é ser masculino e feminino que se dá por práticas repetidas, enfim performáticas, para um reconhecimento social desvinculado de uma estrutura biológica (BENTO, 2010). De acordo com Raewyn Connell (2002) é interessante destacar que apesar de existir uma hierarquia do gênero dentro da dinâmica cultural própria de cada peculiaridade social, essas relações de gênero não são fixas e estáticas, elas são dinâmicas e suscetíveis a mudanças. Para a autora existem várias expressões diferentes de masculinidade e de feminilidade. Segundo Miguel Vale de Almeida (2000) existe uma expressão cultural exagerada de masculinidade que corresponde às características de um restrito grupo de homens e que apesar de haver uma dicotomia e um fundamento na diferença entre os gêneros a vida humana não se mostra tão dicotomizada como essa noção bipolar, de que existe um “papel masculino” e um “papel feminino” a partir, principalmente, de condições biológicas que se estabelecem quando se fala em gênero. Sua fluidez é inevitável, como um padrão de práticas e atividades altamente mutáveis como propõe a teoria *Queer* que tem entre uma das suas maiores expoentes a filósofa norte americana Judith Butler.

Outra pedra angular do trabalho é o conceito de desconstrução, a partir de Jacques Derrida (2004). O filósofo vê a desconstrução como uma ferramenta para ser usada contra o autoritarismo político e a injustiça. Ainda que a “política de desconstrução” parecesse resistir a qualquer manifesto explícito ou clara ação construtiva. Assim, desconstruir é mais que um verbo, não se resume a um conceito ou método e sim a uma estratégia. Derrida não pretende chegar de maneira alguma a nenhum tipo de certeza. Para ele, o pensamento metafísico tradicional é binarista, ou seja, se estrutura por opostos como razão e sensação, espírito e

matéria, identidade e diferença, lógica e retórica, masculino e feminino, fala e escrita, entre outros estabelecendo a primazia de um dos pares da binariedade em detrimento do outro.

Nesse sentido, o método de desconstrução torna-se uma importante contribuição do pós-estruturalismo ao feminismo, segundo Silvana Aparecida Mariano (2005). A influência da teoria pós-estruturalista é pauta frequente nos debates entre as feministas gerando acordos e desacordos sobre essa abordagem. Entre as feministas, principalmente as da vertente *queer*, o pensamento da desconstrução tem uma importância crítica ao questionar a dominação política masculina presente no universalismo, essencialismo, binarismo e no racionalismo iluminista fundamentos no falocentrismo.

Para Mariano (2005), a ideia de desconstrução tomada emprestada de Derrida “tem a função de desmontar a lógica interna das categorias, a fim de expor suas limitações (...) questionar os esquemas dicotômicos” (MARIANO, 2005, p.486). A historiadora Joana Scott (1999) no artigo *Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista* retoma Derrida e afirma que desconstruir é revelar os produtos do sistema dominante ocidental como, por exemplo, a divisão e a oposição tida como universal e atemporal entre homem e mulher, isso quer dizer descortinar a ideia de que as oposições ou as divisões são naturais, pois são construídas; e se construídas são com intenções particulares em contextos históricos exclusivos.

A desconstrução como o seu nome revela não constitui como um ato destrutivo ou tenha no seu escopo destruir alguma coisa, pois até mesmo disso se ocupou a filosofia desde seu início desconstruindo teorias e teses para substituí-las por outras que por sua vez seriam também desconstruídas. A proposta de Derrida (2004) não é ocupar o lugar de nenhuma teoria anterior, mas estabelecer uma estratégia que permita uma convivência entre visões plurais; não sendo dessa forma uma destruição. A partir do método desconstrutivista de Derrida, a transexualidade pode ser percebida como uma estratégia política de romper com a binarização, naturalização, manequeização, hierarquização, dicotomização, polarização das identidades e relações de gênero. Entretanto, muitas/os trans trabalharão justamente na chave binária a experiência das suas transexualidades. Por meio da operação de desconstrução Derrida quer tencionar essa polarização e mostrar um intermeio dessas polaridades para que os grupos “dos polos desprivilegiados” se emancipem politicamente. A rigor mesmo, o binarismo de gênero dificulta e tenta impossibilitar uma existência de gênero e sexual plural,

que pensada à luz de Foucault se mostra como uma imposição de dois gêneros como forma de repressão.

* * *

O Capítulo I tem como objetivo a apresentação e a descrição dos campos on-line do Portal *Globo.com* e dos grupos do *Facebook Transgente e Hetero/orgulho*. Nesse capítulo mostro os caminhos teóricos e metodológicos para entender a recepção da transexualidade nas mídias digitais. Assim, descrevo as temporalidades, as categorias e as escolhas das matérias tocantes a transexualidade no *Globo.com*. Para compreender a receptividade da transexualidade tanto no Portal *Globo.com* como nos dois grupos do *Facebook* optou-se pelos estudos de recepção por meio da metodologia de imersão nas plataformas digitais. Dessa maneira finalizo o capítulo explicando os desafios da imersão observante no digital e o que consiste o estudo de recepção e a sua importância tanto para o levantamento como para análise de dados em uma pesquisa sobre mídias digitais, enfatizando que a recepção além de uma etapa que constitui a comunicação é também uma forma discursiva.

No Capítulo II aponto a trajetória da recepção da transexualidade no Portal *Globo.com* descrevendo as frequências e as temáticas das matérias ao longo dos anos. Atento as mudanças em relação à recepção, o ano de 2011 com a participação de Ariadna Arantes no programa *Big Brother Brasil 11*, significou uma transição no enfoque e na frequência de matérias que falam sobre a transexualidade no Portal. Outra modificação na receptividade da transexualidade é o advento da Rede Social do *Facebook* que traz novas recepções sobre a transexualidade. Ademais, estar imerso as plataformas on-line para observar a dinâmica de como a transexualidade é recebida me possibilitou entender o quanto a misoginia está presente neste processo de recepção.

Já, o Capítulo III consiste na análise dos dados da recepção dos comentários. Nele a partir da frequência de enunciados crio seis categorias de comentários; assim apresento os principais tipos de comentários encontrados nas matérias analisadas no Portal *Globo.com* e que também atravessam os grupos do *Facebook*. Três categorias de comentários que usam de enunciados deslegitimadores e que se recusam ou mostram-se resistentes a aceitar a transexualidade que são: os de exclusão (ímpeto classificatório), desumanização e distorção. Antagônicos aos comentários deslegitimadores estão as três categorias de comentários que usam enunciados legitimadores que tendem a entender a transexualidade como uma realidade e forma legítima de existência que são: os de inclusão, humanidade e esclarecimento. Dessa

forma descrevo os principais enunciados dos comentários deslegitimadores e legitimadores que também se apropriam de enunciados do natural, moral e cristão sobre a transexualidade. Em seguida apresento alguns exemplos de comentários pontuando quanto a recepção sobre a transexualidade revela uma lógica biopolítica²⁸ que leva ao desdobramento de questões que envolvem a biologização e a estética de gênero, a passabilidade e a desumanização dos corpos trans; em que a pessoa transexual é vista como o/a outro/a ameaçador/a devido a luta pelos seus direitos e reconhecimento de sua demanda.

E por fim o Capítulo IV apresento a visibilidade das palavras do vocabulário de gênero no Portal *Globo.com* que junto à recepção da transexualidade ora são também deslegitimadas e ora são legitimadas para que depois seja problematizada a disputa conceitual em torno da palavra transgênero. Finalizo a discussão da presente tese falando sobre um *meme* (ideia que se difunde na rede *web*). O *meme* da ideologia de gênero é frequente nas caixas de comentários do Portal *Globo.com* como nas postagens no grupo *Hetero/orgulho* e comentado pelo *Transgente*. Tal *meme* traz uma visão reducionista e mecanicista do ser humano. Uma vez que reduz a identidade de gênero das pessoas como em metáforas comuns nas redes digitais que comparam o ser humano e toda a sua complexidade a objetos e animais não humanos. Enfim, deslegitima não somente a cientificidade do conceito e dos estudos de gênero como a própria existência da transexualidade, razão pela qual assim encerro a discussão.

²⁸ Termo utilizado por Michel Foucault (1999) que designa um mecanismo de gestão, poder e análise sobre o reino da morte e da vida criado na modernidade. Já, sobre o termo lógica, é importante esclarecer, que é tomado aqui como sinônimo de sistema, assim despidido da rigidez que geralmente é lhe atribuído.

CAPÍTULO I – O CAMINHO DA DESCRIÇÃO DO CAMPO: O PORTAL E A REDE SOCIAL

O capítulo inicial do presente estudo antropológico tem como proposta principal a descrição do campo on-line²⁹, além de apresentar *o caminho* teórico metodológico para entender a recepção da transexualidade nas mídias digitais. Assim, nesse primeiro capítulo apresento e descrevo o Portal *Globo.com* e os dois grupos *Transgente* e *Hetero/orgulho* da Rede Social *Facebook*. Logo em seguida, forneço as temporalidades do campo on-line junto com as escolhas das matérias levantadas por meio de imersão nas plataformas que se mostra desafiadora de fazê-la mediante a uma observação oculta, sem interação com os sujeitos pesquisados.

É interessante destacar que a pesquisa consistiu em dois momentos. O primeiro foi o levantamento de dados, utilizando-se da imersão observante no Portal e nos dois grupos da Rede Social. Sem esquecer que o processo imersivo de levantar e escolher quais dados poderiam servir para a problemática de pesquisa já é, de certa forma, uma pré-análise. O segundo momento foi a fase de analisar esses dados levantados, os quais parto da perspectiva de análise de discurso foucaultiana propondo um diálogo com vertentes pós-estruturalistas como, por exemplo, as que envolvem gênero a partir da Teoria *Queer* com o objetivo de analisar e refletir os comentários realizados sobre a transexualidade que serão esmiuçados no terceiro capítulo. Os estudos de recepção foram utilizados tanto para levantar os dados como para ajudar na análise desses; a sua importância nesses dois momentos da pesquisa será descrita nos tópicos que compõem este capítulo.

1.1 A descrição do campo on-line: *Globo.com* e *Facebook*

Tomando emprestada a ideia de Daniel Miller e Horst Heather (2012), os estudos antropológicos sobre o campo digital e on-line ou a chamada antropologia digital tem se tornado cada vez mais um bom caminho para entender a sociedade contemporânea.³⁰ Larissa

²⁹ Entende-se como campo on-line um campo digital, uma vez que a ideia de campo virtual traz uma ideia equivocada de realidade dual entre o virtual e o real. O on-line possibilitado pelas mídias digitais é uma complementariedade do off-line e vice-versa.

³⁰ Pensando a partir de uma reflexão teórico-conceitual do campo digital devido os usos contemporâneos das mídias digitais, Miskolci (2016, p.275) apresenta como a Sociologia digital foi sendo consolidada e quanto a Antropologia e a Ciência Política fazem parte desse processo que não se resume apenas repensar metodologias, pois “a era digital não se caracteriza apenas por rupturas e novidades, mas também por continuidades e

Pelúcio; Heloisa Pait; Thiago Sabatine (2015) mostram o quanto as relações da contemporaneidade marcadas pelo uso cada vez mais intensificado das mídias digitais tem chamado a atenção das Ciências Sociais, não somente pelos desafios teórico e metodológico do campo digital, mas das relações de gênero e sexualidade que tem atravessado o aparato digital.

As mídias digitais dinamizam relações, ampliam debates e democratizam informações e tem se mostradas bem mais que os sistemas analógicos e mecânicos. Conforme o sociólogo Richard Miskolci (2011), as mídias digitais são aquelas que possibilitam novas formas de socialização e que trazem novos impactos à vida cotidiana contemporânea, entre eles, nas subjetividades, nas relações interpessoais e nas coletividades. Diferentes das mídias anteriores, as mídias recentes edificam e tendem a impulsionar o protagonismo de qualquer pessoa que se coloca na rede, ademais, elas têm contribuído cada vez mais para dar voz aos novos atores sociais dentro de uma nova dinâmica assentada por transformações técnicas, sociais e subjetivas. Mais que mídias digitais, aquelas pós-massivas permitem isso. Pois possibilitam que sejamos produtores de conteúdo. A pesquisa sobre as mídias digitais se mostra um campo fértil para as ciências sociais uma vez que o uso delas proporcionam novos olhares e questionamentos das relações sociais, além disso cria novos desafios metodológicos e analíticos no campo científico sócio antropológico. Entretanto, mesmo as mídias digitais se mostrando propício objeto de investigação e chamando atenção, ainda há pouca produção de estudo nas ciências sociais, segundo o pesquisador.

A metodologia da presente pesquisa trata-se de um trabalho antropológico de fundo imersivo que contemplará através de seu método a recepção da transexualidade nas mídias digitais. Foram analisadas reportagens bem como comentários de notícias do Portal *Globo.com* como postagens e comentários do *Facebook* tocantes à transexualidade.

Segundo o antropólogo Airton Luiz Jungblu (2004, p. 104) os portais “são aqueles vultuosos sites onde estão disponibilizadas grandes quantidades de informação e recursos da web (por exemplo: *AOL* nos EUA, *UOL* e *Terra* no Brasil)”. Em relação aos processos de editoração os portais de internet são sobretudo análogos aos meios de comunicação de massa não mediados por computadores, como por exemplo, o do impresso ou televisivo. Entretanto, de maneira geral, na comunicação mediada por computador “o receptor” está inserido em uma

aprofundamentos de fenômenos previamente abordados pela sociologia, como a exposição midiática e a influência da comunicação e seus conteúdos na cultura contemporânea.”

rede de variadas informações que o torna menos passivo e mais exigente por conta deste poder de buscar, acessar e comparar as diferentes versões de uma dada informação nos mais numerosos sites em trânsito pela web (JUNGBLU, 2004). Para Miskolci (2016) as mídias de massas como a televisão são consideradas mídias verticais, pois possibilitam pouca interatividade diferente das mídias digitais como a internet, que por sua maior possibilidade de interação são consideradas mídias horizontais.

De acordo com o próprio *Globo.com*, os portais são:

Páginas na internet que servem como ponto de acesso direto a um conjunto de serviços e informações (...) podem ser horizontais - permitindo acesso a vários tipos de informação e serviços - ou verticais - concentrando links para conteúdo sobre um assunto específico (GLOBO, 2008 b, s.p).

O Portal *Globo.com* hospedado no endereço eletrônico <https://www.globo.com/> é público e maior parte dele gratuito. Algumas matérias são restritas a assinantes, como por exemplo, do site *O Globo*. Tal área restrita começou em 2010. O Portal é formado por cinco grandes pilares: *GI*, *Ge*, *Gshow*, *Tech* e *Vídeos* com as principais plataformas do *Globo.com*. Cada pilar possui uma cor. O do *GI* que compõe páginas do jornalismo é vermelha. O *Ge* sobre o mundo esportivo é verde. O *Gshow* sobre entretenimento como a vida dos famosos é laranja. O *Tech*, o site de tecnologia do Portal, tudo sobre o digital é cinza. E por fim o *Vídeo* na cor azul trata-se da plataforma de vídeos da *Globo*. A composição das matérias no *Globo.com* tem um *layout* visual em que a matéria de maior destaque fica localizada no canto esquerdo superior com letras em fonte maior que de outras. De 2016 adiante a plataforma é dividida em três colunas: a primeira à esquerda as matérias do *GI* (vermelha); na do meio as do *Ge* (verde) e à direita as do *Gshow* (laranja). As demais vão aparecendo logo abaixo das três colunas. E no final da página do Portal vai haver “TOP GLOBO tá todo mundo clicando...” que são as três colunas das matérias mais acessadas do *GI*, *Ge* e *Gshow*. Geralmente as reportagens do *GI* (vermelha) são as que se destacam mais, porém às vezes, principalmente nas quartas-feiras e nos domingos à noite, e também em época de Copa do mundo, Olimpíadas e decisões de Campeonatos, o *Ge* (verde) aparece em destaque e muito esporadicamente o *Gshow* (laranja) ganha realce, o que acontece nas estreias e finais das edições do programa *Big Brother Brasil* ou ainda das novelas da emissora.³¹

³¹ Ao longo tempo, a interface do visual *Globo.com* vai passando por alterações e se modificando, por exemplo, os pilares que formam o Portal ganharam cores em 2006, entretanto a cor do pilar das notícias inicialmente era



FIGURA 02. *Print* da composição das notícias no Portal da *Globo.com*. Fonte: GLOBO. Portal de notícias. Disponível em: < <http://www.globo.com/>>. Acesso em: 02 jul. 2015.

Não foi verificada na observação imersiva realizada durante os anos de 2015 até o momento (novembro de 2018), nenhuma matéria sobre a transexualidade ocupando o lugar de principal destaque no Portal *Globo.com* (no canto superior esquerdo e com fonte maior); no máximo com evidência e perto da matéria principal como exposto na figura 02- a reportagem sobre atriz transexual Viviany Belebony “Crucificada na Parada Gay”. Como será ainda falado, outras matérias sobre a transexualidade terão destaque no Portal, mas não como a principal; outras não vão aparecer com notoriedade no *Globo.com*, se restringindo apenas as plataformas de sites que compõem e formam o Portal.

Na versão do *smartphone* o *layout* visual do Portal é um pouco diferente, ele possui apenas uma coluna que tem no seu topo o logo *Globo.com* em azul e em seguida embaixo os

da cor azul, logo em 2007 ele se torna vermelho. Nota-se que a composição e a aparência que atualmente o Portal *Globo.com* possui inicia em 2008. Como o *Globo.com* o *Facebook* desde o seu surgimento também sofre mudanças e atualizações tanto nos seus aspectos visuais como nas suas funcionalidades.

cinco pilares citados. É possível o usuário configurar no telefone celular solicitando a versão para o PC (*personal computer* - computador pessoal). No *smarthphone* há apenas uma coluna que vai sendo dividida por linhas que são o *GI*, *Ge*, *Gshow*, *Tech* e os *Vídeos*. A matéria de destaque também estará em fonte maior e seguida por outras em fontes menores com ou sem foto. O *Globo.com* estreou o Portal para *iPhone* e outros *smartphones* em 2008. Para acessar o Portal móvel os telefones celulares com acesso à internet devem digitar o seguinte endereço: *m.globo.com* (GLOBO, 2008 c). Segundo a matéria “*Globo.com* estreia Portal para *iPhone* e outros *smartphones*” (GLOBO, 2008 c, s.p) “as páginas acessadas pelo endereço *m.globo.com* são adaptadas para serem exibidas corretamente na tela dos aparelhos portáteis, mas mantêm o conteúdo original produzido pela *Globo.com* e pelo *GI*.” Dessa forma, a navegação pode ser feita com mais velocidade.³²

O primeiro *smartphone* foi comercializado em 2007 de acordo com Miskolci (2014), tal invenção é fruto do surgimento do microchip de silicone no parque tecnológico do Vale do Silício, concentração de diversas empresas de alta tecnologia da informação e computação. Segundo o pesquisador, o *smarthphone* devido o microchip siliconado, não somente modificou profundamente a estrutura interna dos equipamentos eletrônicos possibilitando a diminuição do tamanho e peso deles e assim os tornou móveis como também gerou o contexto de conectividade perene. Atualmente muitas pessoas com seus *smartphones* e outros equipamentos móveis vivem em uma constância on-line que tem modificado cada vez mais a forma do comportamento das pessoas se comunicarem, trabalharem, estabelecerem relações sociais e expressarem suas opiniões sobre uma gama de assuntos pela rede web.³³

Segundo Alexa Internet (2018) que tem como sua principal missão a mensuração de acessos de usuários que visitam um site, o Portal *Globo.com* é o Portal da internet de língua

³² Na figura 07 que está presente na página 100 mostra visualmente a partir de dois *prints* a comparação da composição do Portal para o *Personal Computer* (pc) e para o *smartphone* de uma mesma matéria sobre trans.

³³ Até 2013 menos da metade dos/as brasileiros/as tinham acesso à internet. Em 2014, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2014) 95,4 milhões de brasileiros já tinham acesso à internet, um número de casas com acesso a internet que atingiu pela primeira vez mais de cinquenta por cento dos lares no Brasil. A mesma pesquisa revela que em 2014 o acesso à internet é realizado em maior quantidade por *smartphones* ou celulares do que por computadores de mesa ou *notebook*, o que vem provar um cenário de uma sociedade em que as pessoas se encontram cada vez mais em constância on-line proporcionado pela mobilidade dos aparelhos de telefone celular. Segundo a última atualização sobre acesso a internet no Brasil revelou que em 2017 o número de lares brasileiros conectados à rede passou de 63,6% para 70,5% o total de domicílios no país. Ainda de acordo com o IBGE (2017) o acesso à internet continua aumentando pelo uso de celulares *smartphones* uma mudança de comportamento que fez com que os usuários cada vez mais abandonassem os microcomputadores de mesa ou *notebooks* e *tablets* para estarem on-line.

portuguesa mais acessado no mundo.³⁴ De acordo com os dados da companhia o *Globo.com* (portal) ocupa atualmente o quinto lugar dos sites mais clicados no Brasil ficando atrás do: 1 – *Google.com.br* (buscador); 2 – *Youtube.com* (rede social de vídeos); 3 – *Google.com* (buscador) e do 4 – *Facebook.com* (rede social). Em 2014, o Portal *Globo.com* obtinha o sexto lugar, depois do Portal da *UOL*, mas no ano seguinte, em 2015, o Portal das organizações *Globo* conquistou a quinta colocação e atualmente mantem a posição (ALEXA, 2018).

Rank	Site	Daily Time on Site	Daily Pageviews per Visit	Traffic From Search	Total Sites Linking In
1	Google.com.br Site de busca que foca seus resultados no Brasil e a nível internacional tanto em português como em inglês.	7:21	9.71	0.40%	38,816
2	Youtube.com User-submitted videos with rating, comments, and contests.	8:16	4.69	15.80%	2,847,321
3	Google.com Enables users to search the world's information, including webpages, images, and videos. Offers...	7:24	7.54	4.50%	3,740,802
4	Facebook.com A social utility that connects people, to keep up with friends, upload photos, share links and ...	11:09	4.31	8.30%	7,419,881
5	Globo.com Portal de conteúdo da Rede Globo de televisão. Notícias, programação e detalhes dos bastidores ...	9:28	3.69	24.70%	83,893
6	Live.com Search engine from Microsoft.	4:05	3.55	13.20%	62,611

FIGURA 03. Print do *Top sites in Brazil* no site *Alexa*: O ranking dos sites mais acessados no Brasil.

O *Globo.com* é o Portal mais acessado no Brasil. Existem outros portais que têm expressão de acessos no país, entre os mais antigos estão: o Portal *UOL* (do grupo Folha e criado em 1996); o Portal *Terra* (empresa brasileira pertencente ao conglomerado espanhol Telefônica que foi lançado em 1999) e o Portal *Yahoo* (criado em 1994 e sediado na

³⁴ Companhia de internet fornecedora de dados sobre tráfego da rede de computadores. Em 1999 a companhia *Alexa* tornou-se subsidiária a empresa transnacional de comércio eletrônico norte-americana *Amazon*.

Califórnia – Estados Unidos). Nos dois primeiros Portais citados é permitido que os usuários comentem suas respectivas matérias, diferente do terceiro citado em que não há possibilidade de deixar comentários nas matérias localizadas no Portal.

O Portal *Globo.com* surge em 20 de março de 2000 e, ao longo do tempo, vai alocando várias revistas no formato de sites de diferentes modalidades que vão de entretenimento ao jornalismo. Somam-se ao conteúdo os blogs. Antes de se tornar um portal, em julho de 1996, houve o lançamento do *Globo On Line*, o site do jornal *O Globo*, o primeiro site de notícias do *Grupo Globo* na internet. Segundo as informações da página *História do Grupo Globo* (2018) pertencente ao próprio aglomerado *Globo*, a empresa *Globo*, no momento hospeda quase 700 sites entre eles próprios e outros filiados.³⁵

As plataformas de notícias que foram mais utilizadas para análise da pesquisa foram as dos sites: *GI*, *Ego* e *O Globo*. Outros sites como *Extra*, *Quem* e *Revista Marie Claire* também trazem algumas notícias tocantes à transexualidade no Portal *Globo*. É importante destacar que ao longo da pesquisa o site *Ego* encerrou as suas atividades no portal no dia 17 de abril de 2017. A plataforma sobre os famosos e famosas do Brasil e do Mundo surgiu em 2006, durando assim 11 anos. Tal extinção do site sobre os/as famosos/as pode ser pensada sobre a força das redes sociais na vida e cotidiano dos indivíduos. Hoje as celebridades também têm compartilhado as suas opiniões, fotos de suas intimidades nas diferentes redes sociais, principalmente, por exemplo, pelo *Twitter* (rede social de atualizações de microtextos ou imagens) e pelo *Instagram* (rede social de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários). Tal questão é tão assertiva que uma nota intitulada “Portal *Ego* será descontinuado” publicada no próprio site da *Ego* diz: “a decisão de encerrar o *Ego* é fruto de uma reflexão sobre a evolução do mercado de notícias de celebridades (...) e de novas dinâmicas de interação entre artistas e fãs nas redes sociais”.

Observa-se nos dados da pesquisa Alexa Internet (2018) sobre os sites mais acessados no Brasil que os portais de notícias (quinto lugar o Portal *Globo.com*; oitavo lugar o Portal *UOL* e nono lugar o Portal do *Yahoo*), a maioria deles lançados durante e final da década de noventa, ainda possuem uma força de acesso de usuários que buscam informações. Entretanto,

³⁵ O Portal *Globo.com* é pertencente ao *Grupo Globo* que anteriormente era chamado de *Organizações Globo*; atualmente é o maior conglomerado de mídia e comunicação do Brasil e da América Latina que tem como sua principal empresa a *TV Globo* que também é a maior do país e uma das maiores do mundo. O *Grupo Globo* pertence à Família Marinho, que hoje é comandada pelos sucessores do já falecido jornalista Roberto Marinho que foi herdeiro de seu pai Irineu Marinho.

nos últimos anos com o aparecimento das redes sociais essa busca de informações tem sido cada vez mais descentralizadas dos portais. Segundo o relatório do *Reuters Institute* e da Universidade de *Oxford* publicado no *Digital New Report (2017)*³⁶ as redes sociais digitais se tornaram as principais fontes de notícias no Mundo, incluindo o Brasil. O *Facebook* seria o expoente maior de fonte de informações pelos usuários. De acordo ainda com a pesquisa existe uma tendência das pessoas escolherem mais de uma mídia para acessar informações. Entre as mídias escolhidas, a preferida tem sido as redes sociais digitais como *Facebook* e o aplicativo *WhatsApp* que é uma rede social de mensagens instantâneas. Nota-se que são muito frequentes postagens com links de notícias dos portais circularem nas redes sociais; como também sites, como por exemplo, o do portal de notícias *GI* pertencente ao Portal *Globo.com* possuem página no *Facebook*. Ademais, há um ícone do *Facebook* abaixo dos títulos nas matérias localizadas no Portal *Globo.com* para serem compartilhadas na Rede Social. É o Portal *Globo.com* dentro da Rede Social *Facebook*. É a Rede Social *Facebook* dentro do Portal *Globo.com*.

Em relação ao *Facebook*, ele foi criado em 2004 e tornou-se a Rede Social mais acessada pelos brasileiros, “ultrapassando o *Orkut*, durante o mês de dezembro de 2011” (GLOBO, 2012 a, s.p).³⁷ Hoje é a maior rede social digital do mundo, ou melhor, o maior site de rede social do mundo. De modo que segundo Raquel Recuero (2009) a Internet é também uma rede social mediada por um sistema global de redes de computadores, chamada frequentemente de rede *web*. A palavra *web* em inglês significa teia e nesse sentido de rede com o advento da internet a expressão *web* passou a denominar-se a *World Wide Web* (WWW) a rede mundial de computadores. Nela os atores sociais (pessoas, instituições ou grupos sociais) estão em conexões (comunicação, fluxo de informações, interações, trocas e laços sociais) o que formam os dois elementos essenciais para definir uma rede social³⁸. Assim, a Internet é uma rede de várias outras redes. Ainda segundo a pesquisadora o

³⁶ O relatório do Instituto está disponível no link: < <http://www.digitalnewsreport.org/survey/2017/overview-key-findings-2017/>>.

³⁷ Mark Zuckerberg é considerado o fundador da Rede Social *Facebook*. Junto a ele, o brasileiro Eduardo Saverin e os estadunidenses Dustin Moskovitz e Chris Hughe são os co-fundadores.

³⁸ Assim, como a rede social não é um evento que surgiu com as redes de computadores o seu conceito também não é novo nas Ciências Sociais. O compartilhar, o vínculo e as trocas sociais são estruturas ou sistemas sociais que fazem parte da interação social dos seres humanos muito antes das redes sociais on-line aparecerem. Já, o conceito de rede social surgiu cedo na Sociologia e na Antropologia segundo Silvia Portugal (2007). O termo surge a partir da utilização dos estudos da antropologia britânica em resposta ao modelo estrutural-funcionalista clássico (PORTUGAL, 2007).

Facebook como outros, por exemplo, *Fotolog* são sites de redes sociais (*Facebook*) dentro de uma rede social (Internet). Outros sites de redes sociais com dinâmicas próximas do *Facebook* (2004) foram aparecendo ao longo do tempo o *Mysapce* (2003), *Orkut* (2004), *Twiter* (2006) e mais recentemente o *Google+* (2011).

Ao estudar as redes sociais digitais é preciso compreender duas questões que destaco serem importantes: uma sobre os tipos de redes sociais on-line e a outra sobre a relação das redes sociais on-line com as mídias. A primeira questão, como já falado, são os chamados sites de redes sociais digitais que se diferenciam de outras redes sociais on-line. A partir da definição de sites de redes sociais proposto pelas autoras Boyd e Ellison (2007), a pesquisadora Raquel Recuero (2009) afirma que eles são espaços usados para expressar as redes sociais na Internet. Os sites de rede sociais são uma categoria de grupo de *softwares* sociais que tem como grande diferença entre outras formas de comunicação mediada pelo computador, as visibilidades e as articulações que proporcionam a manutenção dos laços sociais estabelecidos não somente no on-line como também no off-line. Os sites de redes sociais como o *Facebook*, são uma peculiaridade de rede social porque permitem “i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator” (RECUERO, 2009, p.102).

Sobre a segunda questão, a relação das redes sociais on-line com as mídias, Daniel Miller e Heather Horts (2015) evidenciam que uma simples observação sobre o social será constatado que pessoa nenhuma vive uma vida completamente digital e nenhuma mídia digital existe fora das redes sociais e nelas estão incluídas também as mídias analógicas. Segundo os autores, tratar a mídia de forma independentemente é negar que elas são partes de uma ecologia de mídia mais ampla no qual o significado de qualquer mídia tende a ser definido pelos contrastes e complementaridades com outras mídias.

Segundo Alexa (2018) o *Facebook* é o quarto site mais acessado e a segunda rede social mais acessada no Brasil, depois da rede social de vídeos *Youtube*. Entretanto, de acordo com o levantamento da companhia, o *Facebook* ocupa a segunda posição no *ranking* mundial de site mais acessado apenas atrás do site buscador *Google.com*.

Para acessar o *Facebook* há a necessidade de criar um perfil de usuário. É preciso ter um e-mail e uma senha para o *login* a partir da página principal de cor predominantemente azul hospedada no endereço: <https://www.facebook.com/>. A interface do *Facebook* consiste basicamente em quatro pilares: o perfil, a *feed* de notícias, os grupos e as páginas. O visual do

Facebook usado no pc ou *smathphne* são muito parecidos sem comprometimento do conteúdo independentemente do suporte de aparelho usado. No site móvel o endereço do *Facebook* é: m.facebook.com. O perfil é composto por apresentação, fotos, vídeos, listas de amigos, compartilhamentos e postagens com “curtidas” e comentários e outras informações sobre o usuário que podem ser ocultadas ou não. Assim como no perfil há uma linha do tempo ou *timeline* que são as atualizações de postagens; na *feed* notícias são as histórias públicas atualizadas que envolvem o usuário como também as dos outros e da sua rede amigos, páginas e grupos.

É preciso ressaltar algumas diferenças entre página e grupo no *Facebook*. Apesar de ambos terem funcionalidades muito parecidas, somente a pessoa que administra uma página na rede pode postar conteúdo nela ao contrário do grupo em que todos os membros estão habilitados a postar. Contudo tanto nas páginas como nos grupos as pessoas que os acompanham podem curtir e comentar sobre as postagens.

Pensando a partir da recepção pode ser afirmar que a sua mensuração numa página são os números de curtidas, enfim pelos números de seguidores, enquanto o interesse pelo grupo é mensurado pelo número de membros. Entretanto, nem o número de membros e nem mesmo o número de curtidas sejam eles expressivos garantem que tanto um quanto outro se mostrem ativos com postagens e atualizações, um fator essencial na escolha dos dois grupos aqui pesquisados, um que representasse o combater e o outro o lutar pela transexualidade. Como destacado no presente estudo os dois grupos escolhidos *Transgente* e *Hetero/orgulho* auxiliaram para amplificar a percepção da recepção da transexualidade a partir do Portal *Globo.com*.³⁹ Antes das descrições sobre os dois grupos; explicarei sobre as temporalidades, as categorias e as escolhas das matérias a serem analisadas com o objetivo de entender a recepção da transexualidade no Portal *Globo.com* e assim repercutida nos dois grupos.

1.2 As temporalidades, as categorias e as escolhas das matérias

³⁹ Tanto o Portal *Globo.com* pertencente ao Grupo *Globo* como a Rede Social *Facebook* possuem grande poder hegemônico de comunicação no Brasil e no mundo. Ambos devem ser pensados como atores sociais, uma vez que, representam de forma bastante expressa parte da sociedade, e por isso, tanto um como outro não são mídias neutras e sim veículos midiáticos atravessados de posicionamentos ideológicos que, muitas vezes, se mostram tendenciosos em suas informações, postagens e matérias que compõe a política tando do portal como da rede social.

Na plataforma *Globo.com* foram observadas matérias e seus respectivos comentários sobre a transexualidade postados entre os anos de 2000 a 2018. Assim sendo, a pesquisa pode ser dividida em quatro temporalidades:

- 1- Do ano 2000 a 2006 (início do Portal *Globo.com*; com raríssimas matérias sobre transexualidade e nenhum comentário; essa fase é anterior ao início da pesquisa).
- 2- Do ano de 2007 a 2011 (período “pré - Ariadna no BBB 11”, menor frequência de matérias e ainda com tom anedótico e de curiosidade sobre transexualidade e já com comentários mais expressivos; essa fase é anterior ao início da pesquisa).
- 3- Do ano de 2011 a 2014 (período “pós - Ariadna BBB no 11”, maior frequência e enfoque mais político e de cidadania de matérias sobre transexualidade, essa fase é anterior ao início da pesquisa;).
- 4- Do ano de 2015 a 2018 (período “pós – Ariadna no BBB 11”, aumento significativo de frequência e debate mais político de matérias sobre a transexualidade; luta mais organizada na rede social *Facebook*, força do discurso de ódio na internet; essa fase é durante o desenvolvimento da pesquisa).⁴⁰

As matérias e seus respectivos comentários analisados para entender como é a recepção da transexualidade se deram a partir da imersão na plataforma do Portal *Globo.com* que foi realizada entre os anos de 2015 a 2018 (até o mês de novembro). Como já destacado durante a pesquisa foi acompanhado dois grupos no *Facebook* com o objetivo de perceber outra forma de recepção a transexualidade na internet. Tais levantamentos serão dados complementares para entender a recepção do *Globo.com*, principalmente, para compreender a diferença entre o portal e a rede social. Com isso foi levantado como os dois grupos tratam a transexualidade e como tais matérias ou os assuntos sobre transexualidade alocados no Portal no período de 2015 a 2018 foram debatidos e atravessados neles.

As matérias que foram acompanhadas possuem diferentes temáticas. Daí o esforço de categorizá-las, a fim de melhor analisá-las para os fins desta pesquisa. As categorias são: (1) os direitos das transexuais (nome social no Enem, acesso à cirurgia de transgenitalização, uso

⁴⁰ A despeito de Ariadna Arantes, observa-se até mesmo a partir de matérias aqui levantadas sobre ela, que a participante do *reality show* não se mostra uma referência ou uma bandeira para os movimentos LGBT ou ainda um ícone para as transexuais. As reportagens sobre Ariadna mostram mais os aspectos das trivialidades de sua vida, pois até mesmo não há declarações de um posicionamento mais político sobre a transexualidade por parte da atriz.

de banheiro de acordo com a identidade de gênero, são alguns exemplos); (2) trivialidades e rotinas de celebridades transexuais, o que inclui matérias que envolvem a estética dos corpos trans e, (3) as que são tocantes às violências e crimes de transfobia.⁴¹

O *corpus* das matérias foi composto por 45 matérias sendo: 15 matérias sobre direitos das pessoas transexuais; 15 matérias sobre celebridades trans e 15 matérias sobre violência contra a transexualidade. Dentro dessas respectivas categorias de matérias que acompanhei a escolha delas seguiu principalmente dois critérios: 1) matérias que aparecem em cena durante os anos 2015 a 2018 e que tiveram um certo destaque na composição do Portal *Globo.com*; 2) que o assunto da matéria teve repercussão e debate nos dois grupos ou em um dos grupos do *Facebook*. Destaco que o primeiro critério foi o mais decisivo para a seleção delas, uma vez que estava em imersão observante quando as acompanhei e pude ver de perto a dinâmica dos comentários.

QUADRO 01 - Categoria: os direitos das transexuais e as suas subcategorias que compõem as matérias analisadas no Portal *Globo.com*

Direitos das transexuais:	Matéria sobre:	Matérias e seus links:	Número de Comentários:
Visibilidade	Crianças transexuais	Quem Sou Eu?: Conheça crianças transgêneros na estreia da nova série (GLOBO, 2017 c, s.p). http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/03/quem-sou-eu-conheca-criancas-transgeneros-na-estreia-da-nova-serie.html	504
	Relações familiares	Torturei minha 'garotinha' durante anos', diz mãe sobre aceitação de filho transgênero; relato viralizou (GLOBO, 2016 a, s.p). Disponível em http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2016/10/torturei-minha-garotinha-durante-anos-diz-mae-sobre-aceitacao-de-filho-transgenero-relato-viralizou.html .	111
	Vida de Transexuais	Documentário 'Trans' mostra a vida de transgêneros no Brasil.	37

⁴¹ Segundo o documento Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos da pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus (2012) o termo “transfobia” não deve ser confundido como homofobia, dado que de forma geral é referente aos preconceitos e discriminações em função da identidade de gênero de pessoas transexuais, travestis e pelas pessoas transgênero.

		(GLOBO, 2016 b, s.p). Disponível em:< http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2016/07/documentario-trans-mostra-vida-de-transgeneros-no-brasil.html >	
	Manifestações	“Representei a dor que sentimos', diz transexual 'crucificada' na Parada Gay” (GLOBO, 2015 a, s.p). Disponível em:< http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/06/representei-dor-que-sentimos-diz-transexual-crucificada-na-parada-gay.html >.	4349
	Conquistas	Unicamp tem 1ª travesti doutora: 'Universidade aprendeu a se transformar para que pessoas como eu caibam ali'(GLOBO, 2017 d, s.p). Disponível em:< https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/unicamp-tem-1-travesti-doutora-universidade-aprendeu-a-se-transformar-para-que-pessoas-como-eu-caibam-ali.ghtml >.	189
Acessibilidade	Banheiro	Transexual advertida em banheiro de escola vai processar o Estado (GLOBO, 2015 b, s.p). Disponível em:< http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2015/06/transexual-advertida-em-banheiro-de-escola-vai-processar-o-estado.html >.	518
	Boate	Jovem trans relata preconceito ao ter entrada gratuita negada em casa noturna (GLOBO, 2018 a, s.p). Disponível em:< https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/jovem-trans-relata-preconceito-ao-ter-entrada-gratuita-negada-em-casa-noturna.ghtml >.	173
	Universidade	Aluno transexual é expulso da Cásper após criticar método de professora (GLOBO, 2015 c, s.p) Disponível em:< http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/10/aluno-transexual-e-expulso-da-casper-apos-criticar-metodo-de	219

		professora.html>.	
Nome Social	Enem	Nº de transexuais que usarão nome social no Enem cresce 172%, diz Inep. (GLOBO, 2015 d, s.p) Disponível em:< http://g1.globo.com/educacao/enem/2015/noticia/2015/10/n-de-transexuais-que-usarao-nome-social-no-enem-cresce-172-diz-inep.html >	283
	Passaporte	Mulher transexual é impedida de embarcar em aeroporto de SC ao usar nome social (GLOBO, 2016 c, s.p). Disponível em:< https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/mulher-transexual-e-impedida-de-embarcar-em-aeroporto-de-sc-ao-usar-nome-social.ghml >	121
	Decisão do STF	“STF decide que transexuais e transgêneros poderão mudar registro civil sem necessidade de cirurgia” (GLOBO, 2018 b, s.p)	514
Cirurgia	Trans masculino	Jovem transexual faz campanha para realizar cirurgia de retirada dos seios. (GLOBO, 2016 d, s.p). Disponível em:< http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2016/01/jovem-transexual-faz-campanha-para-realizar-cirurgia-de-retirada-dos-seios.html >	627
	Primeira cirurgia de transgenitalização	'Monstro, prostituta, bichinha': como a Justiça condenou a 1ª cirurgia de mudança de sexo do Brasil e sentenciou médico à prisão. (GLOBO, 2018 c, s.p) Disponível em:< https://g1.globo.com/bemestar/noticia/monstro-prostituta-bichinha-como-a-justica-condenou-a-la-cirurgia-de-mudanca-de-sexo-do-brasil-e-sentenciou-medico-a-prisao.ghml >	861
	SUS	Cresce número de pessoas que buscam processo transexualizador; homens são maioria, aponta instituto (GLOBO, 2017 e, s.p).	512

		Disponível em:< https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/cresce-numero-de-pessoas-que-buscam-processo-transexualizador-homens-sao-maioria-aponta-instituto.ghtml >	
	Plano de Saúde	Transexual ganha na Justiça direito de retirar os seios por plano de saúde. Disponível em:< http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2017/03/transexual-ganha-na-justica-direito-de-retirar-os-seios-por-plano-de-saude.html > (GLOBO, 2017 f, s.p)	61

Os anos de 2015 a 2018 foram e ainda têm sido um período de maior visibilidade para as pessoas trans. A frequência das matérias foi aumentando ano após ano, como será abordado no segundo capítulo. Tais visibilizações que se expressam maiores entre os anos 2015 a 2018 serão ainda discutidas e demonstradas, inclusive com auxílio de gráficos (no próximo capítulo) e também de tabelas (no último capítulo).

O aparecimento de notícias sobre as pessoas trans se mostrou cada vez mais frequente nas mídias digitais e assim visibilizou a transexualidade, o que leva a confirmar o raciocínio de Foucault (1999) de que a visibilidade é uma armadilha, pois a partir do momento que a torna visível permitindo um maior conhecimento sobre ela, mais informações, inclusões e esclarecimento, entretanto, possibilita também um combate dela, por estar mais exposta socialmente. Como ainda será reportado mais adiante, houve várias matérias com variadas temáticas desde daquelas que falam de conquistas, luta, direito como outras que trazem a exclusão, o preconceito e a violência. O meu esforço se concentrou em reunir um pouco de cada tematização para que pudesse dar conta do mais próximo possível de descrever como é a recepção da transexualidade nas mídias digitais.

QUADRO 02 – Categoria: trivialidades e rotinas de celebridades transexuais e as suas subcategorias que compõem as matérias analisadas no Portal *Globo.com*

Celebridades trans	Matéria sobre:	As matérias e os links:	Número de comentários:
	Thammy Miranda	Veja novas fotos de Thammy Miranda exibindo peitoral em revista (GLOBO, 2015 e ,s.p). Disponível em:< http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/11 >	494

Homens Trans		/veja-novas-fotos-de-thammy-miranda-exibindo-peitoral-em-revista.html>		
		“Thammy Miranda fica sem camisa em estreia de peça”(GLOBO, 2017 g, s.p). Disponível em:< https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2017/05/thammy-miranda-fica-sem-camisa-em-estreia-de-peca.html >	1781	
		Thammy Miranda e Andressa Ferreira posam de mãos dadas em praia. (GLOBO, 2016 e, s.p). Disponível em:< http://ego.globo.com/famosos/noticia/2017/01/thammy-e-andressa-ferreira-posam-de-maos-dadas.html >	816	
	T. Brant		Tereza Brant vai adotar nome masculino: 'Evoluí como pessoa' (GLOBO, 2017 h, s.p). Disponível em:< http://ego.globo.com/famosos/noticia/2017/02/tereza-brant-vai-adotar-nome-masculino-evolui-como-pessoa.html >.	48
			Tereza Brant mostra visual cada vez mais masculino. (GLOBO, 2016 f, s.p). Disponível em:< http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/03/tereza-brant-mostra-visual-cada-vez-mais-masculino.html >.	42
			Tereza Brant faz uma análise de seu corpo 13 dias após tirar os seios. (GLOBO, 2015 f, s.p) Disponível em:< http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/06/tereza-brant-13-dias-apos-tirar-os-seios-como-se-tivesse-tirado-um-elefante.html >	110
Ariadna Arantes		Ex-BBB Ariadna brinca de amamentar sobrinho e diz: 'Já estou treinando'. (GLOBO, 2017 i, s.p). Disponível em:< http://ego.globo.com/criancas/noticia/2017/01/ex-bbb-ariadna-brinca-de-amamentar-crianca-e-diz-ja-estou-treinando.html >.	28	
		Ariadna fala sobre suposto comentário polêmico de Biel em rede social. . (GLOBO, 2016 g, s.p). Disponível em:< http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/08/ariadna-fala-sobre-antigo-comentario-de-biel.html >.	235	
		De férias no Brasil, Ariadna dispara: 'Dizem	173	

Mulheres Trans		que fui pra Itália me prostituir'(GLOBO, 2015 g, s.p). Disponível em:< http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/09/de-ferias-no-brasil-ariadna-dispara-dizem-que-fui-pra-italia-me-prostituir.html >.	
		Lea T. revela que sentiu o primeiro orgasmo somente após a cirurgia: "até chorei". (GLOBO, 2017 j, s.p). Disponível em:< https://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2017/03/lea-t-revela-que-sentiu-o-primeiro-orgasmo-somente-apos-cirurgia-ate-chorei.html >.	81
	Lea T	Lea T será 1ª transexual em cerimônia de abertura na história das Olimpíadas. (GLOBO, 2016 h, s.p). Disponível em:< https://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2016/07/lea-t-sera-1-transsexual-numa-abertura-olimpica-na-historia.html >.	19
		Lea T leva cachorrinho dentro de bolsa de grife para SPFW: 'É meu filho'. (GLOBO, 2015 h, s.p). Disponível em:< http://ego.globo.com/moda/noticia/2015/04/lea-t-leva-cachorrinho-dentro-de-bolsa-de-grife-para-spfw-e-meu-filho.html >.	39
		Thalita Zampirolli celebra o Dia Internacional da Mulher. ". GLOBO, 2017 k, s.p). Disponível em:< http://ego.globo.com/famosos/noticia/2017/03/thalita-zampirolli-celebra-o-dia-internacional-da-mulher.html >.	58
	Thalita Zampirolli	Latino dá beijinho em Thalita Zampirolli em vídeo. (GLOBO, 2016 i, s.p). Disponível em:< http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/05/latino-da-beijinho-em-thalita-zampirolli-em-video.html >.	508
		Transexual Thalita Zampirolli gasta R\$ 30 mil para fazer mudanças no corpo (GLOBO, 2015 i, s.p). Disponível:< http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/10/transsexual-thalita-zampirolli-gasta-r-30-mil-para-fazer-mudancas-no-corpo.html >	429

Em relação às matérias relacionadas à categoria celebridade trans e seus corpos, a minha escolha foi por celebridades tanto de homens trans como de mulheres trans. Sendo

assim, optei por famosos/as que apareceram mais frequentemente no Portal *Globo.com* durante os anos de pesquisa (2015-2018). Dessa forma selecionei três matérias sobre Thammy e mais três sobre T. Brant. E o mesmo fiz a partir de três notícias sobre Lea T, Thalita Zampirolli e Ariadna Arantes. Vejo que as pessoas trans de grande visibilidade midiática como Thammy Miranda e Ariadna Arantes foram personagens fundamentais para perceber como a transexualidade é recebida on-line, tanto na representação dos homens trans como das mulheres trans. Thammy foi mencionado em mais de 400 vezes em reportagens no site *Ego* alocado no Portal *Globo.com* do ano de 2013 a 2017, assim como Ariadna que também possui mais de 400 matérias sobre ela, porém de 2011 a 2017. Outras trans tiveram destaques como Lea T com 190 notícias, que foi mencionada pela primeira vez em 2011, e Thalita Zampirolli em 160 menções de todas as matérias do site. E por fim, o trans T.Brandt esteve em 70 notícias.

QUADRO 03 – Categoria: violências e crimes de transfobia e as suas subcategorias que compõem as matérias analisadas no Portal *Globo.com*

Violência contra as transexuais:	Matéria sobre:	As matérias e os links:	Número de comentários:
Casos de mortes	Laura Vermont	Polícia prende 3 suspeitos de agredir e matar travesti Laura Vermont em SP (GLOBO, 2015 j, s.p). Disponível em:< http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/07/policia-prende-3-suspeitos-de-agredir-e-matar-travesti-laura-vermont-em-sp.html >	239
	Verônica Bolina	‘Só quero minha vida de volta’, diz em carta travesti presa por morder policial. (GLOBO, 2016 j, s.p). Disponível em:< http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/04/so-quero-minha-vida-de-volta-diz-em-carta-travesti-presa-por-morder-policial.html >.	341
	Dandara	Cinco dos acusados pela morte da travesti Dandara são condenados (GLOBO, 2018 d, s.p). Disponível em:< https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/cinco-dos-acusados-pela-morte-da-travesti-dandara-sao-condenados.ghtml >.	275
	Outras trans	Transexual é morta em Cachoeira do Sul e dois adolescentes são suspeitos. (GLOBO, 2016 k, s.p). Disponível em:<	206

		http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/07/transsexual-e-morta-em-cachoeira-do-sul-e-dois-adolescentes-sao-suspeitos.html >	
	Outros trans	Transgênero é internado em coma após ataque homofóbico no Rio. GLOBO, 2017 l, s.p). Disponível em:< https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/transgenero-e-internada-em-coma-apos-ataque-homofobico-no-rio.ghtml >	162
Preconceito e discriminação	Preconceito no exército	Justiça começa a rever casos de militares afastadas por serem trans. (GLOBO, 2018 e, s.p). Disponível em:< http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2018/02/justica-comeca-rever-casos-de-militares-afastadas-por-serem-trans.html >	100
	Preconceito na Saúde	Transexual diz ter sofrido preconceito durante exame do SUS em Nazareno, MG. (GLOBO, 2017 m, s.p). Disponível em:< https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/transsexual-diz-ter-sofrido-preconceito-durante-exame-do-sus-em-nazareno-mg.ghtml > .	113
	Preconceito na escola	'Quero que saibam que a escola é para todos', diz mulher trans que saiu da prostituição e se tornou professora em Mogi. (GLOBO, 2017 n, s.p). Disponível em:< https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/quero-que-saibam-que-a-escola-e-para-todos-diz-mulher-trans-que-saiu-da-prostituicao-e-se-tornou-professora-em-mogi.ghtml > .	115
	Preconceito em usar o banheiro	Transexual impedida de usar banheiro feminino de bar desabafa: 'Sem chão'. (GLOBO, 2015 k, s.p). Disponível em:< http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2015/12/transsexual-impedida-de-usar-banheiro-feminino-de-bar-desabafa-sem-chao.html >	316
	Preconceito no trabalho	Servidor público transexual alega ter sido vítima de transfobia em escola de SP. (GLOBO, 2017 o, s.p). Disponível em:< https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/servidor-publico-transsexual-alega-ter-sido-vitima-de-transfobia-em-escola-de-sp.ghtml >	155
Agressões e	Agressão	Transexual diz que quase teve o pé	92

dados sobre transfobias		amputado após agressão e mostra ferimentos em vídeo (GLOBO, 2018 f, s.p). Disponível em:< https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/transsexual-relata-agressao-e-mostra-ferimentos-em-video.ghtml >	
	Dados sobre violência	Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, diz pesquisa. (GLOBO, 2017 p, s.p) Disponível em:< http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2017/04/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais-no-mundo-diz-pesquisa.html >.	198
	Violência	Travesti é baleada durante atentado na Zona Oeste de Natal. (GLOBO, 2016 l, s.p). Disponível em:< http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2016/07/travesti-e-baleado-durante-atentado-na-zona-oeste-de-natal.html >	909
	Violência moral de não poder reclamar	Carro de Thammy Miranda é atingido por bandidos em fuga em São Paulo (GLOBO, 2016 m, s.p). Disponível em:< http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/09/carro-de-thammy-miranda-e-atingido-por-bandidos-em-fuga-em-sao-paulo.html >.	357
	Agressão	Policiais que não impediram agressão a travesti são afastados. (GLOBO, 2016 n, s.p). Disponível em:< http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/10/policiais-que-nao-impediram-agressao-travesti-sao-afastados.html >	161

O ano de 2016 foi um ano em que as reportagens de violência contra as pessoas trans explodiram no Portal *Globo.com*. O ano anterior, 2015, já sinalizava violência; teve o caso de Veronica Bolina que rendeu destaques com algumas matérias pela rede. Uma das matérias principais que ganhou destaque foi “Travesti fica desfigurada após prisão; Defensoria diz haver indício de tortura” (GLOBO, 2015 s.p). Entretanto, a caixa de comentários nessa matéria foi bloqueada.⁴² Outras pessoas trans foram vítimas de violência, casos emblemáticos como por exemplo, de Laura Vermont também em 2015 e de Dandara em 2017 compuseram

⁴² Em meados de 2015 o Portal *Globo.com* estipulou novas regras para comentários de leitores. Entre elas: um prazo para as reportagens receberem comentários. Normalmente, esse período é de 48 horas. Os comentários podem também ser fechados antes desse tempo, quando for verificado que a maioria deles está violando os termos de uso como a incitação ao ódio. Além disso, os usuários podem denunciar os comentários clicando em um botão que fica ao lado de cada participação. Um editor do site analisará os comentários denunciados e decidirá pela sua exclusão ou não. (GLOBO, 2015, s.p).

um cenário "a triste realidade da população trans e a violência que assombra o país" (NLUCON, 2017, s.p).

Para entender o processo da recepção no Portal *Globo.com* nos anos anteriores a 2015, enfim de como era e se mudou a receptividade da transexualidade ao longo do tempo foram analisadas 15 matérias e seus respectivos comentários. Para tal análise foi realizada uma escolha de cinco matérias utilizando se de buscadores dentro dos próprios sites e assim definindo cinco matérias para cada categoria: direitos das transexuais, celebridades trans e violência contra as transexuais.

QUADRO 04 - Matérias com suas categorias e subcategorias analisadas no Portal *Globo.com* anteriores ao ano de 2015

Categorias de matérias:	Matéria sobre:	As matérias e os links:	Número de comentários:
Direito das Transexuais	Conquista	'A vitória é nossa', diz transexual do RS que provocou mudanças no SUS. (GLOBO, 2013 a, s.p). Disponível em:< http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/11/vitoria-e-nossa-diz-transexual-do-rs-que-provocou-mudancas-no-sus.html >.	549
	Cirurgia	Transexuais do DF esperam até seis anos por cirurgia para troca de sexo. (GLOBO, 2012 a, s.p). Disponível em:< http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2012/03/transexuais-do-df-esperam-ate-seis-anos-por-cirurgia-para-troca-de-sexo.html >.	19
	Criança Trans	Transexual pode se descobrir já na primeira infância, dizem especialistas. (GLOBO, 2013 b, s.p). Disponível em:< http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2013/03/transexual-pode-se-descobrir-ja-na-primeira-infancia-dizem-especialistas.html >.	342
	SUS	Transexuais e travestis podem usar nome social no cartão do SUS em SP. (GLOBO, 2013 c, s.p). Disponível em:< http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/03/transexuais-e-travestis-podem-usar-nome-social-no-cartao-do-sus-em-sp.html >.	110

	Nome social	Inep diz que 95 transexuais poderão usar nome social no Enem 2014. (GLOBO, 2014 a, s.p). Disponível em:< http://g1.globo.com/educacao/enem/2014/noticia/2014/09/inep-diz-que-95-transexuais-poderao-usar-nome-social-no-enem-2014.html >	106
Celebidades Trans	Thammy Miranda	“Thammy Miranda malha de camisa larga e bermudão” (GLOBO, 2012 b, s.p). Disponível em:< http://ego.globo.com/famosos/noticia/2012/10/thammy-miranda-malha-de-camisa-e-bermudao.html >	191
	Thalita Zampirolli	'Eu namorei Romário durante um ano', diz transexual Thalita Zampirolli. (GLOBO, 2014 b, s.p). Disponível em < http://ego.globo.com/famosos/noticia/2014/02/eu-namorei-romario-durante-um-ano-diz-transexual-thalita-zampirolli.html >	143
	Lea T	"Sofro bullying todos os dias. O transex é o lixo do mundo", diz Lea T na TV. (GLOBO, 2011 a, s.p). Disponível em:< http://ego.globo.com/gente/noticias/0,,m1674450-9798,00-sofro+bullying+todos+os+dias+o+trans+ex+e+o+lixo+do+mundo+diz+lea+t+na+tv.html >.	56
	Ariadna Arantes	“Casada com italiano, Ariadna critica homens brasileiros: 'Falsos moralistas” (GLOBO, 2014 c, s.p). Disponível em:< http://ego.globo.com/famosos/noticia/2014/05/casada-com-italiano-ariadna-critica-homens-brasileiros-falsos-moralistas.html >	114
	T. Brant	Ex-patricinha escolhe visual masculino como identidade em MG. (GLOBO, 2013 d, s.p). Disponível em:< http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/08/ex-patricinha-escolhe-visual-masculino-como-identidade-em-mg.html >.	1415
		Agressão	Travesti diz que foi agredida dentro de ônibus em Aracaju. (GLOBO, 2014 d, s.p). Disponível em:< http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2014/05/travesti-sofre-agressao-sexual-fisica-e-moral-dentro-de-onibus-em

Violência contra as pessoas trans		aracaju.html>	
	Morte	Travesti é encontrada morta com três tiros em rodovia de Piracicaba, SP. (GLOBO, 2012 c, s.p). Disponível em:< http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2012/08/travesti-e-encontrada-morta-com-tres-tiros-em-rodovia-de-piracicaba-sp.html >.	12
	Constrangimento	Candidatas transexuais do Enem dizem ter sofrido constrangimento. (GLOBO, 2013 e, s.p).Disponível em< http://g1.globo.com/educacao/enem/2013/noticia/2013/10/candidatas-transexuais-do-enem-dizem-ter-sofrido-constrangimento.html >	1608
	Preconceito	Miss transexual é barrada em banheiro feminino de bar em Fortaleza. (GLOBO, 2013 f, s.p). Disponível em:< http://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/06/miss-transexual-e-barrada-em-banheiro-feminino-de-bar-em-fortaleza.html >	117
	Preconceito	Candidata transexual perde Miss Universo Canadá. (GLOBO, 2012 d). Disponível em:< http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/05/candidata-transexual-perde-miss-universo-canada.html >	43

É preciso destacar que a questão da temporalidade no Portal deve ser pensada e colocada com as questões em confronto com o contexto social e com os movimentos trans. Isso quer dizer, que a visibilidade não é apenas em razão de algumas celebridades ou de alguns casos expostos na mídia. É necessário que se amplie e reflita, para que se perceba que o que ocorre na rede on-line está articulado com o macrosocial off-line das políticas públicas; movimentos sociais, as leis. As notícias e os temas não aparecem aleatoriamente, estão articulados com o contexto histórico e político naquele momento. Elas estão associadas ao contexto político do que esta acontecendo no Brasil nesse período, por exemplo, a ocasião que se discute leis e políticas públicas sobre a cirurgia de transgenitalização ou do nome social vão ser replicadas no Portal. Tais aspectos, como também os principais pontos off-line que proporcionaram um maior aumento de matérias sobre gênero e assim da transexualidade no *Globo.com* serão discutidos mais a diante no segundo capítulo.

Em relação às matérias descritas nas tabelas, também se deve enfatizar que as

temáticas delas vão de certa forma influenciar na tônica dos comentários e até mesmo quais enunciados que esses utilizarão para reconhecer ou não reconhecer a transexualidade. Entretanto, não se pode afirmar que há uma regra que impeça que os mais diferentes enunciados circulem numa caixa de comentários, porém como iremos ver no terceiro capítulo, determinados enunciados são mais frequentes quando as matérias são sobre cidadania/direitos, estética/transformações corporais, questões morais/violências, enfim, a matiz da reportagem influencia no tom dos discursos dos comentários.

Os conjuntos de tipos de matérias me levam a problematizar se as mais humanizadoras possuem comentários mais humanizadores? Noto que há mudança naquilo que os comentaristas escrevem de acordo com o enfoque das matérias. Comentários mais raivosos se relacionam com matérias menos humanizadoras. Mas, isso não é regra. Tenho observado em trânsito pela web que desde fim do ano de 2015 e início de 2016, que o Portal *Globo.com* tem preferido bloquear, suspender ou até mesmo tirar a caixa de comentários de muitas reportagens, principalmente, daquelas que retratam violência extremas. Possível que isso indique a preocupação da equipe de jornalismo em impedir os comentários de ódio.

O número de comentários também varia de uma matéria para outra, de acordo com alguns fatores como: de que forma ela foi repercutida; se teve ou não destaque no campo visual do portal e também em qual parte dele ficou linkada; durante quantas horas ficou exposta e principalmente sobre que temática sobre a transexualidade (direito, violência ou celebridade transexual) a reportagem falava. De forma geral, as reportagens sobre transexualidade possuem uma caixa com números expressivos de comentários em relação à outras reportagens, em média elas passam de 100 comentários.

Observo tais questões no artigo de minha autoria chamado *Nas malhas das redes da internet: a proibição do direito de existir das pessoas transexuais* no qual analiso a repercussão de uma matéria referente ao caso da transexual que fez analogia a crucificação de Cristo na parada da Diversidade, de São Paulo, em 2015. O primeiro link sobre o caso “‘Representei a dor que sentimos', diz transexual 'crucificada' na Parada Gay” (GLOBO, 2015 a, s.p) teve 4349 comentários. Foi a notícia que mais gerou opiniões na caixa de comentários durante minha imergência on-line.

É interessante ressaltar que ao longo desta pesquisa, em meados do ano de 2015, houve uma mudança na interface do espaço de comentários no Portal *Globo.com*. Tornou-se possível comentar um comentário dentro de uma matéria. Tal função é chamada de “entre na

conversa”. Já, em 2011 além de comentar passou a ser possível “curtir” ou “descurtir”⁴³ um comentário, como também se tornou possível saber quais são os comentários mais recentes e os mais populares. São mudanças que provocam indagações: elas incitam opiniões que vão dando vazão aos discursos de ódio ou podem ter outro efeito?

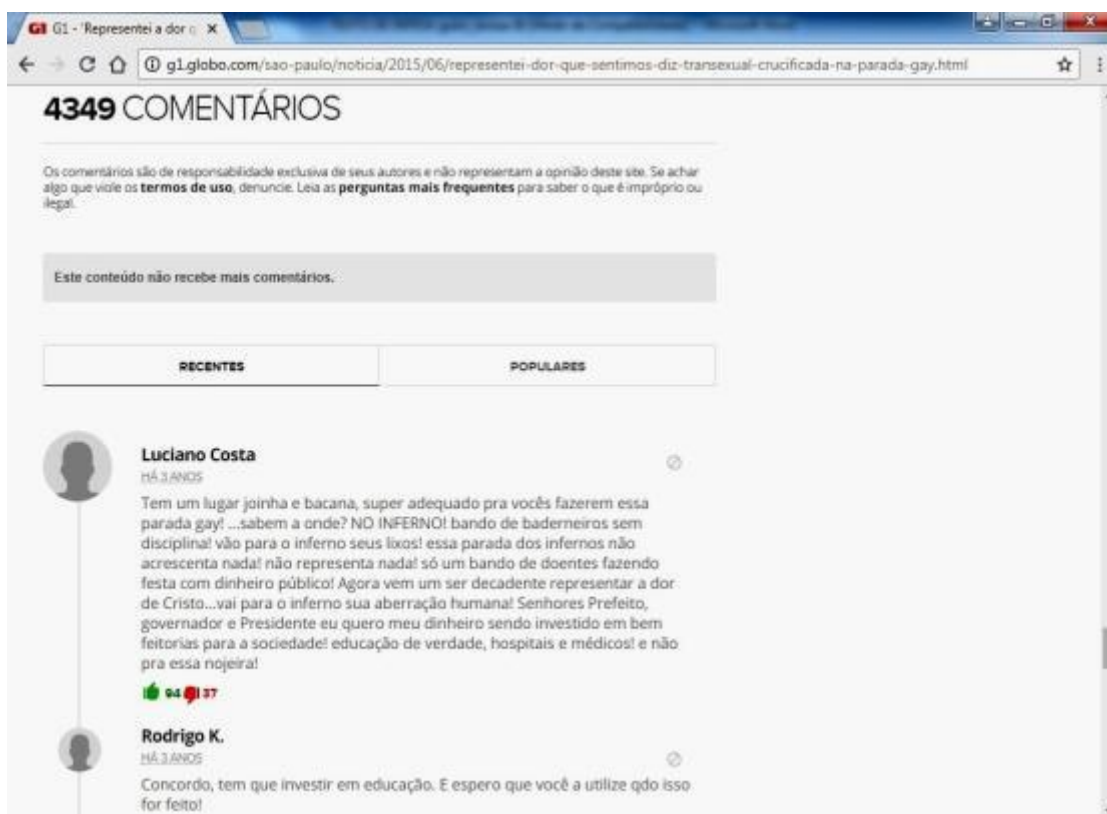


FIGURA 04. Exemplo de caixa de comentários do Portal *Globo.com* e suas funcionalidades descritas acima.

O *print* demonstrado na figura 04 é referente o caso da transexual Viviany Beleboni que fez analogia a crucificação de Cristo em protesto ao preconceito aos LGBT.

O *Facebook* agregou novos botões ao longo do tempo como a opção “like/curtir” em 2009, depois em 2013 mais uma funcionalidade a possibilidade de responder um comentário de uma postagem. Em 2016, a rede social libera as “reações”, botões em forma de *emoji* que expressam "Amei", "Haha", "Uau", "Triste" e "Grr”, mais do que só a famosa “joinha” ou

⁴³ No *Facebook* ou no *Globo.com*, curtir significa que uma pessoa gostou daquilo que foi publicado. Ter várias curtidas em uma postagem é ter uma ideia aceita entre os usuários da rede social ou nas caixas de comentários no portal. Já no portal de notícias existe a possibilidade tanto de curtir (dar um *like*) como de discutir (dar um *dislike*) um comentário feito dentro de uma matéria jornalística.

velho curtir (GLOBO, 2016 o). No mês de maio de 2016 em homenagem ao Dia das Mães foi adicionado o botão “gratidão”, uma flor roxa. Em 2017 o *Facebook* novamente acrescentou mais um *emoji*, a reação “orgulho” dedicado à comunidade LGBT. O ícone, com as cores do arco-íris, símbolo da luta LGBT ficou entre outros *emojis* durante o mês de junho.

A possibilidade de criar grupos e páginas no *Facebook* acontece em 2010. Os dois grupos escolhidos, *Transgente* e *Hetero/orgulho*, assim como a página *G1 - O Portal de Notícias do Globo.com* proporcionaram novas formas de recepção e interação sobre os conteúdo e temáticas como a transexualidade. O acesso às outras páginas e grupos é, muitas vezes, por meio de compartilhamentos de postagens que circulam nos grupos definidos que compõem a minha análise. E sendo advindos de outras páginas e grupos vão formando uma teia digital em torno de uma temática, um circuito⁴⁴ de sociabilidade dos usuários, o que me proporciona conhecer por meio dele as resistências e as lutas em relação à transexualidade além dos portais de notícias.

1.3 Os grupos *Transgente* e *Hetero/orgulho*

O grupo *Transgente* foi criado em de 2013; vale destacar que me tornei membro em agosto de 2014 antes de iniciar a pesquisa do doutorado. O grupo é público e está locado no seguinte endereço eletrônico: <https://www.facebook.com/groups/transgente/>. Em abril de 2018 o grupo constava com 5.005 membros. No mês de agosto de 2018 houve uma queda no número de membros: 4.762. No início desse ano (2018) eram 4.876 membros. Em 2015 eram 1.879. Na minha última atualização verificada no mês de outubro de 2018 foi de 4.847. O grupo *Transgente* é administrado principalmente por Letícia Lanz e tem como moderadores; Ângela Autran Dourado e Geraldo Eustáquio de Souza (outro perfil de Letícia Lanz).

No dia 23 de setembro de 2018 averigui que existem além do grupo *TRANSGENTE* dois outros grupos que trazem a expressão “transgente” em seus nomes. Um deles seria o grupo *Jornal Trans&gente* que possui um membro e outro, um grupo chamado *Transgente* com mil e quinhentos membros.

⁴⁴ A noção de circuito segundo o antropólogo José Guilherme Cantor Magnani (2002, p.23-24) “trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática (...) por meio de (...) espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais (...) possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos porém de forma mais independente com relação ao espaço (...)” Enfim, um conjunto de elementos não próximos um dos outros (contíguos), mas que compartilham informações e se reconhecem entre si.

A capa (foto) do grupo sempre traz uma referência de luta pelos direitos das pessoas transgêneras. A capa do mês de março de 2018 era sobre o dia internacional da visibilidade trans – 31 de março; onde está escrito “ser transgênero é normal e é legal”. A primeira capa postada em 2013 trazia a seguinte frase “o que você é –Transgente - é o que você deve ser”. A capa atual do grupo, postada no dia 17 julho de 2018 traz a seguinte expressão “faça amor e não faça a guerra – movimento transgente”.



FIGURA 05. Uma das capas do grupo; como nas demais outras capas enfatiza a resistência. O print foi retirado no dia 20 de junho de 2017.

Letícia, que prefere usar sua epígrafe de que “*Todo mundo nasce gente. O resto é rótulo*” é mestre em sociologia e psicanalista, assim sendo, também compõe o cabedal teórico sobre gênero e sexualidade do presente estudo antropológico. O grupo possui a seguinte descrição:

TRANSGENTE Este é um grupo para Gente em Transformação.

Gente fora das medidas, dos processos, dos sistemas.

Gente fora-de-si, fora-do-mundo, fora-da-lei Gente posta pra fora no meio da festa, porque estava com o peito de fora, com as ideias de fora, com o coração e a inteligência à mostra. Gente fora-de-órbita, cansada de levar foras disso tudo que aí está. Gente que transgride, que transpõe, que ultrapassa todos os limites para combater um mundo injusto, careta, cansado e cansativo. Um mundo que mais do já deu o que tinha que dar, mas continua aí, firme feito rocha, insistindo em marcar sua presença machista patriarcal, cisgênera e heteronormativa. Mundo de binarismos bestas e crenças idiotas de códigos de conduta completamente vencidos que as pessoas são doutrinadas a seguir cegamente, acriticamente, do útero da mãe ao pó da terra. Este é um grupo para Gente que se recusa a ser uma peça fixa no jogo viciado de xadrez da sociedade, onde apenas reis, rainhas e bispos podem se mover à vontade. É um grupo terminantemente não-recomendado pra “gente com gê”... Gente certinha, arrumadinha, engraçadinha, enquadradinha, gente disponível para consumo e descarte nas gôndolas desse imenso supermercado chamado “sociedade...”

A menos que haja, nessas pessoas bem ajustadas ao ritual do matadouro, o desejo genuíno de saltar da gôndola diretamente para a vida e voar, voar, voar, sem limites nem restrições de espaço ou de tempo nas asas da liberdade e da mudança. Boas vindas a todo tipo de “Gente Com Jota”, que se permite tentar, que se autoriza errar, que não se envergonha de prosseguir buscando em qualquer idade, sob quaisquer circunstâncias, fazendo frente a essa imensa maioria que bate no peito arrogantemente dizendo que encontrou e passa a viver conformada com um rótulo, um título e uma morte adiada... (Letícia Lanz, 28-07-2013).

O aviso permanente é formado por algumas regras:

O Movimento *Transgente* é um movimento inclusivo, não identitário, que se articula em torno da luta pelos direitos civis das pessoas transgêneras, quaisquer que sejam as suas identidades (travestis, transexuais, crossdressers, dragqueens, homens trans, transformistas, andróginos, não-binários, etc.).

Em virtude de serem consideradas transgressoras do dispositivo binário de gênero que divide a humanidade em homens e mulheres, pessoas transgêneras ficam sujeitas a inúmeras e pesadas sanções sociopolíticas, econômicas e culturais. A luta do Movimento *Transgente* compreende a busca sistemática pela despatologização e desjudicialização da condição transgênera, bem como o combate ao preconceito, à discriminação, ao estigma e à transfobia, que constituem atos permanentes de violência física e simbólica dirigida à população transgênera. A luta do Movimento *Transgente* é por direitos, não por identidades. Toda pessoa transgênera, é antes de mais nada, cidadã da República no pleno gozo dos seus direitos civis, uma vez que transgeneridade não é nem doença, nem delinquência, mas um simples desajuste do modelo binário de classificação de gênero, a que as pessoas são compulsoriamente submetidas ao nascer em função de um único órgão existente entre as suas pernas.

O Movimento *Transgente* parte do Princípio Constitucional que garante a toda pessoa a liberdade de expressão e o direito de viver em sociedade, independentemente de raça, sexo, religião ou ideologia política, devendo ter para isso o pleno e total apoio e garantia de proteção do Estado.

O Movimento *Transgente* vem ganhando corpo, representatividade e legitimidade junto à população transgênera do Brasil, por reivindicar a sua independência institucional e autonomia de ação relativamente ao movimento de gays, lésbicas e bissexuais do país. Essa autonomia é necessária e se justifica na medida em que, apesar da existência de demandas comuns com tais movimentos, os pleitos transgêneros, na sua maioria, são muito específicos devendo, portanto, serem especificamente equacionados e dirigidos à população transgênera.

Nossas principais demandas e reivindicações são:

- 1 – Direito à obtenção, sem coações ou tutelas de qualquer natureza, a um nome CIVIL, compatível com a identidade de gênero expressa publicamente pela pessoa transgênera;
- 2 – Direito ao acolhimento, respeito e proteção no ambiente escolar, livre de discriminação, segregação e bullying por parte de alunos, professores, funcionários administrativos e diretores. Mas principalmente sem pressões de qualquer natureza visando o “enquadramento” da pessoa transgênera ao dispositivo binário de gênero;
- 3 – Direito ao trabalho, emprego e ao exercício pleno de uma profissão e/ou função, com igualdade de oportunidades e igualdade de vencimentos.
- 4 – Abolição total de práticas pseudo-terapêuticas, de natureza clínica ou religiosa, visando a “recuperação” de pessoas transgêneras.
- 5 – Educação e apoio às famílias de pessoas transgêneras para compreensão, aceitação e acolhimento dos seus membros transgêneros.
- 6 – Preparação de profissionais das diversas áreas de especialidade (medicina, psicologia, educação, direito, jornalismo, etc) para compreensão, aceitação e

acolhimento das pessoas transgêneras.
7 – Monitoramento permanente da mídia, com orientação e crítica sistemáticas às matérias que estão sendo veiculadas sobre a população transgênera.
8 – Campanhas sistemáticas de informação ao grande público sobre o que é a condição transgênera, separando a questão de gênero da questão de orientação sexual e combatendo sistematicamente a transfobia.
(Letícia Lanz).

O grupo *Transgente* possui uma atualização praticamente diária com uma média de mais de cinco postagens por dia, principalmente realizada pela administradora Letícia. Outros membros do grupo também postam, porém com menos frequência. No grupo se encontra pessoas transexuais, travestis e outras auto identidades de gênero como também pesquisadores de gênero e sexualidade e demais outras pessoas que se identificam com a causa trans.

A maioria das postagens do grupo é sobre as normatizações de gênero e sexualidade e dessa maneira são compartilhadas experiências, informações para combater o preconceito contra as pessoas trans e principalmente de se organizarem em uma tentativa de mostrar que elas existem e lutam pelo direito de existirem. Outros assuntos são abordados como, por exemplo, o cenário político atual, mas sempre havendo o link sobre as questões de gênero. Geralmente, na interface dos grupos do *Facebook* à direita há sugestões de páginas e outros grupos para ser seguidos, curtidos ou membros. Nessas recomendações pelo grupo *Transgente* foi possível conhecer páginas como: *Tombando a norma*, *Página Desconstruída*, *Transgressiva*, *Translúcido*, *Transfeminismo* que usam nomes/palavras que rompem com a norma binária. Os assuntos como violência contra as pessoas trans e luta pelos direitos delas que aparecem no Portal *Globo.com* são transversalizados nas postagens do grupo. Os casos, por exemplo, de Dandara e Verônica foram postagem no *Transgente*.

Já, o grupo *Hetero/orgulho – H/O* foi criado em 2015. O grupo é fechado e seu endereço eletrônico está locado na rede social *Facebook*. A capa do grupo *Hetero/orgulho* (que segue abaixo) e como já demonstrada do grupo *Transgente* é um recurso do *Facebook*, usado tanto por perfis, páginas e grupos da rede social que permite expressar o que um perfil, página ou grupo gosta e representa. Na figura 06 que segue na próxima página, observa-se que o nome original do grupo foi borrado (efeito chamado de *blur* realizado em editores de imagens), pois como já mencionado, por razões de mantê-lo camuflado.

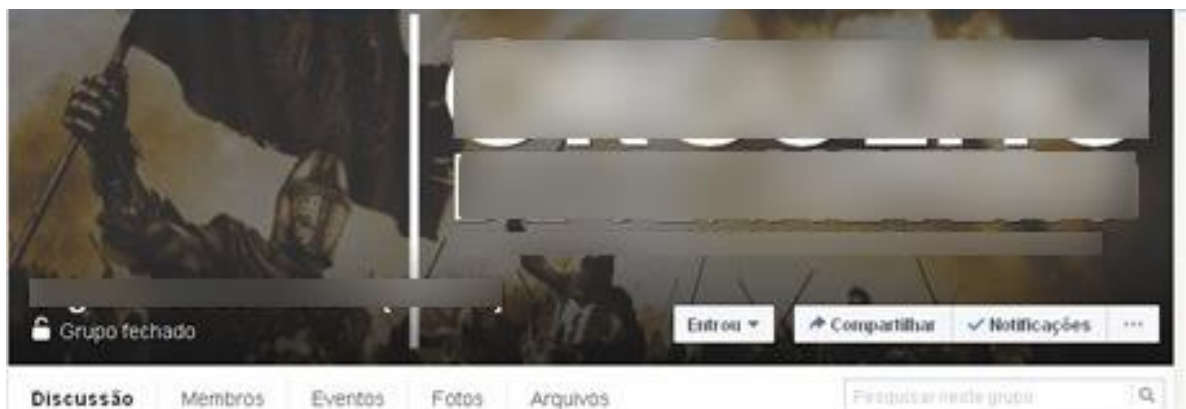


FIGURA 06. A capa anterior da atual do grupo *H/O* fazia referência às cenas de guerras de combates medievais. O *print* foi retirado no dia 20 de junho de 2017.

A capa atual do grupo possui um muro com tijolos acinzentados. A foto da muralha traz o nome do grupo escrito em cores esverdeadas e logo abaixo em letras vermelhas o endereço do grupo. Quando se abre a foto da capa é possível ver também os escritos em vermelhos no canto superior direito escrito “seja bem vindo e convide seus amigos” e no canto superior esquerdo “respeite as regras e evite ser banido”.

Descrevendo ainda sobre as capas dos dois grupos, é interessante destacar que as figuras das capas mostram como já mencionadas, do grupo *Transgente* é público, isso quer dizer que a visualização de suas postagens é aberta ao público e assim possíveis a membros e não membros. Já, o grupo *Hetero/orgulho* como é um grupo fechado, dessa forma, a visualização de suas postagens são restritas aos membros. Para haver a visualização delas é preciso ser membro. O controle das postagens sobrepõe, muitas vezes, às regras que o próprio *Facebook* permitem como, por exemplo, de postagens que abordam o feminismo, LGBT e partidos de esquerda. A foto da muralha (capa atual) e a grande preocupação com que essas regras sejam cumpridas revela o grupo *H/O* como uma espécie de condomínio fechado heteronormativo e antidemocrático.

No dia 23 de setembro de 2018 verifiquei que 85 grupos traziam no seu título a expressão “hetero orgulho”. Entre esses grupos, um que possui 282 membros e tem apenas 22 publicações por ano traz nele a seguinte descrição: “*Não importa se você é evangélico, católico ou ateu. Temos que preservar a FAMÍLIA. Deus fez MACHO & FÊMEA. Casal gay não reproduz. Cada um tem direito de ser o que quiser. Portanto, nada contra quem é gay, mas eu TENHO ORGULHO DE SER HÉTERO*”. Um dos grupos mais expressivos dessa lista é o *#Orgulho de ser Hétero* que possui 34 mil membros e com mais de 10 publicações por

dia. Outros grupos possuem poucos membros, e alguns desses trazem na foto da sua capa a figura de Jair Bolsonaro.⁴⁵

Em abril de 2018 o grupo *Hetero/orgulho - H/O* tinha 43.422 membros. Em 2017 eram 11.976 membros. Em agosto de 2018 houve uma queda de membros para 41.557. Hoje, na última atualização na data de 28 de outubro de 2018 são 41.229 membros que compõem o grupo. Em uma postagem fixa, o principal administrador do grupo, posta a seguinte mensagem “# Seja bem vindo ao melhor grupo de héteros do *Facebook*”. O grupo é administrado por 10 moderadores, entre eles, o administrador principal. No total desses dez moderadores seis são homens e quatro são mulheres. Sobre o administrador principal do grupo há pouca informação em seu perfil pessoal. Na apresentação sobre ele, diz: “Dono do grupo *Hetero/orgulho [H/O]* fiquem à vontade para compartilhar minhas postagens.” Não há fotos do administrador aberta em público, apenas do perfil que sugere ser ele. A foto apresenta parte do rosto com óculos de grau preto e com um lenço preto com detalhes em branco como se fosse uma máscara tampando a sua boca e nariz. Na descrição do grupo e como em outras postagens há sempre uma preocupação que as regras sejam cumpridas:

Grupo Oficial da página *Hetero/orgulho* • Antes de mais nada, deixamos claro que ao entrar no grupo você está automaticamente aceitando os termos e regras aqui impostos.

- 1» Você precisa de autorização de um ADM para divulgar QUALQUER coisa que seja externa.
- 2» Proibido Imagens "Câncer" / Nazismo, na linha de tempo do grupo
- 3» Proibido Pornô
- 4» Convidem seus amigos ao grupo, vamos aumentar a família ODSH.
- 5» Proibido Floodar
- 6» Proibido Pedir ADM
- 7» Proibido Montar Grupos de WhatsApp sem autorização.
- 8» Respeite os administradores.
- 9» Proibido bloquear algum ADM.
- 10» Proibido Esquerdistas
- 11» Proibido qualquer tipo de divulgação (perfis, grupos, páginas e afins) para isso consulte os administradores.
- 12» Caso queira fazer uma denúncia, marque algum administrador no post que iremos resolver, não denuncie ao *Facebook*, caso contrário você é quem levará o ban
- 13» Aqui não é sua timeline, então não post fotos pessoais suas aqui.

⁴⁵ Uma página que também faz referências ao orgulho de ser hétero foi removida após denúncias de discursos de ódios por ativistas feministas e LGBT. Como é relatado na matéria “Guerra de páginas' traz debate sobre como *Facebook* decide o que sai do ar” (GLOBO, 2015, s.p) existem frequentadores e membros tanto de páginas como de grupos que se organizam para orquestrar a remoção de páginas/grupos ligados aos movimentos feministas, LGBT e de esquerda. Tais ações descritas na reportagem foi observado no grupo *Hetero/orgulho*.

14» Temos que permanecer unidos e organizados para evitarmos que ocorra ataques no grupo.⁴⁶

Sobre algumas regras, chama a atenção a de número 12, pois o fato de não poder denunciar ao *Facebook* sem antes consultar os administradores do grupo mostra que a administração do *Hetero/orgulho* vai sobrepor as próprias normas da Rede Social e assim criar outras normas com maior tolerância à violência, fazendo com que eles mediem quais conteúdos podem ou não ser postado ou discutido. A de número 10 que é proibido esquerdista, que são constantemente entendidos pelo grupo por feministas, lgbtistas, comunistas, socialistas, ateístas, satanistas, umbandistas, intelectuais das ciências humanas e explicitamente os próprios partidos da esquerda, enfim aqueles vistos como indesejáveis pelo grupo. Tal proibição também se coloca acima dos direitos constitucionais e mais difícil de ser pensada se fosse aplicada de maneira off-line.

O grupo *Hetero/orgulho* possui uma atualização de mais ou menos dez postagens por dia. Os membros em sua maioria são homens, mas existe uma participação cada vez mais ativa de mulheres no grupo. Grande parte das postagens do grupo é composta por críticas contra aos movimentos feministas, LGBT e aos partidos de esquerda e tudo que lembra ou se associa com a ideia de comunismo. Não é propriamente uma luta pela heterossexualidade e sim um combate de tudo que problematiza a heterossexualidade, ou seja, é um grupo contra as lutas igualitárias. É uma valorização de “ser hetero” que somente acontece a partir da desvalorização daqueles que não são. Assim, há no grupo uma supervalorização do masculino e a exaltação do homem; contrapondo com uma desvalorização da mulher e do feminino.

As postagens dos membros do grupo centram muito no enaltecimento da figura do deputado federal Jair Bolsonaro (que ao longo da pesquisa foi o candidato eleito a presidente do Brasil em 2018), da família (monogâmica, cristã, nuclear e heterossexual) e do uso de armas de fogo como forma de resolver os problemas sociais. Com as sugestões de grupos e páginas dentro do *Hetero/orgulho* possibilitou encontrar outras páginas e grupos que têm expressado em seus nomes a partir de um binarismo de gênero, por exemplos, *Homem de honra*, *Homem tradicional*, *Homem de verdade*, *Mulher conservadora*, *Mulher de verdade* como também outras que são contra os estudos de gênero nas escolas como: *Marisa Lobo*,

⁴⁶ Os termos usados na descrição do grupo *Hetero/orgulho* como “ADM” significa administrador do grupo; “floodar” vem da palavra *flood* que significa enchente ou inundar com uma mesma postagem ou assunto, uma atitude considerada muito irritante no on-line e “ban” expressa a abreviação de banido, enfim, banimento de algum membro do grupo.

Marcos Feliciano e Ideologia de Gênero Não.

As matérias do Portal *Globo.com* ganham destaque nas postagens e compartimentos no grupo, como por exemplo, sobre a violência e morte de Dandara e também sobre celebridades trans como Thalita Zampiroli e Thammy Miranda.

1.4 Desafios de uma imersão on-line: a confecção de uma pesquisa

A metodologia para levantar a recepção da transexualidade nas mídias digitais foi a imersão observante, por meio dela que foi possível chegar as 45 matérias (mais outras 15 dos anos anteriores a 2015) e seus respectivos comentários. Da mesma forma chegou-se aos dois grupos do *Facebook* com suas postagens, curtidas, compartilhamentos e sugestões de páginas e grupos com o objetivo de perceber outras formas de recepções da transexualidade.

As incursões pelas plataformas on-line me colocaram frente às diferentes reações discursivas sobre a transexualidade. Nesta experiência, me vali das reflexões de Nancy Baym (2010), quando ela escreve que as redes sociais digitais se mostram como espaços para relações interpessoais, disputas simbólicas e para a circulação de informações. O compartilhamento e a interatividade nos comentários geram reflexões, diálogos, críticas, subjetividades, emoções, lutas, organizações, direitos entre outras. Sem esquecer que, ao percorrer as teias dessa rede que as mídias digitais tecem, há reações como de discursos qualificadores como desqualificadores como de ódio e violência. Há também outros campos de elaboração discursiva, nos quais pessoas trans (que tem raça, classe, orientação sexual, pertencimento geracional, regional e religioso distintos) estão presentes, articulando elas mesmas os seus discursos.

Para analisar esse artefato digital, aqui delimitado para compreender a recepção da transexualidade, utilizei diversas técnicas de observação: imersão diária no Portal *Globo.com*, ora no computador ora no *smarthphone*, o que me rendeu alguns *prints* de composições das matérias em tempo real (on-line). Quando se tratou de matérias mais antigas, algumas já levantadas, usei a prática digital de copiar e colá-las em documento *Word*, editor de texto da *Officer* da empresa *Microsoft*, sempre salvando e arquivando em pastas devidamente identificadas. As matérias foram, muitas vezes, pesquisadas através do buscador da própria plataforma usando palavras-chave como “transexualidade” e “transexual”. Este recurso foi acionado principalmente nas plataformas como o *G1* e *Ego* que fazem parte do conglomerado *Globo.com*. Durante grande parte da minha pesquisa, acessei diariamente o Portal *Globo.com*

e o mantinha aberto no computador desde que acordava até dormir. A maioria das matérias levantadas durante a minha imersão on-line foi por esse meio. Outras por meio de links da rede social *Facebook*, uma vez que seguia os grupos/páginas em tempo integral. Mesmo assim, assumo que algo da recepção da transexualidade se perderá em nosso percurso de minha análise.

É preciso dizer que os links na internet têm uma estrutura que levam a outros links, e estes contam com a participação de muitas pessoas compondo uma teia complexa. E por essa razão existe de certa forma uma dificuldade de limitar o campo no on-line. Por outro lado, são os links que possibilitam um recorrido de caminhos e possibilidades muito mais amplos, graças a essa teia. Respeitando a delimitação do campo das reportagens sobre transexualidade no Portal *Globo.com*; durante esta pesquisa foram levantadas 60 matérias jornalísticas e seus 22.581 comentários e como esses conteúdos eram transversalizados nas postagens dos dois grupos *TRANSGENTE* e *Hetero/orgulho [H/O]*.⁴⁷ O que não me impediu, devido à característica da internet, ler um conteúdo de um link e chegar a outro e, então, “clitando” nele ir para outra página que até guardava alguma relação com a anterior. O link cria pontes pela rede social digital, uma notícia em um portal é apropriada por outra notícia ou postagem que às vezes é compartilhada. É muito comum que uma postagem em um grupo ou página tornar-se conteúdo de outra página ou grupo de interesses do *Facebook*. Esse movimento possibilita, não somente, a escolha dos grupos, mas de descobrir outros grupos e páginas e, assim, chegar às outras recepções das transexualidades.

Tudo isso me fez pensar de que estava fazendo um trabalho de bricolagem com as fontes digitais. Não, porque não haja um cuidado com o método, mas por executar uma operação que consiste em remendar coisas ou pedaços, havendo assim arranjos que provocam a sensação de “isto sempre pode servir”.

Houve na confecção do presente estudo uma série de desafios na coleta e organização dos dados. A começar, pelo problema de como dar conta da imensidão de comentários, matérias e postagens. Outro desafio se refere à questão de ausência de contato físico direto entre os interlocutores nas mídias digitais, pois se leio um comentário, por exemplo, transfóbico, não se tem como flagrar em que contexto este se dá, de maneira que o perfil sociológico dos sujeitos também se tornar mais difícil de ser traçado. Atuei como um *lurker*,

⁴⁷ É preciso chamar atenção que alguns comentários, algumas vezes, como até mesmo algumas caixas de comentários com o passar do tempo são removidas, ou porque algum comentarista saiu da Rede ou do cadastro do Portal ou simplesmente porque houve atualização do grupo ou site da matéria, ou ainda por outro motivo.

isto é, um observador silencioso e despercebido pelos observados (BRAGA, 2006; AMARAL, 2010), de forma que não interagi com as pessoas que fazem as postagens com comentários sobre o que elas escreviam.

O imergir em campo é uma antiga prática entre os antropólogos. De acordo com Bronislaw Malinowsky (1976) a imersão é a base de uma abordagem antropológica que proporciona uma observação meticulosa dos comportamentos sociais da vida cotidiana, e que imergido no macrocosmo social de outra cultura, o antropólogo pode chegar a percebê-la, compreendê-la e descrevê-la. A imersão proporcionada pela Antropologia Digital implica perceber que “continuamos humanos dentro do mundo digital, o digital também provê muitas novas oportunidades para a Antropologia nos ajudar a entender o que significa ser humano” (MILLER; HORTS, 2015, p.92).

Para Adriana Braga (2006) qualquer tipo de observação é participante. Dessa maneira, a imersão tendo incluída nela as funções de participar, de observar e de descrever; a torna efetivamente uma experiência de participação no campo pesquisado. A pesquisadora se indaga se o pesquisador *lurker* em meios digitais pode ser considerado efetivamente como um observador participante: “Então, *lurking* é participação? Sim, é participação, mas de um tipo especial (...) por reconhecer que, em termos de presença/ ausência, a informação acerca da presença do/a observador/a no *setting* não está disponível às/aos demais participantes” (BRAGA, 2006, p. 5).

A imersão diminui a distância da recepção e possibilita o aumento crescente do exercício de alteridade para o entendimento do que está acontecendo. O conteúdo de um comentário, de uma postagem ou de um compartilhamento é relevante para compreender a recepção da transexualidade na medida em que esses objetos se articulam com uma estrutura que lhes conferem sentido ou significado social. A seleção destes fez com que utilizasse uma espécie de método de garimpagem de dados tanto dos comentários, postagens como das matérias e grupos que filtrados atendessem os parâmetros e as variáveis que a pesquisa buscava: entender como é a recepção da transexualidade nas mídias digitais.

Ainda, falando sobre a imersão de observação oculta, a antropóloga Piia Varis (2014) afirma que os ambientes digitais, principalmente, com o recente aumento das redes sociais trouxeram novas questões a serem discutidas pela antropologia, isso implica que foram necessárias abordar noções importantes, como de "observação participante" também chamada de engajamento e a "observação à espreita", isto é, a "observação invisível".

Sobre tais questões, a autora vê que a observação é um dos pontos básicos do exercício antropológico, uma vez como já mencionado, é por meio dela que temos o entendimento das práticas e das construções dos significados daquilo que estamos analisando. Segundo a pesquisadora nos estudos das comunicações digitais sempre vai haver o envolvimento da tela e por isso, torna possível que os pesquisadores possam “melhor” se “esconder” e “participar invisivelmente” sem o conhecimento das pessoas cujas atividades estão sendo observadas - estando totalmente imerso no ambiente e nas atividades em questão analisadas; é como se o antropólogo estivesse usando uma capa de invisibilidade. De acordo com Varis (2014) existem alguns pontos ao redor da questão de invisibilidade que merece ser discutido, entre eles, que a invisibilidade garantida pela tela entre o pesquisador e o pesquisado apresenta uma oportunidade única de coleta dados "naturais", pois os informantes não estão cientes de seu *status* de informante e, portanto, não modificar seu comportamento por saber que está sendo observado ou porque está interagindo com o pesquisador têm sido uma efetiva forma de abordagem.

Frente a tais colocações de Varis (2014) merece destacar e descrever por meio da minha imersão nas plataformas de como fui aceito no grupo *Hetero/orgulho*. Como o meu perfil não se enquadraria a descrição do grupo por ter postagens sobre a luta LGBT e feminista como de política esquerdista, além de fornecer informação que sou pesquisador fez com que nem mesmo tentasse adicionar o grupo. No primeiro momento criei um perfil masculino, peguei uma foto de um *fotolog* argentino de um amigo meu, com a sua autorização. Mas, ao adicionar o grupo, fiquei pendente e depois não fui aceito. Em seguida, com a sugestão da minha irmã, criamos um perfil feminino, peguei uma foto de uma amiga desse meu amigo, também os informando. Logo que adicionei o grupo, fui "aceito". Com o perfil feminino me mantive a todo instante sem interação com o grupo, apenas observando a dinâmica dos membros nele. Kozinets (2014) chama isso de camuflagem, mesmo que o autor fale mais especificamente sobre a camuflagem dos pesquisados, ela pode-se estender também para a camuflagem do pesquisador. Dessa maneira, usar pseudônimos, nomes e outras maneiras de identificação para não revelar realmente os nomes dos participantes ou criar um perfil para poder ser aceito num grupo para pesquisar e se inserir nele sem que seus interlocutores, os membros do grupo, percebam ou saibam que se trata de um pesquisador são formas de camuflagem.

Pensar o perfil *fake*⁴⁸ nas redes sociais é problematizar as intenções do uso dele, que pode ser das mais variadas, e nem sempre provida de má intenção como, geralmente, os *fakes* são associados. O *fake* pode ser criado para uma boa intenção, como por exemplo, aqui usado para pesquisar um grupo que, muitas vezes, se utiliza dos próprios perfis *fakes* para brincadeiras de mau gosto até manipulação de opinião pública, propagação de preconceitos e violências como presenciados no grupo *H/O*.

Vale dizer que essa imersão que não interagem com os sujeitos não é uma prática que as mídias digitais trouxeram ou que se mostra uma exclusividade delas, ou ainda, que não exista outra possibilidade com imersão interativa nelas. Já que, a observação na espreita pode ser realizada também de forma off-line como, por exemplo, um antropólogo como observador “invisível” analisando as dinâmicas de consumo numa praça de alimentação. Entretanto, como lembra Varis (2014) esse tipo de observação “invisível” nas mídias digitais diferente da do exemplo citado tem uma tela mediando o pesquisador que pode estar oculto e o pesquisado pode desconhecer que está sendo observado. Com isso, como descreve a autora, existem argumentos que consideram ou não a ocultação do observador sem interação uma observação etnográfica pelo menos num sentido tradicional. Diante de tal dilema, a presente pesquisa preferiu tomar este estudo como antropológico e não de fato uma etnografia, sem que isso pudesse desmerecer uma ou outra abordagem, uma vez que ambas têm como principal preocupação descrever por meio do olhar de observação as dinâmicas culturais.

Da mesma forma que, a imersão nas mídias digitais pode não ter interação, o pesquisador muito pode interagir com o pesquisado como, por exemplo, mediante a comentários, postagens, ou ainda em fórum e até mesmo pelo uso de mensagem em *box* (ou *inbox* que consiste no bate-papo privado). Observo que os trabalhos similares ao que eu me ponho, quando se utilizam de um cunho mais antropológico mostram-se de maior frequência no uso de interação entre o pesquisador e o pesquisado, como por exemplo, os trabalhos supracitados de Alisson Gebrim Krasota (2015) e Késia Maria Maximiano de Melo (2016) ou

⁴⁸ Observa-se que a figura do *fake* persiste na rede web e atravessa o discurso da internet. Geralmente, o *fake* tem guarita no anonimato para o discurso de ódio, mesmo que o anonimato não seja total devido a possibilidade de rastreamento do IP do computador. O IP (que significa Internet Protocol) é o número que todo computador (ou roteador) ao se conectar a internet gera, podem ser identificados e a princípio rastreados e associados ao computador por meio do qual o conteúdo de uma mensagem ou site foi alterado, embora não identifique diretamente o usuário. Ainda sobre os perfis *fakes*, é interessante ressaltar que diferentes tipos de perfis falsos têm sido usado para manipular a opinião pública, entre eles, por exemplo, o *bot* (abreviação de *robot*) o chamado robô que seria softwares com tarefas on-line automatizadas e o *ciborgue* que são perfis controlados diretamente por humanos com a ajuda de automação, ambos podem atuar tanto maliciosamente (difusão de notícias falsas) como beneficemente (atendimento ao consumidor).

ainda da pesquisadora Juliana Jardim (2018) que estuda a performatização de gênero de lutadoras de *Mixed Martial Arts* - MMA, os três se mostram como pesquisas antropológicas nas mídias digitais, porém com interatividade com os/as observados/as. Se a maioria dos trabalhos antropológicos nas mídias digitais se mostra mais frequentemente com interações como os estudos citados, os da área da comunicação já partem mais de uma abordagem sem interação, porém, geralmente, se restringe mais pela análise de conteúdo midiático e muitas vezes, pecam em não descrever ou detalhar o processo de exercício de observação que é tão primordial para a antropologia.

Diante disso, é importante dizer que mais do que problematizar se a “ocultação” num tipo de “imersão não interativa” com os sujeitos pesquisados pode ser chamada de etnografia, é perceber que esse tipo de abordagem se mostra uma novidade interessante e que deve ser explorada como uma forma de pesquisa eficiente e bem adaptada para entender o fenômeno cultural da internet, principalmente, num cenário de ascensão e força em que as mídias sociais cada vez mais têm tomado nas vidas das pessoas.

Uma abordagem sem interação com os sujeitos pesquisados me possibilitou alguns questionamentos quando estive imerso como *lucker*: Será que como pesquisador estou realmente invisível? Ou o meu perfil estando ali no grupo e assim poderia ser descoberto?⁴⁹ Se o antropólogo na praça de alimentação pode se camuflar como consumidor poderia o mesmo se camuflar como membro de um grupo na rede social? Existem limites de estar camuflado off-line ou estar camuflado on-line? Lembrando que o on-line é complemento do off-line e vice-versa. A imersão oculta é mais vantajosa que a imersão interativa? Jaume Soriano (2007) diz que ambas têm suas vantagens e desvantagens.

A forma como me inseri foi por imersão oculta, como retratado, com a necessidade de criar um perfil inventado (camuflado) que me viabilizou estar ali escondido e me preservar como pesquisador garantindo dessa maneira a minha atuação como observador. Sobre esses pontos da ocultação, Soriano (2007) diz que existem contextos nos quais não são necessários explicar a situação de pesquisador, pois se tratam de lugares públicos e de livre acesso como é o caso de pesquisas como esta que nas mídias digitais analisam grupos, páginas, perfis que compõem o *Facebook* e que apesar de haver em determinados links dentro da Rede Social com restrições para membros, seguidores ou adicionados, muitas são públicas e todas de livre

⁴⁹ Depois de algumas horas que fui adicionado com o perfil feminino no grupo, um dos administradores do *Hetero/orgulho* faz uma postagem exigindo atenção e cuidado dos membros com os perfis *fakes* (perfis falsos) ou perfis de pessoas que estavam somente ali para denunciar ou tentar derrubar o grupo.

ou pelo menos de possibilidade de acesso. Assim, a questão ética é um dos aspectos mais importantes no navegar on-line (KOZINETS, 2014), primando por essa perspectiva mesmo me camuflando não usei desse instrumento para denunciar, desqualificar ou vaziar dados do grupo. Tais informações obtidas foram realizadas de maneira cientificamente correta, por isso a ética se torna preciosa para o exercício do antropólogo no on-line.

Além disso, uma questão importante na imersão “não interativa” ou/e “oculta” é o papel que a abordagem proporciona de mais neutralidade em relação aos pesquisados segundo Soriano (2007), uma vez que a presença do pesquisador pode provocar, no caso de grupos em Rede Social, pelo menos em um primeiro momento, mudanças no teor das postagens e assim como poderia gerar constrangimentos entre os membros. Nota-se que existe o risco do comportamento da pessoa mudar por causa da interação e isso muitas vezes coloca-se em cheque a eficiência da observação que também pode comprometer a análise dos dados levantados; tais fatores foram fundamentais por primar pela neutralidade e me manter oculto nos grupos que pesquisei.

Se por um lado, a abordagem “não interativa” tem seus benefícios, do outro lado a abordagem interativa também tem os seus benefícios como enfatiza Soriano (2007). Entre eles de poder realizar entrevistas que, segundo Winkin (1998), poderão oferecer momentos de interação mais direta entre o pesquisador com o pesquisado. Além de servir como uma tentativa de reconstituir a percepção do lugar por meio das interpretações de diferentes usuários na validade de entender os espaços e seus significados sociais, que se constroem nessas interações; e ainda de conseguir por meio do contato com os observados, possíveis caminhos que somente são capazes de serem acessados devido a essa troca e solidariedade entre pesquisador e pesquisado.

É preciso ainda chamar atenção que mesmo não se identificando como pesquisador, as interações do estudioso com os informantes como no simples fato de perguntar ou escrever um comentário pode interferir na espontaneidade da dinâmica do grupo. Estabelecer um diálogo na tentativa de aprofundar uma opinião dada numa postagem pode também trazer desconfiança por parte dos membros, além de tentar induzir para uma reflexão ou até mesmo uma mudança de posicionamento. Todavia, todas essas questões sobre a “interação” deve ser pensada, além de um problema da neutralidade que ela pode proporcionar ou ainda como Kozinets (2014) ressalta que interagir é uma melhor forma de conferir as informações, que seria por exemplo, a checagem dos dados com os próprios membros de um grupo e assim

fornecer um refinamento dos sentidos sociais colhidos tornando a pesquisa mais legítima e com uma maior credibilidade.

A interatividade pode ser também olhada sobre outro prisma, o da imersão oculta, isso quer dizer que mesmo o pesquisador “não interagindo” com os observados, o estudioso pode conseguir captar a interação deles e edificar os sentidos sociais captados. Portanto, mesmo não havendo uma interação em si, o pesquisador pode conseguir levantar até mesmo de forma minuciosa o que os pesquisados pensam, principalmente, nos meios digitais, pois, como já falado, são meios de comunicação que permitem os seus usuários tomarem o protagonismo dentro do processo de comunicação. Assim, as vozes desses observados vão estar presentes nos comentários, postagens, curtidas, entre outras formas produtoras de sentidos sobre algo que estará sendo ali recebido. Entretanto, o fato do pesquisador não interagir com o sujeito para saber, por exemplo, como a transexualidade é recebida por meio de uma entrevista, o estudioso poderá se utilizar de outros recursos como aqui já evidenciados pelo pesquisador neste estudo antropológico. Como Soriano (2007) afirma as vantagens de um papel mais neutro em relação ao pesquisado cria a possibilidade de empregar outros recursos durante a pesquisa de campo. Como no caso desta pesquisa, para captar a recepção da transexualidade fiz a utilização de alguns artefatos como o uso de *print*, uma atenção mais refinada para as mensurações e uma observação mais detalhada.

Mediado por uma tela digital, o antropólogo imersamente oculto, pode ver os comentários serem escritos e postados em “tempo real”, ou mesmo postagens sendo curtidas e sendo respondidas, ou ainda presenciar gradualmente o número de compartilhamentos crescendo e a caixa de comentários aumentando e se não *printados* (copiados) naquele momento que ocorrem, posteriormente, poderão ser conferidos, pois estarão, mesmo que muitas vezes temporariamente, registrados.

1.5 A escolha pelo estudo de recepção

Para compreender a receptividade da transexualidade tanto no portal *Globo.com* como nos dois grupos do *Facebook* optou-se pelos estudos de recepção. Como pretendo abordar e descrever neste tópico destaca-se aqui quatro pontos da importância do estudo de recepção como escolha para sua aplicação em uma pesquisa que envolve as mídias digitais:

1) - A recepção está relacionada com os meios de comunicação, e assim um estudo de como determinada pessoa recebi sobre uma informação vinda de um meio de

comunicabilidade;

2) - A recepção possui dos mais variados aspectos quali-quantitativos, pois ela pode ser tanto mensurada como não traduzida em números. Tem haver com dados quantitativos como também qualitativos. Por exemplo, o número de membros dos grupos são um dado quantitativo, porém significam algo, dizem e reforçam discursos sociais sobre a visibilidade trans. Levantar que o grupo *Transgente* possui aproximadamente 4.000 membros e que o grupo *Hetero/orgulho* tem 40.000, não é mera audiência, porque envolve também a intensidade que essa audiência tem sido recebida;

3) - A recepção gera sentidos, pode muitas vezes, trazer algo que pode ser lido como positivo ou como negativo sobre os mais diversos assuntos. No caso da transexualidade envolve uma recepção que vai além dos aspectos valorativos de julgamento moral sobre o tema, pois envolve sentidos legitimadores e deslegitimadores que estão presentes nos discursos em relação aos direitos das pessoas transexuais;

4) - A recepção vem sendo usada cada vez mais para entender os meios de comunicações digitais, visto que o usuário desse meio digital não se mostra apenas como receptor que passivamente recebe os impactos das informações; assim as mídias digitais permitiram ao público a possibilidade de se converter como protagonista dentro do processo comunicacional. Além de que, os estudos de recepção vêm sendo, paulatinamente, adotado pelas pesquisas acadêmicas de gênero e sexualidade.

A recepção ou receptividade, que se refere ao ato ou efeito de receber, é tanto uma categoria de análise como uma antiga preocupação nos estudos antropológicos e de comunicação. Estudar a recepção tem sido ao longo de algumas décadas um importante aporte nas perspectivas de compreender os conteúdos midiáticos propiciando diferentes discussões sociais como as que envolvem as relações de gênero. Para Adriana Braga e Édison Gastaldo (2009), a Escola de Chicago, grupo de pesquisadores que surgiu na década de 20, do século passado, nos Estados Unidos tem fornecido um importante “legado teórico e metodológico das ciências sociais” para o campo dos estudos de recepção e consumo midiáticos contemporâneos.⁵⁰

⁵⁰ A partir de uma investigação de estudos sobre o consumo midiático e a recepção, os pesquisadores Tainan Pauli Tomazetti e Paulo Coruja (2017, p.117) apontam que há diferença entre eles, “no primeiro caso, o do consumo midiático enfatiza-se seu entendimento como estudos da ordem da relação mais ampla com os meios de comunicação, sua presença no cotidiano pautando tempos, espaços, relações, percepções etc. No caso dos estudos de recepção, trata-se de detalhar aspectos do fenômeno midiático na dimensão de seus conteúdos,

Nota-se que tem se percebido nesta última década, um avanço teórico empírico na tematização da recepção no meio acadêmico brasileiro. Entretanto, segundo Ana Carolina Escosteguy (2002), os estudos de recepção no Brasil, se comparado aos britânicos ou norte-americanos, se mostram ainda pouco expressivos. O que não impede que, da perspectiva latina americana ou brasileira, ter ganhado destaque nos estudos de recepção, tal como a vertente inglesa ou norte-americana.

Tomo a recepção a partir dos pressupostos dos estudos culturais latino-americanos que partem dos aportes de Martín-Barbero (1987), quem propõe a reformulação do estatuto do receptor. A recepção, mais do que a forma de como uma informação foi recebida, apreendida e compreendida, é principalmente produtora de sentidos. Pensar as mídias digitais a partir da recepção permite perceber como elas atuam num cotidiano de um amplo quadro de relações sociais e culturais, no qual o sujeito social em destaque não é um emissor todo-poderoso e nem um receptor passivo, segundo a pesquisadora Roseli Paulino (2000).

Os estudos de recepção permitem desconstruir a visão de comunicação como transmissão linear de informação para uma análise do processo de interação social. (PAULINO, 2000). Possibilita compreender que o redimensionamento dos meios de comunicação se mostra agora “cheio de cruzamentos, sobreposições e articulações (...) a pensar a recepção como um processo contínuo de produção/ reprodução, criação/ recriação de sentidos” (BARROS, 2011, p.20). Proporciona também olhar as mídias digitais tal como propõe Larissa Pelúcio (2015): como espaço de textualizações de subjetividades que vem transformando as relações pessoais e sociais no mundo contemporâneo. De certo, antes era o que a mídia (convencional) fazia com a gente. Hoje é o que a gente faz com a mídia (digital). Em outras palavras, a mídia digital diferente da mídia analógica traz mais intrinsecamente a interação do receptor com o emissor e tem inegavelmente a internet como o seu ápice a partir da WEB 2.0 que temos essa possibilidade da produção de conteúdo⁵¹, e, mais tarde, os celulares *smartphones* que por terem acesso a rede web um dispositivo de interatividade que pode ser acionado em tempo integral e independente do lugar, o que não se torna um exagero dizer que é uma extensão quase corporal.

fechando o foco de observação, o que não significa dispensar uma análise do consumo midiático para adentrar nas práticas dos receptores.”

⁵¹ Os estudos de André Lemos (2002) e de Jose Van Djick (2013), por exemplo, mostram como a web 2.0 proporcionou uma interatividade muito maior para que a construção de conteúdo, troca e propagação de informações demandassem cada vez mais o ritmo da contemporaneidade; diferente da web 1.0 que se caracterizava de forma menos interativa e mais estática.

Alguns trabalhos mostram sobre e como as relações de gênero têm sido incorporadas nos estudos de recepção no Brasil. Entre eles as contribuições de Tomazetti e Coruja (2017). Os autores revelam que as pesquisas de recepção ainda são poucas significativas enquanto produções acadêmicas sobre gênero, sobretudo, em relação à masculinidade e à homossexualidade. Das poucas produções sobre recepção de gênero há uma maior predominância sobre a mulher e o feminismo como confirma também o levantamento feito por Ana Carolina Escosteguy (2002).

Em um primeiro momento, se observa que há uma carência de discussão sobre transexualidade com as mídias digitais, os debates se concentram nos espaços disciplinares, arquitetônicos: tribunais e hospitais. Outra observação e, talvez, a mais relevante que obtive foi que não há produções substantivas sobre a receptividade da transexualidade na internet ou mídias digitais no formato de um estudo acadêmico, como a partir dos estudos de recepção, o que vem confirmar a fala dos autores e seus estudos citados.

Falar sobre os estudos de recepção é também falar sobre os estudos de audiência. Escosteguy (2002) observa que os estudos de recepção brasileiros como os latino-americanos detêm na pesquisa empírica e qualitativa da audiência em especial, sobre a televisão. Segundo Lirian Sifuentes (2014) a discussão sobre o conceito de audiência traz diferentes concepções, principalmente, de um lado, a audiência como algo mais abstrato e mais qualitativo a partir da relação entre os meios e seus públicos em que o coletivo de indivíduos que a forma não são de receptores passivos ou de uma massa homogênea de indivíduos; e do outro lado, a audiência como um entendimento empírico por meio de um conjunto de seres concretos como sinônimo de público ou “um agrupamento à distância” com, ao menos, um mínimo grau de participação em comum. A partir dessas duas denominações Lirian Sifuentes (2014) vê que a audiência, então, pode ser compreendida como “um coletivo de leitores, ouvintes, telespectadores, no exercício de suas práticas de recepção, analisados a partir de diferentes abordagens teóricas e variadas estratégias metodológicas” (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 111).

Em relação ao termo audiência, Carla Pollake da Silva (2006), como Nilda Jacks e Ana Carolina Escosteguy (2005), ressalta que principalmente no Brasil, muitas pessoas ainda associam que ao falar em audiência está se falando exclusivamente de índice de audiência ou ainda índice de ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística). Apesar dessa denominação incompleta, as autoras revelam que os estudos de audiência na academia vão

além da simples mensuração dos índices, visto que a pesquisa de audiência tem sido cada vez mais usada para tratar das investigações que privilegiam a esfera da recepção.

A definição de uma audiência que age de maneira uniforme frente aos meios poderosos foi sendo problematizada pelos estudos da corrente culturalista. Perceber a audiência como heterogênea, de sintaxe multisssemântica pode gerar certa insegurança nos dados estatísticos, por isso, é necessário perceber a audiência além de uma possível medição, uma vez que ela está relacionada de como ela é recebida e de que tipo de recepção ela possui.

Antes dos estudos culturais da recepção tomar o receptor como ativo e não mais passivo, inicialmente, os estudos sobre os efeitos da mídia eram fundamentados na ideia de audiência concebida como “massa”, ou seja, qualquer pessoa que em qualquer circunstância consome e sofre as consequências dos meios de comunicação de forma uniforme, enfim, um coletivo de indivíduos; leitores, ouvintes ou telespectadores, que formava uma entidade instável.

Segundo Manuel Castells (1999, p.422) novas investigações sobre a audiência traz a ideia de um receptor multisssemântico, cujo sentido de uma informação é “extremamente imprevisível e imprecisa.” É a passagem de uma audiência homogênea para uma audiência heterogênea proporcionada por um conhecimento variado advindo dos campos da sociologia, psicologia, filosofia, antropologia. Para Mauro Porto (2003, p.18) é possível no estudo da sua recepção pelas audiências, a produção de sentidos por elas:

Se o pesquisador está interessado em investigar como os membros da audiência interpretam as mensagens da mídia e constroem representações, como é geralmente o caso na pesquisa de recepção, métodos qualitativos permitem a elaboração de um relato detalhado do complexo mundo simbólico das audiências. Por outro lado, se o pesquisador está interessado em identificar os padrões gerais do comportamento e as atividades da audiência, como é geralmente o caso no estudo dos efeitos, métodos quantitativos oferecem instrumentos valiosos para elaborar relatos mais sistemáticos e precisos.

Entender a relação da recepção com a audiência, e quanto a segunda ficou ao longo do tempo sendo tomada restritamente de forma mais mensurável, possibilita pensar o quanto a recepção assim como a audiência pode ser quantificada e também pensada de forma qualitativa. A recepção nas mídias digitais pode ser mensurada, pois,

O alcance das mensagens publicadas no *Facebook* pode ser medido da mesma maneira que no *Twitter*, por meio de uma comparação entre o número de curtidas ou de pessoas que recebem as postagens dos internautas e os pontos de audiência do IBOPE do JN na televisão (BECKER, 2014, p.9).

Levantar a frequência das matérias que aparecem e tratam sobre a transexualidade no Portal *Globo.com*, o número respectivo de comentários delas, da mesma forma a quantidade de postagens e curtidas sobre elas nos grupos do *Facebook* é uma mensuração da recepção. Assim como os tipos mais frequentes de comentários somente foram categorizados porque foram os quantificados na caixa de comentários.

Nesta pesquisa a recepção sobre a transexualidade tem um enfoque integrador da recepção quantitativa com a qualitativa. Os aspectos quantitativos me ajudaram a perceber a recepção da transexualidade seja pelos números de comentários numa dada matéria no Portal *Globo.com* seja pelos números de curtidas numa postagem nos grupos do *Facebook*. É uma forma de saber como ela foi repercutida ou ainda, se chamou a atenção dos leitores. Entretanto, os aspectos quantitativos da recepção não desvelam a forma qualitativa da recepção como, por exemplo, uma novela com x pontos de audiência, uma postagem com y comentários ou site com número z de acesso não diz se as pessoas estão recebendo bem ou mal, gostando ou não gostando da novela, da postagem ou do site. O número não traz especificamente a recepção, ou melhor, uma recepção mais integral. Uma pessoa pode entrar num grupo do *Facebook* apenas para observar ou acompanhar e não ter participação nele. Apenas o número de membros de grupo não vai ser suficiente em dizer que todos nesse grupo sejam conservadores, por exemplo. Seguir uma página, também não quer dizer que a pessoa que curtiu irá participar ou comentar nela. Da mesma forma como assistir ao um programa na televisão ou acessar um portal de internet signifique que a pessoa mesmo assistindo ou acessando tenha interesse e que os vejam de forma positiva. Mas, ao trabalhar com inferências, no caso de uma novela ou de número de curtidas de uma página, por exemplo, o índice de audiência ou de curtidas significa muito sobre sua aceitação.

Os pontos de audiência numa novela ou o número de curtidas numa postagem ou ainda a quantidade de comentadores numa caixa de comentários diz muito por si mesmos, mas não tudo. Escapam-lhes, frequentemente, que o receptor é o sujeito principal de um processo de comunicação, e que não é o tamanho da audiência, mas sim as respostas que os indivíduos dão aos conteúdos das informações recebidas a centralidade de entender a recepção (RUÓTOLO, 1998), de modo que a cultura formada por um conjunto de crenças e normas irão nortear os sujeitos sociais (MCLUHAN, 2001).

1.5.1 A recepção como forma discursiva

Falar de recepção mesmo embora ela não se reduza a isso, é falar de opinião, e dificilmente outro meio de comunicação conhecido pelo ser humano até então, a opinião tornou-se tão facilmente disseminável para o restante da sociedade como as mídias digitais. Talvez, nunca ter uma opinião representou tanto, desse modo, restringir o estudo de imersão em uma mídia digital apenas aos aspectos quantitativos puros significa não conseguir captar de forma mais apurada o quanto que a recepção é discursiva, com isso, produtora de sentidos.

Como abordado anteriormente, a internet conseguiu promover um canal excepcional de recepção e, por conseguinte, de produção e circulação de sentidos. A rede web, de certa forma, conseguiu organizar e ofertar ferramentas para promover uma melhor atuação de protagonismo do seu usuário. Dessa maneira, neste tópico pretendo tratar a recepção de forma mais ampliada, de percebê-la além de um momento ou uma etapa do processo comunicativo como destacam os pesquisadores Jesús Martín-Barbero (1987) e Guillermo Orozco (2003), o que quer dizer, que a forma de receber uma informação ou matéria sobre a transexualidade é uma forma discursiva.

Em complemento a esse olhar, sem perder a ideia de ação comunicativa, Ana Carolina Escosteguy (2008, p.10) vê “a recepção como um lugar onde os sentidos em circulação adquirem valor social e efetividade política.” Enfim, a recepção faz parte da comunicação e pode ser entendida como uma atividade social, e sendo como uma prática social produtora de discursos. Para tal, proponho pensar o conceito de recepção a partir do legado de Michel Foucault com a finalidade de complementar à análise dos dados levantados em que a pesquisa toma como perspectiva teórica.

Isto posto, e como foi abordado e como será debatido mais adiante, a recepção da transexualidade é uma forma de discurso. Dessa maneira, inspirar-se nos estudos de recepção é essencialmente necessário para perceber como as mídias digitais impactam na opinião pública e fazem as pessoas “falarem”, isso quer dizer, digitarem comentários, fazerem postagens, seguirem uma página ou ainda criarem um grupo a respeito sobre um tema recebido. Os sentidos são construídos no processo de recepção, aonde a opinião se torna uma prática social nas mídias digitais que gera e recebe discursos.

De acordo com Escosteguy (2008, p.11) uma concepção de sujeito que está autorregulado e que também se mostra provido de distintos processos de controle social, mas fundamentalmente, parte de um entrelaçamento “amplo e complexo que diz respeito aos

atores sociais e a configuração de modos de ser.” Para Foucault (2006), seria o discurso elemento definidor de sujeito, moldando e posicionando quem o comentarista é, o que o comentarista é capaz de fazer e do que o comentarista se apropria para se constituir enquanto discurso, assim possibilitando ver os discursos que o constituem.

Portanto, é na forma de como o assunto “transexualidade” será recebido que vai haver a produção dos tipos de discursos sobre o tema. Por exemplo, uma reportagem sobre a transexualidade no *Globo.com* (emissor) que é transmitida para o leitor (receptor), na qual, em tom informativo, consta que a cirurgia de transgenitalização é um direito das/dos transexuais, quais são as “mediações” (Martin-Bárbero, 1987) que preenchem essa teia discursiva? Essa matéria será recebida e entendida de diferentes formas, se apropriando de diferentes enunciados, mas principalmente, como iremos analisar de duas maneiras, uma legitimando e outra deslegitimando o direito da cirurgia de transgenitalização pela/o transexual. Para isso ocorrer, vai haver produções de discursos que trarão enunciados que vão legitimar e deslegitimar a transexualidade e assim o direito das pessoas transexuais; sem esquecer que junto aos comentadores estão aquelas pessoas que não postam e se mantêm em silêncio. Recebem tal notícia, mas não comentam sobre matéria ou reportagem, não colocando assim em circulação a sua opinião ou forma de como recebeu tal informação pelo menos na rede, mas é provável que o façam em diálogos com conhecidos ou que se valham desses conteúdos para respaldar suas opiniões em outros contextos, seja on ou off-line.

Afinal das contas, a ideia foucaultiana do discurso versa que “o discurso é uma representação culturalmente construída pela realidade, não uma cópia” (FOUCAULT, 1995, p.52). Desse modo, as curtidas, compartilhamentos, comentários, postagens, matérias, membros, acessos são formas tanto de mensuração como de universos simbólicos de recepção em que as repercussões públicas resultantes de uma determinada temática vão expressar discursos.

Como tenho relatado a imersão on-line traz algumas interessantes percepções antropológicas. Uma delas é a forma particular que os usuários em ambientes digitais vão expressar as suas emoções, muitas delas em forma textual ou por *emotions* (que são sinais gráficos que representam emoções que podem ser por *smiley* que são caracteres tipográficos ou que podem ser por *emoji* que são imagens de sinais e desenhos). Essas expressões não devem ser vistas, ou somente explicadas, pela falta da interação face a face, como ocorre no off-line. São maneira, justamente, de oferecer mais signos comunicativos às interações, a fim

de evitar possíveis mal-entendidos, uma vez que as “pistas sociais” podem ser mais difíceis de serem lidas nas interações mediadas.

Para Nancy Baym (2010) essas formas de linguagens realizadas no on-line são tão formas de linguagens como as utilizadas linguagens face-face, porém são particularidades das mídias digitais. Sendo diferentes expressões de linguagens não são menos “autênticas” ou mais “autênticas” na forma de representar as subjetividades dos usuários digitais de seus sentimento e emoções, podendo inclusive fazerem o uso de compartilhamentos que envolvam músicas, textos, imagens e vídeos, além dos característicos e criativos *emoticons*. Todo esse conjunto de linguagem específica do digital como, por exemplo, dar um “amei” em uma postagem ou uma “curtida” em um comentário ou ainda ter um número alto de “descurtidas” noutro são discursos e conseqüentemente, produções de sentidos sociais e políticos.

Somado a todos esses aspectos, segundo Guillermo Orozco-Gomes (2003) estudioso das recepções de meios audiovisuais, o sujeito produtor de sentidos sejam eles nos comentários ou nas postagens possuem elementos de mediação que são advindos de suas trajetórias, experiências e vivências (MARTÍN-BARBERO, 1987). Para mais, tomo a recepção sendo um espaço de luta e combate, de poder e resistência, de permanências e mudanças sociais, enfim, os sentidos que compõe a trama social.

Frente a essas caracterizações e pensando à luz de Michel Foucault (2006) pode-se afirmar que a receptividade, ao mesmo tempo, é geradora de discursos, mas também uma forma de discurso. A recepção de uma matéria em um portal ou de uma postagem em rede social é um ato dinâmico e se relaciona com a produção de nossas identidades, das diferenças que nos incluem e excluem, com a humanidade e a desumanidade em relação ao outro.

* * *

Como buscamos demonstrar neste capítulo, os estudo da recepção nos fornece uma forma de mensurar quantitativamente como de avaliar qualitativamente os atributos referentes à assimilação de uma mensagem midiática por uma dada pessoa a qual essa mensagem é digerida (receptor) vinda de um ser que a emite (emissor) com os objetivos diversos, como por exemplo, de saber sobre o alcance e a penetração de um determinado tema, ou ainda, como essa pesquisa se propõe para entender de que maneira a transexualidade é vista, enfim, recebida. Vimos que a recepção é mais que uma fase do processo de comunicação, consiste essencialmente uma maneira de medir e de interpretar os sentidos sociais, aspectos que a faz

se constituir como uma forma discursiva.

O advento da web 2.0 e depois das redes sociais on-line impulsionou de maneira intensa para que o seu usuário tomasse para si o personagem principal, hoje parte fundamental do processo de comunicação. Dessa maneira, os estudos de recepção têm se adequado e se mostrado efetivos em estudar as situações particulares e específicas das mídias digitais; e as relações de gênero com a tecnicidade digital têm chamado atenção no campo de produção científica.

Por meio do processo de imersão profunda sem interação direta com os observados, uma espécie de voyeurismo digital, foi possível perceber que o número de curtidas, comentários, acessos, compartilhamentos, membros e seguidores é uma forma de mensuração da recepção da mesma maneira como uma forma de discurso sobre a repercussão de uma opinião pública sobre uma determinada temática. Curtir, compartilhar, adicionar, excluir, bloquear e comentar são vocabulários do meio digital revelando a forma de recepção no meio digital. Nos próximos capítulos, veremos que junto a esses vocabulários das mídias digitais on-line ganharam uma maior visibilidade “novas” palavras da gramática de gênero como transgênero, misoginia, transfobia, homofobia e pessoa não binária como serão abordadas no quarto e último capítulo da tese.

A transexualidade de minha irmã se mostrou, principalmente, na fase da descoberta até o final de sua adolescência um *caminho* muito solitário e desconectado com outras pessoas transexuais. A falta de uma rede social e fundamentalmente de um grupo como *Transgente* fazia com que ela se sentisse sozinha e sem conexão. Uma vez que, coincidentemente, se a transexualidade parecia ainda sendo como um fenômeno a ser descoberto por ela, a internet por sua vez engatinhava, era ainda restrita a poucas pessoas, não tinha se popularizado.⁵²

Somos de uma geração que presenciou a mudança que vai do nascer da internet até a sua quase fusão com o nosso corpo pelas mídias digitais. Ter um grupo que ela pudesse compartilhar, desabafar, tirar suas dúvidas, ou ainda que a não fizesse se sentir a única pessoa que estava passando pela transexualidade poderia ter sido menos dolorosa e menos preconceituosa a sua experiência. Diferentemente do momento *smarthphone* na qual o

⁵² Segundo a última atualização em 2016 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD – IBGE cerca de 70% dos domicílios têm acesso à Internet e 116 milhões de pessoas estão conectadas à internet, o equivalente a 64,7% da população.

preconceito contra a transexualidade se manifesta por uma condenação moral encabeçada inclusive por muitos líderes políticos, na década da internet embrionária, as pessoas rejeitavam a ideia de transexualidade principalmente pela falta de visibilidade e informação, de maneira que muitas não chegavam nem a tomar conhecimento do drama vivido por pessoas trans e de, pela visibilidade do tema, formular julgamentos morais.

A busca de informação era um processo mais difícil, tornava-se até mesmo um obstáculo, pois dependia do que pudesse descobrir em livros, jornais e revistas. Entre os anos de 1995 e 1997 não havia buscadores como o *Google* que surge em 1998 e acaba sendo ofertado publicamente em 2004. A pessoa era mais passiva a informação. Não se podia procurar a qualquer momento, com rapidez e disponibilidade de um simples toque na tela do celular. Tal cenário deixava minha irmã, por exemplo, mais solitária. Tais angústias, dúvidas e buscas por pessoas como ela paulatinamente foram sendo supridas, a internet foi rapidamente avançando e se tornando cada vez mais colada no nosso cotidiano via portais, e-mail, sala de bate papo, *msn messenger* (um programa que permite conversas instantâneas), *blog*, *fotolog*, redes sociais entre outras formas que a minha irmã pudesse assim construir a sua rede de pessoas trans.

Na época do *Orkut*⁵³, minha irmã teve contato com Amanda Guimarães, autora da biografia que aqui será citada, com quem teve uma conversa via *scrap* (caixa de recados). Naquela oportunidade a escritora disse que escolheria o nome de Amanda em homenagem à minha irmã. Ver depois o seu nome no livro *Meu nome é Amanda #trans#mandycandy#youtube* por outra garota trans era se sentir mais conectada do que jamais em outrora se sentiu e pudesse ser.

⁵³ Rede social filiada ao *Google* e criada pelo engenheiro turco Orkut Büyükkökten em 2004, que se popularizou no Brasil e que diferente do que aconteceu em muitos países desbancou o *Facebook* até meados dos anos 2010.

CAPÍTULO II- A TRAJETÓRIA DAS FREQUÊNCIAS E AS TEMÁTICAS DAS MATÉRIAS SOBRE TRANSEXUALIDADE NO PORTAL *GLOBO.COM*

Como já mencionado na introdução o Portal *Globo.com* será o nosso campo de análise, dessa maneira a frequência e o teor das postagens advindas dos grupos *Transgente* e *Hetero/orgulho* servirão para entender como a recepção sobre a transexualidade vai ganhando outras formas de recepções, principalmente com o advento das redes sociais. Da mesma maneira utilizarei de informações de biografias de pessoas transexuais que tiveram visibilidade midiática a fim de contextualizar de como a transexualidade foi sendo percebida e recebida pela mídia em diferentes momentos como, por exemplo, anteriormente ao surgimento da internet, ou ainda dos portais de notícias e redes sociais.

Portanto, neste segundo capítulo será exposto *a trajetória* da transexualidade no Portal e como o debate sobre gênero e sexualidade na sociedade vai revelando uma mudança de frequência e teor nas matérias que compõem o mosaico digital *Globo*. Tal percurso histórico da transexualidade no *Globo.com* advém inicialmente de como o assunto era tratado anteriormente e depois ampliado com o advento do *Facebook*. Tais receptividades da transexualidade tanto no Portal como na Rede Social vão revelando a misoginia que se torna cada vez mais frequente, intensa e mais explícita que também foi fomentada pela visibilidade das pessoas trans como será elencada nos cinco pontos externos (off-line) neste capítulo.

É importante destacar que a análise sobre a recepção da transexualidade na pesquisa consistiu em duas etapas: a recepção pela mídia digital do Portal *Globo.com* e a recepção pelos/as leitores/as e usuários/os que comentam, esta será discutida no próximo capítulo.

2.1 O percurso da transexualidade no Portal *Globo.com*

O primeiro momento de minha imersão ao campo foi o levantamento de como a transexualidade era tratada em relação sua frequência e seu enfoque no Portal *Globo.com*. Observa-se que as matérias sobre transexualidade anteriores ao ano de 2006 eram esporádicas, quando não raras. Como já relatado o Portal *Globo.com* surge nos meados do ano 2000 e os portais de notícias no fim dos anos noventa e início dos anos 2000 eram quase que sinônimos de internet, neles além das matérias jornalísticas existiam as salas de bate-papo e o acesso a caixa de e-mail. Não havia um volume de notícias considerável tocante à transexualidade nesses portais como o do *Globo.com*. Ao buscar matérias desse período (antes de 2006) me

deparo com três notícias, uma delas “Nasce uma mulher” (GLOBO, 2002 a, s.p). Nela observa-se o quanto a transexualidade ainda era vista como algo misterioso, trazendo narrativas de pessoas trans para despertar curiosidade nos leitores uma vez que não havia muita informação sobre o assunto na rede. A citada reportagem digital da revista época (GLOBO, 2002 a) traz um mix de momentos de esclarecimentos e de informações generalistas e estereotipadas sobre o assunto, mas principalmente de um tom sensacionalista “os mistérios não param por aí.” As outras duas reportagens que encontrei do início dos anos dois mil são de outros portais que falam da novela *As filhas da Mãe*, da mesma emissora do Portal que analiso. Tanto a notícia “Transexual opõe *Globo* e governo” (FOLHA UOL, 2001, s.p) como ““*Globo*” mostra beijo transexual em novela” (ESTADÃO, 2001, s.p), possuem um cunho pejorativo e até mesmo preconceituoso ao falar sobre a identidade de gênero. Na primeira reportagem a transexualidade tratada na novela é vista como “personagem misterioso” criado para Cláudia Raia ocasiona veto do governo à nova novela das sete por causar “desvirtuamento dos valores éticos” (FOLHA UOL, 2001, s.p). É somente em 2006, com a criação dos sites de notícias brasileiro *GI* e outro sobre o universo de celebridades, *Ego*, que começa a haver um aumento de volume de matérias sobre as pessoas transexuais no Portal *Globo.com*.⁵⁴ Nas reportagens dos anos 2006, 2007, 2008 o foco em tratar sobre a temática não muda. Observa-se que nesse momento ainda as notícias se davam de uma forma mais sensacionalista e de despertar curiosidade do público sobre algo que era considerado “fora da normalidade” ou de um mundo distante e estranho das pessoas não trans. Matérias como “o homem grávido” (trata-se de transexual masculino) fazia parte do leque de reportagens sobre a transexualidade neste período. Tal notícia “Transexual que deu à luz revela primeiras imagens da filha” (GLOBO, 2008 d, s.p).

Prescindindo de biografias de pessoas trans, observa-se que Roberta Close foi capa da *Playboy* em 1984; Rogéria fez novelas como *Tieta*, em 1989, e filmes como *Copacabana* em 2001. As pessoas trans já tinham entrado em cena nas mídias. Entretanto, Roberta Close era vista como homem, como travesti, no máximo, não como transexual. Mesmo depois de sua

⁵⁴ Roberta Close foi, por pelo menos duas décadas (oitenta e noventa) como sinônimo de transexualidade no Brasil e até mesmo o início dos anos dois mil como a única representante da transexualidade pelas mídias no Brasil. Diferente de Rogéria, que era declaradamente travesti e não se sentia incomodada de falar sobre seu lado masculino, Roberta se posicionava como mulher e não gostava de ser lembrada de ter nascida em um corpo biológico de homem.

cirurgia as matérias não consideravam seriamente o termo.⁵⁵ Isso é elucidado pela autora Berenice Bento em seu livro *O que é transexualidade?*. Segundo a autora em 1984, uma revista exibiu a manchete: “A mulher mais bonita do Brasil é um homem”. A Roberta Close trouxe pela primeira vez para a cena nacional o olhar incrédulo de pessoas que examinavam e buscavam naquele corpo exuberante sinais de masculinidade (BENTO, 2008, p.11-12). Ao ser tratada dessa forma a transexualidade ainda se mostrava desconhecida e estranha para uma grande parcela de pessoas no Brasil. A mídia tentava despertar pela curiosidade a atenção para se falar sobre a transexualidade. Tal curiosidade se deve segundo Leite (2008, p.198) que:

Apesar do Brasil não ter desenvolvido os *freak shows* ou espetáculos de aberrações humanas como uma forma específica e grandiosa de negócio, como ocorreu na sociedade norte-americana, nestes shows, uma das figuras que mais atrai o público é o “hermafrodita”, “andrógino” ou qualquer pessoa que represente alguma forma de mistura ou cruzamento entre os sexos/ gêneros.

Tais fatos relatados nas matérias do “homem grávido” (GLOBO, 2008) ou “além do desejo” que mostrava a amizade entre transexual e mulher (GLOBO, 2007 a, s.p) tinham uma perspectiva de abordagem binária pela mídia, e mesmo atualmente, ainda há uma resistência de não ter esse binarismo em relação aos gêneros. Em 2006, 2007 e 2008 o enfoque midiático ainda tomava a transexualidade como algo curioso. É interessante destacar que esse período é muito próximo do lançamento do livro *Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer* de Guacira Lopes Louro em 2004, considerada a pioneira dos estudos *queer* no Brasil.⁵⁶ Segundo Louro (2004) apesar dos movimentos feminista e LGBT terem se mostrado

⁵⁵ Ademais, na própria biografia de Close (1998) há uma visão marginalizada da travesti, no qual se percebe, sub-repticiamente um discurso moral sobre ser transexual. A leitura sugere que Close parece toda hora querer se afirmar como “hermafrodita”. O livro muitas vezes sugere uma abordagem avessa à transexualidade. Mas é preciso colocá-lo em contexto. Publicado em 1998, não é muito diferente, o livro de Rogéria. A artista, que não se via mulher, registra que “foi gostoso ouvir que eu era uma artista acima de qualquer rótulo” (ROGÉRIA, 2016, p.204). Rogéria, apesar de sua figura destacada, não contribui para uma percepção mais transgressiva da travestilidade e da transexualidade. Em sua biografia reitera, em várias passagens, que é um homem, e que esta condição a torna, de certa forma, superior a uma mulher. Um dos capítulos, por exemplo, inicia-se com a seguinte afirmativa: “eu posso fazer coisas que uma mulher não pode, porque sou homem” (ROGÉRIA, 2016, p.57) ou “posso não ser mulher, mas eu peguei cada piteca” (ROGÉRIA, 2016, p.82). Rogéria traz em seu discurso as marcas de seu tempo: refere-se às travestis, em muitos instantes da obra, valendo-se do pronome de tratamento masculino ou afirmando que nunca serão mulheres (“mudança de sexo o travesti que recorre a cirurgia para mudar de sexo jamais será mulher”) (ROGÉRIA, 2017, p.211).

⁵⁶ Representante da teoria *queer*, Judith Butler propõe uma teoria ddesafiadora por desvendar caminhos que abordam questões sobre o feminino e o masculino e a relação destes com a sexualidade e o sexo. Para os que adotam os conceitos – gênero e sexo – como radicalmente distintos, Butler atreve-se em trazer o sexo para o debate da teoria social questionando sua materialidade biológica, pois para ela o sexo também é fruto de discursos. O que Butler vai propor é o rompimento com as amarras de se fazer gênero a partir do sexo como sendo este um dado biológico, e gênero como um efeito dele. Reconhecer o sexo como um constituinte da

cada vez mais em cena desde das décadas de setenta e oitenta e sendo acampados pela academia nos estudos sobre gênero e sexualidade, a teoria *queer* começará ter produções de destaque a partir dos anos de 2010 com Larissa Pelúcio, Richard Miskolci, Berenice Bento e Leandro Colling.

Também se nota que muitas outras notícias desse período falavam de acontecimentos internacionais, como que no Brasil não houvesse transexuais ou talvez a busca de direitos delas estivessem atrasados em relações aos países em que a reportagem noticiava. Em 2006, as notícias sobre pessoas trans não destacavam as trans brasileiras: “Transexual abre precedente ao processar o exército tailandês” (GLOBO, 2006a, s.p) ou “Banheiro para parlamentar transexual gera briga na Itália” (GLOBO, 2006 b, s.p). Nos anos de 2007 ainda há manchetes no mesmo tom: “Tailandesa é eleita 'Miss Transexual 2007'”(GLOBO, 2007 b, s.p) e “Juiz paquistanês solta transexual e sua mulher, presos em maio” (GLOBO, 2007 c, s.p). É somente em 2008, que existe uma fissura de reportar aos casos estrangeiros para falar das pessoas transexuais brasileiras. Em meio as matérias ainda internacionais como “Transexual que deu à luz revela primeiras imagens da filha” (GLOBO, 2008 d, s.p) o caso “homem grávido” já mencionado aqui aparecem as brasileiras como “Transexual vence concurso como representante de estado que não conhece” (GLOBO, 2008 f, s.p) e aquelas que apontam para o início de uma luta por direitos como “Transexual entra na Justiça por se sentir discriminada no trabalho” (GLOBO, 2008 g, s.p).

Em 2009 e 2010, já aparecem reportagens que tratam da luta por direitos no Brasil, mas ainda o “estranhamento” sobre a transexualidade persiste como as matérias que tratam das pessoas transexuais internacionais. Nos anos de 2011 e 2012 as matérias sobre a cirurgia de transgenitalização ganham espaço nos links sobre a transexualidade no Portal *Globo.com*. Como por exemplo: “Transexual fará 1ª cirurgia de retirada de órgãos femininos pelo SUS em SP” (GLOBO, 2011 b, s.p); “Com cirurgia liberada, transexuais têm batalha para trocar 'nome oficial'”(GLOBO, 2012 d, s.p); “Transexuais do DF esperam até seis anos por cirurgia para troca de sexo” (GLOBO, 2012 a, s.p) e “Transexual obtém na Justiça cirurgia para mudar de sexo em Campinas (GLOBO, 2012 e, s.p).⁵⁷

natureza é assegurá-lo em um status pré-cultural, pré-discursivo e, por conseguinte, ahistórico. Mesmo sendo de ordem material - a vagina e o pênis fazem com que suas existências somente tenham sentidos por ambos possuírem significados culturais e sociais inseridos em um processo histórico.

⁵⁷ Na segunda matéria citada é mencionado que “casos como esse ganharam destaque após a participação da cabeleireira Ariadna, de 26 anos, no "Big Brother Brasil 11"(GLOBO, 2012 d, s.p).

Flávia Teixeira (2016) informa que a Portaria nº. 1.707/GM, publicada no DOU nº. 159, terça-feira, 19 de agosto de 2008, seção1, p.43 instituiu o Processo Transexualizador no SUS no Brasil. A Portaria nº. 457/SAS publicada no DOU nº. 160, quarta-feira, 20 de agosto de 2008 instituiu e definiu as diretrizes nacionais e regulamentou o Processo Transexualizador no SUS. Em novembro de 2013, o Ministério da Saúde publicou a Portaria 2.803 que “redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde” (BRASIL, 2013, p.25). No site G1 as matérias aparecem “Operação de mudança de sexo é procedimento delicado e de longo prazo” (GLOBO, 2008 g, s.p) e “Cirurgia de mudança de sexo pode ser feita pelo SUS” (GLOBO, 2008 h, s.p). Nelas constam a expressão “mudança de sexo”.

Já em 2010 e 2011 há matérias trazendo uma maior discussão sobre a necessidade de despatologização da transexualidade, inclusive o Portal traz que esse movimento já acontece em alguns outros países como, por exemplo: “Transexualismo já não é considerado doença mental na França” (GLOBO, 2010, s.p). Apesar do Brasil considerar a transexualidade ainda como uma patologia, observa-se que no título da reportagem a expressão trans vem acompanhada com o sufixo “ismo” o qual indica doença. Observa-se que não há cuidado da reportagem que o termo possa estigmatizar mais ainda as pessoas transexuais e reforçar o preconceito contra a transexualidade, um certo descuido do *G1*. Outras matérias sobre a temática vão aparecendo: “Transexualidade deve ser vista como característica (GLOBO, 2011, s.p) e assim o debate vai sendo apresentando nos anos seguintes.

Em 2018 uma manchete estampa o *Globo.com* “OMS retira a transexualidade da lista de doenças mentais”, na matéria é destacado que isso “esvazia justificativas de quem se propunha a curá-la ou a tratá-la, num desrespeito à diversidade sexual dos seres humanos” (GLOBO, 2018, s.p). Tal retirada é considerada uma vitória para muitas pessoas transexuais quanto a frequente estigmatização por meio da patologização em relação à identidade de gênero para outras trans isso pode comprometer o acesso a assistência médica.⁵⁸

Nos anos seguintes 2013, 2014 e 2015, outras celebridades trans nacionais apareceram no cenário atual das reportagens como Teresa Brant, Thalita Zampirolli, Lea T, Leo Áquila, Laerte entre outras. Como também trans internacionais: Kim Petras, Chaz Bono (filho de Cher) Shiloh (filho de Angelina Jolie e Brad Pitt) e outras.

⁵⁸ Tal retirada da transexualidade da lista de doenças mentais pela Organização Mundial de Saúde (OMS) entrará em vigor em 2022, entretanto, a adoção vai depender de cada país. No Brasil, a transexualidade é vista como um transtorno de gênero, porém tem sido usada cada vez mais o termo disforia de gênero que é a ansiedade, depressão e inquietude de ter a sua expressão corporal não correspondente com a sua identidade de gênero.

Em uma busca por matérias publicadas pelo *GI*, principal site de notícias alojado no Portal *da Globo.com* observa-se que ao fazer o caminho de pesquisa usando o próprio buscador do site ou do site *Google.com* no uso de palavras-chave: *gl* + ano (2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011 ...) + transexualidade ou + transexual há uma clara percepção que reportagens com conteúdo sobre transexualidade vai crescendo progressivamente ano após ano. O nome social se torna uma das reivindicações durante esse período e se tornam matéria no portal: “Travestis e transexuais poderão usar nome social na administração pública” (GLOBO, 2010 a, s.p), “Travestis poderão adotar nome social oficialmente no RJ” (GLOBO, 2011 c, s.p); “Estudante transexual da UnB ganha direito de usar nome social” (GLOBO, 2012 f, s.p). Diante desse cenário restava para a maioria das transexuais e das travestis excluídas dos espaços sociais, uma cidadania precarizada, usada como uma tentativa para que pudessem enveredar na vida social como qualquer outra pessoa cidadã. Um dos exemplos mais significativos desta cidadania precarizada é o nome social que, segundo Bento (2014), é uma solução à brasileira de uma cidadania pela metade em preferência ao respeito às identidades de gênero. No dia 03 de março de 2018, a poucos dias que antecede o dia internacional da mulher, me deparo com a seguinte manchete: “STF decide que transexuais e transgêneros poderão mudar registro civil sem necessidade de cirurgia” (GLOBO, 2018 b, s.p). Tal notícia ganhou repercussão e foi vista como uma grande conquista como no grupo *Transgente*. A “gambiarra” legal virou lei, e foi festejada na rede.

Utilizando-se do próprio buscador dentro do site *Ego* na procura de quantas notícias mencionam a palavra “transexual” são listadas 40 páginas de 10 matérias num total de 400 reportagens. A mais antiga é da data de 2011. Com o uso da palavra “transexualidade” o número das matérias é bem menor, ao todo são trinta matérias. Em 2006, 2007, 2008 e 2009 são três ou quatro matérias sobre a transexualidade. Já no de 2010 o número e o teor sobre as matérias que falam de transexualidade já são maiores e com outros elementos como direito a cirurgia no SUS e o enfrentamento do preconceito cotidiano pelas trans. Mas, em 2011 podemos dizer que existe um *boom* de matérias que falam sobre transexualidade e isso se deve até mesmo como mencionado devido a visibilidade da ex- participante Ariadna Arantes no *Big Brother Brasil*. Percebo que já é até mais complicado levantar todas as matérias, o número de páginas que os buscadores listam.

"Eu queria aproveitar e dizer uma coisa a todos vocês. Queria dizer que independente de qualquer coisa, sem ressentimento, amo todos vocês. Estou orgulhosa de dizer que sou a primeira transexual do Brasil a participar do programa, a primeira da história deste programa!". (Declaração da participante do *reality show* Ariadna no momento de eliminação do programa Big Brother Brasil 11 e publicada no Portal *Globo.com* em 18 de janeiro de 2011)

A revelação acima foi realizada quando Ariadna a caminho da porta de saída do *reality* confirmou aquilo que a mídia antemão divulgava e, assim, os/as telespectadores já sabiam, mas que até aquele momento os participantes do BBB 11 ainda desconheciam. Ariadna era uma transexual. A participante trans, após o seu anúncio, abriu a porta da casa e saiu. Fechou a porta de saída do programa, contudo abriu a porta para a transexualidade entrar de vez nas mídias digitais. A participação de Ariadna no programa foi um marco de mudanças de como a transexualidade começa a ser tratada em relação ao tom, teor e a sua frequência nas mídias digitais.

Buscando fontes nas mídias digitais, percebo que a entrada da participante do *Big Brother Brasil 11* foi como que o grito de Ariadna na sua eliminação do *reality* no dia 18 de janeiro de 2011 decretasse a visibilidade das transexuais na sociedade, logo nas mídias. Assim, após a participação de Ariadna no *reality show* pode se observar que houve uma maior evidência de matérias que falam sobre transexualidade no Portal *Globo.com*. As matérias que envolvem casos de transexuais começaram a trazer conteúdos mais informativos, de direitos e lutas das pessoas transexuais, como exemplo, no uso de banheiro em espaços públicos, candidatas ao Enem, relação de pais e crianças transexuais, celebridades trans e seus relacionamentos com famosos, concursos de beleza como o *Miss*, modelos de passarela, entre outros. O número de comentários começa a aumentar em relação às matérias, ao ponto das matérias sobre as pessoas transexuais tornarem-se as mais comentadas comparadas a outras reportagens que falam sobre outros assuntos como, por exemplo, "Câmara aprova em 1º turno nova proposta para reduzir maioria" (VIEIRA, 2015, p.7).

Como reportado no primeiro capítulo, Ariadna Arantes tem quase nenhuma ressonância nos movimentos sociais, assim como não se mostra como uma ativista que circula em eventos ou que seja convidada para a representatividade das pessoas transexuais. Entretanto, é preciso pensar o que vinha acontecendo para o *Big Brother Brasil 11* tratar sobre transexualidade? Que momento foi esse que significou a entrada dela? Algumas reportagens aqui descritas indicam que foi um conjunto de eventos que adivinham como, principalmente, de um período que se discutia de forma mais efetiva por meio de leis e políticas públicas a

cirurgia de transgenitalização, o nome social e o movimento pela despatologização da transexualidade. São fatos que culminaram na relevância do programa trazer uma participante transexual que em um momento de simbiose do que estava já sendo cada vez mais visibilizado fora do *Globo.com* sobre a transexualidade significou a sua repercussão no Portal da mesma emissora que promoveu o programa BBB 11.

O ano de 2015 (coincidentalmente o início da minha pesquisa) foi um ano de grandes discussões sobre gênero e sexualidade. Como já foi explicitado no início deste capítulo houve uma trajetória de aumento da visibilidade da transexualidade no Portal e junto dela consequentemente um debate sobre gênero. Para demonstrarmos este aumento de repercussão sobre as temáticas de gênero a fim de testar os dados obtidos e levantados por meio da minha imersão observante oculta utilizo como um recurso complementar a ferramenta *Google Trends*.⁵⁹

Segundo os autores do artigo *Os Protestos no Brasil. Um estudo sobre as pesquisas na web, e o caso da Primavera Brasileira* Thiago Perez Bernardes de Moraes e Romer Mottinha Santos (2013, p.199) os “cientistas sociais têm se utilizado de uma série de ferramentas empíricas para o estudo do uso social da internet”, entre elas, o *Google Trends* que tem possibilitado trazer mensurações do comportamento social. Os pesquisadores reportam aos sociólogos norte-americanos Michael Gaddis e Ashton Verdery (2012) que discutem como a utilização do *Google Trends* na pesquisa em ciências sociais tem ajudado a mensurar interesses demográficos e movimentos sociais, tornando-se assim um eficiente termômetro de tendência social.

Dessa forma o *Google Trends* foi utilizado em complementariedade para conferir as frequências de interesse ao longo do tempo na web. A partir desse artifício proporcionado pela ferramenta foi possível traçar como as frequências de janeiro de 2004 a setembro de 2018 relativas aos temas de gênero se comportaram por meio de 19 termos que expressam o interesse brasileiro em notícias sobre tais temáticas na internet.⁶⁰ É interessante frisar que os

⁵⁹ É preciso dizer que assim como no próprio buscador *Google*, a ferramenta *Google Trends* não é neutra na apresentação dos dados listados por ela. Tem-se discutido, cada vez mais, o quanto a ideia de que os algoritmos governam de forma autônoma e sozinha é uma falácia, uma vez que há um ser humano inserindo e escrevendo os códigos; o que vem sendo verificado é que por meio desses algoritmos a reprodução das desigualdades sociais é perpetuada, entre elas a de gênero.

⁶⁰ Destaco que para pesquisar como um determinado assunto obteve interesse pela web a ferramenta não antecede além do ano de 2004. Os gráficos de cada termo originado pelo recurso do *Google Trends* estarão em anexo 01.

termos foram definidos partir de palavras que tiveram uma maior frequência tanto no Portal como na Rede Social e por conseguinte invocadas pelos comentários que indicassem pertencimento às temáticas de gênero. Algo ainda ser destacado, que a ferramenta possui algumas limitações, como por exemplo, na sugestão de termos. No caso de alguns termos variantes da palavra transexual, a ferramenta sugere apenas a possibilidade de pesquisar o termo “mulher transexual” e não “transexual feminina”, diferente no caso de “transexual masculino” que é possível, mas não sendo viável para “homem transexual”. Ressalto ainda, que em relação a alguns termos e seus respectivos gráficos como “ideologia de gênero”, “homofobia”, “transfobia”, “misoginia”, “femicídio”, “pessoa não binária”, “transgênero” serão apresentados posteriormente em momentos pertinentes à suas discussões.

A ferramenta traz como maior pontuação o número 100 que representa o maior interesse sobre o assunto pela rede web. Em relação ao termo transexualidade, os 100 pontos atingidos foram exatamente no mês de participação da Ariadna no BBB11, janeiro de 2011, como foi aqui falado como um marco para a maior frequência de matérias sobre transexuais no Portal *Globo.com*. Assim como o termo “transexualidade” o termo “transexual” atingem 100 pontos em janeiro de 2011, ambas expressões possuem uma variação gráfica muito parecida. Assim como as duas expressões o termo “mulher transexual” também alcança a pontuação 100 no mês de janeiro de 2011, além de mostrar crescimento ao longo dos demais anos. Já a nomenclatura “transexual masculino” chega aos 100 em outubro de 2017, mês da novela *Força de um querer* da Rede *Globo* que traz uma personagem transexual masculina aqui a ser destacado. Sobre os termos “identidade de gênero”, “estudo de gênero”, “feminino”, “masculino”, “feminismo”, “machismo” que estão vinculadas ao vocabulário de gênero, os gráficos do *Google Trends* demonstram como o interesse também descrito vão ganhando expressão nos anos a partir de 2015.⁶¹

O termo “identidade de gênero” como demonstra o gráfico tem uma elevação maior (59 pontos) na data de junho de 2015 e atinge o seu máximo (100 pontos) em outubro de 2017. Já, o “estudo de gênero” desperta interesse atingindo 75 pontos em junho de 2015 e obtendo 100 pontos em outubro de 2017. As expressões “feminino” e “masculino” vão sucessivamente crescendo e atingindo os 100 pontos em agosto de 2016. E por fim, o feminismo alcança 100 pontos no mês de junho de 2016 e o machismo toca os 100 pontos no

⁶¹ As mensurações dos termos pela ferramenta *Google Trends* ajudam corroborar tanto nos dados numéricos como nos qualitativos simbólicos levantados por meio de imersão proporcionando dessa maneira numa mais detalhada e refinada observação que este estudo antropológico se propõe.

mês de junho de 2018.⁶²

Como demonstram os gráficos (em anexo 01) o interesse sobre os assuntos de gênero vão, vertiginosamente, ao longo do tempo (do ano 2004 ao ano 2018) na web, tornando-se cada vez mais expressivos. A preocupação sobre tais temáticas de gênero e, por conseguinte, sobre a transexualidade vão se repondo cada vez mais frequente na composição do Portal *Globo.com*, e ainda, as matérias começam ganhar uma posição de melhor destaque. Dessa forma, o aumento de frequência de reportagens no *Globo.com* continuou nos anos seguintes, entretanto, em 2018, com mais matérias localizadas no “quadrante de destaque” (quando se usa o *pc*) ou nas “primeiras matérias nas listas de notícias” (quando se usa o *smartphone*) no Portal.



FIGURA 07. Na primeira coluna à esquerda está a matéria sobre a transexualidade em destaque em vermelho na composição do Portal para a configuração em *pc* e na segunda coluna também em destaque vermelho à direita na composição do Portal para a configuração no *smartphone*.

A matéria “venezuelanas trans relatam preconceito na chegada ao Rio de Janeiro” está em destaque em moldura vermelha nas duas colunas. Como se observa na figura 07, a reportagem grifada em vermelho tanto na configuração para o *pc* como para o *smathphone* é a

⁶² É oportuno destacar que o feminismo não é oposto de machismo, uma vez que o primeiro é resistência e luta pela igualdade de direitos entre os gêneros e o segundo é uma forma de opressão que a partir da desigualdade entre os gêneros privilegia o masculino.

matéria que se localiza logo abaixo da primeira matéria com letras maiores. Todavia, ainda até a data presente, não houve no Portal um momento em que a matéria principal ou a primeira matéria fosse tocante a transexualidade ou relacionada com as temáticas de gênero.⁶³

No mês de agosto de 2018, num intervalo de 23 dias foram 15 matérias sobre trans/gênero que compuseram em alguma parte de destaque o Portal:

- no dia 08 de agosto de 2018: “Suspeitos de tráfico internacional de transexuais cobravam diária de R\$ 170 e puniam com surra de barra de ferro, diz PF” (GLOBO, 2018, s.p).

- no dia 13 de agosto de 2018: “Concurso da PM do Paraná tem 'masculinidade' como critério em avaliação psicológica”(GLOBO, 2018, s.p).

- no dia 14 de agosto de 2018: “Travesti foge de agressão no DF, confronta PMs e é detida com 'mata-leão'; vídeo” (GLOBO, 2018, s.p).

- no dia 15 de agosto de 2018: “Mulher trans faz história ao ser a primeira a concorrer ao governo de um estado nos EUA” (GLOBO, 2018, s.p).

-no dia 15 de agosto de 2018: “Travesti detida com 'mata-leão' no DF ficará com tornozeleira eletrônica por 90 dias, decide Justiça” (GLOBO, 2018, s.p).

- no dia 18 de agosto de 2018: “Exposição *Queermuseu*, que provocou polêmica em 2017, é aberta no Rio” (GLOBO, 2018, s.p).

- no dia 19 de agosto de 2018: “Quase 300 transgêneros esperam cirurgia na rede pública 10 anos após portaria do SUS” (GLOBO, 2018, s.p).

-no dia 23 de agosto de 2018: “AGU contesta no STF pedido de associação para que travestis possam ficar presas junto com mulheres” (GLOBO, 2018, s.p).

- no dia 25 de agosto de 2018:” O que muda na Alemanha com a lei que cria o 'terceiro gênero', para proteger pessoas intersexuais” (GLOBO, 2018, s.p).

- no dia 27 de agosto de 2018: “Ministro do STF suspende artigo de lei que proíbe ensino sobre gênero e sexualidade nas escolas de Palmas” (GLOBO, 2018, s.p).

- no dia 29 de agosto de 2018: “Após fugir da Venezuela, transexuais tentam recomeçar vida no Rio e relatam preconceito e agressões” (GLOBO, 2018, s.p).

- no dia 30 de agosto de 2018: “Eleições 2018: Número de candidatos trans e travestis

⁶³ No mês de agosto várias matérias tocantes a transexualidade e correlacionadas a gênero continuaram sendo destaques no Portal. Na posição de destaque que chamo de o “quadrante das 11 matérias”. A transexualidade apareceu no mês três vezes, até então ela não aparecia nesse quadrante de destaque das matérias. Mas, ainda durante a pesquisa não foi a principal com letras maiores ou com foto como relato sobre a “transexual da cruz”.

crece 10 vezes e mira Congresso” (GLOBO, 2018, s.p).

- no dia 31 de agosto de 2018: “Juíza aplica Lei Maria da Penha a favor de homem e contra transexual” (GLOBO, 2018, s.p).

- no dia 31 de agosto de 2018: “A professora trans que trocou indenização de R\$ 20 mil pela chance de dar aula a seus agressores” (GLOBO, 2018, s.p).

- no dia 31 de agosto de 2018: “Thammy sobre 1º filho: 'No fim do ano, começamos o processo’” (GLOBO, 2018, s.p).

No oitavo mês deste último ano de pesquisa (2018) foram quase praticamente uma matéria sobre trans/gênero a cada dois dias fazendo parte da composição do Portal. A minha imersão na plataforma me revelou até então presenciada, uma frequência atípica, pois muitas dessas reportagens sobre trans e por consequência gênero estavam nas matérias em destaque. Assim, foi durante o mês de agosto de 2018, dessas 14 reportagens que compuseram o mosaico de reportagens no Portal, sete delas estavam no quadrante das primeiras matérias junto com a primeira em destaque (ver anexo 02).⁶⁴ Vale ainda ressaltar que essas matérias não foram as únicas que falaram sobre gênero ou transexualidade, mas que foram as que fizeram parte em algum momento de destaque no Portal.

2.2 Conectadas ao Portal: a força das redes sociais

As redes sociais ganharam uma tamanha força que conseguiram até mesmo serem usadas como sinônimas de internet. Tal feito se deve as potencialidades das mídias digitais que nos tempos contemporâneos como afirma Manuel Castells (1999) o advento digital possui tanto uma agilidade de disseminar e compartilhar informações como de relacionar, mobilizar e interagir, sobretudo, de criar redes de pessoas. Falando metaforicamente por Castells (2003) na galáxia da internet todo o planeta está conectado.

Observa-se que os debates sobre as temáticas de gênero tiveram grande efervescência nos mais variados setores da sociedade seja na política seja nas diretrizes escolares. O seu debate se mostrou forte nas mídias digitais, mais organizados pelos grupos militantes nas

⁶⁴ No anexo 02 apresento os 14 *prints* das matérias aqui destacadas. Em cada *print* para uma melhor visualização da matéria sobre as temáticas de gênero/trans é realçado com uma moldura quadrada em vermelho. Ressalto que os *prints* obtidos por meio do meu processo imersivo nas plataformas on-line foram tanto fazendo o uso do computador pessoal como na utilização do aparelho celular *smarthphone*, assim tais *prints* estão nos dois formatos.

redes sociais.⁶⁵ Toda esta conjuntura traz revelações de como a transexualidade é recebida pela sociedade brasileira como também quais são os discursos de manutenção do seu *status*.

A visibilidade e o debate sobre a transexualidade na internet, se deve, principalmente, quanto o aumento da sua discussão e mudança no teor dela às redes sociais digitais. Traçar aqui um rápido contexto de como as redes sociais, fundamentalmente o *Facebook*, proporciona perceber de como essa trajetória mais política sinalizava como as questões de gênero e sexualidade, enfim a transexualidade vai se tornando cada vez mais presente nas discussões da *web*. Tais mudanças são observadas na forma mais politicamente organizada da luta pelos direitos das pessoas trans como mostra as postagens no grupo *Transgente*. Por outro lado, a recepção negativa das pessoas trans ganha um discurso de ódio mais consistente como acontece nas postagens e compartilhamentos no grupo *Hetero/orgulho*.

A ascensão da rede social *Facebook* nos anos 2011 como rede social da maioria dos brasileiros, feito antes alcançado pelo *Orkut* (hoje extinto), possibilitou que os mais diferentes grupos sociais, incluindo aqueles que tinham as temáticas sobre gênero e sexualidade como bandeiras, começassem a se organizarem e se tornassem mais frequentes na rede. É interessante destacar que em 2010, como já falado, a possibilidade de criar-se grupos e páginas no *Facebook* faz com que a rede social torna-se um espaço para o ciberativismo, um lugar de militância para discussões entre pessoas trans.⁶⁶ Assim, o uso das redes sociais em prol de manifestações políticas aparece como um importante combustível para organizar, comunicar e sensibilizar uma população, seria a comunicação em rede que revitaliza a democracia, como afirma o sociólogo Manuel Castells (1999). Em dezembro de 2010, a *Primavera Árabe* vem mostrar para o mundo a força das redes sociais nas manifestações, protestos contra a ditadura árabe.

O Brasil experimentará algo parecido em 2013, com as Manifestações contra o aumento de 20 centavos nas tarifas de ônibus na cidade de São Paulo; *Manifestações de Junho* ou *Jornadas de Junho*. Entretanto, segundo Gabriella Barbosa dos Santos (2016) no livro

⁶⁵ Como falado, o ano de 2015 devidos acontecimentos como proibição do debate de gênero nas escolas e o movimento escola sem partido trouxeram em cena uma força de tais discussões sobre identidade de gênero nas redes sociais. Entretanto, é importante dizer que essa dinâmica de grupos se organizarem nas redes sociais não foi iniciada em relação as questões de gênero, mas vista de forma mais efetiva mundialmente na chamada *Primavera Árabe* e no Brasil pelo movimento *Não são só 20 centavos* que foram os protestos em 2013 pela redução das passagens de ônibus.

⁶⁶ Como retratado na etnografia “*Consciência, news e glamour*”: a internet como espaço alternativo de sociabilidade e ativismo entre pessoas trans, de Késia Maria Maximiano de Melo (2016).

Mídia, golpe e misoginia, as manifestações de 2013 que pareciam estar pautando questões da Democracia camuflavam e inflamava embrionariamente o discurso de ódio. É possível pela primeira vez na linha do tempo do *Facebook* da maioria dos brasileiros ver o debate mais político no lugar das postagens trivial que consistia em fotos e postagens sobre o cotidiano, *selfies* (fotografias, frequentemente digitais, em que uma pessoa tira de si mesma, um autorretrato) sozinha ou entre amigos e familiares e fotos de pratos de comida.⁶⁷ As redes sociais começam se tornar um espaço para uma ressignificação política tanto para a luta de direitos, mas também de combate a determinados grupos sociais. O acirramento de opiniões na rede social sinalizado lá em 2013 ganha força em 2014, com as eleições presidências.

Os embates se tornam mais visíveis na polarização entre Dilma Rouseff e Aécio Neves, candidatos à presidência do Brasil em 2015. O discurso de ódio parece mais cotidiano e seu ritmo mais acelerado com os adventos dos projetos de lei ideologia de gênero e escola sem partido.⁶⁸ Junto a isso o processo de *impeachment* que não disfarçava o caráter golpista contra a presidenta Dilma Rouseff engrossa de vez o caldo de ódio que alimenta o preconceito digital. *Hashtags*⁶⁹ como *#SomosTodasVerônica* aparecem na luta de pessoas trans e daquelas que se solidarizam com a causa. As estatísticas de morte de trans e travestis são divulgadas, somando-se ao aparecimento de figuras circulantes, grupos e páginas partidárias contra pessoas transexuais que se tornam mais visíveis em 2016. Com isso, as discussões se mostram cada vez mais polarizadas, cheias de dicotomias, preconceitos, discriminação e ódio. Os grupos e as pessoas acham um lugar para expor muitas vezes sem filtro o que pensam, mesmo distorcidamente todos parecem especialistas em identidade transexual, palpitando assim pela rede.

Apesar de parecer um fenômeno recente, o discurso de ódio não é algo inédito nos

⁶⁷ Claro que temos que tomar certo cuidado com o efeito bolha no *Facebook*. Quando na sua linha do tempo pode parecer que o discurso pega “fogo” em debates políticos sobre um tema evidenciado pela mídia e compartilhados pelos usuários (amigos, páginas, grupos que segue), uma pessoa próxima de você pode, ao mesmo tempo, não ver toda essa efervescência na linha do tempo dela que está repleta de mensagens e bichinhos fofinhos sem nenhuma menção da questão ou tema em discussão.

⁶⁸ Segundo Rogério Junqueira (2017, p.44) “o mundo da escola tem recebido grande atenção dos integrantes dos movimentos antigênero” com uma proposta educacional de combater o olhar curricular que visa a liberdade do docente, o reconhecimento das diversidades, a pluralidade de pensamento, a laicidade do Estado, os direitos humanos em nome de uma “escola sem gênero”, “escola não-ideológica”, “escola sem partido” que vê a “doutrinação” lida como anti-moral, anti- cristã, anti-família e principalmente anti-heterossexual, uma ameaça aos/as alunos/as.

⁶⁹ A *hashtag* que é simbolizada por “#” e conhecida como jogo da velha é uma expressão bastante comum entre os usuários das redes sociais para dinamizar um assunto a ser divulgado.

ambientes de sociabilidades pela internet, a violência contra as pessoas trans e outros grupos minoritários já tinha contornos e presença na rede social *Orkut* em voga dos anos de 2004. As comunidades de ódio explodem em 2006 e causam preocupação; são grupos nazistas, racistas, homofóbicos, e até violência contra animais domésticos tinham comunidades. E mais, diferente daquilo que se presencia na Rede Social *Facebook*, as intimidações, as incitações e as agressões morais contra as pessoas trans não estavam explícitas somente em tópicos que formavam as comunidades do *Orkut*, mas no próprio nome e descrição da comunidade como, por exemplo, *Odeio travestis*. Outras eram mais sutis na crueldade com as travestis como a comunidade *A vida é como um travesti* que trazia o seguinte enunciado: “Não é o que você pensa que é. Não serve pro que você quer. E provavelmente vai te foder. (Mas até que pode ser divertido) ...”(ORKUT, 2006).⁷⁰

Assim, como não é uma novidade o uso das redes sociais para a socialização das transexuais sobre as suas transformações corporais. De acordo com Aline Soares Lima (2009) tópicos de comunidades do *Orkut* como *Fórum do Hormônio e Mundo TS* eram espaços para se falar das experiências trans que iam desde dicas de beleza de cabelo, hormonização, depilação, unhas até prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. A pesquisa de Lima (2009, p.110) por meio de um levantamento exploratório conseguiu identificar “cerca de 170 comunidades com temática “trans” no *Orkut* – uma referência à travestis e transexuais”. Entre elas estavam de *T-girls* como *AnGéLiCa CasTro TOP TRANSEX* e outras para interação entre elas e os *T-lovers* como a *Travestis do Orkut, Transexuais, Viciados em Travesti*” e outras.⁷¹ As comunidade tinham uma variedade de temáticas que iam de interesses de aumentar a rede de amizades, relacionamentos afetivos e sexuais, contatos profissionais e shows performáticos até programas de cunho sexual. Ao contrário do *Facebook*, que funciona como uma espécie de ágora contemporânea onde são debatidos quase que sem obstáculo algum os mais diversos temas, com destaque para a discussão política partidária; o *Orkut*

⁷⁰ A rede social *Orkut* encerrou suas atividades no dia 30 setembro de 2014 e manteve um arquivo público das comunidades no endereço <http://orkut.google.com/>, mas que posteriormente o *Google* decidiu descontinuar o museu *Orkut* com mais de 50 milhões de comunidades no dia 15 de maio de 2017 .

⁷¹ Nascido no seio da comunidade cibernética o termo t-lover guarda sua origem na expressão inglesa t-girl que costuma ser traduzida para português o como t- gata; designam assim os homens que apreciam ou mantém vínculo afetivo ou sexual com as ditas t-gatas (transexuais e travestis) como afirma Pelúcio (2009). Deve se ressaltar que a maioria dos t-lovers se relacionam também com mulheres-cis, mostrando que a pariedade entre as duas categorias de mulher não é um sonho impossível. Por outro lado, são poucos os t- lovers que se relacionam com homens, o que aponta para uma maior proximidade do t-lover com a heterossexualidade do que com a homossexualidade.

funcionava mais como um espaço de sociabilização das pessoas trans, até porque era essa a intenção inicial da rede social que pela primeira vez as pessoas experimentavam de forma mais enfática. Despido de ser elemento político, o *Orkut* era apenas um espaço ou de *bullying* ou de troca de informações entre as transexuais a respeito dos assuntos que eram pertinentes às mudanças corporais de acordo com a autoafirmação de gênero delas. A luta e a organização política na rede não eram uma realidade.

Em 2006 houve a “descoberta” pelo *Orkut* da masculinização da filha de Gretchen, Thammy Miranda. Fato este retratado na biografia *Thammy: nadando contra a corrente* da jornalista Marcia Zanelatto, no capítulo intitulado *Orkut: ascensão e queda de um avatar* :

Era o ano de 2006, e nenhuma celebridade feminina tinha de fato saído do armário. Conclusão: as fotos de Thammy no Orkut foram parar num site de fofocas e em questão de horas a manchete estava espalhada pela web: FILHA DE GRETCHEN SAI DO ARMÁRIO E ASSUME NAMORADA (MIRANDA, 2015, p.116).

No livro de Thammy existe um percurso, que por sinal é bastante vivenciado por outras pessoas transexuais, do movimento de ser vista inicialmente como homossexual e depois transexual (isso também é retratado na biografia de Nany People). Na obra é possível ver que na quarta parte – chamada *Saindo do armário*, o último tópico (*O Thammy*) abre para a quinta parte intitulada *Da homossexualidade à transexualidade* e, finalmente, a última parte: *A transexualização*. Inicialmente o filho de Gretchen se recusava em se posicionar como transexual e assim em muitos momentos afirmava “sou Thammy”.

O *Orkut* não era a única morada das discussões sobre transexualidade. Havia e há ainda outros meios como sites, *blog*, *fotolog* entre outros que traziam à tona a temática trans por meio de textos de blogueiros. É interessante ainda destacar que a atriz e empresária Maitê Schneider criadora do site *casa da Maitê* foi uma das pioneiras a discutir sobre a transexualidade nas mídias digitais.⁷² Inclusive Maitê fez um depoimento na novela *Páginas da vida*, de 2006/2007, da rede *Globo*, sobre a sua experiência transexual. Noto também que neste período há poucas matérias sobre a transexualidade.

Fruto dessa geração pós internet como Thammy, me deparo com a biografia de Amanda Guimarães (2016), uma das *youtubers* mais conhecidas da internet que faz das

⁷² Maitê Schneider é a criadora do Portal *casadamaitê.com* - o maior e mais antigo portal sobre diversidade da Internet Brasileira e que está on-line desde 1997. Em meados de 2000 o *Portal de Maitê* foi o primeiro meio digital que minha irmã obteve acesso sobre a transexualidade. Lembro-me da minha irmã e eu acessando o link para entrar no site que era enviado na caixa de e-mail toda vez que tinha uma nova atualização de novas notícias, fotos, curiosidades.

mídias digitais um palanque para falar da transexualidade. Ela fala de *bullying*, mas de amores, viagens, amizades, gostos, família de uma maneira leve e engraçada. É uma geração digital que já tem (poucas ainda) referências trans atuante. Observo que as biografias trans fornecem uma riqueza enquanto diferentes subjetividades entre elas na forma de vivenciar a transexualidade. Aspectos das experiências trans que convergem e divergem entre elas, mas que são fundamentais para compreender o impacto das mídias na vida delas e conseqüentemente a expectativa social em relação a transexualidade. O livro *Vida trans* (2017) reúne as histórias de trans de uma geração pós internet (Amara Moira e T. Brant) com uma geração anterior ao digital (João W. Nery e Márcia Rocha), entretanto, as quatro são ativas digitalmente. T. Brant (2017, p.164) fala sobre a enxurrada de comentários, os milhares de seguidores devido a exposição digital em “meus 15 minutos de fama”. A mídia digital tornou-se uma aliada das trans, e Amara Moira (2017) é uma delas que fez dela uma aliança digital escrevendo suas experiências como escritora num *blog* “e se eu fosse puta”. Moira (2017) rompe com qualquer receita de que se possa fazer em relação à experiência trans que segue um modelo: repudio a genitália, desejo de cirurgia, hormonização e transgenitalização para uma pessoa- cis - hetero. Outras vivenciam a transexualidade longe do brilho do visor digital, como a biografia de Joyce (2015), agricultora e depois cabeleireira, filha de pais analfabetos e de origem humilde lá do interior do Pernambuco tinha uma exaustiva jornada de preconceito.⁷³

Nota-se que paulatinamente a transexualidade vem perdendo o seu caráter anedótico e ganhando cada vez mais o espaço político. Entre essas mudanças estão as reivindicações trans, sejam elas de conquistas na saúde sejam elas no jurídico:

a transexualidade hoje está presente na mídia. Recentemente ouvimos falar em Léa T... em Thomas Beatie, trans-homem que em 2008 foi considerado o primeiro homem grávido”... em Ariadna, transmulher que participou do Big Brother, em 2011...(ÁVILA, 2011, p.332).⁷⁴

No dia cinco de julho de 2017 foi publicada uma entrevista “Lea T lembra de obstáculos na carreira: 'Muita resistência no mundo da moda’” (GLOBO, 2017 q, s.p); outra

⁷³ Outras biografias como de Loris Ádreon são pouco conhecidas, não tem tanta visibilidade midiática. A obra de Ádreon (1985) mostra o pensamento da época sobre a transexualidade, como por exemplo, tratar uma mulher trans como UM transexual.

⁷⁴ Tal citação faz parte das notas sobre o autor na biografia de João Nery (2011), o primeiro transexual masculino a operar no Brasil. Simone Ávila é doutora em ciências humanas e estuda a transexualidade.

matéria sobre transexualidade compunham ao mesmo tempo o diagrama de notícias do Portal *Globo*: “Gretchen e Thammy se emocionam ao contar transição trans” (GLOBO, 2017 r, s.p). Tenho observado emergido ao campo que às vezes até três matérias num mesmo momento de composição das notícias no Portal falam sobre transexualidade, elas apontam mudanças.⁷⁵ Não somente na frequência e teor das matérias, mas também os desdobramentos de questões que envolvem gênero quanto à discriminação e o preconceito na sociedade. Uma vez, que a normatização de gênero não regi exclusivamente sobre as trans, mas também sobre as pessoas - cis. E tal comprovação, não me deu nem mesmo o trabalho de investigar saindo daquele instante que o portal me oferecia: “falta de fraldários em banheiros masculinos levanta discussão” (GLOBO, 2017 s, s.p) ou “vídeo, mulher obriga suposta amante do marido a circular pelas ruas de Barretos nua e com cabelos raspados” (GLOBO, 2017 t, s.p). É a norma dizendo que homem não troca fraldas. É norma dizendo que sempre a mulher é culpada e não o homem. Todas essas matérias postadas e possíveis de serem clicadas em um espaço muito curto de tempo. As matérias reiteram o quanto a norma heterossexual ainda é forte como no caso da mulher punindo outra, ou o homem que deseja ser pai, ou nos comentários da matéria sobre Léa T. Pareciam que essas matérias estavam lá por algum motivo, talvez, em dizer de que é impossível dissociar as questões de gênero do comportamento humano.

O período (2015 a 2018) de imersão foi de muita efervescência sobre as questões de gênero. Entre elas, a expressão “ideologia de gênero” no Portal *Globo.com* aparece pela primeira vez na matéria “Comissão aprova texto principal do Plano Nacional de Educação” (GLOBO, 2014 e, s.p). Nos anos seguintes os links vão ser cada vez mais frequentes compondo assim o Portal: “Corrupção, fraudes e ideologia de gênero marcam ano político” (GLOBO, 2015 l, s.p); “Cartilha contra ideologia de gênero em escolas gera críticas a vereador” (GLOBO, 2016 p, s.p); “Entenda o que é ideologia de gênero” (GLOBO, 2017 u, s.p). As matérias vão abordando o termo e explicando a partir de alguns especialistas que a expressão é usada de forma distorcida para falar sobre os estudos de gênero. Tal debate trouxe grande repercussão nos grupos do *Facebook*.

Em 2017 aparece pela primeira vez uma matéria sobre o processo de “destransicionar” - “Conheça a história de homens e mulheres que mudaram de gênero e, depois, voltaram

⁷⁵ Logo após dez dias, novamente, duas notícias compartilham o mesmo momento no Portal: uma sobre Carol Marra: “sou uma mulher por inteira, plena” (GLOBO, 2017 w, s.p) e, novamente, sobre Thammy Miranda perde cabelo com tratamento hormonal: ‘não me incomoda’(GLOBO, 2017 x, s.p).

atrás” (GLOBO, 2017 v, s.p). No começo do ano de 2018, o caso da atleta transexual, jogadora de basquete, Tiffany, ganha manchetes. “Envolvida em polêmica, Tiffany desabafa: ‘Força de uma mulher’” (GLOBO, 2018 g, s.p) com posições contrárias “Como Esporte Ana Paula critica liberação de trans na Superliga: "Não é preconceito, é fisiologia"”. (GLOBO, 2017 y, s.p). Junto a esses novos tons sobre a questão da transexualidade teve a exibição em 2017 da novela *A força do Querer* pertencente a Rede Globo, a mesma do Portal *Globo.com*. A novela trouxe visibilidade sobre a transexualidade além de por em cena a atriz Maria Clara Spinelli que é uma mulher trans que fez papel de uma mulher cis. E outra conquista foi a personagem Ivana/Ivan que interpreta um transexual masculino que foi feito por uma atriz mulher-cis.

Como reportado, em 2018 houve a conquista do nome civil das transexuais pelo Supremo Tribunal Federal - STF e, ainda no dia 13 de abril de 2018, a palavra “cis” aparece no Portal *Globo.com*. Faz parte da manchete da matéria “Pablo Vittar revela desejo de gerar um filho: "A maior dádiva”” (GLOBO, 2018, s.p). O termo “cis” e “trans” são regularmente discutidos nas redes sociais pelos grupos, como por exemplo, em postagens do grupo *Transgente*.



FIGURA 08. Composição das matérias no Portal *Globo.com*. Na direita do canto superior se encontra a seguinte manchete: “Se fosse cis, gostaria de gerar uma vida, diz Pablo Vittar: assista.” Fonte: GLOBO. Portal de notícias. Disponível em: < <http://www.globo.com/>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

O uso da expressão revela um avanço no sentido que ao usar a expressão “cis” proporciona a mulher-cis e o homem-cis perceberem também enquanto uma construção social e não uma naturalização identitária.⁷⁶ Segundo a transfeminista Hailey Kaas (2011) cisgênero seria a pessoa que se encontra em conformidade com a sua identidade de gênero com as suas características biológicas corporais não havendo dessa maneira um conflito entre elas.⁷⁷ Ademais, a linguagem muitas vezes usada para falar sobre transexuais e travesti se mostra inadequada com a auto identidade da trans e acaba reforçando aquilo que não são. No site *Ego* em 2009 há matérias que usavam a expressão o travesti “VÍDEO: 'Não vou operar, não me falta nada', diz o travesti Patrícia Oliveira” (GLOBO, 2009 a, s.p). como também a travesti “Fashion Rio, a travesti Patrícia Oliveira revela: 'Sempre quis ser famosa' (GLOBO, 2009 b, s.p).

Tratar a travesti como “o” travesti possui a mesma problemática de linguagem encontrada nas taxonomias das pessoas em processo transexualizador, as mulheres para homens, denominadas como transexuais femininos e os homens para mulheres, denominados transexuais masculinos (BENTO, 2008). Segundo a autora, ao desabonar os sentidos sociais e culturais dessas terminologias, a medicina reitera o destino biológico das pessoas transexuais, citando as normas de gênero que estabelecem que a verdade do sujeito está no sexo, em outras palavras, essas pessoas nunca serão homens de verdade e mulheres de verdade, pois as nomenclaturas médicas lembrarão o que a experiência transexual nega: o sexo biológico.⁷⁸

Para que o ocorra esse movimento da travesti que antes era tratada no masculino como “o travesti” e agora a mídia vem tratando como “a travesti” ou pelo menos tentando em tratá-la no feminino é preciso entender que essa mudança foi dada inicialmente fora da mídia, enfim, de maneira off-line do Portal. Dessa maneira o reconhecimento do feminino para as

⁷⁶ Assim como na química em que se distingue na isomeria geométrica os isômeros cis e trans, ou seja, substâncias idênticas exceto pelo fato de um radical ou conjunto de radicais estarem do mesmo lado da molécula (isômeros cis) ou em lados diferentes das molécula (isomeria trans), na transexualidade, por exemplo, a mulher-cis e o homem-cis nascem com seu corpo biológico em consonância com sua identidade de gênero e assim estão como mais próxima de sua identidade do que aquela/e que tendo nascida/o em um corpo biológico em discordância com a sua identidade de gênero deverá vencer uma distância, terá que transpor obstáculos para galgar o seu gênero.

⁷⁷ Outro termo que ganhou recentemente (2017/2018) destaque e repercussão no Portal foi a expressão “pessoa não-binária”, principalmente, com a morte da Matheusa (GLOBO, 2018, s.p) uma jovem estudante da universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ que se definia como uma pessoa não- binária.

⁷⁸ Foi por este destino biológico que Roberta Close ficou durante anos impedida de uma existência social plena (BENTO, 2008).

travestis resulta de uma intangibilidade percebida e conquistada que inicialmente vai aparecendo nas pesquisas acadêmicas que depois migra para as políticas públicas e paulatinamente vai sendo incorporado nos movimentos sociais e pelas próprias travestis.

Dessa forma, é importante destacar que são alguns fatores que estão fora do Portal que influenciaram na discussão do aumento da visibilidade da transexualidade nele. Para isso, como já marcado, é preciso olhar para o macrossocial, em relação às políticas públicas, aos movimentos sociais, às leis; tudo isso possibilitou a criação inclusive de um novo vocabulário público como, por exemplo, das expressões “trans” e “cis” para se falar do tema.

Em suma, aquilo que está acontecendo na sociedade e que repercute no Portal, uma vez que ele é uma espécie de espelho (não exato) da realidade social. Os mundos on-line e off-line estão conectados. Assim sendo, observei ao longo da pesquisa que alguns fatores off-line (externos ao Portal) impulsionaram um aumento da discussão de gênero e que, por conseguinte da transexualidade. Desses fatores externos (off-line) destaco cinco, alguns de temáticas aqui já e ainda a serem mais faladas, que são:

1) - Criação dos projetos de lei: proibição de “ideologia de gênero nas escolas” e “escola sem partido”: A repercussão de tais projetos ganhou força principalmente a partir de 2014 e assim têm sido movidos, cada vez mais, por grupos políticos aliados a setores conservadores religiosos nas câmeras municipais. Expressões como gênero e sexualidade são retiradas de documentos da educação como, por exemplo, do Plano Nacional de Educação. Tais eventos vão sendo destacados no Portal e ganhando debates nas redes sociais e polarizando uma discussão entre aqueles que são contra ou a favor de tais projetos de leis. Há assim, uma demonização sobre gênero que é vista tanto nos comentários como nas postagens do *Facebook*. Segundo Fernando Figueiredo Balieiro (2018, p.5) existe três episódios recentes que trouxeram pânico em relação a gênero “em 2011, com a oposição a materiais didáticos produzidos no âmbito do Programa Escola Sem Homofobia; em 2014 e 2015, com a discussão dos Planos Nacional, Estaduais e Municipais de Educação; e em 2017, com a perseguição a exposições e performances artísticas realizadas em Porto Alegre e São Paulo”. Junto a esses eventos o já consolidado movimento Escola Sem partido (ESP) que de acordo o autor é “reconhecido por combater a suposta “doutrinação ideológica” comunista nas escolas, torna-se um empreendedor moral de destaque a combater a “ideologia de gênero” “(BALIEIRO, 2018, p.10).⁷⁹

⁷⁹ Como podemos observar as datas descrita por Balieiro (2018) foram de notoriedades para o *Globo.com*,

2)- Aumento de grupos tocantes a gênero no *Facebook*: O advento da rede social, mais especificamente *Facebook* que com a possibilidade de criação de grupos e páginas proporcionou um aumento na luta e combate sobre gênero. A Rede social proporcionou que as discussões lá refletissem no Portal e vice-versa. Os grupos começaram a se organizar e ganharam força numa discussão que revelou tanto um movimento binário de gênero como plural de gênero. De acordo com a antropóloga Pelúcio (2017, s.p) temos vivenciado um momento que se coloca de um lado, uma atitude de valorização das pluralidades de gênero, pois “há muitas formas de ser mulher ou homem, há muitas formas de se viver as feminilidades e masculinidades” e do outro lado, um medo do pensamento plural de gênero que enfatiza mais a diferenciação que impõe a desigualdade de gênero. “Nunca o mundo de nossas meninas foi tão rosa e de nossos meninos absolutamente azul” (PELÚCIO, 2017, s.p).

3)- Reivindicações e direitos LGBT: Conquistas como participação de mulheres trans em concurso de *Miss*, a cirurgia de transgenitalização, o uso de nome social no Enem, o uso de banheiro de acordo com a auto declaração de gênero, a recém vitória da aprovação do uso de nome civil pelo STF entre outras lutas e conquistas de pessoas trans no campo das políticas públicas e nas leis.

4)- Crescimento da visibilidade da violência contra transexuais, travestis e homossexuais. A expectativa de vida das travestis e das mulheres trans é de 35 anos. A média nacional, segundo dados do IBGE é de 75,5 anos. Segundo a Organização Não Governamental (ONG) Transgender Europe – TGEU (2014) Rede Europeia de Organizações que apoiam os direitos da população transgênero, o Brasil é o país que mais mata pessoas transexuais e travestis no mundo, um fato que ajuda a entender o cenário de comentários em sua maioria de ódio abrigados em portais de notícias de matérias que falam de transexualidade. As expressões como homofobia, femicídio e transfobia entre outras como serão abordadas no quarto capítulo, mesmo diante das suas taxas elevadas de violência em relação a esses grupos são frequentemente desacreditadas pelos comentários on-line.

5)- O golpe de 2016: A retirada do poder da presidenta Dilma revelou uma questão de gênero que nos apresentou uma cultura misógina. Ademais, trouxe acirramento entre os partidos de direita e os de esquerda como uma polarização de grupos políticos na Rede Social

uma vez que, em 2011 houve o aumento da visibilidade da transexualidade no Portal devido a entrada de Ariadna Arantes no programa *Big Brother Brasil* e as datas de 2014 e 2015 a força inicial da disseminação do discurso de ódio em relação aos assuntos sobre gênero nas redes sociais e nas caixas de comentários dos portais de notícias.

Facebook e nas caixas dos comentários do Portal *Globo.com*. A obra *Mídia, golpe e misoginia* (2016) reúne diversas personalidades que vão de intelectuais acadêmicos/as à políticos/as que ajudam e corroboram perceber, dadas as narrativas digitais, a deflagração de quanto o golpe midiático- jurídico- parlamentar foi um ódio ao feminino e, conseqüentemente, abriu um flanco para reforçar a deslegitimação da transexualidade.

2. 3 A recepção sobre a transexualidade revela a misoginia

Observar a frequência das matérias sobre a transexualidade no Portal *Globo.com* fez com que a pesquisa me mostrasse outros desdobramentos. Analisando as reportagens sobre as mulheres trans e homens trans nos sites de notícias observo uma constância da transexualidade a partir de vários assuntos. Como já apontado, Thammy e Ariadna são figuras circulantes fundamentais que me levaram a problematizar cada vez mais recepção da transexualidade pela internet e desvendar o quanto a linguagem discursiva on-line afeta a vida social das transexuais quanto aos seus direitos civis, públicos e políticos, enfim de cidadania.

A abordagem de imersão on-line permitiu-me o acesso e a coleta de dados de links que me levavam a outros links que desencadeavam em outros links, enfim, uma rede de links que foi me trazendo como a transexualidade era debatida e recebida na web. Como reportado na introdução foi a partir de uma matéria no Portal *Globo.com* que pesquisei o perfil de Sofia Favero e que depois encontrei a página *Travesti reflexiva*. É nessa cadeia de sucessiva de links, por meio do perfil dela, chego à página *Travesti Reflexiva* que me levou ao grupo *Transgente*, que me levou à Letícia Lanz que por sua vez me levou ao *Nlucon*.

Essa cascata de links desenhava a minha busca e permitia a delimitação de um campo de análise que eu pudesse acompanhar e entender a recepção da transexualidade no Portal *Globo.com* e na Rede Social *Facebook*. Deparei-me com um conjunto de encontros conservadores respaldados em opiniões de discursos midiáticos e outros libertários em opiniões de discurso mais ativistas e acadêmicos. A violência apresentada na mídia começa ganhar força de 2016 até o momento de escritura final desta tese (novembro de 2018), o site *Nlucon* que também é uma página vizinha do grupo *Transgente* torna-se um interlocutor para entender como o preconceito e o discurso de ódio são estopins para o aumento das estatísticas de mortes das pessoas trans. Frente a esse cenário o meu ingresso à disciplina *Teoria social da violência* tornaria um marco importante para os novos rumos para o desenvolvimento desta pesquisa. Com ela pude ver o quanto o recebimento da transexualidade

nas mídias digitais envolve uma lógica biopolítica⁸⁰ e de massacre (simbólica nos cliques e física nos gatilhos). Os comentários contra as pessoas transexuais munidos de um discurso de ódio são constatações disso.

Em um passado não tão distante em que a travesti (como a transexual) estava somente nas folhas policiais, hoje o tema atravessa várias editorias dos veículos de comunicação massiva. Tudo isso me chama atenção como pesquisador. À medida que fui articulando a recepção da transexualidade fui percebendo o quanto ela está intrinsecamente relacionada com a ideia do outro. Assim, o outro que é alvo de violência simbólica (cliques) e física (gatilhos). Uma falta de empatia ou subalternização do outro que produz violência. O outro que está em rede. O outro que é alvo. O outro que é combatido. O outro que é luta. O outro que se organiza. O outro em mim. O outro como uma extensão de nós mesmos. O outro que é reforçado pelos discursos sociais. O outro que mantido como outro pelo sistema de crenças. Uma ideia de outro que ainda é vigorosamente construída a partir de valores hegemônicos que o coloca como o diferente, segundo Berenice Bento (2011). Para a socióloga visa uma antiga separação entre “nós” e “eles” que define o outro como o diferente, e assim estranho e aquele que não é o outro como normal, porque é visto como igual a todos. Transforma as diferenças em desigualdades sociais submetendo-as à régua da norma. (SEFFNER, 2011).

A mulher é o outro, ou seja, sempre o outro. O Outro absoluto como argumenta Beauvoir (1967). O outro Outros como afirma Miriam Adelman (2016), ou melhor, a outra Outras. Sim, a palavra outro no feminino, pois essa seria mais provavelmente a real cominação, tudo que se associa a ideia de outra: mulheres, homossexuais, transexuais, travestis, bissexuais, intelectuais, comunistas, negros, pobres entre outras.

É a misoginia como um ódio construído culturalmente simplesmente pelo fato das mulheres serem mulheres, no qual faço uma extensão do fato do feminino ser feminino. Uma repulsa ao feminino fundamentado num sistema de crenças que ao longo de milhares de anos na história tem colocado as mulheres subordinadas a decisões dos homens, ao masculino. Uma crença de ideais misóginos em que o feminino é inferior, por isso pode ser diminuído e submetido ao masculino, assim como deve ser repellido quando está fora dos corpos assignados pela biologia como de mulher.

⁸⁰ Como falado, conceito usado por Michel Foucault (1999) que traz na justificativa das práticas de violência uma forma de gerenciar a vida da população, pois a máxima de que é preciso matar para viver se torna uma forma de gestão populacional.

Então, como foi chegar à misoginia?⁸¹ O campo da recepção da transexualidade nas mídias digitais foi me mostrando campos novos de enfrentamento, o que parecia inicialmente um campo limitado e localizado foi sendo remodelado e esses se mostraram campos de muitas tensões. Foi um conjunto de leituras bibliográficas mais a observação de imersão diante da frequência das matérias sobre a transexualidade no Portal que me proporcionaram *feedbacks* do que eu vinha pensando e produzindo em relação à minha pesquisa.

Segundo a filósofa belga Luce Irigaray (1995) na *Economia falocêntrica*, o masculino é uno e o feminino é múltiplo (porque são os outros). Tudo aquilo que não se consegue encaixar ou enquadrar no masculino que é uno (só existe uma ideia de masculino) fica associado ao feminino que é definido como os outros. O outro enquanto feminino estão: as mulheres, os homossexuais masculinos e as homossexuais femininas como as transexuais femininas e os transexuais masculinos. No livro *Sexo e genealogias*, Irigaray (1993, p.242) afirma: “em todo lugar, em tudo, o discurso, os valores, os sonhos e os desejos masculinos são lei.” Há assim, um reforço da misoginia que está na linguagem; que faz o fato de ser gay e ser mulher tornaram-se um xingamento e não um tipo de sexualidade como no caso os homossexuais e no caso das mulheres, uma identidade de gênero. São expressões que revelam que o comportamento é ruim ou inferior, porque é feminino. Ser gay é ser “mulherzinha”.

A partir das proposições de Irigaray (1995) pode ser afirmar que o pensamento misógino opera no seguinte discurso: trans feminina - não valoriza o fato de ser homem e o fato de ter poder. A trans feminina acaba desprezando aquilo que é mais valorizado na sociedade, o pênis, símbolo máximo de ser masculino, assim sendo a transexual torna-se combatida como mostra uma parcela significativa dos comentários. Já, o combate contra o trans masculino se dá pela ousadia de querer ser algo que não é – em ser homem, logo querer ter poder. Como pode uma mulher um dia sonhar, desejar, ou até mesmo achar que é um homem? “Nunca sentirá a sensação de coçar um saco”, é o que proferem os comentários nas mídias sociais. Assim, a misoginia desagua nas postagens, compartilhamentos e comentários

⁸¹ Irigaray (2002) procura expor como a relação propositalmente “binária” entre os gêneros torna-se uma armadilha masculinista que exclui por completo o feminino. Revelando dessa forma a misoginia, que diferente do machismo, é a negação de qualquer traço de feminilidade. O machismo, por sua vez, é uma desvalorização do feminino, já a misoginia, além disso, tem raízes muito mais profundas porque mais que a inferiorização da mulher é uma aversão, um desprezo e um ódio a tudo que lembre o feminino.

transfóbicos.⁸² É preciso ainda dizer que a misoginia não fere somente o feminino, mas também o próprio masculino heterossexual cisgênero quando esse não corresponder a forma do ideal masculino (uno); ele não será tido como homem de verdade.

Tais comprovações vão estar nos indícios do meu caminho definido pela ambientação ao longo da minha imersão on-line, a misoginia aparece com força nos desdobramentos de fatos que vão sendo anunciados nos portais e redes sociais, enfim, nas mídias digitais. Um contexto em que o “Brasil cultiva discurso de ódio nas redes sociais” desmistificando a ideia que o(a) brasileiro (a) é tolerante às diferenças e que tem baixo preconceito e pouca discriminação como adverte Tiago Tavares (2016), diretor da Organização Não Governamental - ONG Safernet que monitora crimes, violações, ódio e preconceito na rede (GLOBO, 2016 q). Esse aumento sistemático de discurso de ódio foi mapeado graças à iniciativa da agência Nova/Sb (2016) que por meio do projeto *Comunica que Muda*, o qual consiste num blog de interesse público com disposição de promover mudanças significativas e positivas para um mundo melhor por meio de debates temáticos que são muitas vezes polimerizados pela sociedade.⁸³

Segundo o dossiê, essa avalanche de comentários de ódio tem entre eles, a mulher como a principal personagem atingida. Para a pesquisa as intolerâncias pelos meios digitais ganham maiores proporções. É interessante notar que apesar do documento restringir somente às mulheres como ataque digital misógeno, o dito feminino pode ser amplificado nos casos de homofobia e transfobia. Uma vez que todas as porcentagens de agressão convergem na gênese da agressão ao outro que tem como mãe de todas elas: o feminino. E mais, a misoginia é “uma das intolerâncias que mais são disfarçadas em formatos invisíveis, normalmente como piada” (NOVA/SB, 2016, p.63). E mais ainda, se a pesquisa mostra que o percentual de menções negativas na web são 88% misógenos (aqui visto por ela exclusivamente as mulheres), esse

⁸² A partir da concepção de abjeção de Butler (2002) os autores William Siqueira Peres e Lívia Gonsalves Toledo (2011) veem que a transfobia é o medo, o nojo e a aversão pelas expressões TTT, que são transexuais, travestis e transgêneros.

⁸³ Como foi exposto no primeiro capítulo, o Portal, muitas vezes, bloqueia e até mesmo suspende a possibilidade de se comentar, uma vez que ao retirar a caixa de comentários de reportagens, principalmente, daquelas que retratam a violência extrema, mostra que existe uma pressuposição, um reconhecimento da exacerbação do discurso de ódio. Portanto, a possibilidade faz com que se bloqueie a caixa de algumas notícias e outras não. Ademais, a criação em abril de 2015 do Humaniza Redes (#humanizarede) que consiste como Pacto Nacional de Enfrentamento às Violações de Direitos Humanos na internet torna-se uma iniciativa do Governo Federal também contra o discurso de ódio. Tal ferramenta de comunicação cidadã que acontece on-line visa com que os usuários de mídias digitais possam fazer denúncias de violência, discriminação e preconceito realizados no digital.

ataque ao feminino poderia ser muito maior somado aos 93,4% homofóbicos (que a pesquisa incluiu nela os transfóbicos).

O ódio ao feminino parece transbordar de link em link que vão tomando força em matérias que retratam a violência contra o feminino tanto nos portais de notícias como nas postagens em redes sociais; os comentários parecem muitas vezes compactuar com a violência, não basta para muitos a morte feminicida, é necessário, além disso, exorcizar todo e qualquer resquício de “fraqueza” como quem espanta uma maldição, num libelo contra uma pretensa debilidade feminina apenando dessa forma à transexual à uma segunda morte, a morte simbólica, representada pelo pelotão de fuzilamento dos cliques. Nada, parece escapar dessa dimensão, eventos como “Escola sem partido” e “Proibição de gênero na escola, dão mais vasão. A misoginia respinga em outros comentários de matérias que nem falam sobre necessariamente de gênero e orientação sexual. Elas vão ficando cada vez mais intensas em 2015 e refletidas em 2016. O caso da Trans crucificada, o #SomostodasVeronica e o estupro coletivo da garota de 16 anos abusada por mais de 30 homens.⁸⁴ Durante o percurso da pesquisa, outros personagens vão aparecendo em cena: Alexandre Frota – convidado para um programa de TV – confessa ter estuprado uma mãe de Santo fazendo humor; e o caso Marco Feliciano em que a jornalista o acusa também por estupro. A partir da retirada de Dilma Rousseff da presidência, o feminino ficou mais vulnerável como retrata o livro *Mídia, golpe e misoginia* (2016) citado neste capítulo desta pesquisa.

No final de 2016 e início de 2017 já temos três casos emblemáticos de repulsa ao feminino: “morte do índio ambulante ao defender uma travesti de homens que queriam espancá-la” (GLOBO, 2016 r, s.p); “homem mata toda família e ONU vê misoginia no caso”; (GLOBO, 2017 z, s.p); “mãe mata o filho por ele ser homossexual” (GLOBO, 2017 aa, s.p) são manchetes que apontam que a violência tem gênero.

Quando parece que as notícias trágicas nesse campo cessaram, aparece a morte cruel de Dandara (GLOBO, 2017). Travesti linchada por um grupo de agressores e jogada como um entulho em um carrinho de mão. Toda a ação é filmada pelos próprios linchadores na certeza que estavam fazendo algo que os condecorariam com apoio de outros moradores. Três anos de pesquisa, este foi o caso de violência mais extrema que me deparei, pois, o processo

⁸⁴ Casos elencados aqui e que já foram reportados. Destaco ainda que as palavras “transfobia” e “misoginia” vão aparecendo com maior frequência ao longo dos anos de 2016 e 2017 no Portal.

da violência que Dandara sofreu, ultrapassou o limite da morte. Sociologicamente chamamos isso de *overkill*: o excesso de matar e não o matar em excesso (SÉMELIN, 2009).

Em meio às repercussões mais visíveis outras passavam despercebidas, mas tinham tão como os mesmos efeitos. A lista de acontecimentos expostos na mídia em 2017 parece se perder no horizonte de link de matérias. O ódio ao feminino se espalha pela rede expondo suas facetas em diferentes casos noticiados pela mídia e muitas vezes compartilhando o mesmo espaço/tempo no Portal de notícia. Como, por exemplo, no fatídico dia 11 de abril de 2017 em que duas mulheres, Emily e Patrícia, não bastassem elas serem alvos de agressores masculinos, também são mira de comentários odiosos. A participante do *Big Brother Brasil 17*, Emily Araújo foi agredida por outro participante que estava se relacionando, o médico Marcos Harter (GLOBO, 2017dd, s.p), e a estudante de jornalismo Patrícia Lelis que relata que foi estuprada pelo deputado federal Marco Feliciano (GLOBO, 2017cc, s.p). Neste caso há menção de outro episódio de misoginia, o caso da travesti Verônica que foi desfigurada numa prisão masculina (GLOBO, 2015 m, s.p). Nesse mesmo dia na Rede Social *Facebook*, além da repercussão dos casos linkados no Portal de notícia, também são compartilhadas e postadas sobre a humilhação machista que o apresentador Silvio Santos fez com a jornalista Raquel Sheherazade. Silvio Santos foi um dos apresentadores que deu espaço às travestis, trouxe visibilidade a elas, mas a um custo muito alto, humilhando-as como afirma Letícia Lanz no grupo *Transgente*.

As agressões ao feminino aparecem em outras matérias: “Alunos de medicina fazem foto com calças abaixadas e faculdade abre sindicância” (GLOBO, 2017 ee, s.p). Muitas vezes a aversão ao feminino é tão sutil que nem mesmo a reportagem problematiza como um ataque misógino e sim uma falta de ética profissional, mesmo que na foto dos estudantes de calças baixadas, eles estejam fazendo gestos que simulam a genitália feminina e chamam seus pênis de #pintosnervosos. Todos esses fatos noticiados em um intervalo menor de 24 horas.

A mulher acaba sendo vista, frequentemente, como culpada de tudo, melhor dizendo, tudo aquilo que lembra o feminino como é bastante frequente nas matérias e comentários de mídias digitais. Não é algo inédito ou isolado, é uma rotina diária. A misoginia parece ocupar todos os espaços. A preocupação estética, a vaidade feminina. Culpada de morrer. “Mulher morre após fazer cirurgia plástica em clínica na Zona Oeste do Rio” (GLOBO, 2017 ff, s.p) como se a mulher não tivesse tirocínio suficiente para deliberar sobre uma intervenção dessa natureza. Há uma tendência nestas notícias e nos seus respectivos comentários de condenar a

mulher, mesmo ela estando na posição de vítima de um erro médico ou de uma violência diretamente praticada contra ela. O feminino é, frequentemente, associado à “fraqueza”, “futilidade”, “inferioridade”, “ridicularização” tanto que homens ditos como fracos, fúteis e inferiores são chamados, repetidamente, de “mulherzinhas” e quando querem eles mesmo se ridicularizarem se vestem de mulher, prática muito comum em programas de humor e no carnaval brasileiro.

Assim, uma série de manchetes sobre violência de gênero contra as mulheres, ultimamente, compôs o Portal *Globo.com*. Tal crescimento de matérias que descrevem as mais diferentes formas de violências, muitas delas resultante de morte de mulheres por seus companheiros homens trouxeram a visibilidade tanto das expressões misoginia (ódio ao feminino) como do feminicídio (morte devido a vítima ser do gênero feminino).⁸⁵

Acredito que seja imprescindível enfatizar o afã do meu esforço de reunir todas essas matérias e postagens retratadas de questões pertinentes a tese como se elas fossem peças a formar um mosaico que sugere as análises feitas até aqui. A tarefa de compreender a recepção da transexualidade é bastante complexa e de árdua empreitada. O olhar antropológico me dá o tino de perceber que a receptividade envolve uma rede de discursos que estão inseridos em um sistema de crenças. A transexualidade é polemizada socialmente, assim como gênero e sexualidade.

A imersão oculta nas plataformas on-line para entender a recepção faz com que quase 100% do seu tempo esteja com seu objeto de estudo. É estar absorvido no seu objeto, que muitas vezes, não tem como escapar. Ao ponto, de quando seu objeto de estudo está convulsionando, você parece estar convulsionando junto, anotando no seu caderno (papel ou bloco de notas digital) as desgraças, as mazelas, as dores e também as alegrias, entretanto mais raras, são parte da dimensão emocional da pesquisa. Você está com a sociedade a todo instante. Ela parece até intervir quando se está dormindo, pois somos seres sociais.

Se por um lado parece o meu objeto agonizar com o discurso de ódio, há outro movimento oposto o do discurso de afeto que faz o pesquisador imerso no on-line não desanimar, por exemplo, o acolhimento retratado no link “alunos do Senac fazem casamento para travesti como conclusão de curso”, compartilhado pelo grupo *Transgrupo Marcela*

⁸⁵ Tais variações podem ser vistas no anexo 01. Segundo como pode observar no gráfico 16 do *Google Trends* a misoginia atingiu 89 pontos em abril de 2016, em agosto de 2016 e junho de 2018 chegou aos 100 pontos. Já, o termo feminicídio (gráfico 17) possui 100 pontos em agosto de 2018. Em março de 2015 expressa 26 pontos depois de quase nula o interesse sobre o tema na web. Tais discussões sobre tais expressões serão retomadas no último capítulo.

Prado (2017). As trans conseguiram a visibilidade do T no movimento LGBT entre outras conquistas.

Mas, nem tudo é afeto, acolhimento e esclarecimento, o ano de 2017 mal tinha se iniciado e já deixou a internet em polvorosa, como já listei alguns casos. Em meados do segundo semestre de 2017, mais precisamente entre os meses de setembro e outubro, uma luta travada e declarada contra “a ideologia de gênero” parece ganhar cada vez mais força no cenário das mídias digitais. De postagens e comentários contra tudo que defenda gênero que vão desde propagandas de produtos comerciais aos programas televisivos até aquelas que trazem ou está associada à “ideologia de gênero”, como o cancelamento da Exposição *QueerMuseu*, no Santander Cultural em Porto Alegre (RS). Por ser uma exposição de arte sobre gênero e sexualidade, muitos negaram, distorceram e odiaram a arte, mostrando intolerância digital.⁸⁶

As vindas da filósofa desconstrutivista *queer* Judith Butler, alicerce teórico dessa tese como já falado, se mostrou um ótimo termômetro para perceber como as discussões de gênero e sexualidade foram ganhando força. O discurso de ódio neste momento se mostra mais encorpado, visto que a “ideologia de gênero” entra totalmente em cena. A primeira vez que a teórica americana palestrou no Brasil, em 2015, houve pouca repercussão na grande mídia.

Existia uma tese que parecia ganhar robustez: as trans e os homossexuais são pessoas comuns e merecem ter direitos como todo mundo. A antítese: eles não são e não devem ter acesso aos direitos que as pessoas devem ter. O momento que este violento desequilíbrio parece querer se equilibrar, pendendo hora para um lado, ora para outro, nos assinala que a síntese estava sendo preparada, e talvez parte dela, o ódio proferido por grupos reacionários devido a segunda vinda da pesquisadora *queer* ao Brasil em 2017. Tãmanha foi a violência que foi propagada devido a sua última vinda ao Brasil em de 2017 que lhe rendeu diversas produções artística, jornalística e acadêmicas, entre elas, um dossiê do caderno Pagu.⁸⁷

⁸⁶ O gráfico 11 gerado pelo *Google Trends* (em anexo 01) mostra que a expressão “ideologia de gênero” ganha notoriedade em principalmente em dois momentos aqui descritos e demarcados no Portal *Globo.com*, junho de 2015 e outubro de 2017. A primeira data é devido o aumento de projetos de leis tocantes a proibição de gênero nas escolas e a segunda sobre a vinda de Judith Butler, tais eventos são repercutidos no Portal e vão somando-se aos assuntos sobre a temática gênero que vai tendo nos últimos anos cada vez mais repercussão nas mídias digitais.

⁸⁷ De acordo com Miskolsci e Pereira (2018, s.p) “impactados com o ocorrido e com a violência das manifestações, organizamos o evento “Quem tem medo de Judith Butler? As cruzadas morais contra os direitos humanos no Brasil” (UNIFESP, 08/12/2017). O objetivo foi refletir sobre os ataques a intelectuais, educadores/as e artistas que marcaram os últimos anos. Surgia dali a base para este debate no cadernos pagu – textos que compõem um conjunto articulado de reflexões que busca responder às perguntas suscitadas pela

Os títulos de alguns artigos que compõe o caderno como “*Quem tem medo de Judith Butler? A cruzada moral contra os direitos humanos no Brasil*” de Richard Miskolci e Pedro Paulo Gomes Pereira (2018) ou “*Joga pedra na Judith*”: discursos de ódio e populismo de Raphael Neves indicam como a presença de Judith Butler gerou ignorância, ódio e violência por grupos que se colocam contra os estudos de gênero no Brasil. Uma perseguição, que fez com que presenciássemos no Portal *Globo* na reportagem “Grupos protestam na Zona Oeste de SP a favor e contra filósofa Judith Butler”(GLOBO, 2017, s.p) a figura da filósofa norte-americana em uma boneca vestida como bruxa sendo queimada, bem no molde das fogueiras da inquisição em plena era dos bits e dos bytes.⁸⁸

Os ataques à Butler segundo Miskolci e Pereira (2018, s.p) consistiram também por meio de palavras de ordens como “deixem em paz nossas crianças!”, e ainda perseguições no aeroporto de Congonhas com berros de “pedófila!” De acordo com os autores, os cartazes empunhados de frente aos eventos mais os *posts* e vídeos que circulavam nas redes sociais de grupos contrários à filósofa compartilhavam da projeção em Butler a personificação da “ideologia de gênero”.

Em uma dessas postagens que inclusive, ganhou diversas curtidas e compartilhamentos, entre diversos grupos como do *Hetero/orgulho* consta o ator Alexandre Frota que tem sido uma das figuras circulantes de destaque opositora aos estudos de gênero e sexualidade nas escolas. O post trazia do *twitter* pessoal do ator a seguinte frase “Judith Butler aqui ok a mãe da ideologia de Gênero” e junto dela um vídeo em que Alexandre Frota fala:

Boa noite, eu vou tentar ser o mais rápido possível. No próximo dia sete de novembro, as nove horas da manhã no SESC Pompéia em São Paulo vai acontecer uma apresentação que é um absurdo, talvez um escárnio, né? Uma mulher ou um hermafrodita, não sei como classificar essa pessoa, Judith Butler. Ela chega ao Brasil, né. Ela que é a mãe da ideologia de gênero. Essa ideologia porca que quer

perseguição e pelo ódio que vimos materializar-se em uma espécie de caça às bruxas contemporânea.” O dossiê citado é o caderno número 53 que está disponível no seguinte link: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-833320180002&lng=pt&nrm=iso>.

⁸⁸ Como se pode perceber a misoginia é historicamente estrutural, assim, como Butler quase linchada em pleno século XXI, sendo chamada de bruxa e a sua teoria vista como algo anti-cristão; uma outra filósofa, mas do século V, chamada Hipátia, diferente da filósofa norte-americana, não escapou da fúria da multidão e foi brutalmente morta em 415 depois de Cristo, tendo o seu corpo esquartejado e queimado. A filósofa neoplatonista grega romana que viveu entre os anos de 355-415 depois de Cristo era uma mulher culta e de uma capacidade matemática brilhante, e como a pensadora contemporânea sua teoria era vista como ameaçadora, maligna e de má influência aos cristãos. Observa-se que o conhecimento filosófico e científico quando produzido por mulheres revelam o feminino pensante e assim visto como algo ameaçador para o masculino misógino que teme o desmantelamento de sua dominação na área do conhecimento.

transformar as famílias brasileiras, que quer fazer com que seus filhos sejam filhas e que suas filhas sejam filhos. Porque parece que num país hoje ser heterossexual é um crime, virou um absurdo isso. Mais uma vez, essa mulher, essa porca vem ao país, né, no SESC Pompéia e se ninguém faz nada, nós vamos fazer! Eu vou fazer! Nós vamos fazer! Vamos protestar! Não vamos aceitar essa democracia liberal maquiada de ideologia de gênero, que essa (...) que essa mulher, essa sujeita traz ao país, né. Vai se apresentar no SESC Pompéia e nós obviamente estaremos lá também para protestar porque não podemos mais suportar esse tipo de coisa. Ideologia que eles querem colocar exposição com pedofilia, zoofilia, criança viada, criança travesti, é (...) homem fazendo sexo oral em homem e sexo anal. E tudo exposto para as crianças poderem olhar, as crianças poderem ver. São livros que são entregues em escolas, né. Um homem deitado nu no chão e uma criança menor de idade tocando nesse homem. E ainda que sua mãe tenha permitido, nós não vamos permitir! Não interessa. Então, está aí, dia sete de novembro, né, Judith Butler no Brasil. Não vamos aceitar esse escárnio, esse molambo aqui.

Tais declarações e eventos à receptividade de uma das principais filósofas ícone da contemporaneidade causou indignação e perplexidade não somente a comunidade acadêmica brasileira e internacional como entre os defensores dos direitos humanos. “Afinal, o que se passava em nosso país a ponto de grupos organizarem protestos e um abaixo assinado contra a presença de Butler aqui?” (MISKOLSI; PEREIRA, 2018, s.p).

Para Neves (2018) a atual crise política possibilitou a abertura para os discursos excludentes, preconceituosos e munidos de ódio. O autor vê como aqui algumas vezes enfatizado, a importância das mídias digitais nesse processo:

*A retórica inflamada em torno de polêmicas moralistas, como a exibição do *Queermuseu* ou a performance de Wagner Schwarz no MAM, mostra como as redes sociais são capazes de mobilizar a defesa dos “nossos” filhos, da “nossa” heterossexualidade, enfim, da “nossa” normalidade em contraposição a um outro “pervertido”, cujo modo de vida não merece ser respeitado. Nada impede que esse discurso seja cooptado por uma liderança reconhecida como a que fala em nome do único modo de vida “verdadeiro” e “legítimo” (NEVES, 2018, s.p).*

Como foi exposto as ondas de sexismo, homofobia e transfobia que encontram o seu desague na misoginia estavam latentes, mas ainda não tão legitimadas, entretanto, agora inclusive tentam conseguir a sua legitimação pelo Estado por meio de projetos de lei como dos “escola sem partido” e “proibição de ideologia de gênero nas escolas”. Ou ainda, até mesmo fora do Estado como destaca Neves (2018, s.p) ao dizer, a partir da retórica butlerniana, que a “soberania popular” diferente da “soberania estatal” “inclui no grupo dos que defendem que a origem da legitimidade do Estado encontra-se sempre fora dele.” Isso quer dizer que, a vontade do povo pode ser contrária da vontade do Estado, mesmo que essa

se utilize de meios ilegais, movida por um olhar de *senso comum* misturado a ódio e preconceito.

Confesso que diante de um cenário que o discurso de ódio tomou a cena social e foi se reproduzido como tal pela internet, em vários momentos desta pesquisa me senti como se estivesse sendo “bombardeado” por diversas notícias de violência em suas mais variadas dimensões contra as pessoas trans e que se ampliavam para os homossexuais e para as mulheres-cis, até porque tendo todas elas em comum “um não cessar de fogo” contra o feminino. Estava eu diante desse bombardeamento tentando em meio aos seus efeitos devastadores de preconceito, sofrimento, injustiça, violência e morte em catarse digerir para entender como a pesquisa se encontrava desde o seu início em um contexto que a misoginia ora parecia tão camuflada e agora na presente imersão on-line não escondia mais a sua face.

A *trajetória* da transexualidade da minha irmã se foi, inicialmente, sem conexão, também foi de certa forma escassa de referências. Não havia naquele momento muitas trans conhecidas além de Roberta Close e Rogéria. Como afirma Amara em sua biografia: “*Roberta Close. Para as novas gerações, talvez ela não signifique grande coisa, mas a diferença que essa mulher fez na minha vida é gigante*” (MOIRA, 2017, p.20). Em outras cenas, além da midiática, era mais complicado ainda, principalmente pela marginalização imposta socialmente às pessoas trans, que lhes restavam para uma esmagadora maioria às ruas soturnas da prostituição.

O canal digital possibilitado pela internet foi um salto qualitativo para se ter informação e encontrar pessoas que vivenciavam o que ela sentia. O ponto inicial desse contato, como foi descrito se deu por meio do site de Maitê Schneider, *Casa da Maitê*. Os meios de comunicação digital diminuíram as distâncias e as fronteiras para se compartilhar os dramas, as alegrias, os amores, as lutas; houve assim uma confluência de interesses.

Ao contrário do que poderia ser a princípio, as trans vêm arduamente conquistando espaços suficientes na sociedade para escapar da associação frequentes e não de todo incorreta com a prostituição. Hoje se depara com transexuais ocupando cargos e desempenhando funções antes exclusivas das pessoas cisgêneras. Isso mostra a quão frutífera foi a luta diuturna de “curtida em curtida” para que esse cenário que pode melhorar ainda mais fosse conquistado. Não se trata de dizer que as pessoas transexuais deixaram de sofrer com o

preconceito, mas que elas puderam se organizar e se reorganizar para resistir a ele. Grande parte dessa resistência foi pelo ativismo digital que mudou não somente as nossas relações, mas que pela comunicação digital também criou novas formas de resistir como, por exemplo, do grupo *Transgente*. Não é tarefa fácil, pois a misoginia é estrutural engloba sistematicamente outras formas de ódio como a transfobia, já retratada.

As matérias compoendo periodicamente o mosaico do Portal sendo composto e cada vez mais preenchido por reportagens que estampam os aspectos das lutas e dos direitos e se reconhecer nelas, não poderia ter para ela maior representatividade. As referências pós-digital foi se ampliando e ganhando destaque no cenário on-line: Lea T, Léo Áquilla, Ariadna Arantes, Thammy Miranda, T Brandt, Amara Moira, Thalita Zampirolli entre outras/os. Com elas/es minha irmã foi percebendo que ser trans é poder ser o que ela quiser: atriz/ator, nome, corpo, modelo, desejo, conhecimento, professora/or doutora/or, ciente de seus direitos, cidadã/ão, mas essencialmente humana. Era dado *o click*, mesmo diante das batalhas, para a sua existência plena de ser transexual.

CAPÍTULO III – O ACESSO AOS COMENTÁRIOS E SEUS TIPOS DE ENUNCIADOS

Este capítulo constitui a parte principal da análise dos dados da recepção sobre a transexualidade nas mídias digitais que tem como objetivo primordial apresentar e analisar os comentários levantados que foram proferidos pelos usuários do Portal *Globo* e dos grupos *Transgente* e *Hetero/orgulho*. Como abordado no primeiro capítulo, o estudo de recepção é uma importante abordagem para entender a comunicação das mídias digitais e dessa maneira também contribui para a análise de discurso das opiniões enunciadas sobre a transexualidade no on-line.

Os comentários que tive *o acesso* serão analisados, como também já mencionado na introdução, a partir da análise de discurso proposto por Foucault (2006) com enfoque nos estudos teóricos *Queer* de gênero que dialogam com vertentes pós-estruturalistas, como também de bibliografias que se valem de perspectiva sócio antropológica sobre os temas mídia digital, recepção, visibilidade, ódio, luta, resistência, violência social, dentre outros relacionados à problemática de pesquisa que vão sendo encontrados imergido no campo. Assim, por meio de um aporte teórico foucaultiano recorro e dialogo com teóricos pós-estruturalistas possibilitando uma discussão que problematize os enunciados discursivos levantados pela recepção da transexualidade sobre o escopo dos direitos das transexuais e da legitimação da transexualidade pensando a identidade de gênero e sexualidade como uma dimensão biopolítica à luz da teoria *Queer*⁸⁹; englobando inclusive reflexões a respeito da abordagem antropológica imersiva nas relações sociais pela internet.

Como retoma Tamsim Spargo (2006) os trabalhos de Michel Foucault fornecem alicerces teóricos investigativos sobre discurso, poder e saber para refletir de maneira catalisadora os estudos de gênero e sexualidade. Outro teórico que me ajuda pensar a receptividade da transexualidade a partir de sua análise sobre os processos de violência é o historiador e psicólogo Jacques Semélin (2009). No seguimento que, a violência simbólica, frequentemente, realizada contra as/os transexuais no on-line e muitas vezes em simbiose com a violência física off-line pode ser compreendida, como o autor nos informa, por meio da lógica do massacre. Não restritamente na quantidade de corpos destruídos ou somente

⁸⁹ Inspirada quanto a “um aspecto de que gosto muito na minha teoria é que ela tem uma dimensão de alianças. É pensar no *queer* como uma possibilidade de alianças contra diversas formas de precariedade que afetam as pessoas no mundo contemporâneo”, definiu a filósofa em entrevista coletiva que antecedeu sua participação no seminário *Queer – Cultura e Subversões das Identidades* (BUTLER, 2015, s.p).

vinculada às guerras declaradas, mas de um processo discursivo de destruição em que o/a (os/as) outro/a (outros/as) transexual/ais é (são) visto/a (vistos/as) como uma ameaça para uma sociedade que normativa e naturaliza as relações de gênero.

Divido este capítulo em dois momentos: o primeiro, composto por dois tópicos, apresento a compilação dos principais tipos de comentários encontrados no Portal *Globo.com* e nos grupos *Transgente* e *Hetero/orgulho*; e no segundo momento, formado por seis tópicos, empreendo a análise de tais comentários. É pertinente dizer que trabalho os comentários, as postagens, os links de matérias de compartilhamentos repercutidos do Portal atento em incluir as semelhanças e as não semelhanças de como esse conjunto temático sobre a transexualidade é recebido por usuários das redes sociais digitais aqui analisadas.

3.1 Os enunciados e os tipos de comentários deslegitimadores e legitimadores

As categorizações dos comentários foram formuladas a partir da identificação de pontos de vista comuns como temas, conteúdo e opiniões que vão aparecendo de forma frequente na caixa de comentários. Assim, as categorias aqui criadas ajudaram a organizar os comentários realizados pelos receptores (os leitores e membros) dos emissores (do Portal e dos Grupos do *Facebook*). Tais comentários são a partir de como a transexualidade foi recebida, entendida e sentida por meio de mensagens presentes em matérias, postagens e compartilhamentos digitais.

Verifiquei, emergido no Portal *Globo.com* e nos grupos do *Facebook* - *Transgente* e *Hetero/orgulho*, que a recepção da transexualidade possui um duplo movimento de discursos: os deslegitimadores e os legitimadores. O primeiro daqueles que não reconhecem a transexualidade como experiência legítima de gênero e por não reconhecerem a legitimidade da experiência tornam as pessoas que a vivenciam abjetas, o que implica em não aceitação da inclusão das mesmas no campo dos direitos, portanto, da cidadania e, no limite, do próprio humano; e o segundo que são os que reconhecem transexualidade e reconhecem o direito de existência plena das pessoas transexuais.⁹⁰

Dentro dos grandes campos da deslegitimação e da legitimação, apresento uma expressão paradigmática para cada variável escolhida a partir dos comentários colhidos. Nos discursos deslegitimadores estão as categorias que respectivamente se definem como:

⁹⁰ Muitas vezes observa-se que os comentários podem não apoiar a atitude e o comportamento, por exemplo, de Lea T, criticada, por vezes, não por ser transexual, mas por suas posições política, religiosas, estéticas entre outras questões.

* Exclusão - ou ímpeto classificatório caracteriza-se quando por meio da classificação distingue duas ou mais pessoas mediante as crenças que essas possuem uma essência diferente quando não oposta, contudo a ideia de substância (unidade) que é o sustentáculo da teoria da essencialidade é improvável pela teoria *queer*, porém mesmo assim parte dos agentes, no caso desse estudo, os comentadores, a usam para a discriminação das pessoas trans.

* Desumanização - consiste no ato de retirar os atributos que o ser humano possui que o torna singular e diferente dos demais seres vivos; ao rebaixar o ser abjetado (excluído e sem valor) é possibilitado socialmente de violência e até o massacre seja ele velado ou efetivo.

* Distorção consiste no ato de falsear, com ou sem intenção, enunciados científicos como também os jurídicos, religiosos e políticos visando combater uma ideia.

Nos discursos legitimadores estão as categorias que respectivamente se definem como:

* Inclusão – é uma ação, por parte de alguns comentários, de combater o preconceito, a discriminação e a exclusão da vida social de determinados grupos sociais devido a questões gênero e sexualidade, defendendo o direito dessas pessoas em acessar bens e serviços como direito de todos por serem vistos e ditos diferentes e fora das normas de gênero.

* Humanidade – natureza daquele que é ser humano, mas mesmo que seja presente a todos os seres humanos, trazer a humanidade a determinados grupos sociais como as/os transexuais visa, mais que lembrar que elas/eles são providas/os de direitos civis, políticos e sociais, enfim, cidadãs/ãos, são seres humanos e que como tais não devem ser monstrificados, tratados como não- humanos.

* Esclarecimento – efeito de explicar aquilo é distorcido revelando dessa maneira, que muitas vezes, para atender uma normatização e para adequar o que se deseja, o comentarista falseia, omite, seleciona e faz associações que partem de premissas frágeis, principalmente, com a intenção de prejudicar/desqualificar determinados grupos. O ato de esclarecer guarda o esforço de oferecer à opinião pública o acesso à outras informações e conhecimentos mais críticos e elucidativos sobre a transexualidade.

Ao lidar com os dados do campo percebi que era impossível classificar os enunciados/argumentos abaixo citados no Quadro 05 em uma categoria ou outra. No entanto, isso não significa dizer que separar os enunciados discursivos de exclusão, desumanização e distorção sejam algo inútil e desnecessário, haja vista que, eles nos mostram as estruturas discursivas principais dos quais esses argumentos vão se valer na hora de legitimar ou deslegitimar a transexualidade; ora excluindo de maneira mais implícita, ora distorcendo e

ainda ora desumanizando, mas sempre deslegitimando. Do mesmo modo no discurso legitimador observa-se que eles usam da inclusão, da humanidade e do esclarecimento da mesma forma das categorias anteriores, de maneira que fica difícil uma classificação unifica que possa classificar em um desses três e separar nos outros dois.

Por exemplo, um típico de enunciado discursivo deslegitimador aparece no enunciado que pode ser sintetizado na frase “a transexual é uma aberração”. O aspecto mais característico desse tipo de comentário é a desumanização, pois tira da pessoa transexual a sua humanidade, lançando-a no campo da anormalidade. Assim como, o argumento “a transexual é uma aberração” também é uma forma de exclusão, porque retira a pessoa transexual do campo humano, os corpos trans são vistos de forma abjeta. Como ainda, ao afirmar que “a transexual é uma aberração” há distorção, uma vez que, a transexualidade não é uma irregularidade ou deformação genética biológica, mas está relacionada a uma experiência de gênero e que algumas pessoas rompendo as normatizações daquilo que é definido como feminino e masculino são alvo de preconceito. É mister dizer que uma das coisas mais fascinante do estudo da transexualidade é o fato dela não se prestar a análises muito fechadas ou reducionistas, ela é como que um ente-vivo em movimento escapando assim as formalizações mais engessadas, mas como qualquer outra experiência humana é dinâmica, desafiada e conformada por normas.

Diante disso, formulo o quadro de “tipos de comentários deslegitimadores sobre a transexualidade e pessoas trans” providos tanto enunciados de exclusão, desumanização e distorção, uma vez que todos deslegitimam a experiência da transexualidade e os direitos da pessoa transexual.

QUADRO 05-Tipos de comentários deslegitimadores sobre a transexualidade e pessoas trans.

Categorias e enunciados de comentários deslegitimadores:
Exclusão (Ímpeto classificatório) – Desumanização – Distorção
<ul style="list-style-type: none"> - Homem é XY, Mulher é XX; - Tem pênis é homem, tem vagina é mulher; - Existem somente homem ou mulher, o resto é gambiarra;

- Deus criou o homem e a mulher;
- Mulher não tem pênis, pés ou mãos grandes, gogós e nem suor de homem;
- Homem sem pênis ou sem saco não existe;
- A transexual é uma aberração;
- A transexualidade é uma anomalia;
- As pessoas trans são doentes;
- As transexuais são monstros;
- As pessoas trans são demônios;
- As travestis são lixo;
- As pessoas trans (transexuais e travestis) são bandidas/os, marginais ou criminosas/os;
- Se não fosse travesti ou transexual não seria morta/o;
- A transexualidade é coisa de esquerdista, isso é ideologia de gênero;
- A transexualidade não é de Deus;
- Não é somente as transexuais ou travestis que morrem, os heterossexuais também morrem;
- O SUS não deveria oferecer e nem pagar esse tipo de cirurgia, existem outras cirurgias mais importantes e urgentes;
- Nome social é falsidade ideológica; transexuais/travestis usando banheiro de mulheres podem estupra-las.

Da mesma forma, elaboro o quadro de “tipos de comentários legitimadores sobre a transexualidade e pessoas trans” que possuem os enunciados de inclusão, humanidade e esclarecimento, de modo que tais argumentos legitimam a experiência da transexualidade e os direitos da pessoa transexual.

QUADRO 06- Tipos de comentários legitimadores sobre a transexualidade e pessoas trans.

Categorias e enunciados de comentários legitimadores:
--

Inclusão	- Humanidade	- Esclarecimento
<ul style="list-style-type: none"> - Ser homem e ser mulher não é uma definição cromossômica; - Ser homem e ser mulher não é uma constituinte biológica; - Existem outras formas de ser homem e de ser mulher; - Existem diferentes estéticas corporais, existem mulheres com pés grande e homens sem pênis e sem testículos; - Gênero não é algo divino ou biológico, é construção social; - As pessoas trans são seres humanos; - As transexuais são cidadãs e possuem direito como qualquer outra pessoa; - A transexualidade não é uma aberração ou anomalia, são pessoas que rompem com as normatizações de gênero; - As travestis e as trans não são bandidas e sim marginalizadas. São as pessoas que menos cometem crimes; - Ninguém morre por ser heterossexual, cisgênero e sim por ser travesti, transexual; - Não existe motivo de alguém ser morto/a, muito menos por ser travesti/transexual; - Todos/as, incluindo as pessoas trans têm direito ao SUS e não existe cirurgia mais ou menos importante; - Nome social e/ou mudança de nome em documentos e uso de banheiros públicos são direitos sociais. 		

Como já falado, a intenção dos dois quadros é ajudar na compilação dos comentários e posteriormente na análise dos mesmos. Os comentários estão assentados em enunciados específicos como se pode observar tanto no quadro 05 que traz os comentários deslegitimadores como no quadro 06 que traz os comentários legitimadores. Isso porque como escreve Judith Revel (2005, p.37) “o discurso designa, em geral, para Foucault, um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns.” Para a autora, tais “regras não são somente linguísticas ou formais, mas reproduzem um certo número de cisões historicamente determinada” (REVEL, 2005, p.37). O que a autora quer dizer que os enunciados vão além de palavras ou

conjunto de palavras que formam uma frase. Os enunciados revelam um acontecimento, uma prática social histórica numa determinada época e que mesmos pertencentes a campos diferentes, como por exemplo, aqui os analisados sobre a transexualidade podem remeter-se, como geralmente são mais demarcados, dos saberes médicos, jurídicos e religiosos, mas com a mesma função de deslegitimar ou legitimar os direitos das pessoas transexuais.

Partindo do mesmo princípio sobre o discurso, Rosa Maria Bueno Fischer (2001, p. 198) afirma que “para Foucault, nada há por trás das cortinas (...). Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão vivas nos discursos.” Claro, que os enunciados discursivos podem esconder intenções, mas eles não estarão escondidos, dado que são a célula mater do discurso. Visto ainda que, o discurso sendo formado por enunciados tem por meio deles a finalidade de mostrar o que se pensa, o que deseja dar relevo, o que deve ficar de fora ou dentro, daquilo que deve ser dito ou ser silenciado, o que estará em primeiro plano e o que estará em segundo plano para até mesmo contaminar opiniões. Enfim, o discurso será um espaço de verdade e poder e fará uso de seus enunciados para se impor e representar uma verdade.

Após essa apresentação dos enunciados que formam os comentários deslegitimadores e os que formam os comentários legitimadores, os argumentos de exclusão, desumanização e distorção como também os elementos de humanidade, inclusão e esclarecimento serão elucidados na segunda parte desse capítulo. Isso quer dizer que a partir de comentários mais emblemáticos levantados tanto das caixas de comentários do Portal e da Rede Social serão discutidos e analisados, oportunamente, nos tópicos que compõem o segundo momento deste terceiro capítulo. Do mesmo modo os discursos sociais que tais enunciados discursivos se apropriam também serão discutidos.

3.1.1 A apropriação dos discursos sociais pelos comentários

O comentarista on-line está sob ação dos discursos sociais que vão operar como sistemas de saberes que, por sua vez, vão se apresentar como verdade. Tão como que Foucault (2006) afirma que os discursos não se falam, os discursos são falados, isso quer dizer que, ao ler os comentários proferidos no Portal e na Rede Social é ouvir os enunciados de produções discursivas de determinados campos dos saberes. Entre esses, ao falar sobre a transexualidade, se destacam, principalmente, os discursos médicos, jurídicos e religiosos. Entretanto, a

observação da dinâmica desses comentários levantados fez com que percebesse, e o que ainda será discutido mais adiante nesse tópico, que mais que uma apropriação desses discursos oficiais, os comentaristas, mesmo se apropriando de aspectos destes para constituírem os seus próprios discursos se utilizam de argumentos de princípios do “natural”, “moral” e “cristão” sobre a transexualidade.

Dessa maneira, nesse tópico apresento os argumentos antinatural, antimoral e anticristão em relação à transexualidade e suas respectivas antoninas natural/antrópico, moral/laico e cristianismo ampliado/superado que formam os frequentes princípios que norteiam as atividades argumentativas pela qual se apropriam os comentários deslegitimadores e os legitimadores da transexualidade.

Como vimos na tabela 05 os discursos que deslegitimam geralmente funcionam em sua maioria por enunciados de exclusão, desumanização e distorção e esses frequentemente se formam se apropriando de discursos que veem a transexualidade como algo antinatural, antimoral e anticristão como descritos na tabela 07. Já, os discursos legitimadores frequentemente são compostos de outros enunciados discursivos: a inclusão, a humanidade e o esclarecimento, se apropriando em maior parte de discursos sociais que mostram que a transexualidade e as pessoas transexuais não são algo antinatural, antimoral e anticristão, isso quer dizer que eles percebem a transexualidade como algo normal, inerente a natureza humana enfim, um comportamento social e subjetivo que não está associado a julgamento moral e religioso. As tabela 07 e 08 trazem de forma mais visível como os discursos deslegitimadores e legitimadores da transexualidade funcionam e como eles são formados.

QUADRO 07-Tipos de comentários deslegitimadores sobre a transexualidade e pessoas trans.

Categorias e apropriação de enunciados discursivos deslegitimadores:		
Antinatural	Antimoral	Anticristão
- A transexualidade desafia as leis naturais;	- A transexualidade é algo imoral;	- A transexualidade vai contra a vontade de Deus;
- A transexualidade é uma invenção humana;	- As pessoas trans são imorais e amorais;	- As pessoas trans estão em pecado, assim não é algo de um/a bom/boa cristão/cristã;
- A transexualidade é	- A transexualidade rompe	

contrário à natureza humana.	com as normas de boa conduta moral.	- A transexualidade significa que o ser humano está brincando de Deus.
------------------------------	-------------------------------------	--

Os dados de campo corroboram para constatar que a distorção, a desumanização e exclusão para serem mais efetivas precisam estar ligadas a um substrato do antinatural, anticristão e do antimoral. Assim, os discursos sociais que esses comentários vão se apropriar, mesmo sendo construído socialmente são tomados como um regime de produção de verdade; pois tais discursos oficiais possuem um poder maior do que apenas enunciados, são discursos sociais. De modo que esses saberes que constituem esses discursos sociais tem autoridade e são autorizados socialmente a falar sobre a transexualidade e assim cumpriram um papel de regulamentação e de manutenção sobre as relações, os lugares e as identidades de gênero. Os comentários obedecendo tais discursos sociais vão interiorizando e normatizando de acordo com a influência e controle desses saberes discursivos, dessa maneira vão tomando os enunciados desses discursos hegemônicos para comentar se transexualidade é um fenômeno legítimo ou não legítimo ou ainda se as pessoas transexuais devem ou não ter direitos.

Mesmo que não haja uma deslegitimação da transexualidade pela medicina ou pelo jurídico, inclusive porque a reconhecendo oferece-se todo um aparato de assistência médica e jurídica às pessoas transexuais; ou ainda que o cristianismo não condene a transexualidade nas escrituras sagradas não impede que os comentários deslegitimadores se apropriarem de certos aspectos desses discursos sociais para reforçarem os enunciados antinatural, antimoral e anticristão que são os principais princípios norteadores de discursos que os comentários se utilizam para constituem os seus próprios discursos.

QUADRO 08- Tipos de comentários legitimadores sobre a transexualidade e pessoas trans.

Categorias e apropriação de enunciados discursivos legitimadores:		
Natural/antrópico	Moral/laico	Cristianismo ampliado/superado
- A transexualidade acontece na natureza; outras espécies de animais também	- As pessoas trans não devem ser julgadas moralmente;	- As pessoas trans não estão em pecado, a Bíblia não fala especificamente sobre

<p>a praticam;</p> <p>- A transexualidade é um comportamento social e subjetivo;</p> <p>- A transexualidade é inerente à natureza humana.</p>	<p>- A transexualidade é garantida por um Estado de moral laica;</p> <p>- A transexualidade opera com outra moralidade.</p>	<p>transexualidade;</p> <p>- Ser cristão é respeitar o próximo e a pessoa transexual pode ser cristã;</p> <p>- A transexualidade não precisa da aprovação do cristianismo.</p>
---	---	--

Esses dados acima sobre a recepção da transexualidade são indutivos, pois foram retirados do meu contato, da minha experiência imersiva com o campo. Contudo, vale destacar que os dados não abarcam a totalidade dos discursos sobre a transexualidade. Visto que, existem aqueles que não relacionam a transexualidade com questões naturais, morais e cristãs. É preciso ainda dizer que há uma infinidade de discursos sobre a transexualidade de modo que não tenho intenção de descrever uma lista exaustiva de todos os tipos de comentários que a deslegitimam ou a legitimam. Uma vez que alguns comentários mesclam os seus enunciados tendo assim ao mesmo tempo uma recepção tanto deslegitimadora como legitimadora. É interessante afirmar que essas tabelas acima parte da estrutura discursiva da maioria dos comentários que quando possuem discursos deslegitimadores ou discursos legitimadores possuem uma maior frequência de respectivos tipos de enunciados como também regularmente se apropriam de determinados discursos como descritos na tabela 07 e na tabela 08.

Em relação a apropriação pelos enunciados discursivos do antinatural, antimoral e anticristão há três possibilidades mais frequentes de discursos legitimadores que consigo elencar. O primeiro consiste na afirmação de que a transexualidade não é uma coisa antinatural, antimoral e anticristão, esse argumento se expressa quando o comentário argumenta, por exemplo, que no mundo animal existe casos de transexualidade ou então que a transexualidade não contradiz nenhum princípio moral às vezes inclusive citando trechos da bíblia. O segundo tipo de discurso legitimador que vislumbro é aquele no qual o comentarista recepciona a ideia de que a transexualidade é antinatural, antimoral ou anticristão, no entanto, longe disso representar um problema, isso é visto como uma vantagem em relação aos seus antônimos; se vê esse tipo de fala quando aquele usuário que comenta diz que na natureza não

se encontra transexualidade, ela é exclusiva do ser humano, único ser capacitado intelectualmente para concebê-la. Outro exemplo é quando se nega a moralidade ou a religiosidade da transexualidade tendo visto como uma possível superação de um moral cristã considerada decrepito. Outra possibilidade de apropriação dos discursos sociais antinatural, antimoral e anticristão pelos enunciados legitimadores são a negação quase total de uma relação lógica ou de causalidade entre esses três princípios e a defesa da transexualidade, em suma, não haveria porque se valer desse tipo de argumento anti para defender ou criticar a transexualidade, porque uma coisa não tem haver com a outra. Os discursos deslegitimadores possuem o mesmo processo, mas obviamente ao contrário como se mostram os seus respectivos enunciados.

Como mencionado na introdução desse tópico, ao longo da pesquisa vinha percebendo que as opiniões se calcam na propriedade de três discursos: médico; jurídico e religioso, mas ao avançar na minha imersão fui observando que mais do que uma apropriação deles, adotam aspectos anticristão, antimoral e antinatural sobre a transexualidade. De maneira que há uma discussão nas caixas de comentários se transexualidade é anticristã, antimoral e antinatural? São discursos que surge o elemento misógino usado frequentemente contra as pessoas transexuais, e muitas vezes, são violências que não são nomeadas como violências.

Para reforçar o argumento, a misoginia acaba funcionando como um princípio de princípios haja vista que está presente nos princípios reguladores da exclusão, desumanização e distorção dos grupos sociais sendo uma supra instância ainda que não a todo o momento, mas frequentemente mostrando que os padrões comportamentais dentro de uma sociedade sejam por motivos de valorização cultural, recalque psicológico ou até mesmo as teorias biologizantes ao que parecem caíram em desusos, é necessário explicar ou compreender como o falocentrismo sai do seu âmbito meramente sexual se propagando para áreas que a inicialmente não teriam relações nenhuma com o falo.

Ainda em relação aos saberes que os comentários deslegitimadores se baseiam para construir as suas argumentações, pode dizer sem risco de erro, que o discurso médico (MARTINS, 2003), jurídico (ELUF, 2007) e teológico (CONNELL, 1995) e (MARANHÃO, 2017) resvalam frequentemente em elementos misóginos, mas pelo contrário, os elementos anticristão, antimoral e antinatural dão uma coloração do preconceito contra o feminino. Esse conjunto de enunciados que formam o discurso que a transexualidade é essa tríade antimoral -

anticristão - antinatural estão presentes na Rede Social em postagens de grupos e de páginas e nas suas caixas de comentários como também na fala de figuras circulantes como de representantes religiosos até mesmo de médicos e de juristas e ainda por pessoas que se tornaram celebridades midiáticas por algum motivo o outro, por ser um deputado/a, cantor/a, apresentador/a de programa de tv, *youtuber*, ator/atriz como, por exemplo, o citado Alexandre Frota.

Deve se distinguir três níveis de cada um desses discursos, por exemplo, o discurso da ciência ou da teologia, o discurso do profissional da área e o discurso das pessoas que se apropriam de um discurso muitas vezes adulterados dessas ciências e desses profissionais. Além de que se observa um esforço por parte tanto dos discursos médico, jurídico e religioso como também de alguns comentários presentes nas caixas de comentários, uma relativização daquilo que envolve as relações de gênero, principalmente ao feminino e, por conseguinte o respeito as pessoas transexuais.

Assim sendo, neste segundo momento deste capítulo pretendo discutir os tipos de comentários apresentados (exclusão/inclusão; desumanização/humanidade e distorção/esclarecimento) para analisá-los a partir das seguintes questões:

- 1) O aprofundamento sobre a biologização de gênero; como também o processo de desumanização e de distorção sobre as pessoas transexuais;
- 2) A negação da demanda trans (BENTO, 2014) e uma proibição obsessiva da demanda trans (ELIAS, 2008);
- 3) O corpo como a materialização do gênero e este tem uma estética construída por um discurso hegemônico (BENTO, 2006; MISKOLSI, 2006);
- 4) A passabilidade e suas implicações na vida das transexuais (LANZ, 2015);
- 5) As vidas precárias (BUTLER, 2011) e a precarização da cidadania das/os transexuais (BENTO, 2014);
- 6) A lógica biopolítica (FOUCAULT, 1999) que proporciona entender: Por que a morte de algumas pessoas e/ou grupos é tão desejada? Por que é justificada e sendo aceita? Pessoas e/ou grupos que são sempre culpadas naquilo que fazem ou deixam de fazer, mas principalmente pelo simples fato de serem o que são? (SÉMELIN, 2009).

Enfim, procuro analisar como tais comentários atravessam esses temas e também como essas temáticas atravessam esses tipos de comentários. Para tal, fornecerei dados sobre os comentários, como também irei descrever os comentários mais emblemáticos que me

proporcionarão discutir essas questões e ainda vejo a necessidade de trazer para a continuação da análise desses comentários também a repercussão nos grupos *Transgente* e *Hetero/orgulho* das matérias e dos seus conteúdos sobre a transexualidade advindas do Portal *Globo.com* e outras realizadas especificamente nesses Grupos.

A análise a seguir foi pensada tendo em vista o objetivo de trazer a luz ao sofrimento das pessoas transexuais de maneira que assim como uma denúncia procuro mostrar as contradições internas dos enunciados deslegitimadores da transexualidade.⁹¹ Dessa forma os tópicos foram pensados a partir dos discursos deslegitimadores, por estes serem a maioria da recepção sobre a transexualidade tanto no Portal como nos dois Grupos estudados, sem deixar de trazer também em contraponto a eles os discursos legitimadores.

3.2 A biologização de gênero

Merece destacar, antes de apresentar e discutir os comentários biologizantes que a biologização é diferente da biologia. De maneira que, a biologização não sendo sinônimo de biologia, a sua crítica não se encontra em um combate ao biológico e sim em uma análise crítica sobre o ato de biologizar os fenômenos sociais, isso quer dizer, esvaziar deles os aspectos sociais, culturais e políticos.

Versar sobre questões sociais como se fossem questões biológicas se torna arriscado e até mesmo perigoso, pois a biologização dos fenômenos sociais leva a perda e a anulação das reflexões sobre os problemas sociais. Para Berenice Bento (2010, s.p), é uma luta contra o determinismo biológico e não a desvalorização dos aspectos biológicos. Entretanto, é preciso dizer “que o gênero, a masculinidade e a feminilidade não têm nada a ver com a estrutura biológica”, como afirma a pesquisadora. Assim sendo, para a socióloga neste processo de conceituações, gênero não deve ser entendido a partir de uma referência biológica, mas nas performances que os sujeitos atualizam seus gêneros em suas práticas sociais e culturais no reconhecimento legítimo do gênero que se identificam.⁹²

⁹¹ Parece evidente que ninguém se dedicaria a estéril atividade de defender o sistema hegemônico colocando no poder quem já tem a posse dele, portanto tendo isto em vista procuro vasculhar a vida e o sofrimento das pessoas trans colocando-as em pé de igualdade com os seus opressores possibilitando assim uma análise neutra e elucidativa a cerca do tema. Foi pensando assim que se estruturaram a teoria *Queer* e os demais estudos de gênero.

⁹² Butler (2003) recoloca gênero em uma posição central da análise dos desejos e relações sexuais no qual este assume a noção de performatividade. A filósofa *queer* sugere que gênero é performativo pelo fato de se constituir

Diante disso, a pesquisa imersiva constatou que os comentários que compõem os deslegitimadores são providos de visões essencialistas e muito delas sobre a transexualidade são biologizantes. Quer dizer que, estas pessoas que comentam tanto no Portal como na Rede Social recusam a própria definição das ciências psi sobre a transexualidade, partem de uma “verdade” assentada na anatomia como, por exemplo, que homem é provido de pênis e mulher é provida de vagina ou homem é “XY” e mulher é “XX”. Segundo Leite Júnior (2008), para Harry Benjamin, o médico que originou o termo “transexual verdadeiro” são os cromossomos sexuais que vão designar o sexo genético, originando daí o sexo e o gênero. Apesar de ter sido, hoje, superada até mesmo para a maioria médica, tal proposição de 1966 ainda se encontra nos comentários.

Apresento assim, alguns exemplos de comentários que trazem o enunciado “homem é XY, mulher é XX” que estão em grande número na matéria “‘Monstro, prostituta, bichinha’: como a Justiça condenou a 1ª cirurgia de mudança de sexo do Brasil e sentenciou médico à prisão” (GLOBO, 2018 c, s.p).⁹³ Vamos ouvi-los:

- “XX XY isso define se é homem ou mulher, fez cirurgia molecular?”

- “Não existe troca de sexo e sim de genitália! é impossível troca XY PARA XX!”

- “Alguém me explica isso biologicamente falando?? como se nasce transexual?? lembrando que cromossomo XX e XY aguardo resposta plausível...”

- “Se neguinho acha que se mutilando e tomando hormônios ele vai se sentir melhor, ótimo. Mas não venham querer chamar um cara mutilado de “mulher” porque não é mulher, mesmo. Cada cromossomo do Sr. Waldir aí da reportagem é XY, e vai continuar assim até seus lábios siliconados exalarem o último suspiro”

- “Cientificamente falando, sabemos que existem apenas os cromossomos XX XY, então não entra na minha cabeça como alguém diz que nasce trans ... qual cromossomo é o

através da reprodução de atos que tenham alguma correspondência com as normas sociais e culturais. No sentido de superar o ponto crítico - natureza/cultura - do conceito de gênero, Butler propõe através de suas ideias a superação deste binarismo sem, no entanto, cristalizar-se num processo conclusivo. Para a teórica gênero tem um caráter *in fluxu* e adquire uma espécie de corpo, uma performance de viver o próprio corpo, assumindo-o de maneira a interpretar sua realidade cultural carregada de sansões, tabus e prescrições.

⁹³ Apesar de a matéria aparecer no último ano da pesquisa, no dia 23 de maio de 2018, ela acaba resumindo o embate entre os discursos legitimadores e deslegitimadores. Dessa maneira, farei uso dela em outros momentos deste capítulo. Outras questões sobre a matéria devem ser ressaltadas, uma é a própria manchete impactante e com uma história de experiência trans com muita dor, injustiça e resistência, entretanto mesmo assim, muitos comentários se mostram ainda desumanizadores; porém, o fato da reportagem ser no ano de 2018, com o debate sobre gênero em processo de consolidação, há nela um movimento de humanização e tentativas esclarecimento em comentários de legitimação da transexualidade.

dessa pessoa? Entendam Mulher nasce Mulher, Homem Nasce Homem e ponto ...”

Os enunciados legitimadores “gênero não é algo biológico, é construção social” ou “ser homem e ser mulher não é uma constituinte biológica” também estão na mesma matéria para esclarecer e trazerem inclusão e humanidade da pessoa transexual, por exemplo:

- *“Puxa, mas não é tão difícil de entender assim...! Faça uma forcinha! Não se está falando de genética, mas de identidade de gênero! Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Uma é biológica, a outra psicológica. Antene-se!”*

- *“O gênero não é definido pelas características físicas que trazemos inscrito em nosso corpo. O ser humano não nasce homem ou mulher, sendo a sua identidade de gênero construída ainda durante a infância, de acordo com fatores psicológicos e sociais. A julgar pelos comentários, não é possível que em pleno século XXI, ainda existam pessoas sem o mínimo de esclarecimento, empatia e humanidade pelo próximo”.*

- *“O que a ciência devia estudar era sobre essas pessoas que odeiam LGBTT, mas não podem ver uma matéria sobre que vem correndo ler, ue? Não seria mais fácil ignorar se não concorda? O mundo seria outro se cada um cuidasse da própria vida. Uma pessoa alterar gênero não influencia em nada a terceiros, não entendo o incômodo.”*

Em outras reportagens, como sobre as celebridades trans, os comentários seguem trazendo a redução do ser humano a um código binário em que “XX” é mulher e “XY” é homem:

- *“Jamais será um homem... Fato! Pode tirar seios, implantar barba, implantar r o l a, tomar todas ampolas de testosterona, o que quiser... mas sempre terá o "XX"”* - comentário da matéria “Thammy Miranda e Andressa Ferreira posam de mãos dadas em praia” (GLOBO, 2016 e, s.p).

- *“Mas vai continuar menstruando e vai ter para sempre os cromossomos xx, so aceite! mas seja feliz sabendo da realidade!”* - comentário da matéria “Tereza Brant vai adotar nome masculino: 'Evoluí como pessoa” (GLOBO, 2017 h, s.p).

- *“Primeiro vc nunca sera mulher pq seu cromossomo é XY coisa que plástica nenhuma muda...”* - comentário da matéria “Ariadna fala sobre suposto comentário polêmico de Biel em rede social” (GLOBO, 2016 g, s.p).

- *“A cirurgia removeu os cromossomos xy tb?”* – comentário da matéria “Lea T leva cachorrinho dentro de bolsa de grife para SPFW: 'É meu filho” (GLOBO, 2015 h, s.p).

- *“Não é mulher!!! Pode tirar qualquer célula do corpo, da unha do pé ao último fio de cabelo que mostra que é homem XY.”* – comentário da matéria “Thalita Zampirolli celebra o Dia Internacional da Mulher” (GLOBO, 2017 k, s.p).

Os comentários de enunciado biologizante cromossômico também vão ser reportados pelos comentaristas seja nas matérias sobre as conquistas e direitos sobre a transexualidade seja nas de violência contra as transexuais:

- *“cromossomos xx e xy definem o sexo ok....assunto encerrado”* – comentário da matéria “Jovem trans relata preconceito ao ter entrada gratuita negada em casa noturna” (GLOBO, 2018 a, s.p).

- *“A ALUNA. Os cromossomos não podem ser alterados.”* - comentário da matéria “Aluno transexual é expulso da Cásper após criticar método de professora” (GLOBO, 2015 c, s.p)

-*“É o órgão genital de define isso? a mulher põe um pen... e vira homem? que insano... e seu útero? e seus ovários? e seus cromossomos XX? O ser humano saiu da loucura para a civilidade, agora retorna”* - comentário da matéria “A vitória é nossa!, diz transexual do RS que provocou mudanças no SUS” (GLOBO, 2013 a, s.p).

- *“Se algum dia existir um cromossomo diferente d homem ou mulher, alguém me avise, daí podemos discutir sobre essa matéria... XY = Masculino / XX = Feminino”* - comentário da matéria “Transexual pode se descobrir já na primeira infância, dizem especialistas” (GLOBO, 2013 b, s.p).

- *“Fácil resolver um banheiro para cromossomo XX e outro para XY”* - comentário da matéria “Miss transexual é barrada em banheiro feminino de bar em Fortaleza” (GLOBO, 2013 f, s.p).

Observa-se que os comentários legitimadores de enunciados “ser homem e ser mulher não é uma definição cromossômica” existem, mas são minoritários, diferente dos enunciados deslegitimadores que são majoritários e quase presente na maioria das matérias aqui analisadas:

- *“A genética cromossomial está uns 2 séculos atrasada. Estude epigenética... Como tem gente idiota nesse Brasil meu deus... Identidade de gênero não tem nada a ver com a orientação sexual, ele pode ser ver e sentir bem usando e sendo tratado como mulher, isso não significa que ele vai querer namorar homens.. conheço transexuais, que eram homens se transformaram em mulheres, mas sente tesão e atração por mulher..”.* - comentário da

matéria “Transexual pode se descobrir já na primeira infância, dizem especialistas” (GLOBO, 2013 b, s.p).

- “*Não vamos esquecer também das outras síndromes relacionadas aos cromossomos sexuais. XXX, XXY, XYY, XYY... Pra vocês verem que cromossomos não tem nada a ver com identidade de gênero, né. Boa noite ;)*” - comentário da matéria “Jovem trans relata preconceito ao ter entrada gratuita negada em casa noturna” (GLOBO, 2018 a, s.p).

- “*cara, você sabia que há comprovações de homens que nascem com os cromossomas xx e mulher com xy? Vamos sair do ensino básico e melhorar os conhecimentos*” – comentário da matéria “Jovem transexual faz campanha para realizar cirurgia de retirada dos seios” (GLOBO, 2016 d, s.p).

Os comentários cromossomizantes que ao falar sobre a transexualidade dizem se apoiar no conhecimento científico médico para considerar homens plenos como “xy” e mulheres plenas como “xx”, frequentemente como falado e observado, ignora a própria luz das ciências médicas que já afirmam que nem todo homem é “xy” e nem toda mulher é “xx” como os dois comentários legitimadores acima lembram. Muitas vezes as ciências naturais e as ciências sociais se afastam e outras horas convergem:

(...) capazes de compreender porque um macho XX não apresenta um cromossoma Y detectável, mas, ainda assim, de fato pertence ao sexo masculino. Similarmente, explicaríamos a curiosa presença do cromossoma Y em fêmeas precisamente da mesma maneira (...) uns bons 10 por cento da população apresentam variações cromossômicas que não se encaixam exatamente no conjunto de categorias XX-fêmea e XY-macho (BUTLER, 2003, p.157).

Ainda, sobre as discussões de homens que podem não ser “XY” ou não terem um pênis e mulheres que podem não ser “XX” ou que não tenham vagina há publicações científicas⁹⁴ e midiáticas⁹⁵ de casos, o que vêm comprovar a máxima butlerniana de que não

⁹⁴ Fornecidas pelas literaturas científicas: CÔRREA, Mariza. (2003) **Não se nasce homem**. Disponível em:< http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/942_926_naosenascehomem.pdf>. Também: DAMIANI, Durval et al. **Homem XX: relato de três casos na faixa etária pediátrica**. Arq Bras Endocrinol Metab vol.49 no.1 São Paulo Jan./Feb. 2005. E ainda: ANDRADE, Marcelo; BASTO, Felipe. **Ser mulher não tem a ver com dois cromossomos x: impactos da perspectiva feminista de gênero no ensino de ciências**” Rev. Diversidade e Educação, v.4, n.8, p. 56-64, jul./dez. 2016. Disponível em:< <https://periodicos.furg.br/divedu/article/viewFile/6740/4427>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

⁹⁵ O próprio Portal *Globo.com* me traz tais realidades como “**Nascido sem pênis, britânico recebe implante e perde a virgindade aos 45 anos**” (GLOBO, 2018, s.p). Disponível em:< <https://extra.globo.com/noticias/page-not-found/nascido-sem-penis-britanico-recebe-implante-perde-virgindade-aos-45-anos-23068662.html>>. Outra reportagem “**Jovem descobre aos 18 anos que nasceu sem vagina e faz financiamento coletivo para**

há uma essência do que se pode definir como homem/masculino e mulher/feminino, segundo a teórica nem mesmo numa unidade biológica. Michel Foucault (2012) adverte que a ideia de “sexo” agrupou numa unidade artificial biológica um significante único e significado universal de “sexo natural e essencial”, porém se mostra como uma unidade fictícia e artificial, uma vez que o sexo, o corpo, a sexualidade somente ganham sentido nos discursos dentro de uma relação de poder.

Quanto a isso, outros enunciados de exclusão “tem pênis é homem, tem vagina é mulher” e “existem somente homem ou mulher, o resto é gambiarra” são um tipo de comentário argumentativo de uma classificação que vem acompanhada pelo reducionismo, naquele que reduz toda experiência de gênero ao órgão sexual, no sentido de que ter um pênis vai ser catalogado como homem e se ter uma vagina uma mulher (BENTO, 2010). Há uma definição da identidade de gênero a partir das genitálias. Os órgãos sexuais acabam sendo o princípio para definir a identidade de ser masculino ou ser feminino. Segue que os comentaristas dizem:

- *“Nada contra, mas, que mania que querer ser chamado por "ele", se continua tendo "phiriquitah" !!!!! Pra mim o s...e...x...o que define o gênero”* - comentário da matéria “Tereza Brant vai adotar nome masculino: 'Evoluí como pessoa” (GLOBO, 2017 h, s.p) .

- *“Continua mijando sentada !!!Pinto que eh bom, nada!!!!”*- comentário da matéria “Tereza Brant mostra visual cada vez mais masculino” (GLOBO, 2016 f, s.p).

-*“E o pinto, quando nasce? NUNCA SERÁ!”* - comentário da matéria “Veja novas fotos de Thammy Miranda exibindo peitoral em revista” (GLOBO, 2015 e ,s.p).

- *“Ninguém acredita nessa mentira, que um buraco feito na genitália possa causar um orgasmo. Mentirosos! Jamais será uma mulher de verdade”* - comentário da matéria “Lea T. revela que sentiu o primeiro orgasmo somente após a cirurgia: "até chorei". (GLOBO, 2017 j, s.p).

- *“Ai gente, essa modernidade viu, cadê o pinto..?”* - comentário da matéria “Torturei minha 'garotinha' durante anos', diz mãe sobre aceitação de filho transgênero; relato viralizou” (GLOBO, 2016 a, s.p).

cirurgia” (GLOBO, 2017, s.p) Disponível em:<<https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Must-Share/noticia/2017/08/com-sindrome-rara-jovem-descobre-que-nasceu-sem-vagina-e-faz-financiamento-coletivo-para-cirurgia.html>>. Por fim: **“Americana relata drama de descobrir na adolescência genética masculina”** (GLOBO, 2011,s.p). Disponível em:< <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/10/americana-relata-drama-de-descobrir-na-adolescencia-ter-genetica-masculina.html>>. Acesso em 10 jun.2018.

Outras estruturas biológicas são lembradas pelos comentários biologizantes:

- *“será que ela ovula?... Ah, claro, fácil demais querer ser uma mulher da noite para o dia, que não ovula, não sangra, não tem TPM, e que tbm nunca vai conhecer as zonas erógenas femininas”* - comentário da matéria “De férias no Brasil, Ariadna dispara: 'Dizem que fui pra Itália me prostituir'” (GLOBO, 2015 g, s.p).

- *“ah é mulher então quando sai a gravidez ?”* - comentário da matéria “Lea T. revela que sentiu o primeiro orgasmo somente após a cirurgia: "até chorei". (GLOBO, 2017 j, s.p).

- *“Só é mulher se nasceu com útero”* - comentário da matéria “Mulher transexual é impedida de embarcar em aeroporto de SC ao usar nome social” (GLOBO, 2016 c, s.p).

- *“nunca vai ser homem.. vai sempre coçar um saco imaginário...não fabrica porra”* - comentário da matéria “Jovem transexual faz campanha para realizar cirurgia de retirada dos seios” (GLOBO, 2016 d, s.p).

Nas caixas de comentários há também os comentaristas que trazem esclarecimento, em resposta a esses comentários biologizantes, porém ainda são minorias:

- *“Ciência não diz que tem 2 gêneros! Gênero é DIFERENTE de sexualidade e genitália. Já disse, favor estudar mais. Mereço!?”* - comentário da matéria “Torturei minha 'garotinha' durante anos', diz mãe sobre aceitação de filho transgênero; relato viralizou” (GLOBO, 2016 a, s.p).

- *“então homem estéril não é homem?”* - comentário da matéria “Ex-patricinha escolhe visual masculino como identidade em MG” (GLOBO, 2013 d, s.p).

Os comentários de exclusão apresentam como característica o fato de se basearem embora não de maneira única em argumentos de cunho biologizante. Uma vez que a intenção da maioria desses comentários é excluir a pessoa transexual da categoria de mulher ou homem biológico, isso se mostra também bastante característico em postagens e comentários que tratam sobre as pessoas transexuais no grupo *Hetero/orgulho* como será demonstrado no próximo tópico sobre estética e passabilidade.

Como fui percebendo os comentários legitimadores são menos frequentes nas matérias mais antigas; são até mesmo mais difíceis de serem encontrados nas caixas de comentários das matérias do Portal, mas por outro lado, são mais frequentes nas Redes Sociais, mais

especificamente em grupos como *Transgente*.⁹⁶ Nos grupos a questão da biologização atravessa as postagens, Letícia Lanz no dia 18 de abril de 2015 faz um *post* que recebeu 22 curtidas, 3 comentários e 5 compartilhamentos sobre uma matéria publicada na Folha de São Paulo *O Sexo redefinido* escrita pelo médico, já citado, Dráuzio Varela, que afirma “*a ideia de que existam apenas dois sexos, separados pela presença ou ausência de um cromossomo Y, é simplista.*” Em relação à declaração do médico, Lanz (2015, s.p) diz: “*Quando até o Dráuzio Varela admite que talvez sexo e gênero não passem de duas construções linguísticas, como Judith Butler postulou (...) Aleluia!*”

Outro ponto que merece ressaltar em relação à visão biologizante de gênero são os posicionamentos de profissionais que aparecem no cenário on-line. Tais posições mostram que a biologização não se restringe apenas aos comentários de leitores das reportagens ou das postagens realizadas por membros dos grupos, ela se encontra, muitas vezes, nas falas de médicos, jornalistas e outros profissionais.⁹⁷ Dois casos me chamaram atenção durante a pesquisa, que foram duas figuras circulantes que apareceram ganhando repercussão em postagens dos grupos *Transgente* e *Hetero/orgulho*, dois profissionais que negam a existência de gênero enquanto uma construção social:

- uma postagem no perfil pessoal do médico Marcelo Ribeiro⁹⁸ viralizou pela rede social *Facebook* e foi compartilhada e curtida por vários perfis, páginas e grupos como *Hetero/orgulho*, nela o profissional da saúde diz:

Quando diante de um paciente com anorexia que pesa 30 quilos, mas enxerga uma pessoa com 300 no espelho, psicólogos tratam de mostrar ao paciente que a imagem no espelho não reflete a realidade. Quando o caso é de disforia de gênero, tais

⁹⁶ Nas últimas notícias analisadas em 2018, o Portal continua trazendo em destaque na sua composição, as do banheiro usado por pessoas trans. O tema que abre um flanco para os argumentos deslegitimadores da transexualidade se utilizarem dos aspectos biologizantes. Mas, se compararmos com as mais antigas, por exemplo, as de 2009, a recepção ainda se argumenta nos vieses biológicos e morais; mas o que chama atenção é um movimento de mais conhecimento sobre a identidade de gênero entre os comentaristas.

⁹⁷ Outras figuras circulantes como médico e o jornalista, como por exemplo, a psicóloga Marisa Lobo e a advogada e procuradora Bia Kicis que estão presentes por meio de vídeos e postagens compartilhados no grupo *Hetero/orgulho*. Mesmo não sendo especialistas no assunto, esses profissionais se utilizam de falas que biologizam e negam a existência de gênero, e ainda veem a transexualidade como antinatural e antimoral num discurso marcado pela anticientificidade.

⁹⁸ O link disponível em: < <https://www.facebook.com/marcelo.ribeiro.16906>> de Marcelo Ribeiro no *Facebook* traz como foto do perfil uma imagem escrita “PT NÃO” e tendo como sua capa a bandeira do Brasil. Nas postagens abertas ao público observa-se ataques do médico ao PT, PSOL, PC do B e até ao PSDB, mas principalmente a esquerda em apoio a Jair Bolsonaro. Há poucas informações sobre o médico, como relacionamentos, onde mora ou onde estudou.

psicólogos passam a tentar curar a sociedade ao invés do paciente. Se desdobram pra provar que a imagem falsa que os pacientes veem no espelho é que é real e o resto do mundo que não compreende. Quando isso ocorre, esses "cientistas" já abandonaram a busca pela verdade e abraçaram a tara ideológica dos reengenheiros sociais modernos. Ou seja, deixaram de ser cientistas e passaram a ser ativistas engajados.

A postagem aberta ao público (sem restrições) do médico realizada 13 de março de 2017 rendeu mais de 1.700 curtidas/emoções e 108 comentários, mas foi por meio dos compartilhamentos que ela obteve repercussão na rede social e até mesmo acabou lhe rendendo uma entrevista dias depois "Você vai querer saber o que este médico tem a dizer sobre ideologia de gênero" para a *Gazeta do Povo do Paraná* (2017, s.p)⁹⁹ no qual Ribeiro afirma que: "*Sexo é estabelecido, é a biologia propriamente dita (...) você não troca de sexo, você continua sendo um homem que se identifica como mulher, mas não deixa em nenhum momento de ser homem biologicamente.*"

- um vídeo de Alexandre Garcia compartilhado no grupo *Hetero/orgulho* no dia 13 de dezembro de 2016 em que o jornalista diz:

Bom dia. Deixei para o fim das férias, um assunto muito delicado. E quem vai falar nem sou eu, é o presidente da Associação Americana de Pediatras. Ele faz um apelo para os professores, para os legisladores, para os pais e para os próprios médicos sobre a tal ideologia de gênero. Ele por numa nota oficial assinada por ele e pelo chefe da psiquiatria do mais famoso e o mais acreditado Hospital dos Estados Unidos, da Universidade John Hopkin. Ele diz que todos nascem com o sexo biológico. Como no reino animal, na classe dos vertebrados, na classe dos mamíferos, na ordem dos primatas, na família dos hominídeos e aqueles do gênero humano. Isso é gênero. Gênero humano! (é o que diz a biologia), nascemos machos e fêmeas. É um fato biológico. Não é a ideologia que marca o nosso sexo, que determina a fatalidade do sexo. Ele lembra que transtornos de malformação são extremamente raros, transtornos biológicos, transtornos fisiológicos e esses transtornos não constituem um terceiro sexo. Ninguém nasce com gênero, nasce com sexo diz a Associação Americana de Pediatras. O gênero masculino e feminino só existem na gramática. O sapato é do gênero masculino, a cadeira é do gênero feminino. Na biologia, não. Na biologia temos sexo, machos e fêmeas. Aí, quando o menino pensa como menina e a menina pensa como menino, isso não muda o seu sexo diz a Associação Americana de Pediatra. Esse transtorno já está no manual de diagnostico estatística da Associação Psiquiátrica Americana, o DSM ,quinto! E aí lembra também, aí está o perigo! Que puberdade não é doença, que

⁹⁹ O mesmo jornal traz outra matéria intitulada *Terrorismo de gênero: a turma é doida e a culpa é da sociedade!* do colunista Rodrigo Constantino que cita o médico Marcelo Ribeiro como um foco mais sério e científico sobre "identidade de gênero. Com um teor bem mais preconceituoso que a entrevista de Ribeiro, o autor da coluna critica uma matéria da *Globo* que entrevista pessoas transgêneras que segundo o jornalista é um show de horror, uma aberração, um caso de uma pessoa doente. A matéria do *Jornal Globo* sobre pessoas transgêneros que ele se refere traz, inclusive, a foto de Letícia Lanz.

queria tratar com hormônios que bloqueiam a puberdade. Isso pode conduzir a um estado doentio. Os pediatras dizem que 98% dos meninos e 88% das meninas tratadas psicologicamente e que estejam confusos com sexo acabam aceitando o sexo biológico. Agora, hormônios, como testosterona, dado para a menina, e estrogênio, dado para o menino, ou seja ao contrário, aumentam a pressão cardíaca, causam coágulos na circulação, podem causar AVC no cérebro, pode dar câncer. E o índice de suicídio é 20 vezes maior com o uso de hormônios do sexo oposto, ou com uma ação de uma cirurgia para mudar de sexo. Isso inclusive em lugares como a Suécia, onde essas coisas são tratadas muito abertamente. E a sociedade de pediatria considera um abuso infantil fazer isso, enganando os pais, confundindo crianças nas chamadas clínicas de gênero. Era isso que eu queria mostrar, porque nas escolas brasileiras muita gente está metendo na cabeça de meninos e meninas de que não existe diferença. Existe sim! E graças a essa diferença, nós nos reproduzimos. Isso é biológico. Não é cabeça. Está aí, a palavra da Associação Americana de Pediatria. Eu sei que ao assunto é delicado e polêmico para muita gente. Mas, é uma ferramenta para os pais lideram com isso, principalmente, com filhos que estejam em escolas cujas cabeças estejam sendo feitas por essa chamada ideologia de gênero o que tem mais de ideologia gramschista do que a ciência da biologia.

O vídeo foi parte de algumas postagens, entre elas a maior obteve 520 curtidas, 59 compartilhamentos, 30 comentários no *Hetero/orgulho*. Já, no grupo *Transgente* sobre o vídeo biologizante e patologizante Letícia Lanz escreveu:

Alexandre Gracinha, metido a jornalista e "crítico moral da sociedade", está divulgando vídeo na mídia onde adverte as famílias do perigo da "idiologia de gênero", baseado em dados absolutamente falsos e documentos pseudo-científicos que esses padres e pastores desvirados arrumaram por aí a fim de justificarem a sua ojeriza contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo/gênero e a população transgênera em geral.

São discursos que reforçam os enunciados de que a “transexualidade desafia as leis naturais, é uma invenção humana e se mostra contrária à natureza humana.” Um discurso que denota a transexualidade como antinatural. A medicina, como foi enfatizada na introdução, mesma, sendo provida de diferentes matizes de discursos médicos sobre gênero, como as não biologizadoras, ainda parte dos médicos traz esse olhar biologizante sobre o comportamento social do feminino e masculino.¹⁰⁰

Como foram observados muitos comentários giram em torno das genitálias para determinar o gênero da pessoa, porém muitas vezes, os comentaristas também negam se a

¹⁰⁰ O documento “Contribuições e apelo médico-científico acerca da terceira versão da base nacional comum curricular” (URBANO, et al, 2017, p.10) enfatiza que a “força da biologia no desenvolvimento da auto identificação com o sexo ao qual se pertence é do comportamento diferenciado de acordo com o sexo biológico.”

vagina ou pênis for de uma transgenitalização chamando muitas vezes de “*vagina falsa*” ou “*pênis de brinquedo*”. Parece não ser o bastante em ter uma aparência estética de homem-cis como Thammy hoje adquiriu. Por exemplo, no caso de Thammy que não é operado, questionam: *Tem pinto? Micha em pé? Nunca sentirá o prazer de coçar o saco? Então nunca será um homem.* Na própria matéria “Thammy rebate piadas na web sobre o seu órgão genital: 'homem não se resume nisso’” (GLOBO, 2017, s.p) mostra como o filho de Gretchen rebateu num *post* publicado no *Instagram* os comentários fálicos.

Olha só, reparei nos comentários que os mais preocupados com o 'princiPAU' são homens. Rapazes, um recadinho: como eu tenho uma coisa que vocês não têm e sei muito bem como funciona, então eu faço de um jeito tão gostoso, mas tão gostosinho, que nem preciso do 'principau'. Homem que é homem não se resume nisso, né, não?

A resposta de Thammy faz pensar como ficaria se um homem-cis que tivesse câncer no pênis e precisasse amputa-lo por razões de saúde, e não tendo mais um pênis, ele, então, seria uma mulher? É uma biologização do gênero que também não se aplica em outros órgãos, quando, por exemplo, um coração de um homem transplantado em uma mulher a tornará ela homem. A cultura falocêntrica determina o gênero pelas genitálias e despreza mais de 95% do corpo. O que faz o grupo *Transgente* (2017, s.p) alertar “nós não somos nossos órgãos genitais”. Mas, quando há a existência de uma genitália como de Ariadna: *é uma vagina falsa, construída.* É uma genitalização da parte e seletiva. O Brasil lidera ranking em cirurgia íntima “Rejuvenescimento íntimo ou vaginal vira a nova obsessão das mulheres” (GLOBO, 2017, s.p). Sobre tais questões, Letícia Lanz no dia 08 de outubro de 2017 posta no *Transgente*:

Para a medicina estética, pessoas cisgêneras são pessoas normais que buscam cirurgias plásticas para se ajustarem melhor aos modelos estereotipados de homem e de mulher em vigor na sociedade (...) não questionam a sanidade mental dos seus clientes em virtude do seu desejo de parecerem mais belos e mais bem torneados, dentro dos padrões de beleza em uso numa dada sociedade e época. Ao contrário, pessoas transgêneras que buscam cirurgias plásticas exatamente pelo mesmo motivo, são consideradas portadoras no mínimo de "disforia de gênero" e no máximo de "transtornadas mentais". A diferença de tratamento é devido ao fato de que as pessoas cisgêneras estão ajustadas às normas de gênero, que determinam que todo indivíduo nascido macho, isto é, com um pênis, deve ser enquadrado como homem, assim como todo indivíduo nascido fêmea, isto é, com uma vulva, deve ser enquadrado como mulher.

O ímpeto de classificar por estruturas biológicas significa estabilizar, fixar, colocar em caixinhas e excluir o que é ser homem e o que é ser mulher. É preciso lembrar que:

Discutir transexualidade nos remete a discutir a identidade de gênero deslocada da biologia, porque são pessoas que têm todas as genitálias normais, toda a estrutura biológica, cromossomos absolutamente normais e, no entanto, não se reconhecem no corpo. E, nesse sentido, a genitália é apenas uma das partes do corpo. Muitas mudam o corpo, colocam silicone, fazem aplicação a laser para tirar as marcas da barba, deixam o cabelo crescer, se constituem e produzem as expressões do gênero feminino, lutam socialmente para serem reconhecidas como mulheres. Então, o dispositivo da transexualidade que produz uma única explicação para o ser, para viver a transexualidade, na pesquisa que eu fiz, não encontra nenhum tipo de respaldo (BENTO, 2017, p.109).

No decorrer da minha imersão on-line, pouco a pouco, os comentários espalhados pelo Portal da *Globo* e da Rede Social *Facebook* vão me mostrando que o enunciado “homem é XY e mulher é XX” é um dos mais frequentemente usados como também um dos comentários mais emblemáticos na recepção da transexualidade, tal que das 45 matérias praticamente todas trazem referência que ser homem ou ser mulher é uma questão cromossômica ou ainda também genital.

É preciso chamar a atenção que as unidades discursivas de proposições biológicas muitas vezes disparam entre os comentadores/as nas mídias digitais. Em um link do *GI* - O Portal de Notícias da *Globo* no *Facebook* “Torturei minha 'garotinha' durante anos', diz mãe sobre aceitação de filho transgênero; relato viralizou” teve 381 comentários, e deles, aproximadamente mais de cinquenta por cento possui algum tom médico biologizante. Não é um caso de matéria isolada ou exceção, como essa, os comentários ainda se mostram quase uma regra, como por exemplo:

- "*garotinha*" cromossomos XY parece que essa mãe faltou nas aulas de biologia”
- “*mas na célula dessa pessoa estará sempre dizendo que é homem ou mulher*”, “XY = homem; XX= mulher. FIM”,
- “*O nome disto é transtorno de personalidade era tido como doença psíquica ,mas foi retirado do Cid*”,
- “*o que define o gênero é o órgão genital... Vagina= mulher/feminino... Pênis= homem/masculino... Partiu disso é homossexualismo e ponto,*”
- “*poder mudar o fenótipo, mas o genótipo nunca, a essência será a mesma*” entre muitas outras que compõem somente essa matéria”.

As questões que envolvem gênero ainda são bastante polemizadas nas mídias digitais. Mesmo que houvesse como aqui relatado uma mudança qualitativa na frequência e tom das matérias e comentários, do “homem grávido” de 2007 ou do “bebê sem gênero” de 2012

enquanto emblemáticas desconstruções de gênero, elas ainda repercutem na web, muitas vezes, de maneira incrédula¹⁰¹, visto que uma matéria intitulada “Bebê terá documento sem identificação de sexo para 'decidir gênero quando crescer’” (GLOBO, 2017, sp) postada no Portal *Globo.com* que teve os seus comentários desativados. O mesmo conteúdo postado como “O cartão de saúde da criança terá um "U" no espaço reservado para "sexo", letra que simbolizará "indeterminado" ou "não atribuído”” teve em vinte horas desde sua postagem 5.700 comentários e 30.000 curtidas, entre elas, 10.987 emoções de grrr (não gostei) e 3.751 de coração (amei). Depois já eram 34 mil reações (14 mil curtidas, 11 mil “grrr” (não gostei) 4 mil “coração” (amei), 1, 8 mil (triste), 1,4 mil (uau) e 1,1 mil (risadas), além de 5,9 mil comentários.¹⁰² Grande parte dos argumentos são fundamentados de que homem é “XY” e que mulher é “XX”. Fundamentos que em sua maior expressão biologizam e desconsideram que gênero é uma construção cultural e social ou que ninguém nasce sabendo em ser homem e ser mulher, ou ainda que não estão nos cromossomos as expectativas dos comportamentos performáticos de masculino e feminino, uma vez que não inatos ao ser humano.

Observa-se que existe um discurso de aceitar a ideia de natureza quando se fala de gênero e sexualidade.¹⁰³ Entretanto, como foi verificado, há também um movimento de considerar a transexualidade natural, como própria do ser humano/antrópica a fim de não biologizar o comportamento social, talvez a frase dada em uma entrevista para o site *Nlucon* (2014, s.p) ‘Não acreditem nos livros de biologia’, diz Sofia Favero, criadora da ‘Travesti Reflexiva’” traduza com mais precisão os efeitos da biologização do gênero, principalmente, para as pessoas trans.

Outras reportagens como esta tocante às questões sobre a transexualidade destoam ainda dessa, em média os argumentos pautados em algum aspecto de uma medicina

¹⁰¹ GLOBO. G1. 2012. **Pais decidem revelar que filho é homem após cinco anos de segredo.** <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/01/pais-decidem-revelar-que-filho-e-homem-apos-cinco-anos-de-segredo.html>>.

¹⁰² A versão da matéria sobre o bebê sem identificação de gênero publicada no *G1* do *Facebook* no dia 04 de julho de 2017 está disponível em: <[https://www.facebook.com/g1/posts/1697746326944112?__xts__\[0\]=68.ARCe9Gskhe5CRPZjGzB7C1--UOnAT7dB3C1akvWoeJ2SOAdy82wPKnEyaCus0L4PPIixYHamuPErwlcqkO7p96JBetnpL2tCeSmwmY_uXz exhhKqpVQuTEjUwT142QXXUJZb9ayIB510ZCAI0kUbtMziVeYgM-Nwjhal4fxqiwK8MbfqkKU1ng&__tn__=-R](https://www.facebook.com/g1/posts/1697746326944112?__xts__[0]=68.ARCe9Gskhe5CRPZjGzB7C1--UOnAT7dB3C1akvWoeJ2SOAdy82wPKnEyaCus0L4PPIixYHamuPErwlcqkO7p96JBetnpL2tCeSmwmY_uXz exhhKqpVQuTEjUwT142QXXUJZb9ayIB510ZCAI0kUbtMziVeYgM-Nwjhal4fxqiwK8MbfqkKU1ng&__tn__=-R)>.

¹⁰³ Uma ideia iluminista de natureza racional, precisa, lógica, justa e livre de equívocos que emana de Deus e servi de parâmetro para avaliar o comportamento dos seres humanos e os quais devem adaptar as suas ações segundo as suas leis imutáveis a partir de um misto de percepções androcêntricas, patriarcais e de um deus masculino que imprimi a sua testosterona no mundo.

biologizante são entre os mais frequentes, a outra metade são fundamentada em variados argumentos que vão de condenações morais e religiosas à parabenizações pela conquista de direitos a identidade de gênero, além de ofensas puramente gratuitas e sacarmos que beiram sadismo diante do sofrimento dos relatos das pessoas trans.

3.3 Corpos abjetos e a monstrialização da pessoa trans

“Se não fosse travesti ou transexual não seria morta/o” tal enunciado deslegitimador, muitas vezes, é colocado pelos comentaristas como justificativa para a morte das pessoas trans em reportagens que retratam assassinatos de transexuais e travestis. Neste contexto, sob o olhar cis-heteronorma ser transexual ou ser travesti é não ter futuro, é um/a “ninguém”, enfim, uma vida sem valor. Uma manifestação que expressa a ausência de humanidade. A teórica *queer* Judith Butler (2000) chama a esse processo de desumanização de “corpo abjeto”, ou seja, um corpo que está a margem, monstruoso, que perdeu sua condição de humano. Diante disso, “a abjeção torna-se uma potente categoria heurística nos estudos voltados para a compreensão do lugar reservado socialmente aos corpos sem inteligibilidade social, a exemplo das pessoas trans” (BENTO, 2017, p.49).

Dessa forma, a desumanização consistindo no ato de retirar os atributos de ser humano aquilo que o torna singular e diferente dos demais seres vivos, tal remoção possibilita a violência e até a morte do ser desumanizado. Romper as barreiras de gênero significa, muitas vezes, também romper a fronteira de ser visto como ser humano. É o abjeto que perde o *status* de humano (BUTLER, 2000). A monstrialização das identidades trans (LEITE JÚNIOR, 2012). A coisificação do outro para se permitir a violência daquele que está sendo inferiorizado, coisificado (SÉMELIN, 2009).

Os comentários deslegitimadores de maneira geral se utilizam de enunciados argumentativos que a transexualidade/ transexual é uma aberração, anomalia, doença, monstruosidade, demônio, lixo entre outras expressões de desumanização que retiram da pessoa trans a sua humanidade. Observa-se que esses tipos de comentários estão praticamente presentes em quase todas as reportagens. Seguem alguns exemplos de tais comentários:

- “*Aberração!*” - comentário da matéria “Aluno transexual é expulso da Cásper após criticar método de professora” (GLOBO, 2015 c, s.p).

- *“B-I-Z-A-R-R-O!!!”* - comentário da matéria “Ex-BBB Ariadna brinca de amamentar sobrinho e diz: 'Já estou treinando'” (GLOBO, 2017 i, s.p).

- *“já começaram mostrando os piores lixos que contaminam o Brasil....”* - comentário da matéria “Lea T será 1ª transexual em cerimônia de abertura na história das Olimpíadas” (GLOBO, 2016 h, s.p).

- *“Mulheres sim, não essas aberrações, isso não são mulheres”* - comentário da matéria “Justiça começa a rever casos de militares afastadas por serem trans” (GLOBO, 2018 e, s.p).

- *“Os fiscais devem adivinhar que a aberração que está indo fazer a prova é a mesma do documento com nome de macho!! pelo amor...”* - comentário da matéria “Candidatas transexuais do Enem dizem ter sofrido constrangimento” (GLOBO, 2013).

Existem os legitimadores que trazem o respeito à humanidade das pessoas trans:

- *“Aberração são vocês que acham que podem decidir o que o outro é ou não. Vão se tratar porque isso é doença e crime”* - comentário da matéria “Aluno transexual é expulso da Cásper após criticar método de professora” (GLOBO, 2015 c, s.p).

- *“Viva a diversidade humana, se não suportam a porta é logo ali”* - comentário da matéria “Justiça começa a rever casos de militares afastadas por serem trans” (GLOBO, 2018 e, s.p).

- *“Como tem gente ignorante aqui , não respeitam a diversidade , vergonha de pessoas como essas , por isso o Brasil não vai para frente... Minha solidariedade para as transexuais”* - comentário da matéria “Candidatas transexuais do Enem dizem ter sofrido constrangimento” (GLOBO, 2013).

Durante a minha imersão uma reportagem intitulada “Thammy Miranda fica sem camisa em estreia de peça” (GLOBO, 2017, s.p) me chamou a atenção, uma vez que ela ultrapassou a casa dos mil comentários em pouco tempo. Acompanhando a matéria sobre Thammy, como faço com as outras reportagens, mais uma vez a desumanização parecia lotar a caixa de comentários. Nas primeiras horas a reportagem já contava com 1002 comentários, em um intervalo de pouco tempo já eram 1514 e na minha última atualização no fim da noite sem completar as 24 horas para que o link não recebesse mais comentários eram 1802 mensagens sobre a matéria que mostrava fotos de Thammy sem blusa em uma peça de teatro.¹⁰⁴

¹⁰⁴ Segundo Hine (2004) pesquisar no on-line possibilita técnicas de experimentações e adaptativas mais enquanto artefatos de observação do que uma metodologia justamente por falta de um protocolo metódico. Tal como foi abordado na introdução, é necessário apresentar os registros de campo no qual mostre desde as

Das 1805 mensagens sobre a matéria que mostrava fotos de Thammy com o peito nu numa peça de teatro, os enunciados desumanizadores aparecem em diversos tipos de palavras:

- “aberração” aparece 123 vezes em 121 comentários, pois em 2 deles ela aparece 2 vezes.¹⁰⁵

Outras palavras como “nojenta/o”, “anomalia”, “monstro/a” e outras formam o enunciado de “desumanização”.¹⁰⁶

- “anomalia” aparece 3 vezes; - “monstro/monstra” é usada 9 vezes; - “feio/feia” soma 65 vezes.

Outras expressões depreciativas são usadas em menor número, mas acompanham a trama de comentários odiosos: “horror”, “estranha”, “deformação”, “criatura”, “extraterrestre”, “bizarro”, “ridículo”, “satanás”, “capeta”, “demônio”, “bicho”, “inferno”, “doente/doença”, “desgraça”, “mongol”, “lixo”, “desprezível” entre outras.

Neste sentido, é preciso dizer que existe uma identificação sintática dessas palavras negativas com a pessoa transexual. Uma vez que sintaticamente existe uma identificação da palavra dentro da frase. Não só a palavra, mas a sua relação com as outras palavras formando a sentença. Foucaultianamente pensando a/s palavra/s enquanto enunciados, bem como também a disposição das palavras na frase e a das frases no discurso e a relação lógica das frases entre si. Do mesmo modo como semanticamente a identificação do significado que a palavra inserida na frase tem. A semântica estuda o significado e a interpretação do significado de uma palavra, de um signo, de uma frase ou de uma expressão em um determinado contexto como, por exemplo, o do deboche: “*linda kkkkk*”. Para Jorge Leite

sistematizações das informações aos prontuários das impressões cotidianas do antropólogo como afirmam as autoras Santos e Gomes (2013). O pesquisador deve relatar para o enriquecimento descritivo da pesquisa as técnicas usadas para “pesquisar onlinamente”. Aqui no meu caso, apresento no meu diário de campo o desafio de mensurar alguns comentários que usam determinadas palavras. Para tal, pensando em construir uma nova técnica de observação imersiva, copiei todos os comentários sobre a matéria na web e coleí num arquivo *word* e depois converti em *pdf* para melhor pesquisar a palavra e assim quantificá-la, claro ficando atento ao enunciado que a palavra se encontra.

¹⁰⁵ O que não se deve associar necessariamente o emprego da palavra aberração a posição de crítica ou combate a transexualidade, já que ela pode estar sendo utilizada em sentido negativo (não é uma aberração); somente tomo a quantidade desse vocábulo como parâmetro de mensuração porque os seres humanos via de regra pensam quase sempre afirmativamente (é uma aberração). E mais, independente do uso acusatório ou defensivo do uso do vocábulo apenas o fato da palavra estar presente no contexto do diálogo demonstra certa relação de pertinência ao assunto.

¹⁰⁶ Os enunciados “mulher é XX e o homem XY” aparece 13 vezes. Grande parte dos argumentos fundamentados de que “homem é XY e mulher XX” são usados na maioria das matérias. Como já relatado, há uma grande possibilidade de que é o tipo de comentário mais frequente nas caixas de comentários.

Júnior (2012, p.562), estudioso sobre os processos de monstrualização das identidades de gênero:

(...) a violência, o sarcasmo, o nojo, o medo e a desqualificação não são simples reações ao desconhecido ou ao receio de perder uma pressuposta estabilidade ou ordem psicológica/individual ou social/coletiva, são atitudes cultural e historicamente legitimadas para se relacionar com quem não é compreendido como humano (no pior dos casos) ou é compreendido como sub-humano ou quase humano (no melhor dos casos).

Mas, nem todos os comentários agridem ou desumanizam, têm aqueles comentários que defendem Thammy e legitimam a transexualidade. Dessa forma, expressões de cunho compreensivo e humanizador também estão presentes nos comentários. São providos de respeito, humanidade, rompem com o preconceito, são em menor número, mas são frequentemente mais embasados, com qualidade de argumentação porque tentam trazer esclarecimento sobre as identidades de gênero por meio de um olhar de empatia:

- *“Ele é um homem trans, vão estudar seus ignorantes. E o que quer que seja que ele faça no corpo dele é para o bemestar dele, com o dinheiro dele e não afeta o seu bem estar e nem a sua conta. Portanto não é da sua conta”*.

- *“Sou heterossexual e digo em verdade que Thammy não me incomoda, não desperta em mim nenhum pensamento negativo”*.

- *“É estranho ? É diferente?...Mas imaginem se fossem com vocês, não acredito que foi fácil para ele, reconhecer que estava em um corpo de mulher ... antes de criticar os outros, temos que aceitar que, isso acontece! E esta acontecendo...Para todos que dizem, nojento, asqueroso...imaginem se fossem com vocês isso, o quanto estariam infelizes e sofrendo. Pelo menos, ele teve coragem"... Sintam-se na pele dele antes de fazer criticas...*

A palavra nojento/nojenta tem o número de ocorrência de 19 vezes na matéria. O nojo é um sentimento que parece vir dos calabouços desconhecidos da psique humana em que um ser se achando superior ao outro persegue, humilha, destrói por achar esse ser inferior, nojento, repugnante e asqueroso. O nojo parece ser o elemento primordial dos preconceitos contra as trans. A trans foi um dia homem, repugnância, comentários frequentes nas matérias sobre Ariadna e outras trans. O trans foi um dia mulher e agora se mostra homem, asco. Tais imaginações e sensações parte da ideia que “as imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece”

(BUTLER, 2003, p.162).¹⁰⁷ Vejamos alguns exemplos:

- “*Que nojo... Põe nojo nisso ...*” - comentário da matéria “Ex-BBB Ariadna brinca de amamentar sobrinho e diz: 'Já estou treinando’” (GLOBO, 2017 i, s.p).

- “*Que coisa nojenta ! eco, que nojo!*” -- comentário da matéria “Thammy Miranda e Andressa Ferreira posam de mãos dadas em praia” (GLOBO, 2016 e, s.p).

- “*QueNoJo, deu vontade de vomitar!!*” - comentário da matéria “Unicamp tem 1ª travesti doutora: 'Universidade aprendeu a se transformar para que pessoas como eu caibam ali’” (GLOBO, 2017 d, s.p).

Os comentário vão, geralmente, mostrando que transgredir as normas de gênero representa também cruzar a linha de ser visto como ser humano ou não ser humano. A monstrosidade consiste na desumanização do outro segundo Núbia Bento Rodrigues (2010). Afirmar categoricamente que o outro é um monstro vai além de desumaniza-lo, é classifica-lo como não humano e assim sucessivamente distorcer o fato de sua humanidade.¹⁰⁸

Segundo Jorge Leite Júnior (2012) o monstro não surge sozinho, ele é produzido socialmente e historicamente criado. Cada sociedade vai eleger os seus critérios daquilo que vai ser visto como normal e aceitável frisa o antropólogo, e infelizmente como averiguado nos dados obtidos desta pesquisa imersiva, a maioria das pessoas, ainda veem a transexualidade como algo assombroso. Entendo assim, como já falado, que a desumanização como ato de tirar a ideia de humanidade de um ser humano seja animalizando ou coisificando seja monstrualizando.

É animalizar como já se fez e ainda se faz com os negros chamando-os de macaco, como já fizeram com os judeus classificando-os como ratos nas propagandas nazistas. Ainda se faz com as mulheres que também são alvos e um dos mais preferidos dessa ação da desumanização. Elas são frequentemente reduzidas à uma enorme possibilidade de objetos: Maria gasolina, Maria chuteira, Maria tatame e assim por diante. Em certas sociedades a mulher é vista apenas como um ser movente (no direito de um animal de ter movimento), em

¹⁰⁷ De acordo com Leite Junior (2012, p.561) “considerar essas pessoas como abjetas só seja possível quando o termo “abjeto”, (...) é usado como sinônimo de desprezível, repulsivo, vil, horrível, incompreensível. Talvez a maneira violenta e inferiorizante, com tonalidades de nojo, zombaria e medo com que essas pessoas são ainda cotidianamente tratadas, revele que essas pessoas não estão além ou fora das categorias conhecidas de inteligibilidade social. Talvez elas estejam em uma outra e específica categoria de inteligibilidade.”

¹⁰⁸ A palavra monstro tem uma carga semântica também positiva, daquilo que é grandioso, e impossível de fazer ou conceber para um humano (LEITE JUNIOR, 2007); mas que infelizmente em uma sociedade hetero - normatizadora e binária de gênero não é nesses termos que se refere às transexuais.

alguns momentos históricos, a mulher e o feminino foram e ainda são tratados com violência, pois não são visto como humanos. É vaca. É galinha. É cobra. É bruxa! É feiticeira, menos humana.

Para Rodrigues (2010, p.388) as “ideias e definições sobre o monstruoso e a monstruosidade – variam segundo os tempos, lugares, e forma de discurso”. Com o advento das mídias digitais e observando os comentários direcionados as transexuais que em seu maior número usam expressões como monstro, aberração e anomalia vêm a confirmar que as pessoas transexuais são “as eleitas da vez” para a monstrualização de suas identidades.

É importante ressaltar que existem duas acepções principais da palavra normal. O primeiro surge da expressão “curva normal” que é aquela faixa de um gráfico onde estão concentrados os eventos ou comportamentos mais comuns. Nesse sentido, que chamam de *estatístico* ser normal é ser comum, usual, frequente, sem qualquer tipo de julgamento deontológico que por sua vez aparece na segunda acepção, a qual chamo *ético-jurídico* no qual o que atesta se um comportamento é normal ou não, não é a sua frequência, mas sim o fato de estar de acordo com os ditames de uma norma. Essa falta de univocidade do vocábulo *normal* cria grandes problemas dentro das teorias que se propõe a investigar a razoabilidade de um comportamento, especialmente, quando ele é considerado estigmatizado como das transexuais e das travestis. A transexual é normal. Ser minoria ser apontada na rua, ser alvo de comentários. Um salto do estatístico para o jurídico. A pessoa não deixa de ser normal porque é minoria, e sim porque o seu comportamento passa ser visto como incorreto. O que é menos frequente é anormal, logo apto a se tornar um monstro. Mas até que ponto essa frequência é real como questiona Lanz (2017). Ou será, por exemplo, que desde cedo somos condicionados a permitir e incentivar que as crianças possam expressar a sua a sua heterossexualidade, mas não a sua homossexualidade e jamais a sua transexualidade?

O monstro não é apenas identificado pela sua aparência, mesmo que seja invisível nos seus corpos a duabilidade ou o fronterístico entre o feminino e masculino como será descrito sobre a estética de gênero, mas pelos seus atos. “Suas ações fogem do critério possível ou aceitável pelas pessoas”, acrescenta Rodrigues (2007, s.p). Seguindo a ideia de Foucault (2012), se a anormalidade física do louco agride as leis da natureza, o comportamento do assassino fere as leis da sociedade, a identitária de gênero trans parece romper com as duas leis, assim são vistos como monstros morais por romperem com a natureza. Há também, a

humanidade do monstro que é o que mais assusta a sociedade como relata Sofia Favero (2014, s.p) para o site *Nlucon*:

A sociedade criou essa ideia de que pessoas transgêneras são quimeras, bichos de 7 cabeça, personagens de algum filme terror... E não é nada disso. O meu intuito sempre foi esse, mostrar aquilo que me fazia rir, chorar, pensar... Como qualquer outra pessoa, o que me diferencia da sociedade é a falta de oportunidades e o preconceito. O estigma que uma travesti carrega é muito pesado para ser de conhecimento somente dessa classe, é preciso que a sociedade veja com os olhos dessas pessoas o que é sofrer transfobia.

Essa abjeção às pessoas trans não vem somente de comentários no Portal ou das postagens na Rede Social, ela está na fala de pessoas como da mãe da apresentadora Luciana Gimenez, a atriz Vera Gimenez que diz que “coisa trans *assusta*” e que sente ojeriza de Thammy Miranda” publicado no site *Nlucon* (2017, s.p) e compartilhado pelo grupo *Transgente*. Tal declaração que trago aqui como finalização desse tópico condensa muitas questões aqui trabalhadas e a serem aprofundadas mais adiante, uma vez que a exclusão, a desumanização e a distorção são mecanismos usados pela lógica biopolítica a ser tratada a seguir.

Antes, é válido ressaltar que a apresentadora Luciana Gimenez trouxe em seu programa *Superpop* uma visibilidade de pessoas famosas trans, principalmente, Léo Áquilla e Thammy Miranda. O que chama atenção na declaração de Vera é que mesmo tendo sido pauta várias vezes no programa de sua filha, a transexualidade, é vista para a mãe da apresentadora como algo que causa repulsa. Embora não ter sido frequentemente discutido com propriedade a identidade trans no programa *Superpop* ainda assim não causa empatia na fala da mãe de Luciana. “*Essa coisa de mulher trans não rola comigo. Tenho ojeriza à figura da filha (sic) da Gretchen, por exemplo*” (NLUCON, 2017, s.p). Tal matéria de Neto Lucon traz a informação que Vera é formada em psicologia na década de oitenta, mas mesmo sendo, não poupou em declarações de rechaço à transexualidade.

O discurso de Vera como das figuras circulantes já referenciadas e outras ainda a serem citadas é provido de enunciados discursivos de que a transexualidade desafia as leis naturais, pois é uma invenção humana; e sendo contrário à natureza humana é algo imoral; e assim as pessoas trans são imorais, pois a identidade trans rompe com as normas de boa conduta moral e assusta. São formas de vidas que são vistas como um insulto. Porém, mesmo diante desse conjunto de elementos discursivos que não reconhece a transexualidade, é

comum ainda a postura dessas mesmas figuras se afirmem como não transfóbicas. No caso da mãe de Luciana, ela diz que tem amigos gays, esquecendo novamente a diferença de orientação sexual e identidade de gênero e por fim a psicóloga desabafa: “*Não se pode dizer mais nada, gente*” (NLUCON, 2017, s.p).

3.4 A estética de gênero e a passabilidade

Berenice Bento (2006) no livro *A reinvenção do corpo* resultante de sua tese de doutorado vê que a estética tem uma gama de importâncias na formação dos *habitus* dos gêneros, entre elas, a visibilidade corporal, o indicador de níveis de masculinidade e de feminilidade e a variável de negociação com os discursos sociais médico e jurídico, até porque a estética corporal será a chave para a transexual ser classificada pela equipe médica ou jurídica de se tratar de uma mulher ou de um homem em conflito com suas genitálias e precisado emergencialmente de intervenções cirúrgicas. Entretanto, tal classificação acaba levando a questão da passabilidade que sucessivamente leva a outra questão a da estética de gênero, assim as três questões se mostram entrelaçadas em relação à identidade trans.

Por isso que a estética de gênero a partir do modelo cis- heterossexual se torna, muitas vezes, uma armadilha para as transexuais. Visto que quanto mais próximo desse modelo fica a pessoa trans, aparentemente mais aceita ela será e dessa maneira menos preconceitos sofrerá, mas como iremos abordar mais adiante isso pode ser visto também como algo ameaçador. Vale dizer, que não é apenas o corpo a preocupação de uma transexual quanto a sua passabilidade, e sim o seu comportamento e de como ela é tratada; de como ela é vista de acordo com o gênero que ela se identifica. Isso somente vai ocorrer se houver a passabilidade dela, se a pessoa transexual conseguir passar por mulher ou se passar por homem, enfim, geralmente, se ela estiver em concordância com matriz heterossexual, ou seja, “ser reconhecida, pela sociedade, como alguém em conformidade com as normas de gênero” (LANZ, 2015, p.129), enfim classificada como uma mulher (cis) ou homem (cis).

Dessa forma a passabilidade se torna uma obsessão para a maioria das pessoas transexuais segundo Letícia Lanz (2015) que regularmente discute sobre o assunto nas postagens do grupo *Transgente*. Essa preocupação com a passabilidade encontra-se na maioria das biografias trans, talvez faça parte da vida de quase todas pessoas trans. Os estudos sobre transgêneros se debruçam cada vez mais na questão da passabilidade, e o fato de uma trans passar pelo gênero que se identifica gera discussões nos comentários digitais como aqui

observado. Se aproximar ou não se aproximar (passar ou não passar) por mulher-cis ou homem-cis gera uma gama de sentimentos: inveja, ódio, agressão como também admiração, elogio e amor na receptividade on-line sobre a transexualidade.

A passabilidade provoca diversas indagações: existe “mulher de verdade”? “Homens de verdade”? “Trans de verdade”? O cis seria “o verdadeiro”? Por que o trans seria “o falso”? Assim como também pensar sobre a sexualidade, existe “falso hetero”? Homossexual “verdadeiro”? Será que existe essa separação entre pessoa cis e pessoa trans? A mulher cis se sente tão classificada como uma mulher trans? Pode-se dizer que a passabilidade não é uma preocupação exclusiva das trans, pois, quantos homens cis ou mulheres cis não são lidos como homens e mulheres? Sua estética não condiz com o padrão de masculinidade ou feminilidade. São alvos de dúvidas pela cisnormatização. Claro que de forma mais atenuada, pois o sofrimento se dá de outra maneira, o tom pode ser outro, mas a dúvida tem a mesma matriz.

Quanto à estética e a passabilidade dos corpos trans outros enunciados deslegitimadores são usados pelos comentaristas como “existem somente homem ou mulher, o resto é gambiarra” que desdobra em argumentos que existe uma “mulher de verdade” ou “homem de verdade” e que a mulher trans e o homem trans são respectivamente uma mulher “falsa” e um homem “falso”, ou ainda “a mulher trans é um homem” e “um homem trans é uma mulher.” Vejamos alguns exemplos:

- *“Disse tudo! Por mais que queira, nunca será um homem de verdade!”* — comentário da matéria “Veja novas fotos de Thammy Miranda exibindo peitoral em revista” (GLOBO, 2015 e ,s.p).

- *“Pode gastar 1 milhão q vai continuar sendo homem... aparentemente tem corpo de mulher, mas nunca vai ser mulher de verdade, ainda é um homem!!!!!!”* – comentário da matéria “Transexual Thalita Zampirolli gasta R\$ 30 mil para fazer mudanças no corpo” (GLOBO, 2015 i, s.p).

- *“Comentários infelizes, transexuais são transexuais e mulher é mulher, nada pode mudar isso. Gosto não se discute tem gente que não curte uma FÊMEA, mas esses não fazem falta.”* – comentário da matéria “Transexual Thalita Zampirolli gasta R\$ 30 mil para fazer mudanças no corpo” (GLOBO, 2015 i, s.p).

- *“Homem falsificado... Pra uma mulher ficar com outra mulher com cara de homem, fica com homem de verdade. Não entendo isso... Esse mundo tá perdido!!!”* – comentário da

matéria “Ex-patricinha escolhe visual masculino como identidade em MG” (GLOBO, 2013 d, s.p).

Já, os legitimadores vão trazer que “existem outras formas de ser homem e de ser mulher” incluindo as pessoas trans no rol de mulheres e homens:

- *“Ela é e está linda. Isso é incontestável. Muita mulher gostaria de ter essa grana e estar com o corpo assim... Inclusive eu. O que importa mesmo é ser feliz e pronto, e todo o resto é irrelevante!”* – comentário da matéria “Transexual Thalita Zampirolli gasta R\$ 30 mil para fazer mudanças no corpo” (GLOBO, 2015 i, s.p).

- *“Eu acho que as pessoas não têm nada que fiquem criticando, porque cada um vive da forma que gosta e se sente feliz... Ele é um homem lindo.”* – comentário da matéria “Ex-patricinha escolhe visual masculino como identidade em MG” (GLOBO, 2013 d, s.p).

Outros enunciados como “mulher não tem pênis, pés ou mãos grandes, gogós e nem suor de homem” e “homem sem pênis ou sem saco não existe” são evidenciados nas caixas de comentários como forma de deslegitimar e excluir a pessoa trans:

- *“Confere o gogó antes! Parecer homem é fácil, quero ver saber fazer o movimento controlando um músculo cheio de veias sem deixá-lo amolecer .. hauhuahuahauhahua”*- comentário da matéria “Ex-patricinha escolhe visual masculino como identidade em MG”(GLOBO, 2013 d, s.p).

- *“Pé tamanho 43 KKKKKKKKKKKKKKKKK... Ainda não existe cirurgia para redução de pé?”* – comentário da matéria “Thalita Zampirolli celebra o Dia Internacional da Mulher” GLOBO, 2017 k, s.p).

- *“As mãos dela a denunciam... olha o tamanho da napa dela.”* - comentário da matéria "Lea T. revela que sentiu o primeiro orgasmo somente após a cirurgia: "até chorei" (GLOBO, 2017 j, s.p).

- *“Ela já operou de fimose... acho ridículo é querer ser aquilo que você não é, por exemplo, ela não é homem mas quer agir e se vestir como tal...”* - comentário da matéria “Thammy Miranda malha de camisa larga e bermudão” (GLOBO, 2012 b, s.p).

Nota-se que existe uma espécie de genitalização corpórea do nariz, pés e mãos, rosto, ombros, pernas como alguns comentários aqui mostram e outros numerosos analisados durante a pesquisa. O tamanho, formato e a textura desses elementos são usados como indícios estéticos de classificar alguém de mulher e homem nas reportagens que geralmente as pessoas trans aparecem, entretanto, nas matérias de mulheres cis como de “Bruna

Marquezzine passando férias com Neymar na Espanha” (GLOBO, 2014 f) dificilmente haverá denúncias, mesmo que as fotos do link mostrem que a atriz tem mãos e pés grandes e quando houver, a estética delas não colocarão em dúvida o fato dela ser mulher ou ser homem no máximo uma não aprovação das formas anatômicas.¹⁰⁹

Outros comentários legitimam a transexualidade “existem diferentes estéticas corporais femininas e masculinas”:

- “*Os homens morrendo de inveja! Pq mesmo ela não tendo “o principal”, só pega mulherão!!! Recalque puro, alguns aqui devem se julgar “verdadeiras maquinas” porem só devem pegar “barangas!!!” kkkkkkkkk*” - comentário da matéria “Thammy Miranda malha de camisa larga e bermudão” (GLOBO, 2012 b, s.p).

- “*Mais bonita e sexy que muita mulherzinha por ai, parabéns!!! Como se n houvesse mulheres com mãos e pés grandes..*” - comentário da matéria “Lea T. revela que sentiu o primeiro orgasmo somente após a cirurgia: “até chorei”” (GLOBO, 2017 j, s.p).

O corpo carrega a materialidade do gênero e assim se torna segundo Miskolci (2006, p.628) “um instrumento para atingir modelos identitários” que produz discursos de controle corporais de feminilidade e masculinidade como dos pés, mãos, gogó, ombros aqui falados.

Ainda sobre a passabilidade de gênero, tais elementos corporais que serão ditos ora esteticamente feminino ora esteticamente masculino pensados em termos foucaultianos são coisas mudas, e assim, somos nós que introduzimos palavras nelas, as semantizamos. É o discurso que faz as coisas existirem, os corpos existirem. É discurso de modelo de mulher/homem que se apropria da transexual, pois segundo o Foucault (2000) não é o ser humano que usa a linguagem e sim a linguagem que usa o ser humano. Mas, se deve relevar como aqui já falado, que existem diferentes subjetividades de viver a transexualidade, que mostram que nem sempre um tipo de discurso se apropria dela. Pois, havendo uma plural singularidade

¹⁰⁹ Neste sentido, como observado também em várias biografias trans aqui analisadas essa genitalização para outras partes do corpo tem o cabelo como um elemento muito valorizado pela passabilidade trans. Há uma interiorização da norma cis de que o cabelo comprido tem esse valor representativo do feminino e o cabelo curto do masculino. “Vi pelo espelho meu longo rabo de cavalo preto cair no chão com duas tesouradas e, com ele uma lágrima do meu olho direito. Era o primeiro passo em direção ao meu novo “eu”. De alguma forma me senti livre por conseguir ter feito aquilo” (BRANDT, 2017, p.151-152). Também encontraremos a questão do cabelo como um marcador de gênero na história de Nany, Rogéria, Joyce, Thammy e o seu conflito familiar por cortar o cabelão, o mesmo desentendimento, mas por deixar comprido na biografia de Roberta e até mesmo a calvície João Nery tão temida pelos homens-cis, mas aceita por ele. Assim, cortar os cabelos para os homens trans ou deixá-los crescer para as mulheres trans é um enfrentamento da sociedade que ainda teimam em classificá-los/las pelas genitálias, uma libertação proporcionada em se adequar nas características anatômicas do gênero desejado tornando possível que a pessoa trans seja lida pela sociedade como se fosse cis. Porém, existe também, a intenção de pessoas trans de não quererem passar-se por cis na valorização de parecer trans como relata Márcia Rocha (2017).

de ser transexual, muitas trans vão elaborar uma ideia de mulher e homem fora daquela da matriz cis- heterossexual.

Na minha imersão na Rede Social, uma postagem realizada no dia 01 de fevereiro de 2017 no grupo *Hetero/orgulho* me chama atenção, a dinâmica das relações dos comentários com a estética das fotos de Thalita Zampriolli. Os membros trazem ao comentar sobre a passabilidade de Zampriolli um *mix* desses enunciados descritos acima.

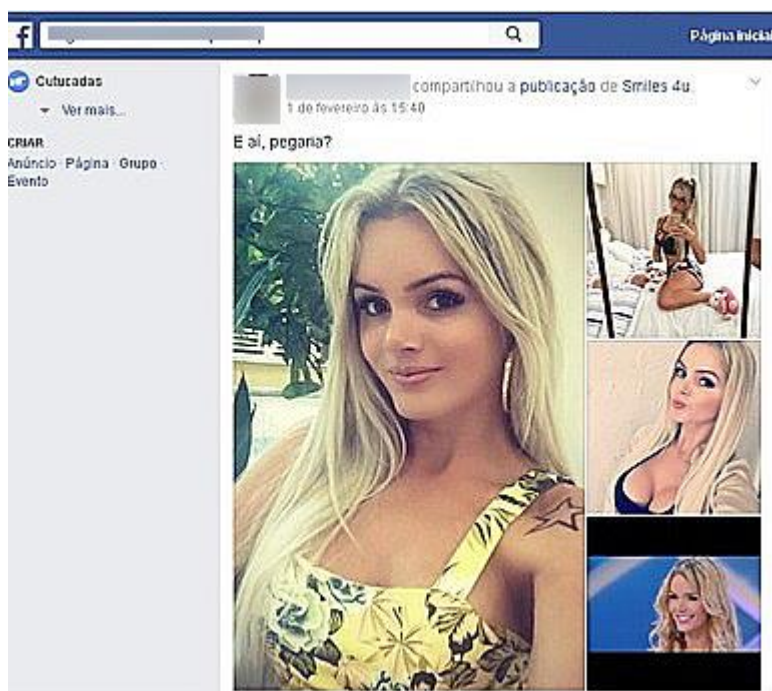


FIGURA 09. A postagem realizada no grupo *Hetero/orgulho* com fotos compartilhadas de Thalita Zampriolli.¹¹⁰

O *post* realizado por uma mulher membro traz algumas fotos da modelo Thalita e pergunta para os outros membros do grupo “*e aí, pegaria?*” A resposta à pergunta do *post* gerou 123 comentários, entre eles a maioria deslegitimadora:

- “*Embaixo do sol vai feder a cc e saco como qualquer HOMEM*” ;
- “*Se ficar sem tomar hormônio fica peludo igual homem fora outras coisas*”;
- “*Não por melhor que esteja a carroceria o chassis ainda é um homem nada muda isto*”;
- “*Nariz de homem, peito siliconado, mão de homem, jeito de homem tem que ser*

¹¹⁰ Como na figura 06, determinadas partes da imagem da figura 09, no caso o nome original do grupo e o nome e foto de uma usuária e membro do grupo sofreram o efeito de borrar.

muito viado pra pegar um bagulho desses, fora que n tem lubrificação natural e não é elastica o pau nem cabe”;

- “Deus fez o homem e a mulher fora isto é gambiarra, só por que é bonita não deixa de ser um homem como o outro da postagem do banheiro da academia....não pego nenhum dos dois e nem outra mulher pois já tenho a minha e estou feliz fora o exemplo que tenho que dar a meu filho”;

- “dava pra perceber sim tem gogó”;

- “Nunca será uma mulher perfeita!”;

- “É traveco ? Nojo!”;

- “Se tirar o mínimo de informação de seu dna ela ainda é homem”;

- “Não, é homem fantasiado!!! Sempre será homem”;

- “Uma vez homem, sempre homem. Nunca faria isso, sou hétero e sempre serei não importa se fez 200 cirurgias, vai continuar sendo homem, tendo pelos no corpo e a voz grossa. E não existe transplante de útero. Ou seja, nunca será uma mulher. Opinião não é crime.”

A postagem com as fotos de Thalita recebeu 171 reações dentre elas: 105 são curtir (mão com sinal positivo), 39 são risadas (haha), 20 são de admiração (uau), 3 são de triste (carinha chorando), 3 são de raiva (grr) e apenas 1 é amei (coração). O *post* me traz muitas informações sobre como a estética de gênero e a questão da passabilidade gera a recepção discursiva da transexualidade. Dos 123 comentários que a postagem recebeu muitos deles parecem desejar destruir a pessoa transexual por ser esteticamente bela por representar com mais precisão o “ser mulher” idealizado pela cis-heteronormatividade, e que ironicamente a grande maioria das mulheres cis dificilmente alcançarão como as fotos de Thalita Zampirolli mostram. Para muitos membros e leitores do *post* seria um golpe fatal ao ego e ao narcisismo cis-heteronormativo que se mostra muito frágil ao fundamentar comentários famigerados e insólitos, apelando algumas vezes à abstração de pênis invisíveis aos microscópicos cromossomos, e até as diferenças de sudoreses masculinas e femininas distorcendo assim que as fotos de Thalita retratam um homem e assim não há possível atração por ela. Em outras palavras, mesmo a foto de Thalita Zampirolli demonstrando esteticamente uma mulher, a maioria dos membros do grupo a enxergam como um homem. É o poder da distorção.

Claro, que tal percepção social vai envolver subjetividades moldadas socialmente marcadas por emocionalidades que ao escrever sobre as transexuais no Portal ou na Rede

Social , uma variação de sentimentos irão vir a tona pelos leitores/as, desde ataques movidos pelo medo, inveja, revolta e recalque até aqueles que são elogios, incentivos e admirações. Alguns membros afirmam que a pegaria e que inclusive a chamam de “mulher perfeita”, outros ficam indignados em ver parte de membros atraídos pela modelo e são chamados de “viados” e inclusive são muitos bloqueados e expulsos do grupo por elogiarem Zampriolli. A passabilidade de Thalita causa um misto de sensações, uma mulher membro escreve “*não dá pra saber que é homem se essa coisa não tivesse falado no vídeo. O que me espantou foi os caras aqui falando que pegariam mesmo assim só porque virou uma mulher bonita, mesmo sendo homem.*” Parte das mulheres na postagem se subjugam à violência simbólica contra o feminino e, assim, reforça contra elas mesmas a dominação masculina no grupo *Hetero/orgulho*.

A relação da estética de gênero com a passabilidade vai me revelando por meio da minha investigação on-line que uma mulher com uma beleza impar pode causar desconfiança se realmente é mulher (cis). Como aconteceu no mesmo *reality show* que participou Ariadna, mas na sua quinta edição, uma participante, hoje atriz da mesma emissora do programa "BBB5": Grazielli é confundida com travesti (GLOBO, 2005, s.p) .

Ademais, presencio que muitos/as comentaristas aceitariam manter relações afetivas com homens trans e mulheres trans, apesar da condenação do social interna seja na própria caixa de comentários ou seja entre os membros do grupo em rede social:

- “*Um gato, pegaria fácil! HU3... Lindo, tesão, gostoso, maravilhoso...Ui! Tudo de bom esse cara..*” – comentário da matéria “Ex-patricinha escolhe visual masculino como identidade em MG” (GLOBO, 2013 d, s.p).

- “*Pego a qualquer hora...*” – comentário da matéria “Transexual Thalita Zampriolli gasta R\$ 30 mil para fazer mudanças no corpo” (GLOBO, 2015 i, s.p).

- “*As mulheres trans são o ideal de beleza das mulheres do século XXI.*” - comentário da matéria “Carol Marra: “sou uma mulher por inteira, plena”” (GLOBO, 2017 w, s.p).

- “*Mais bonita q qualquer mulher... As transexuais e travestis são as mulheres do futuro. Mulheres 2.0. Têm corpo feminino (travestis: tem algo a mais; transexuais: operadas, mas tudo bem)...*” - comentário da matéria “Transexual Thalita Zampriolli gasta R\$ 30 mil para fazer mudanças no corpo” (GLOBO, 2015 i, s.p).

Os comentários acima legitimam os corpos trans ao contrário dos comentários deslegitimadores que, muitas vezes tranfobicos, metaforicamente parecem desejar e gritar aos

quatro cantos que uma transexual nunca será uma mulher ou que um homem transexual nunca será um homem, mas que ao deparar-se com as Thalitas e os Brants da vida recebem uma descarga de sensações que vão de negação, distorção, inveja e medo de desejar uma mulher trans ou homem trans.

Ainda que, ao mesmo tempo, que as pessoas transexuais são “aceitas” por estarem esteticamente conforme as normas de estética de gênero (cis-hetero), estar próxima demais ou até mesmo se tornar um ideal de beleza feminina (hetero) ou um ideal de beleza masculina (hetero) pode causar um incômodo social. Uma vez que “numa sociedade que oferece duas e somente duas possibilidades de enquadramento de gênero – ou masculino/homem ou feminino/mulher” (LANZ, 2015, p. 129). Grande parte da recepção da transexualidade se posiciona como algo inaceitável que uma mulher trans ou um homem trans possa passar ou ser confundido respectivamente por uma mulher cis ou um homem cis, pois existe uma certeza social que todos não se enganam em identificar um “homem de verdade” ou uma “mulher de verdade”, termos esses frequentemente usados pelos comentadores de matérias sobre transexuais.¹¹¹ Uma vez que esses comentários partem da ideia que “homem é homem”, “mulher é mulher” e que “a transexualidade é contrário à natureza humana, pois é uma invenção humana”. Tal fato é explicado segundo Leite Júnior (2008, p.119) porque:

Ora, as “leis” que supostamente foram quebradas são as normas de gênero que, ao serem naturalizadas pelo discurso biologizante, adquirem um caráter atemporal e universal, justificando suas expectativas e definições de um “verdadeiro” sexo com seu respectivo “verdadeiro” gênero e, em última instância, um “verdadeiro” corpo humano.

O/a outro/a que é dito/a como diferente (a transexual) quando começa ser visto como não tão diferente ou muito próximo ou ainda tendo uma estética de gênero de acordo com a normatização heterossexual que o torna mais “homem” ou mais “mulher” do que as dos homens cis hetero e das mulheres cis hetero gera uma ameaça a heteronormatividade. Nas palavras de Miskolci (2006) em um ensaio chamado *Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência* as tecnologias cirúrgicas de estéticas permitem a superação fronterísticas (trans/cis) da ordem social e que:

¹¹¹ Tais comportamentos segundo o glossário de Letícia Lanz (2015, p. 296.) se dá o nome de cissexismo que consiste na “discriminação, de natureza transfóbica, que ocorre no nível estrutural da sociedade (...) nas leis, políticas e valores ao nível macrossocial, assim como nas práticas que privilegiam pessoas cisgêneras sobre pessoas transgêneras ou gênero-divergentes.”

(...) é importante frisar que apenas parte dos homens alcança essas exigências sociais, permitindo que sejam reconhecidos como exemplares da masculinidade hegemônica. Um homem ideal – e em nossos dias modelos são levados a sério –, além de heterossexual, deve ser “branco”, cristão, de classe média ou alta, “ocidental”, jovem, com boa relação peso–altura, sexualmente ativo e com sucesso recente nos esportes.

Tais exigências também incluem as mulheres, uma vez que a ideal deve ser “branca”, cristã, de classe média ou alta, “ocidental”, jovem, com boa relação peso–altura. Segundo o sociólogo a diferença entre mulheres e homens possui objetivos estabelecidos até mesmo expressos nas atividades físicas culturalmente associadas em que a mulher deve perder e realçar atributos ditos como feminino e para os homens desenvolver volume ou massa muscular lidos assim como masculino. Tais processos prescritos são a busca de materialização das representações sociais sobre o feminino e o masculino a partir de um sistema de gênero que aloja os corpos em uma diferença que se opõem fornecendo materialidade às representações que justificam a hierarquia que atribui ao masculino o domínio e ao feminino a submissão. Pensar a partir do questionamento de Butler (2000) que o corpo não é um ser, nossos corpos são históricos, discursivos e performáticos. É na performance desses corpos que ora eles serão moldados pelas regras, contextos e atributos compulsórios, mas que ora serão mais soltas e fluídas, repletas de influências sociais, mas qualquer seja a performatividade, esta gerará norma ou uma reiteração de um conjunto de normas de hierarquia do gênero e sexualidade compulsória.

Quando há um rompimento da fronteira (cis/trans), seja ela pela estética ou pelo comportamento muitos comentários demonstram-se ameaçados como observamos na postagem sobre Thalita e comentários sobre T. Brant. Dessa forma começa outro mecanismo de combate à transexualidade: a distorção que será abordada mais a frente em outro tópico.

Primeiro negam a transexualidade como um problema de identidade de gênero e depois distorcem a colocando como uma questão de orientação sexual afirmando que as transexuais são exclusivamente sinônimos de homossexuais.

O fato das pessoas transexuais poderem ser tanto homossexuais como heterossexuais e, sendo a última o tipo orientação sexual que mais se aproximaram do ideal de mulher cis e do ideal de homem cis, fazem com que as transexuais sejam taxadas de “tudo viado”, pois jamais alguém confundiria em considerar Thalita e Brant como mulher cis e homem cis respectivamente. Isso talvez traduza que o gênero masculino diferencia-se do feminino pela heterossexualidade segundo Butler (2003). Isso quer dizer que na homossexualidade,

bissexualidade e nas próprias relações de gênero como da transexualidade essa diferença é menos sutil entre os gêneros.



FIGURA 10. À esquerda: Thalita Zampirolli – mulher trans- que esteticamente ilustra o antimasculino cis-heteronormativo. À direita: T. Brant – homem trans – que estampa esteticamente o antifeminino cis-heteronormativo. Ambos representam o padrão estético cis que a maioria das pessoas cis não alcança.

Entretanto, como relatei, a mulher trans, muitas vezes, é julgada e classificada nos comentários como uma “mulher falsa”, pois eles partem de que ela é uma mulher construída tanto esteticamente como identitariamente, não sendo assim uma “mulher de verdade”. Os mesmo que classificam apenas a trans tendem a não perceber que a mulher-cis se utiliza também de recursos de intervenção estética como as próteses de silicone, os *mega-hair* entre outros, e mais se a trans é uma construção identitária ser cis é tão como qual. Grande parte dos heterossexuais parte de que são perfeitos, prontos e naturais sem a necessidade de intervenção nenhuma. Para eles, ainda é preciso dizer “eu adoro ser trans” segundo Jaqueline Gomes de Jesus (2017, p.7). Mas também perceber que “as pessoas já exigem o impossível de uma mulher, imagine de uma transexual”, diz Lea T no site do *O Globo* (2011).

É necessário ainda mencionar que quando a estética de gênero não atende o padrão daquilo que pode ser classificado como masculino ou feminino leva geralmente a desumanização, uma vez que ideia do híbrido ou do fronterístico que nas identidades de

gênero é visto como andrógono esconde a misoginia, a ideia de afeminado.¹¹² A abjeção dos corpos trans revela a dificuldade da sociedade de querer tudo classificar, herança talvez aristotélica, inerente e persistente ao pensamento humano, e aquilo que não é possível classificar é julgado como não humano, ocorrendo assim a desumanização. Tais classificações não ficam restritas às opiniões nas mídias digitais. A estética médica de gênero no caso de Joyce (2015) agricultora e de origem humilde do interior do Pernambuco é vista no preconceito até mesmo dos médicos que a consideravam “menos feminina” por causa de sua aparência.

* * *

Parece-me que imensa parte da discussão acerca da transexualidade está centrada no corpo, ou melhor dizendo, nas alterações feitas neste para se assemelhar ao gênero desejado. O desconforto em relação ao um gênero do qual não se identifica nem sempre será resolvido com perfeição pelo processo cirúrgico ou tratamento hormonal. A mudança de corpo não consegue superar a não própria razão de ser da transexualidade. O sentido de se passar por mulher-cis ou homem-cis por uma pessoa-trans ainda fica, a famosa passabilidade aqui discutida.

Focalizar excessivamente na transformação do corpo acaba empobrecendo a discussão da transexualidade. Uma vez que a cirurgia é vendida como um bálsamo para tudo. A pessoa fez a cirurgia, fez tratamento hormonal, mas fica por essa razão um pânico de ser descoberta. Além de que existem as pessoas que presenciaram a transição e outras não, como se fossem testemunhas que podem levar um desconforto a dúvida da identidade de pertencimento. É uma rede de questões que a pessoa trans tem que conciliar. Preocupação diária de minha irmã que mesmo tendo uma estética dita feminina, corpo magro estilo *mignon* e aparência e comportamento delicados, a passabilidade ainda se encontra nela num modo operante automático.

É preciso considerar como vimos que o corpo é a materialização do gênero e este tem uma estética construída por um discurso hegemônico. Muitas mulheres-cis, por exemplo, podem ser confundidas com uma travesti, e não há mal algum nisso, apenas preconceito.

¹¹² Se antes o corpo da mulher era dito estranho (MATINS, 2003), “talvez seja porque transferimos tais medos para a questão do gênero feminino. A antiquíssima ‘monstruosidade’ feminina hoje parece estar muito mais encarnada na pessoa das travestis, transexuais e outros tantos transgêneros, que assustam e incomodam as bases conceituais sobre o que é ser homem e/ ou mulher, gerando desde a patologização científica à agressão social cotidiana e rotineira que muitas dessas pessoas vivem”(LEITE JUNIOR, 2007, s.p).

Entretanto, para as pessoas trans em conformidade com uma estética- cis essa confusão ou dúvida desencadeia um sofrimento por ter toda uma significação já vivenciada e ainda a ser vivenciada e tal sentimento tem frequentemente como resposta a apatia das caixas de comentários.

3.5 A lógica biopolítica: a negação da demanda trans e a sua cidadania precarizada

A exclusão, a desumanização e a distorção fazem parte da lógica biopolítica. Como será demonstrado nesse tópico, excluir as pessoas trans do meio social, distorcer sobre a transexualidade e desumaniza-las permite que se acione a violência de que elas precisam ser mortas, pois uma parcela dos comentários as veem como uma ameaça para a sociedade. Dessa forma, nessa última parte do capítulo pretendo apresentar alguns comentários por meio do levantamento dos principais enunciados usados pelos deslegitimadores e legitimadores da transexualidade que indicam que existe uma lógica biopolítica na recepção da transexualidade, uma lógica de que algumas vidas devem ser abjetadas (BUTLER, 2000) da vida social off-line e on-line. Que vidas são essas? Vidas transexuais que não somente porque rompem com o sistema binário de gênero e heteronormativo, mas porque elas são o outro que é lido como feminino (IRIGARAY, 1995). E assim, há uma precarização de suas cidadanias e uma obsessiva negação de suas demandas (BENTO, 2014) e que faz o outro ser reconhecido como não humano (BENTO, 2018).

Assim sucedeu como já reportado, inicialmente o corpo da pesquisa tomava forma em um cenário perceptível em que o tema circunscrito no âmbito médico/jurídico e privado que de repente vem provar sua dimensão política. Pensando gênero e sexo como parte de um sistema biopolítico, o terceiro tipo de comentário de deslegitimação a “distorção” está muito presente quando se fala de demanda e direitos das pessoas transexuais. Como mencionado, distorcer consiste em falsear com ou sem intenção enunciados científicos, mas principalmente, negar uma realidade. Distorcer é também associar, no sentido, de agregar valores que favoreça aquilo que se pretende distorcer. A transexualidade é associada aquilo que é mau visto socialmente. Dessa maneira a distorção é proposital, pois revela um jogo de encobrimentos de discursos ideológicos (SÉMELIN, 2009).

De uma biopolítica que segundo Foucault (1999) é por essência pela vida e que por isso ela mata. De um biopoder (que é um poder de vida, mas que ao mesmo tempo um poder de morte) voltado para a vida. Não se mata simplesmente, mas, sim para a preservação de

organização da vida. Mas, de qual vida? Como vimos, o Brasil é o país que mais mata pessoas transexuais e travestis no mundo, um fato que ajuda a entender o cenário de comentários em sua maioria de desejo de morte e ódio abrigados em portais de notícias de matérias que falam de transexualidade.¹¹³

Berenice Bento (2018, s.p) a partir do pensamento de Giorgio Agamben (2002) e Michel Foucault (1999) sugere pensar tais formas de gestão da população com outro conceito, o necrobiopoder, que compõe:

um conjunto de técnicas de promoção da vida e da morte a partir de atributos que qualificam e distribuem os corpos em uma hierarquia que retira deles a possibilidade de reconhecimento como humano e que, portanto, devem ser eliminados e outros que devem viver.

Para a autora Bento (2018, s.p) o necropoder e biopoder são termos que estão ligados e mostram como são estabelecidas as relações do Estado com determinados grupos humanos, revelando dessa forma, quais os tipos de pessoas que devem habitar e não habitar a Nação. Da mesma maneira, que vida será vivível e que vida será matável, a fim de atender, sobretudo, um desejo “pela eliminação sistemática daqueles corpos que poluem a pureza de uma nação imaginada (...) da negação do outro” visto socialmente como “impuro” e “licenciado” para ser morto como reportarei finalizando este capítulo com o último tópico “o outro como ameaça”.

Portanto, a biopolítica redefinida no pensamento de Agamben (2002) e no que se pode dizer a respeito à Sémelin (2009) encontra para justificativa o extermínio, o genocídio, o massacre, pois eles se tornam parte da gestão populacional que tem como lema deixar morrer para viver, a morte torna-se assim parte da administração da população. Romper com as normas de gênero e sexualidade é justificativa de ser morto/a para algumas pessoas que comentam pela rede. Assim, a morte de algumas pessoas ou grupos não é considerada problemática. O rompimento com o sistema binário de gênero se mostra mais criminoso, enfim quando este se apresenta um agravante maior que o próprio homicídio daquela que morreu devido sua identidade de gênero. De modo que, como aqui retratado, seus corpos por serem ditos abjetos são, portanto, “elimináveis” (BENTO, 2018). Não é incomum, ver essa lógica de pensamento nos comentários em matérias que relatam o assassinato de transexuais e travestis. Os enunciados sustentam o argumento que “as pessoas trans (transexuais e

¹¹³ Como vimos, não tão longe dos pixels a violência contra as trans foram confirmadas por pesquisas como da Transgender Europe – TGEU (2014), pelo impressionante dado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2013 sobre a expectativa de vida de uma pessoa transgênera; e outros que vou tendo acesso durante a confecção da tese que vem comprovar, lamentavelmente, que a violência é um elemento que faz parte e se mostra quase indissociável a experiência transexual.

travestis) são bandidas/os, marginais ou criminosas/ os”, mesmo que na realidade, frequentemente, elas as vítimas, e desse modo partem do pressuposto que “não é somente as transexuais ou travestis que morrem, os heterossexuais também morrem”. Nas reportagens a violência é estendida e continua em muitos comentários, são algumas amostras desse “massacre” simbólico:

- *“E DAI ?????? e os milhares de HETEROS ... POLICIAIS E MENDIGOS ...MORTOS TODO DIA ???? SEM UMA LINHA SEQUER DE REPORTAGEM ???? sempre o mesmo mimimidah ateh sono ...zzzzzzzzzzzzz RONC zzzzzzzzzzzzzz RONC zzzzzzzzzzzzzz”* – comentário na matéria - Travesti é baleada durante atentado na Zona Oeste de Natal. (GLOBO, 2016 l, s.p).¹¹⁴

- *“... Quantos pais de família não voltam para casa vítima de violência, deixando seus filhos órfãos? Quantos pais sepultam seus filhos e filhas também, vítimas da violência? Essa estatística para defendê-los não se vê correto? Precisamos rever as questões de segurança pública para toda população, não apenas para uma minoria”* - comentário da matéria “Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, diz pesquisa” (GLOBO, 2017 p, s.p).

- *“70 mil homicídios por ano no país, ai porque um travesti foi baleado, vira a notícia de maior destaque nesse portal G1. Tá certo!”* - comentário na matéria “Travesti é baleada durante atentado na Zona Oeste de Natal” (GLOBO, 2016 l, s.p).

- *“Esse povo vive em meio a drogas e prostituição, mas quando sofrem alguma violência se dizem vítimas de uma sociedade intolerante. Na verdade quem sofre é a sociedade, que tem que lidar com gente que não tem valores. Homossexualismo, drogas e a falta de limites estão acabando com a família Brasileira ... Quantos heteros perderam a vida enquanto redigiam esta matéria? Mídia seletiva”* - comentário da matéria “Policiais que não impediram agressão a travesti são afastados” (GLOBO, 2016 n, s.p).

- *“Se tivesse em casa lavando a louça cuidando dos filhos e servindo o marido, nada disso teria acontecido, mas foi querer ser homem, deu nisso, mas a mãe dela também tem culpa por não ter usado uma cinta ou um chinelo para curar a mesma quando apresentou os primeiros sinais dessa doença!”* – comentário da matéria “Transgênero é internado em coma após ataque homofóbico no Rio” (GLOBO, 2017 l, s.p).

Nas mesmas reportagens há os comentários que trazem esclarecimento e humanidade:

¹¹⁴ *Mimimi* é uma expressão informal bastante usada nas redes sociais para descrever ou imitar uma pessoa que reclama sem motivo.

- *“A pessoa leva um tiro mas o que te preocupa é o gênero? !”* - comentário na matéria – *“Travesti é baleada durante atentado na Zona Oeste de Natal”* (GLOBO, 2016 l, s.p).

- *“Você tem que levar em conta que essas pessoas foram expulsas de casa, perseguidas a exaustão na escola e a rua foi a única opção de sobrevivência pra boa parte delas, agora se você acha que a violência contra elas é justificada, além de ignorância sobre o tema, você tem sérias distorções nos seus valores éticos e morais, nada justifica violência e a culpa de assassinato é sempre do assassinos, nunca da vítima e defender assassinatos sob qualquer pretexto te iguala a marginais assassinos e isso não é nada bom social, moral e eticamente falando”* - comentário da matéria *“Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, diz pesquisa”* (GLOBO, 2017 p, s.p).

- *“Só tem doentes e transfóbicos por aqui, cada comentários que mostram o nível baixo de compreensão das questões sociais que envolvem nossa sociedade. VIOLÊNCIA GERA VIOLÊNCIA”* – comentário na matéria *“Policiais que não impediram agressão a travesti são afastados”* (GLOBO, 2016 n, s.p).

- *“Como o ser humano é cruel. Por que tanta maldade?”* – comentário da matéria *“Transgênero é internado em coma após ataque homofóbico no Rio”* GLOBO, 2017 l, s.p).

Como se pode observar a caixa de comentários, muitas vezes, julga e justifica que elas são culpadas por terem sido mortas, porque ser travesti e ser transexual é algo mais criminoso que seus próprios assassinos, aqueles que cometeram homicídio. Para Sémelin (2009) o mecanismo de massacre torna a vítima em algoz e o algoz em vítima. Esse raciocínio é quase uma regra no caso das violências sofridas pelas trans, mas não é exclusividade delas, são também para as mulheres-cis e os/as homossexuais. Existe, por exemplo, uma sequência de comentários na matéria *“Travesti é baleada durante atentado na Zona Oeste de Natal”* (GLOBO, 2016 l, s.p) de que o problema de levar um tiro é menor do que ser travesti:

- *“atingida”?? O travesti virou mulher??... cromossomo siliconado?”*

- *“Se fosse um pai de família tinha morrido?”*

- *“será que foi de graça?”*

- *“KKKKKKKK parabéns para o atirador pq aqui na minha cidade ta UMA POUCA VERGONHA.....”*

- *“Quero saber dos trabalhadores, o taxista e o vendedor de agua estão bem ?”*

- *“um” travesti...não tem útero, logo não é mulher!”*

- *“Não me venham dizer que isso é homofobia, pois ninguém sabe o que esse travesti fazia...”*

- *“Vai Atirar Mal Assim lá na Cadeia...ia ser menos um pra perturbar !!!”*

- *“Vivem misturados às piores pessoas da sociedade. Aproveite que sobreviveu e se arrependa”*

- *“A travesti, uma travesti, ela. Peraí!!! Se é homem é O travesti, UM travesti, ELE.”*

Observa-se, que em muitos comentários, a pessoa censurada, reprimida e punida não é o atirador e sim a travesti por sua identidade de gênero. O tiro acaba sendo “um mal menor” para muitos comentaristas, dessa forma há, geralmente, entre eles uma preocupação nessa matéria e outras analisadas, por exemplo, de provar biologicamente que a travesti não é uma mulher ou que a matéria erra de tratar a travesti no feminino. Nos quase mil comentários são poucos que lembram ou que fazem a reflexão de que estão falando de uma violência contra um ser humano:

- *“nada justifica alguém tirar a vida de outra pessoa.. Ninguém tem esse direito.”*

- *“Pessoas e suas estúpidas manias de confundirem liberdade de expressão com falta de bom senso. Você tem uma opinião? Parabéns! Agora guarde ela pra você.”*

- *“Alguns aqui falam que travestis são agressivas, será que essa agressividade vem porque elas são marginalizadas?, tem alguns heteros que se relacionam com travestis, adoram, e depois as agredem, assumir um relacionamento jamais, sem julgar, mas algumas buscam uma forma de viver perigosa, porque existe sim o preconceito.”*

- *“crueldade , gente é um ser humano é uma vida. Pra que a violência com o ser humano.”*

- *“Homofobia é um comportamento de ódio e intolerância contra g.a.y.s. A matéria fala de uma travesti, e não de um g.a.y. Travestis tem a identidade própria delas, por isso não é ético misturar as coisas. O termo correto é transfobia, e g.a.y.s e travestis, embora ambos vítimas de preconceito, não são a mesma coisa.”*

Muitas vezes, esclarecer, incluir e trazer humanidade é ser revidado com mais ignorância e violência, e ainda não garantir mais curtidas mesmo combatendo o preconceito, por exemplo, o comentário:

- *“Mesmo sendo um híbrido bizzaro da raça humana..tem o direito de viver”* - obteve 33 curtidas e 16 descurtidas.

Em uma das onze respostas que o comentário acima recebeu (no recurso “entre na

conversa”) aparece a seguinte resposta:

- *“vc nem merece ser chamado de humano! Humano tem amor ao próximo! respeitando as diferenças! isso que é SER HUMANO”* que obteve 8 curtidas e 15 descurtidas.

Embora sendo uma resposta humanizadora para um comentário desumanizador, o preconceito acaba alcançando mais curtidas, tal comportamento é regular na caixa de comentários. Os comentaristas por meio de curtidas e respostas aos comentários várias vezes compactuam com os comentários de exclusão, desumanizador e de distorção sobre as pessoas trans.

O acesso ao Portal *Globo.com* me mostra constantemente uma enxurrada de comentários deslegitimadores contra qualquer que seja a reclamação das pessoas trans, seja por direitos de serem tratadas com mais respeito como qualquer outra/o cidadã/o, seja pela violência que sofrem. Os comentários legitimadores, certo que em menor número existem, e são providos de compreensão à dor do outro. Entretanto, as caixas de comentários em grande parte se revelam “uma verdadeira máquina de deslegitimação” para a existência da transexualidade, nelas as pessoas trans são subtraídas de ser, de ter, de conseguir e até mesmo de defender-se, e quando fazem são taxadas de *mimimi*, vitimismo ou vontade de querer se aparecer, ganhar dinheiro e fama, enfim, pura sem vergonhice. Existe um significativo incômodo social de saber que a demanda trans existe como também o acesso aos direitos de cidadania das pessoas trans não devem haver ou se houverem pelo menos sejam dificultosos como, por exemplo:

- *“Na década 60 e 70 até 80 não existia essa palhaçada de “transgênero””* – comentário na matéria “Transgênero é internado em coma após ataque homofóbico no Rio” (GLOBO, 2017 l, s.p).

- *“Aos que escrevem que essas cirurgias não vão atrapalhar outros serviços do SUS, explico: profissionais da saúde ao invés de estarem em uma sala para uma cirurgia de transplante, remoção de tumor, ou qualquer outro problema de SAÚDE, estarão numa sala para cirurgia de redesignação sexual. Um tipo de cirurgia que não tem apelo emergencial. Além disso, serão ocupadas salas de cirurgias, gastos de correlatos e medicamentos, tudo para suprir um interesse de cunho pessoal e desnecessário quando comparado à questão de saúde pública”* – comentário da matéria “A vitória é nossa!, diz transexual do RS que provocou mudanças no SUS” (GLOBO, 2013 a, s.p).¹¹⁵

¹¹⁵ Na mesma reportagem, há o seguinte comentário com diversas curtidas “Cirurgia de mudança de sexo não é

- *“A inversão de valores na sociedade denigre o ser humano. Se amanhã você se sentir um rinoceronte! Você implanta um chifre nas narinas, ou vai a um psiquiatra?! Homens Capados é a melhor definição... falta de ter o q fazer... o governo gastando com o "luxo" para algumas pessoas, sendo que para outras coisas, é melhor deixar morrer... ptz.”* – comentário da matéria “Transexuais do DF esperam até seis anos por cirurgia para troca de sexo” (GLOBO, 2012 a, s.p).

- *“Puro estelionato. Esse Brasil é um LIXO!!!!!!!!!!!!!! privilégios privilégios privilégios... transexualismo não é explicado pela ciência, nem essa invenções de "identidade de gênero" e "orientação sexual". Não se apoia em nada, não se justifica em nada. Redirecionar verba de problemas REAIS como cancer, cirurgias cardíacas e manutenção de hospitais para alimentar o FETICHE”* - comentário na matéria “Transexuais e travestis podem usar nome social no cartão do SUS em SP” (GLOBO, 2013 c, s.p).

- *“ridículo tanta gente morrendo nos hospitais públicos por falta de condições e remédios e até de médicos, e a juíza decide dá privilégio para um trans-homo ... inacreditável ... ele não corre risco de morte, dá para esperar!”* - comentário na matéria “Justiça manda Estado fazer cirurgia de mudança de sexo em paciente” (GLOBO, 2016, s.p);

-*“daqui a pouco vai valer tudo, zoofilia, pedofilia”*- comentário na matéria “Transexual pode se descobrir já na primeira infância, dizem especialistas” (GLOBO, 2013 b, s.p).

-*“Já virou palhaçada!! gastar dinheiro de governo pra pagar cirurgia de mudança de sexo. Estamos sem segurança alguma”* - comentário na matéria “Transexual obtém na Justiça cirurgia para mudar de sexo em Campinas” (GLOBO, 2012, s.p).¹¹⁶

Como já relatado, sobre a transexual recai uma exigência muito grande da sua estética diz Lea T no site do *O Globo* (2011). As trans buscam ter um corpo harmônico. As opiniões impostas pelos comentários por vezes sentenciam que trans feminina não tem direito da transgenitalização ao mesmo tempo em que muitas mulheres-cis fazem perinioplastia pelo Sistema Único de Saúde. Uma mulher-cis pode fazer uma cirurgia para aumentar ou diminuir

doença para ser tratada pelo SUS” mesmo que muitas transexuais sejam chamadas de doentes mentais.

¹¹⁶ Apesar da publicação da norma em 2009 sobre o Processo Transexualizador no SUS representar uma importante conquista para a população transexual, a perspectiva heteronormativa e binária de gênero acaba sendo um limitador da democratização dessa política de saúde, de modo que esse padrões inequívocos restringem as pluralidades de expressões de gênero como as de sexualidade (LIONÇO, 2009). Dessa forma, nota-se que há uma dupla luta pelo reconhecimento da demanda trans, uma parcialmente reconhecida, mas a partir de um modelo de saúde hetero-binário e a outra totalmente não reconhecida de que essa demanda existe e tem o direito de ser assistida como mostra a maior parte dos comentários nas matérias.

o seio, mas uma mulher trans não e muito menos um homem trans não poder retirar a mama que rejeita em seu corpo. O sofrimento de um transexual masculino que deseja retirar as mamas é absurdo diante de uma mulher-cis que precisa também devido um câncer de mama. O simples ato de pintar o cabelo ou retirar os pelos da sobrancelha não é visto como uma intervenção contra a natureza. Qual seria o parâmetro para definir natural? A tão negada identidade de gênero? Por que somente as mulheres trans são ditas artificiais, pois tomam hormônios? Uma vez que muitas mulheres-cis fazem reposição hormonal? *A mulher de que se fala não é a mulher de carne e osso que existe no mundo real. O discurso da feminilidade é mantido pela sociedade para controlar as pessoas dentro das caixinhas binárias de gênero* (LANZ, 2017, s.p).

Nota-se que negar a transexualidade e a violência contra as pessoas trans é negar duas vezes a realidade que está aí diante dos olhos da sociedade. É uma proibição obsessiva da demanda trans segundo a psicóloga Valéria de Araújo Elias (2008). Há uma tendência cultural de se invisibilizar e escamotear a transexualidade como se ela não existisse e fossem apenas homens sem pênis e mulheres de pênis, mas se assim fosse o que justificaria o ódio de um homem contra outro homem? Ou de uma mulher contra outra mulher? Ou melhor, de um ser humano contra outro ser humano?

Nesse conjunto de questões também está outra pergunta, “o que torna uma pessoa cidadã?”, indaga Berencie Bento (2014, p.179) no seu artigo “Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal”. A mesma nos responde: aquela que pertence e é reconhecida como parte de um lugar, de uma população, de um Estado-nação. A partir dessa perspectiva Bento (2014, p.179) elucida que para que uma pessoa seja considerada cidadã, se faz necessário, anteriormente o *status quo* de humano. Entretanto, alguns grupos ao longo do processo histórico como as “mulheres, gays, lésbicas, transexuais, travestis, transgêneros, negros/as têm um ponto em comum: tiveram que disputar visões e projetos de humanidade”. Diante disso, a socióloga nos lança algumas problematizações: Qual o corpo que tem humanidade? Qual vai ser provido de cidadania? Em suma, é toda uma complexidade de elementos junto ao Estado que designa o outro ou o grupo do outro que foge da média (do padrão), uma vida que não merece ter cidadania, que se torna matável pois não merece ser vivida. É a biopolítica que utiliza se da média para atender essa média (de tônicas binárias de gênero e heteronormativa) que não criminaliza, por exemplo, a transfobia. A cidadania das transexuais não dispõe de uma legislação que as protejam e compreendam integralmente as

dimensões da vida trans, e como resultado as pessoas trans são muitas vezes excluídas do mercado de trabalho formal, tendo maiores dificuldades para acessar serviços de saúde, além de serem frequentemente hostilizadas nas escolas, além de serem incompreendidas constantemente com a rejeição familiar. Sendo assim, a maior parte delas não consegue vivenciar todos os espaços públicos no direito de garantir uma cidadania plena; transitar pelas mais diferentes instituições sociais.

Diante de tal cenário, resta para a maioria das pessoas trans excluídas dos espaços sociais, uma cidadania precarizada, usada como uma tentativa para poderem enveredar na vida social como qualquer outra pessoa cidadã. Um dos exemplos mais significativos desta cidadania precarizada é o nome social que segundo Bento (2014) foi uma solução à brasileira de uma cidadania pela metade em preferência ao respeito às identidades de gênero.

No dia 03 de março de 2018, a poucos dias que antecede o dia internacional da mulher, me deparei com a seguinte manchete: “STF decide que transexuais e transgêneros poderão mudar registro civil sem necessidade de cirurgia” (GLOBO, 2018, s.p). Tal notícia ganhou repercussão e foi vista como uma grande conquista como nas páginas e grupos aqui acompanhados como *Nlucon* e *Transgente*. A gambiarra legal virou lei, e foi festejada na rede. Entretanto, essa decisão de legalizar a gambiarra foi na maior parte dos (515) comentários mal recebida, aonde a possibilidade do exercício de cidadania plena das transexuais fosse visto como que as transexuais não fossem seres humanos, muito menos vistas/as como cidadãs/ãos; logo o exercício de cidadania das trans deveriam ser inexistente:

- *“mais um ato criminoso do desprestigiado Supremo Tribunal Federal - STF, mais que isso, foi um atentado aos cidadãos da “família de bem””;*

- *“STF a quadrilha que solta bandidos de todas as espécies e destrói famílias e lares!”*

- *“Para julgar sobre ABERRAÇÕES, votam e decidem em 5 minutos”;*

- *“A identidade de gênero não se prova? A biologia e a genética foram banidas da história humana e eu nem sabia !...SFT aprovando falsidade ideológica”.*

No entanto, ao contrário do ódio despejado e cheio de distorções e desumanizações que invadiu a área de comentários da notícia, destaca:

- *“Quanta insanidade!!! Nem parece que estamos em pleno século XXI. Antes de saírem julgando, se coloquem no lugar de quem é trans. Imagine que fosse um de vocês, um parente, um filho, que estivesse sofrendo as suas próprias palavras!!! Ainda bem que o pré-requisito para ser Ministro do STF exige muito estudo, conhecimento cultural e conhecimento*

da realidade da qual vivemos. Muito triste e terrível ver esses comentários!”

Em outras também: - *“Tomem vergonha, isso não é luxo por parte deles e o dano psicológico causado pela transexualidade é muito grande. Não falem o que vocês não sabem. Já se imaginaram presos em um corpo pertencente ao sexo oposto? seriam felizes assim? isso não define a felicidade deles mas diminui o dano de não pertencerem ao sexo em que nasceram”* - comentário na matéria “Nova regra para mudança de sexo no SUS contempla transexual masculino” (GLOBO, 2013, s.p).

- *“Pessoal, vamos para de cuidar da vida dos outros e cuidar da nossa? Se ele quer tirar os seios que tire! Se as pessoas querem ajudar, que ajudem! Acho que cabe a nós apenas respeitar”* - comentário na matéria “Jovem transexual faz campanha para realizar cirurgia de retirada dos seios” (GLOBO, 2016, s.p).

Tal comentário, junto a uma minoria diverge de uma maioria que vê a vida nua trans, caracterizada como perda da acessibilidade política da vida, enquanto um conjunto que permite o amparo jurídico, excluída da jurisdição humana a torna matável e impunível para quem a tira (AGAMBEN, 2002). O que ficou flagrante, ao longo desses anos, de coleta de dados é que produção discursiva é mais marcada por insultos do que por elogios. Percorrer comentários de matérias que pessoas trans reivindicam os seus direitos ou desabafos é revelar, que além de, uma complexidade de nuances de receptividade, há uma deslegitimação das transexuais existirem, ao ponto de negarem à elas de reclamarem do preconceito que sofrem. É a negação da própria demanda transexual. Uma gama de comentários como “falta de trabalho”, “mimimi”, “quer chamar atenção”, “o portal dá espaço para essas aberrações”. Isso é percebido inclusive nos comentários das reportagens que falam exatamente sobre os comentários preconceituosos.¹¹⁷

3.5.1 O outro como ameaça

A pesquisa de campo, como já mostrada, vai me levando a percepção de que a internet opera enquanto um sistema biopolítico em que “liquidar” com o outro, necessariamente, alguns outros, é garantia de curtidas. Nela são nomeados aqueles que merecerem ser combatidos e desejados de morte. Um cenário de pânico morais (MISKOLSI, 2007) que propicia que as pessoas busquem bodes expiatórios(SEMÉLIN, 2009) e que tem no modelo de múltiplo do feminino (IRAGARAY, 1985): o comunista, o intelectual, o negro, o pobre, o

¹¹⁷ Como por exemplo nas matérias em que Ariadna e Thammy reclamam do preconceito que sofrem.

gay, a lésbica, a/o transexual, a travesti, a mulher-cis como a figura do/a outro/a como algo ameaçador/ra.

Uma conduta de oposição às trans que vou percebendo no on-line que será convertida no desejo de morte delas e ainda, na justificativa delas serem realizadas e aceitas socialmente. Pessoas e/ou grupos serão sucessivamente eleitas/os sempre culpadas/os naquilo que fazem ou deixam de fazer, mas principalmente, pelo simples fato de serem o que são. E que mesmo sendo pertencente a um grupo que menos agride vão ser as pessoas mais agredidas. A cidadania e os direitos humanos dessas pessoas como as trans, muitas vezes, serão vistos como ameaçadores. As teorias e as pesquisas sobre gênero e sexualidade indicam que ninguém opta por ser trans, uma vez que, o sofrimento aparece associado a esta experiência. O que vamos assistindo na atualidade é uma maior visibilidade positivada de grupos historicamente subalternizados, principalmente nas mídias digitais, e essa transformação tem gerado reações violentas, expressas em discursos de ódio.

Neste último tópico, pretendo finalizar a discussão condensando com o que foi debatido trazendo três elementos para entender a lógica biopolítica que se encontra na recepção da transexualidade nas mídias digitais: a purificação do outro por meio da violência se utilizando do sagrado, a definição do outro como bode expiatório e o outro dito e lido como feminino e assim visto como algo perigoso.

Quando, por exemplo, as transexuais e/ou travestis são deslegitimadas de serem chamadas pelo nome civil ou de terem acesso a cirurgia de transgenitalização que desejam por ser condizente com a sua identidade de gênero são formas de não vê-las ou não conceituá-las como seres políticos, e assim impedi-las futuramente do poder de acesso ao espaço político. Tanto Foucault (1999) e Agamben (2002) veem dentro de suas perspectivas de análises que a primazia da vida natural em relação à vida política seria o mecanismo para compreender a decadência do espaço público na sociedade. As postagens sobre a transexualidade reproduzida nas mídias digitais se mostram, muitas vezes, como no grupo *Hetero/orgulho* aversivas a política, pois o olhar político representa o meio de diálogo, a informação, o conhecimento e o esclarecimento, uma forma oposta da pela agressão, imposição, opressão, violência e discurso de ódio, enfim, revelando que grande parte daqueles que deslegitimam a existência de um determinado grupo como o das trans é antipolítica.

Por conseguinte, com a biologização da política torna a vida sagrada e supervalorizada de maneira que para proteger a vida de alguns se retira a vida de outros. As vidas de algumas

peças são sacralizadas e outras não, tornando assim as vidas consideradas profanas ou mundanas matáveis. Não há de fato uma cisão entre o Estado e a Religião, mesmo nos Estados laicos, a passagem para o massacre de algumas pessoas ou grupos se mostra colaborativa entre o religioso e o político segundo Sémelin (2009). Para o autor, os poderes estatais com apoio social em meio a uma crise não se satisfazem apenas com o controle e a expulsão do outro (visto como uma ameaça) é preciso destruí-lo. Como? Primeiramente existe o papel do discurso na fomentação da violência para se chegar ao processo de massacre.¹¹⁸ A ideia de pureza étnica, cultural, política, e por que não também de gênero e sexualidade puros? A pureza de gênero e sexualidade enquanto sinônima de heteronormatividade, sistema binário de gênero e androcêntrica. Os cidadãos que seguem tais normas e padrões são os que vão ter o direito de habitar o Estado, alerta Berenice Bento (2018).

Para tanto, cria-se inimigos internos e externos de ameaças que não procedem, mas de propagandas de algo real ou imaginária que geram ideias que atendem interesses políticos de grupos específicos que eleitos em uma missão derramam sangue para salvar a sociedade das ameaças dos outros percebidos como impuros. Para purificação dos impuros, o sacrifício deles que foram designados responsáveis pela crise é inevitável. E o desejo e a justificativa desta purificação objetiva apenas para que eles sejam massacrados. Nota-se assim que a consagração é poder de destruir, é uma relação de violência, seja ela no sentido de que algumas pessoas sendo uma espécie de *homo sacer* (AGAMBEN, 2002), seja na leitura de outros autores, por serem o bode expiatório (SÉMELIN, 2009) são sacrificáveis e assim matáveis. O que implica Agamben (2002) afirmar que o massacre não está apenas na base do sagrado, mas todo massacre é sagrado. É nessa linha que Sémelin (2009) como Girard (1998) e Mauss (2005) vão possibilitar em pensar os mecanismos sociais e as ritualizações nas culturas que permitem que os massacres e genocídios aconteçam, pois nesses mecanismos ou ritos existem a compreensão de que os sacrifícios ofertem a purificação que representaria uma forma de elo entre o humano e a entidade divina.

A recepção das transexuais nas mídias digitais faz identificá-las com o *homo sacer* de Agamben (2002), no sentido que os discursos de violência na rede de computadores, em muitos comentários condenam a transexual a ter uma vida restritamente nua, isto é, uma vida meramente biológica exposta impunemente à morte, separada da sua biografia e de seu

¹¹⁸ Eis aí a importância das mídias para o curso do massacre – e que hoje as mídias digitais “potencializam e transformam meios anteriores de comunicação, os quais, por sua vez, já foram inovadores e causaram grandes mudanças sociais e subjetivas” (MISKOLSI, 2010, p.10).

contexto social e jurídico. Assim, é rejeitado e impedido qualquer ganho de direito político como poder ser chamada pelo nome que deseja ou a possibilidade de usar o banheiro de acordo com o seu gênero de identificação. Sémelin (2009) contribui para compreender o massacre às transexuais, por exemplo, ao pensar o quanto seus corpos tão abjetados nos espaços públicos e reproduzidos nas mídias digitais os tornam sacrificáveis em nome de uma purificação social, que na realidade, revela a manutenção da heteronormatividade, essa mesma que libera e suspende qualquer moral social para que as pessoas *trans* sejam massacradas.

Numa sociedade algumas pessoas tem o seu estilo de vida sacralizado, tomado como um modelo, tomado como norma, os que fogem desse padrão de vida tornam se sacrificáveis porque perderam a sua sacralidade original. Independente de serem sacrificáveis ou não, as transexuais são matáveis. Assim, mesmo que sejam inocentes ou não, elas vão ser matáveis, e quase sempre lidas como impuras e culpadas.¹¹⁹ A cirurgia de transgenitalização muitas vezes, é imposta como única via de sacrifício para a purificação, para que as transexuais sejam aceitas como seres políticos e não somente seres viventes. Ou seja, um *status* de uma possibilidade de ser vista como gente. Um desses discursos sociais é encontrado no argumento médico que muitas vezes se apresenta bastante impositivo nesse aspecto.

Dessa forma, as transexuais e as travestis que não desejam a cirurgia permanecem sendo vistas como impuras, logo matáveis. Uma purificação que atende uma lógica heterossexual religiosa que causa sérios conflitos de identidade de gênero e sexualidade dessas pessoas, o que provoca reflexões como as de Lanz (2016, s.p) no grupo *Transgente* “o que é que Deus tem a ver com sexo?”. O quanto o sexo, enquanto uma construção social, e também expressão física provida de subjetividades e desejos seria incômodo a uma concepção dita espiritual de Deus? Observa-se que os comentaristas do Portal e membros de grupos da Rede Social regidos por grande influência religiosa criam e se utilizam da ideia de Deus para atender determinadas práticas sexuais e de gênero, enfim, ocultam o seu desejo na vontade divina. Mas, que acabam revelando por meio de um olhar um pouco mais atento: um Deus desumano criado por humanos que coloca as normas de gênero e sexualidade acima de qualquer sofrimento humano. Assim, “os seres abjetos, também são estruturantes para o modelo de sujeitos que não devem habitar a nação” (BENTO, 2017). Por conseguinte, em

¹¹⁹ Como vimos a travesti ou a transexual não podem nem mesmo representar Cristo. Seus corpos são ditos impuros. “Crivella diz que espetáculo com Jesus travesti ofende 'consciência dos cristãos’” (GLOBO, 2018, s.p).

uma “nação sacramentalizada” os enunciados mostram que “a transexualidade vai contra a vontade de Deus, significa que “as pessoas trans estão em pecado e não é uma conduta moral cristã”:

- *“Esse aí nem devia ter nascido”* – comentário da matéria Transgênero é internado em coma após ataque homofóbico no Rio (GLOBO, 2017 l, s.p).

- *“Isso é rebeldia contra Deus”*- comentário da matéria “Quem Sou Eu?: Conheça crianças transgêneros na estreia da nova série” (GLOBO, 2017 c, s.p).

- *“Quem tem Deus não precisa de mudança de sexo. Deus criou o homem e a mulher, o homem não pode querer se tornar mulher e vice versa, quando um homem ou uma mulher troca de sexo eles estão querendo modificar algo que pela vontade de Deus ele criou dessa forma, se criou homem, seja homem e se criou mulher seja mulher... mudança por pura vaidade, a escolha é abominação diante do Sr. totalmente reprovável. Leia bíblia”* – comentário da matéria “A vitória é nossa’, diz transexual do RS que provocou mudanças no SUS” (GLOBO, 2013 a, s.p).

Como vou observando para que possa se eleger o bode expiatório e vê-lo como ameaça, é necessário segundo Semélin (2009) desumanizá-lo para facilitar a conversão do desejo de sua morte em ação de massacrá-lo. Os frequentes insultos percebidos em comentários do Portal *Globo.com* como de: monstro, aberração, demônio, lixo, entre outros direcionados às pessoas transexuais é exatamente a desumanização delas para que parte da sociedade sem remorso conviva sem se importar com elas, mesmo sabendo de dados como da organização não governamental (ONG) *Transgender Europe* –TGEU (2014) citados aqui.

A mídia digital – a internet – os comentários e as postagens alojadas nela estão lá como mecanismos de reviravolta – a liberação da morte, a suspensão de direitos que começa simbolicamente entre curtidas e compartilhamentos. Não sendo dessa forma somente o discurso junto a paranoia capazes de massacre, pois este não é um ato isolado e sim de todo um dispositivo que abarca:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1995, p.244).

Quando uma sociedade de desejo puritano, que pensada a partir de Freud (1923) tem uma obsessão pela limpeza como um dispositivo de controle social converte aquele visto

como impuro em puro – permite e vê também como necessária mesmo que seja pelo derramamento de sangue a violência sacrificial dos corpos *trans* para purificar o corpo social. Para tal purificação social, os chistes que se dão nas piadas, nos jogos de linguagem se tornam um mecanismo de desumanidade do outro para que não haja nenhum vínculo com o massacrado e permita a ideia de caça às feras, à morte de animais e insetos vistos como nocivos que estão associados à limpeza e à saúde (vistos como seres vivos e não lidos como seres políticos) e dessa forma são possíveis de serem massacrados.

O uso de expressões abjetadas como *traveco* e as elencadas no quarto tópico deste capítulo e ainda, o uso de “o travesti”, pois tratar como “a travesti” é considerar e respeitar a identidade de gênero da forma como a pessoa deseja ser tratada tem como principal finalidade de agredir e não respeitar a humanidade do/a outro/a. Igualmente ocorre com as mulheres no uso da expressão *muié*, como a do *traveco* são mecanismos de linguagem para que elas sejam vistas como objetos, abjetos, animalizando-as e até mesmo as monstrualizando (LEITE JUNIOR, 2012). Pois, sendo elas tratadas por mulher ou por travesti serão lidas como providas de direitos e autônomas de vontades. Isso vem mostrar o quanto a linguagem usada para desumanizar os/as homossexuais, as travestis e as/os transexuais se mostra uma tentativa de retirar a ideia de vê-los/las como seres políticos, seja no tratamento de chamá-los de bicha (verme) seja como de sapatão (objeto).

Nota-se que a travesti não é somente desumanizada, mais que isso, ela é vista frequentemente como desumana. É percebido tal premissa quando a notícia é sobre a luta de direitos das pessoas transexuais e elas são percebidas como monstros, são desumanizadas para que não sejam percebidas como cidadãs providas de direitos como, por exemplo, usar um banheiro no qual se identifica. As expressões que as associam aos animais e objetos são permissões para que ocorram massacres simbólicos tão brutais delas pela internet, é tratá-las na certeza de que não são seres humanos. Exatamente o que Weil *apud* Semélin (2006, p.84) afirma “a violência é o que torna qualquer pessoa uma coisa”, do mesmo princípio o regime nazista nos campos de extermínios tratava os corpos das vítimas como peças.

Nesse jogo de linguagem que desumaniza a vítima e que tenta amenizar a ideia de violência praticada pelos algozes é muito próprio dos regimes autoritários (ARENDR, 2004), mas que não é exclusividade deles, mas também das democracias como observado nos comentários aqui analisados. O discurso racista vai se mostrar presente lá no horizonte, mas que agora em tempos de mídias digitais ele ganha força e é capturado, acionado e apropriado

para combater as pessoas *trans*. O que pode ser apenas um comentário solto e desprezioso na rede não é uma bobagem, não é só simbólico, é um discurso que para aqueles que combatem a transexualidade se torna uma verdade que eles acreditam. O problema do discurso não é simplesmente o fato dele não ser a realidade e sim das pessoas acreditarem nele como verdade, e valendo pensá-lo a partir de Foucault (2011) é dele virar um discurso que opera como regime de verdade.

Assim, vistas como não asseguradas de direitos, os comentários, muitas vezes, na certeza de não serem punidos, mesmo que esses sejam cruéis ao ponto de imporem que as pessoas trans não têm direito de reclamar nem mesmo quando elas são torturadas, num excesso que vai além de serem mortas, pois acreditam que ninguém deva lamentar as suas mortes ou até mesmo velarem os seus corpos.¹²⁰ Durante a minha imersão antropológica três pessoas trans tornaram se emblemáticas devido a violência que sofreram aqui mencionadas: Veronica Bolina presa e torturada no dia 10 de abril de 2015, Laura Vermont espancada e morta em 20 de junho de 2015 e Dandara dos Santos linchada e morta em 12 de fevereiro de 2017.



FIGURA 11. Verônica Bolina, Laura Vermont e Dandara dos Santos: seus corpos trans alvos da violência foram resistência na rede social e ganharam repercussão de solidariedade.¹²¹

¹²⁰ São casos como “Transexual é esfaqueada e aparece em vídeo sendo agredida em hospital”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2016/10/transexual-e-esfaqueada-e-aparece-em-video-sendo-agredida-em-hospital.html>>. Acesso em: 17 out. 2016. (GLOBO, 2016 s) e “Vídeo mostra travesti e irmã sendo espancadas no Rio; três foram presos”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/09/video-mostra-travesti-e-irma-sendo-espancadas.html>>. Acesso em: 14 set. 2016. (GLOBO, 2016 t).

¹²¹ Inicialmente, pensei em trazer fotos da violência que as três sofreram na intenção de ilustrar a desfiguração do feminino nos corpos trans em um massacre que frequentemente vai se constituindo simbolicamente no on-line e consumado fisicamente no off-line, porém, mesmo em um exercício antropológico como pesquisador não

Inúmeros casos de violência contra as pessoas trans e a continuidade dela por meio de postagens e comentários na rede atravessaram a pesquisa:

- “*o bom disso é que a natureza é implacável, e logo logo todos nós vamos ver o fim dessa aberração agonizando lentamente por querer mudar o curso natural das coisas*”- comentário da matéria “Carro de Thammy Miranda é atingido por bandidos em fuga em São Paulo” (GLOBO, 2016 g)

- “*Acho que esse traveco apanhou pouco*” – comentário da matéria “Travesti fica desfigurada após prisão; Defensoria diz haver indício de tortura” (GLOBO, 2015 a)

- *Em vez de prender os caras, deveriam dar uma medalha para cada um. Limpeza social* – comentário da matéria “Polícia prende 3 suspeitos de agredir e matar travesti Laura Vermont em SP” (GLOBO, 2015 j, s.p).

Diante dessa lógica há os que trazem luz de humanidade:

- “*Conseguem entender que uma pessoa MORREU?*” – comentário da matéria “Transexual é morta em Cachoeira do Sul e dois adolescentes são suspeitos” (GLOBO, 2016 k, s.p).

Tornando-se dessa forma uma resposta de permissão de suspende qualquer noção de proibido ou crime, como até mesmo o ato de matar, viabilizando os discursos operarem no plano da viabilização do real (SEMÉLIN, 2009). Para que o massacre se torne ato, ele começa como uma operação mental. Liquidar o outro para ele não liquidar a gente. Desse modo, a morte de determinados grupos é desejada e perseguida na rede web. A busca pela pureza e pela purificação social sempre estiverem presentes na agenda política moral da sociedade, assim foi nos regimes totalitários como o nazismo (ARENDR, 2004) e continua sendo ainda nas democracias como retrato com a elucidação de casos como de Laura Vermont e Dandara:

Se pode objetar que há um tipo de “exagero” em minha argumentação quando identifico o Estado como o responsável, por exemplo, pelas mortes das pessoas trans, uma vez que se sabe que a recusa a reconhecê-las como humanas não se restringe ao Estado, haja vista que os crimes não são cometidos exclusivamente por membros do Estado. Esse argumento está correto. Embora os policiais apareçam nos depoimentos de mulheres trans e travestis como agentes recorrentes de violência, não se pode restringi-la a esse corpo repressivo. A relação entre os aparelhos repressivos de Estado e as esferas difusas da vida civil tem múltiplas conexões e disjunções (BENTO, 2018, s.p).

consequi; ver os sinais gráficos de letras dos comentários convertidos em imagens de violência foi extremamente impactante. Assim, preferi usar na figura 11 a lembrança de como elas desejam ou desejavam ser lembradas. As fotos e os vídeos da violência que elas sofreram circulam e estão disponíveis em matérias e postagens pela rede.

A pureza étnica está associada à pureza política segundo Semélin (2009) o que sugere refletir o quanto a ideia de pureza de gênero e sexualidade também se encontra na ideia de pureza política. E sendo a pureza de gênero e sexualidade colocada como sinônima de matriz heterossexual, sexista e masculinista tornam todos aqueles que se opõem ao regime (heteroterrorismo) traidores e impuros: matéria-prima necessária para o desencadeamento do processo de violência indiscriminada. Até porque uma das marcas do pensamento antipluralista é que “a destruição deles envolve a operação da sobrevivência do “nós”, numa noção de que a pureza é una e não pode ser sujada pela ideia de plural e como até agora vimos o outro é o feminino (BEAUVOIR,1967) e o plural também é feminino (IRAGARY, 1995).

Observa-se que feminino carrega de certa forma a dualidade do puro e impuro, desejo e abjeção, prazer e perigo, mas quando esse feminino é visto como outro, ele é lido como impuro, abjeto e perigoso. Dessa maneira, são nesse distanciamento entre o masculino uno e o feminino plural (IRAGARY, 1995) como também entre “nós” e “os outros” a criação de inimigos como descreve Ingrid Cyfer (2018) no artigo “A bruxa está solta: os protestos contra a visita de Judith Butler ao Brasil à luz de sua reflexão sobre ética, política e vulnerabilidade”. Portanto, são nesse quadro de reiterações dessas distâncias que o Estado se limitando ao reconhecimento das pessoas trans vai estabelecer quem deve morrer e quem deve viver. Segundo Bento (2018) os assassinatos brutais das pessoas trans são motivados não por causa da sexualidade, mas, sobretudo, devido o gênero feminino, isso quer dizer as mulheres trans morrem porque são mulheres, por serem vulneráveis e terem os seus corpos abjetados vistos como desestabilizadores da ordem de gênero tornando assim “elimináveis”. Vejo em complemento a isso que os corpos de trans masculinos como a morte de Carlinhos da matéria “Transgênero é internado em coma após ataque homofóbico no Rio” (GLOBO, 2017 1, s.p) que aqui retratado também não são lidos como masculinos (uno) e assim também as suas mortes são percebidas pela sociedade e tratadas como justificadas e desejadas.

Como foi descrito, as categorias deslegitimadoras provocam uma distorção que desumaniza, subalterniza e, portanto, abrem espaço para a violência, não como apenas uma manifestação da deslegitimação, mas como parte integrante do discurso que rebaixa as pessoas. Neste sentido, o discurso abre as portas para o massacre. Lembrando que o massacre como nos diz Semélin (2009) coloca o perigo contra certas categorias sociais como sendo mais graves do que são na realidade. Bem como foi trabalhado, ao longo desse capítulo, e indicado pelos anteriores, a recepção da transexualidade nas mídias digitais mostra

conservadorismo, resistências e mudanças nas redes on-line. Isso quer dizer que uma onda conservadora/religiosa tem assolado a sociedade brasileira colocando como um de seus pilares reacionários exatamente a questão de gênero e as temáticas ligadas às sexualidades não-hegemônicas, entanto, mesmo diante desse conservadorismo expresso no on-line há resistências por partes de grupos que legitimam a transexualidade compostos tanto por militantes, estudiosos e as próprias pessoas trans.

Vimos também que a disformidade sobre a transexualidade é um instrumento poderoso para excluí-la do rol da cidadania e de negar a sua demanda como também de permitir a sua desumanização para até mesmo como foi reportado para se utilizar da violência e liquidar as pessoas trans. Semélin (2009) diz sobre o papel da propaganda como uma operadora de discursos incendiários para que a violência seja consumada contra determinados grupos, o que faz perceber que o uso do *meme*, como o da ideologia de gênero nas redes digitais é usado para não reconhecer e combater a transexualidade como será finalizado no último tópico do quarto capítulo dessa tese.

* * *

O acesso ao preconceito e a violência em relação a identidade de gênero de minha irmã na adolescência era tão naturalizado que não havia nem mesmo uma nomenclatura para dizê-lo naquilo que sentíamos naquele momento. Mesmo durante a universidade, um período pré-redes digitais no qual as reportagens e informações a respeito da transexualidade eram esparsas, ocasionais e muitas vezes equivocadas. Isso tudo criava condições para que mesmo entre professores da saúde (dos quais espera um tratamento humanizado); mas que devido o desconhecimento quase generalizado unido a crenças deles, abria espaço para os preconceituosos perseguissem alunas/os transexuais. Essa era a realidade de minha irmã, e certamente de muitas outras pessoas trans nas universidades no início dos anos dois mil. O ineditismo do tema fomentava decisões arbitrárias e bilaterais por parte do corpo docente, pois, paralelamente ao curso que fazia da área da saúde, ela estava inserida num projeto da mesma universidade que se propunha a tratar psicologicamente e cirurgicamente transexuais.

O projeto trazia uma outra realidade na qual a equipe de profissionais do projeto dizia encontrava eco no seu espírito. Mesmo cabendo a esses profissionais a averiguarem o imensurável: se minha irmã era uma “transexual verdadeira”.

Minha irmã é escritora, formada tanto na área da saúde e recentemente também nas humanidades. Hoje as questões de gênero estão coladas nela, são preocupações para o acesso aos direitos e luta política. Ela é testemunhas de que as vozes silenciadas de outrora estão de certo modo sendo faladas ou melhor: gritadas; se estão sendo ouvidas ou escutadas é outra coisa. Mas há um eco sobre a sociedade provocando uma inquietação nunca vista antes.

Ao longo de conquistas, lutas e resistências da minha irmã, ela foi comovida pelo assassinato de Laura Vermont, uma história tão distante, mas ao mesmo tempo tão próxima; pode assim conversar com mãe de Laura via *inbox* (bate-papo onde os/as usuários/as podem conversar de forma privada um/a com o/a outro/a) e dessa maneira conseguiu compartilhar a dor e conectar-se com o desejo de justiça dela.

CAPÍTULO IV – A BATALHA DA VISIBILIDADE DAS PALAVRAS DO VOCABULÁRIO DE GÊNERO

Neste quarto e último capítulo será tratado sobre a visibilidade das palavras “homofobia”, “transfobia”, “feminicídio”, “misoginia”, “transgênero” e “pessoa não binária”, uma vez que elas trazem a questão da recepção da transexualidade. Tais palavras fazem parte do repertório da gramática dos estudos de gênero. Desse modo, o capítulo dedicado a esse ponto se justifica porque o presente estudo antropológico tem uma problemática em torno da recepção, e por estar discutindo exatamente como é que a sociedade no meio on-line por meio dos comentários realizados nas plataformas recebe as notícias que envolvem os assuntos sobre a transexualidade.

Como até agora foi realizado, o trabalho discutiu a recepção e, assim, esse último capítulo continuará respondendo a minha principal problemática da pesquisa: como a questão trans é recebida nas mídias digitais? Nesse segundo ponto o que torna mais legítimo e, por ser complementar a tudo que foi mostrado nos capítulos anteriores. Entretanto, aqui pretendo dar um enfoque mais específico nas questões semânticas das palavras, aonde vai se mostrar como as pessoas nos comentários usam essas palavras, como elas aplicam essas palavras. A partir dos seus usos pretende-se entender, os significados que essas palavras têm para essas pessoas que participam dos dois Grupos e comentam no Portal, enfim, quais os sentidos sociais que elas atribuem a elas em seus discursos, muitas vezes, resultando *a batalha* que se expressa no campo on-line travada nos grupos e nas caixas de comentários devido a visibilidade das palavras pertencente ao vocabulário de gênero.

Portanto, por meio dessas palavras pretendo continuar a buscar a recepção sobre a transexualidade, uma vez que, esses vocabulários como desdobram dos estudos de gênero e sexualidade, assim pretendo perceber os possíveis equívocos em torno dos conceitos, como também trazer informações de quando e com que frequência essas palavras começam e ganham força no Portal e repercussão na Rede Social.

Michel Foucault (2010), no livro *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* fala sobre o poder das palavras, um poder de controle dos ensinamentos habilitado em manipular o outro. Este poder é capaz de tentar descrever ou explicar o mundo, de afirmar a validade ou a invalidade dos diversos argumentos. As palavras servem para a construção de enunciados que vão legitimar ou deslegitimar um fenômeno social. Neste sentido o que o *sensu comum* interpreta e o que a ciência entende, e os interesses ideológicos

e políticos que estão em torno da definição e uso das palavras aqui elencadas.

Ademais, discutir tais vocabulários de gênero é de certa forma também falar do aumento da visibilidade das transexuais e como de outros grupos invisibilizados quanto a sua existência como, por exemplo, as pessoas não binárias e ainda também sobre a violência de gênero e sexualidade como a homofobia, transfobia, feminicídio e misoginia. Ainda, trazer essas palavras é problematizar novos conceitos como a palavra transgênero que possibilita discutir se definir é uma forma de organizar ou excluir? Ou posto que rotular-se é uma atitude política ou uma limitação da realidade? Além disso, a importância ao que está sendo dito na rede em termos tanto de legitimidade e deslegitimidade dessas palavras como da própria experiência da transexualidade faz com que finalize o capítulo com o *meme* da ideologia de gênero que torna-se um ponto central dessas questões até aqui trabalhada na tese.

4.1 De link em link: As palavras

Observar a recepção da transexualidade durante os anos de 2015 a 2018 foi perceber também outras recepções que envolvem o estatuto de gênero; assim consistiu com o aparecimento e a maior visibilidade da homofobia, transfobia, misoginia, feminicídio, transgênero e pessoas não binárias. Tais palavras foram escolhidas, uma vez que, elas aparecem no Portal *Globo.com*; algumas delas um pouco anterior ao início da minha pesquisa; outras durante o meu trabalho imersivo antropológico no campo on-line, mas todas vão ganhando destaque e provocando dessa maneira a opinião pública que também se utiliza de um discurso deslegitimador e legitimador em relação à elas.

Para pesquisar a frequência e o aparecimento sobre tais palavras, utilizei de duas formas de ferramenta de busca. Uma delas foi digitando no *google* a palavra + *Globo.com* ou *Gl* ou *Ego* ou *Extra* ou *O Globo*, que foram os mesmo sites das matérias que a recepção da transexualidade mais apareceu. Outra forma foi por meio da ferramenta do buscador de cada site. A partir disso apresento o número de matérias em que a palavra/assunto apareceu em cada site. É preciso dizer que nas palavras há variações de termos, como por exemplo, da palavra transfobia há as expressões como transfobico/s ou transfobica/s.¹²² Expressões variantes de transgênero/s como transgênera/s e transgeneridade/s aparecem respectivamente nos sites 5 vezes e 4 vezes no *Extra*; 18 vezes e 2 vezes no *Ego*; 15 vezes e 2 vezes no *O*

¹²² As variações também ocorrem para misoginia com o uso de expressões misógino e misógina; homofobia com homofobico e homofobica; feminicídio com feminicida e pessoa não binária com não binariedade.

Globo e 66 vezes e 11 vezes no *GI*. Seguem abaixo os quadros com os dados da frequência das palavras nos sites que foram coletados no mês de agosto de 2018.

Palavras	Número de matérias, vídeos e blog (todos)	Número de matérias
Homofobia	136	120
Transfobia	27	25
Misoginia	19	17
Feminicídio	87	85
Pessoa não binária	7	7
Transgênero	190	177

QUADRO 09 – Frequência das palavras no site *Extra* do Portal *Globo.com*

Outro ponto a se destacar é que nem sempre as presenças das palavras vão garantir que estão falando sobre o assunto. Muitas vezes a ausência da palavra “transfobia” não impede de que a reportagem ou material estejam falando, por exemplo, de transfobia. Aí está a importância que a pesquisa se propõe em analisar os enunciados discursivos e não somente a palavra em si. Entretanto, a procura por palavras tem como principal intenção de fornecer um parâmetro para mensurar o aumento da frequência de assuntos tocantes a gênero.

Palavras	Número de matérias, vídeos e fotos (todos)	Número de matérias
Homofobia	151	145
Transfobia	18	17
Misoginia	7	7
Feminicídio	3	3
Pessoa não binária	1	1
Transgênero	99	95

QUADRO 10 - Frequência das palavras no site *Ego* do Portal *Globo.com*

É interessante destacar que como já descrito que o site *Ego* encerrou suas atividades em 2017, e assim o site *Extra* com a sessão chamada *famosos* tem ocupado o seu lugar em retratar celebridades no Portal *Globo.com*.

Palavras	Número de matérias, vídeos e fotos (todos)	Número de matérias
Homofobia	400	400
Transfobia	79	58
Misoginia	119	88
Feminicídio	242	189
Pessoa não binária	3	1
Transgênero	400	389

QUADRO 11 - Frequência das palavras no site *O Globo* do Portal *Globo.com*

Vale ressaltar que nos sites *Extra*, *G1* e *O Globo* existem atualizações das matérias com o passar do tempo, isso quer dizer que, algumas mais antigas e que não tiveram tanta repercussão nacional vão sendo retiradas da listagem dos sites quando pesquisados.

Palavras	Número de matérias, vídeos e fotos (todos)	Número de matérias
Homofobia	600	585
Transfobia	599	584
Misoginia	345	315
Feminicídio	595	578
Pessoa não binária	33	30
Transgênero	615	600

QUADRO 12 - Frequência das palavras no site *G1* do Portal *Globo.com*

Tais dados levantados nos sites e mais os gráficos do *Google Trends* no anexo 01 revelam como as questões de gênero vão sendo recebidas pelo Portal e na web de forma geral. É essencial frisar novamente que os gráficos (em anexo 01) me ajudaram a marcar melhor a frequência das notícias sobre como o vocabulário que envolve o estatuto de gênero vai

aparecendo e ganhando força no Portal *Globo.com* e na Rede Social *Facebook*. Dessa forma pode-se afirmar que de maneira geral houve um aumento sucessivo das questões que envolvem gênero, uma vez que o número de matérias e os pontos máximos atingidos nos gráficos são em sua maioria nos anos de 2016, 2017 e 2018. Quanto à temporalidade da frequência do assunto dos dados levantados nos sites quando comparados com os dados obtidos pela ferramenta *Google Trends* nota-se que: O número maior de matérias sobre a “homofobia” se deve até mesmo como é percebido nas tabelas dos sites apresentadas como também no gráfico 15 do anexo 01 que o assunto vem sendo tratado a mais tempo pelo Portal e também pela web em geral. O gráfico mostra três picos de interesses: 87 pontos em novembro de 2005, 96 pontos em março de 2010 e atinge 100 pontos (limite máximo de interesse) em maio de 2011.

Em relação às reportagens sobre “transfobia”, a morte de Dandara dos Santos, como mencionada aconteceu em fevereiro de 2017 e como demonstra o gráfico 19 do anexo 01 é coincidentemente o momento de 100 pontos de interesse na web sobre assuntos transfóbicos. Ainda, sobre as violências, a misoginia (gráfico 16) e o feminicídio (gráfico 17) mostram no anexo 01, como já descritas um aumentado nos dois últimos anos, verificado em um número maior de matérias que ocuparam o Portal. A misoginia atingiu 100 pontos pela primeira vez em agosto 2016, mês que expressa o dia 31 de agosto de 2016, a data do golpe que a então presidenta Dilma Rousseff sofrera.

Sobre as identidades de gênero, a “pessoa não binária” como demonstra o gráfico 18 (anexo 01) expressa 100 pontos em abril de 2018, mês que ocorreu a morte da Matheusa e por ela muitas pessoas tiveram informação sobre o que seria uma pessoa não binária como foi publicado divulgado pelos sites do Portal. Quanto aos termos “transgênero” (gráfico 13) e “transgeneridade” (gráfico 14) é interessante destacar que são assuntos que tem despertado um aumento de interesse nos últimos anos. A expressão “transgênero” junto com “transexual masculino” atingem o ponto mais alto de atenção na web respectivamente em junho e outubro de 2017, momento de exibição da novela *Força de um querer* com a personagem de Ivan/Ivana aqui falado. Já a expressão transgeneridade (gráfico 14) tem picos de interesse em 2009, momento de discussão de políticas públicas, como a autorização da transgenitalização no SUS em 2008 e novamente depois em 2017 com a novela citada. E por fim, como se pode observar nos gráficos 01, 02 e 03 mostram que o interesse pela transexualidade, transexual e mulher transexual obtiveram 100 (ponto máximo) em janeiro de 2011, mês da participação da

Ariadna no BBB11, marco de inicial de maior visibilidade trans no Portal *Globo.com* como aqui reportado.

Verifica-se que as expressões como misoginia, feminicídio e transfobia vão ganhando mais força nesses últimos dois anos, isso explica por ser em alguns sites um número menor de matérias nas reportagens do Portal *Globo.com*. Observa-se ainda, que os anos de 2016, 2017 e 2018 têm sido os anos mais expressivos de quantidades de matérias sobre tais palavras tocantes ao vocabulário de gênero. Isso quer dizer como já foi mencionado no segundo capítulo que o debate sobre gênero tem sido cada vez maior, e de modo geral, ele foi inicialmente ganhando força em 2015, mas já sinalizava anteriormente nos anos 2014, 2013, 2012 e 2011.

4.1.1 Os sentidos deslegitimadores e legitimadores das palavras

Como já foi dito as caixas de comentários trazem discursos legitimadores e deslegitimadores em relação à transexualidade (e a/o transexual), assim como as tais palavras aqui elencadas não será diferente. Quanto às palavras aqui analisadas verifica-se que três delas, homofobia, transfobia e feminicídio são práticas de violência relacionada à orientação sexual e identidade de gênero. Já, as expressões transgênero e pessoa não binária são terminologias que fazem parte das formas de expressões de gênero que são vistas como transgressoras por um regimento dentro de uma sociedade marcada em sua maioria pela norma binária de gênero.¹²³ Como já foi abordado e será mais adiante discutido, o termo transgênero se encontra em disputa conceitual, além de ter desdobramentos quanto ao seu uso pela militância, ativismo e entre as próprias pessoas transgêneras. Também como foi aqui destacado utilizo como sinônimo de transexual ou pessoa trans.

Do mesmo procedimento de escolha que utilizei para as matérias sobre a transexualidade foram escolhidas as que aparecem as palavras/temática durante o meu período de imersão. Os principais tipos de enunciados encontrados pelos deslegitimadores se pautam que a “homofobia, transfobia e o feminicídio não existem.” “É uma invenção da esquerda. É vitimismo e mimimi.” Como podemos observar nos comentários abaixo:

¹²³ Existe uma complexidade para definir a não binariedade, porém, frequentemente, a pessoa não-binária não se identifica com o binarismo de gênero homem/mulher, assim, não se identifica com nenhuma destas categorias. É preciso dizer que pessoas não-binárias também podem ser trans, porque não se encaixam no gênero dado pelo sexo biológico. “Não-binários é o termo neutro para pessoas não-binárias, ou que não se encaixam/ enquadram integralmente em nenhum dos gêneros binários, feminino ou masculino” (MARANHÃO,2017, p.203).

- *“Tudo muito exagerado. Notícia mais insignificante!”* - comentário da matéria “Casal de empresárias é vítima de homofobia em Resende, no Sul do Rio” (GLOBO, 2018, s.p).

- *“Primeiro que não existe feminicídio, nenhum dicionário compreende essa palavra. É tipo presidenta, pilota... só no dicionário dilmes... assassinatos envolvendo mulheres são mais importantes que os outros?”.* - comentário da matéria “Feminicídio mata oito mulheres por dia no Brasil; confira relatos” (GLOBO, 2017, s.p).

- *“Alguém se importa? Que vão cuidar da sua vida sem querer ficar se promovendo ou obrigando os outros a achar bonito... Ninguém tá nem aí pra vcs”* - comentário da matéria “Casais de namorados apostam no amor para enfrentar a transfobia”(GLOBO, 2018, s.p).

Em relação a pessoa não binária, a maioria dos enunciados são que a não binariedade é sem vergonhice, invenção da esquerda feminista lgbt radicais.

- *“Esse tipo de aberração nunca tinha ouvido falar...Esquerdista bom é esquerdista morto”* – comentário na matéria “Crime no Rio de Janeiro tem como alvo pessoa não binária” (GLOBO, 2018, s.p).

Quanto aos termos existem as tentativas de legitimação:

- *“Os dicionários já começaram a atualizar os verbetes. Precisa os preconceituosos se atualizar também”* – comentário na matéria “Casal de empresárias é vítima de homofobia em Resende, no Sul do Rio” (GLOBO, 2017,s.p).

- *“É crime de gênero ignorantes! Muitas outras mulheres morrem, e os assassinos são enquadrados como homicidas! Leiam mais”* – comentários da matéria “Feminicídio mata oito mulheres por dia no Brasil; confira relatos” (GLOBO, 2017, s.p).

- *“Viva a diversidade e o respeito!”* – comentário na matéria “Crime no Rio de Janeiro tem como alvo pessoa não binária” (GLOBO, 2018, s.p).

Observa-se que, na maioria das vezes, os discursos deslegitimadores negam os fenômenos da homofobia, transfobia, misoginia, feminicídio assim como a pessoa não binária e transgênero e ainda deslegitimam como devir a ser um fenômeno. Isso quer dizer que os discursos deslegitimadores não acreditam que existam a homofobia, transfobia, misoginia, femincídio como também a pessoa binária da mesma forma como relatamos com a transexualidade (transexual) e transgeneralidade (transegênero). Retomando e pensando a partir de Foucault (2010) sobre as palavras e as coisas, constata-se que nas caixas de comentários no Portal e nos grupos da Rede Social não há somente uma negação dos fenômenos da homofobia, transfobia, misoginia, feminicídio e pessoa não binária, enfim da

coisa, do fenômeno social, mas, também a deslegitimação das palavras, principalmente, do que ela pode representar e significar. Uma vez que o anunciável e o visível estão separados.

Como lembra o filósofo francês até o Renascimento as palavras e as coisas eram uma única realidade, por causa disso, coisa (signo) e palavra (significante) se coincidem. É justamente com essa separação que o discurso se agita e ganha como que vida própria, não depende mais das coisas para existir é livre e de certa forma manipulável. “Desaparece então essa camada uniforme, onde intercruzavam indefinidamente o visto e o lido, o visível e o anunciável. As coisas e as palavras vão se separar-se” (FOUCAULT, 2010, p.70).¹²⁴

É importante destacar que é impossível explicar as coisas com as palavras como afirma Foucault (2010). Isso quer dizer que as palavras não descrevem e não tem um condão de explicar as coisas, ao ponto, da coisa ser exatamente como a palavra descreve. Dessa forma, o movimento de explicar com as palavras vai gerar teoria, classificação, taxonomia, nomeação, nomenclatura que frequentemente vão partir de uma visão ou de um ponto de vista que não vai dar conta de explicar completamente a coisa (o fenômeno).

Assim, o desafio vai ser das palavras explicarem a natureza das coisas. Na ciência mais contemporânea como nos demais outros períodos, sempre vai haver uma tentativa de através das palavras esclarecerem as coisas, entretanto, é desafiante e dificultoso dar conta do fenômeno ao explica-lo usando das palavras, pois elas são limitadas em descrever a realidade.

Apoiado no pensamento de Foucault (2010) sobre o rompimento das palavras e as coisas presencia-se que há uma abertura de possibilidades de inúmeras combinações de enunciados dando uma visão, ao mesmo tempo, mais ampla e mais manipulável pelos diversos interesses sociais das coisas. Isso quer dizer que as palavras homofobia, transfobia, misoginia, pessoa não binária, feminicídio vão ter diversos discursos legitimadores e deslegitimadores em relação às palavras, uma vez que a palavra libertada da coisa torna possível que não somente ela mesma, mas a coisa ganharem os mais diversos sentidos. Inclusive que a palavra seja vista como algo que deva ser proibida em documentos. Isso quer dizer que elas não ficam somente restritas as mídias digitais, tal temor delas estão atreladas até mesmo na retirada de qualquer expressão de gênero e que tenham possíveis relações com

¹²⁴ No período da renascença não haveria, segundo o autor, uma possibilidade de uma gama variada de discursos favoráveis e contrários em relação a uma coisa, visto que essa coisa era entendida como uma expressão unívoca do conceito exteriorizado na palavra. Os grandes debates ontológicos estavam quase que interditados, mas agora não, a palavra ganhou como que vida própria. É na modernidade que o conceito não mais coincide com a coisa de maneira que se pode teorizar praticamente sem impedimentos a respeito da essência da coisa a qual a palavra procura descrever. Um descrever que não é exato, é manipulável e há interesses diversos. “O discurso terá realmente por tarefa dizer o que é, mas não será nada mais que o ele disse” (FOUCAULT, 2010, p.70).

ela em documentos da educação. Como mostraram algumas reportagens no Portal:

- “Após 12 dias, MEC altera portaria para retirar palavra 'gênero' de comitê” (GLOBO, 2015, s.p).

- “MEC tira termo 'orientação sexual' da versão final da base curricular” (GLOBO, 2017, s.p).

- “CNE retira gênero e orientação sexual da Base Curricular” (GLOBO, 2017, s.p).

- “Câmara aprova Plano de Educação sem identidade de gênero, em Manaus” (GLOBO, 2015, s.p).

- “MEC tira combate à homofobia e transfobia dos critérios para avaliação de livros” (GLOBO, 2018, s.p).

Outra matéria publicada no dia 16 de dezembro de 2017 no Portal chama atenção durante a pesquisa “Trump proíbe ‘transgênero’ e outras 6 palavras em documentos de órgão de saúde dos EUA, diz jornal” (GLOBO, 2017, s.p). As palavras: “vulnerável”, “direito”, “diversidade”, “transgênero”, “feto”, “baseado em evidência e baseado na ciência” são proibidas em documentos orçamentários de órgão de saúde nos EUA por Donald Trump.

Como está sendo exposto, há certo desconforto no uso de determinadas palavras que tentam descrever alguns fenômenos, ainda mais se cientificamente. Enfim, não há apenas a negação da coisa, mas da palavra. Essas palavras são demonizadas como as teorias científicas sobre elas são esvaziadas. As palavras relacionadas ao vocabulário de gênero, frequentemente, geram um incômodo social em grande parte dos comentários, até mesmo suas demandas representam pânico moral (MISKOLCI, 2017) em postagens de grupos e páginas na Rede Social *Facebook*. Outras palavras são abjetadas e vistas como ameaçadoras para os comentários do grupo *Hetero/orgulho*, entre elas, principalmente, feminismo, LGBT e comunismo.

Como veremos no último tópico desse estudo antropológico, há uma demonização da palavra gênero, uma batalha contra gênero nas mídias digitais, assim com uma resistência pelos seus estudos, no qual explicita as tentativas de determinados grupos por meio das regulações de gênero, isso quer dizer “leis, regras e políticas concretas que constituem os instrumentos legais pelos quais as pessoas são tornadas normais” (BUTLER, 2014, p.251).

4.2. A palavra transgênero: uma disputa semântica

Neste tópico, retomo alguns pontos do que foi abordado na introdução sobre a disputa semântica que envolve os conceitos de transexual, travesti e transgênero. Uma discussão sobre a categoria de transgênero que se mostra como uma das contribuições desse estudo.

Como vimos, Tatiana Lionço (2008) trouxe o debate dessas conceituações em 2008 e de lá para cá, em 2018, foram 10 anos. Fixar uma definição é um tanto complicado. Muitos estudos científicos foram produzidos, muitas pesquisas na área foram realizadas. A teoria *Queer* avançou e tem sido consolidada nos programas de graduação e pós-graduação pelo país. Os movimentos sociais que envolvem gênero e sexualidade ganharam mais força com as redes sociais. É preciso ficar atento que o campo conceitual desses vocabulários de gênero se produz todos os dias e novas palavras, termos, fenômenos vão aparecendo, um campo que se move muito e que se torna borbulhante, uma vez que, vai haver posições muitas vezes divergentes não somente pela acadêmica com os seus pesquisadores, mas também pelas militâncias e ainda pelas pessoas que vivenciam as transexualidades, travestilidades, transgeneridades entre outras formas de experiências trans.

Observa-se que os dados levantados e descritos neste e nos demais capítulos nos fornecem que ao longo dos anos essas palavras como transgênero vão sendo inseridas como assuntos nas reportagens do Portal *Globo*, e vão sendo parte de uma frequência maior nele. É notado frequentemente que o termo transgênero é, muitas vezes, usado pelo Portal como sinônimo de transexual, outras vezes, em menores frequências, traz distinções entre eles.

Como foi exposto, a expressão (a palavra) transgênero foi se tornando mais frequente e ganhando força no veículo midiático *Globo.com*, inclusive, o uso ou não dela foi discussão em algumas postagens no grupo *Transgente*:

Ao adotar o termo TRANSGÊNERO, que é internacionalmente o T da sigla LGBT, o STF dá lição de respeito, acolhimento e inclusão A TODAS AS TRANSIDENTIDADES¹²⁵ e não apenas a uma ou duas que se julgam mais importantes e especiais do que as outras (LANZ, 2018, s.p).

A postagem citada acima do grupo faz referência ao reconhecimento a transgênero pelo Supremo Tribunal Federal – STF na possibilidade de alteração de registro civil sem mudança de sexo. Tanto por meio das suas postagens no grupo *Transgente* como nas suas

¹²⁵ Transidentidades ou no singular transidentidade originária do francês *transidentité* é uma terminologia muito próxima de transgeneridade de certa forma o mesmo fenômeno de acordo com Lanz (2014).

produções científicas Leticia Lanz (2015) é uma das defensoras do termo transgênero como também o uso dele no sentido guarda chuva que consiste na inclusão e no abrigo das numerosas identidades de transgressão de gênero. Vale lembrar, como já discutido na introdução desse presente estudo, o termo se encontra em disputa conceitual e por ser uma das palavras que compõem o vocabulário de gênero que aqui analiso nas mídias digitais, proponho trazer uma discussão sobre a categoria de transgênero, uma vez que estas como outras questões são contribuições da pesquisa.

Em um artigo intitulado *Transgender: questionando gêneros* a historiadora e pesquisadora *queer* Elaine Borges Berutti (2002) parte da palavra transgressão para discutir o conceito de transgênero. Para a autora o conceito de transgressão visto como ato de rebeldia ou de oposição de valores hegemônicos e práticas dominantes ajudam no questionamento das normatizações rígidas desempenhadas pelos gêneros. Do mesmo modo Leticia Lanz (2015, p. 24) afirma que a “transgressão é a marca que distingue as pessoas transgêneras das demais pessoas na sociedade. As pessoas transgêneras são transgressoras da norma de gênero.”¹²⁶ O sufixo trans como descreve Berutti (2002) possui uma tensão etimológica, uma vez que toma sentido de ir além da fronteira de gênero e cruzar a fronteira de gênero. Destaca-se que o sufixo “trans” além de poder ser associada a transgressão também pode sugerir o significado de transitar, transformar, transferir, transpor no sentido de retratar um período de transição de um sexo para outro em conformidade com ao gênero que a pessoa se identifica.

Ainda a autora salienta que na obra *Transgender*, o estudioso Jay Prosser (1997) afirma que o termo transgênero é mais adequado para indivíduos que rompem as fronteiras de gênero e não da sexualidade como o termo transexual pode sugerir. Vale por fim destacar que o antropólogo Sérgio Carrara (2013) afirma que palavra trans é usada, muitas vezes, para abreviar transexual como transgênero e também travesti.

Segundo Leticia (2015) a maioria dos autores aceita que o termo transgênero tradução de *transgender* para o português apareceu pela primeira vez nos livros de auto ajuda de Virginia Prince em meados dos anos setenta.¹²⁷ Entretanto, alguns autores afirmam que “ o

¹²⁶ Segundo Lanz (2015, p.338) transviado “de acordo com o Houaiss: 1) que ou o que se transviou; extraviado, perdido e 2) que ou aquele que não obedece aos padrões comportamentais vigentes”. E acrescenta, que *viado* “o termo pode ter se originado da redução da palavra —transviado (que ou aquele que se transviou), de uso comum no Brasil, na década de 1950, para designar o jovem transgressor de costumes.” (LANZ, 2014, p.341)

¹²⁷ De acordo com Leticia Lanz em seu blog esses pioneiros livros de autoajuda tinham como título ‘O Travesti e Sua Esposa e Como Ser Uma Mulher Sendo Homem’ (*The Transvestite and His Wife* e *How To Be a Woman though Male*).

termo “transgênero” foi utilizado pela primeira vez em 1965, por John Oliven, no seu livro *Sexual Hygiene and Pathology* como descreve Joana Rita Vieira Guerra (2017) em sua pesquisa de mestrado da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria em Portugal. De acordo com a autora o termo era usado como sinônimo de transexualidade, ou, nas palavras dos autores da época transexualismo. Contudo, como Jay Prosser (1997) e John Oliven (1965) “achou imprópria a partícula “sexualidade” na palavra: era, na realidade, uma questão de gênero, e não de sexualidade” (GUERRA, 2017, p.10).

Já, o termo "transexual" de acordo com Berenice Bento (2006) foi introduzido em 1949 por David Oliver Cauldwell e foi popularizado em 1966 por Harry Benjamin como falado na introdução. Nota-se que muito próximo de quando o termo "transgênero" foi cunhado, a expressão transexual começou a ser usada pelo público. É importante reparar que assim como a/o transexual está para o fenômeno transexualidade, a/o transgênero está para a transgeneridade. Ainda, da mesma maneira que a palavra transexual é dita, muitas vezes, como sinônima de transgênero e vice-versa, a transexualidade também é dada como sinônimo de transgeneridade e vice e versa.

Segundo Jorge Leite Júnior (2008) o termo “travesti” apareceu pela primeira vez em 1910 no livro *Die Transvestiten* com o título em inglês *Transvestites – the erotic drive to cross-dress* do autor Magnus Hirschfeld, médico e psicólogo alemão, um dos percursores da sexologia. De acordo com o pesquisador na obra o autor alemão usa também de maneira pioneira o termo “travestismo” descrevendo-o como desejo sexual no uso de roupa do sexo oposto. Entretanto, diferente do sentido de motivações eróticas que Hirschfeld traz ao termo travesti, de acordo com Leite Júnior (2008), a palavra travesti de origem francesa aparece pela primeira vez em 1543, mas com significado de se disfarçar. Além disso, é destacado na obra de Hirschfeld que a palavra “travesti” (*transvestite*) “vem dos termos em latim *trans*, que significa através e *vestitus*, com o sentido de estar vestido” (LEITE JUNIOR, 2008, p.101).¹²⁸

Ainda, Leite Júnior (2008) mostra que a palavra travesti vai aparecer em 1962 na Inglaterra para explicar o uso de roupas de homens por mulheres como relatado no texto *“Mulheres que se faziam passar por homens”*: *um estudo da fronteira entre os gêneros no*

¹²⁸ Popularmente a travesti, muitas vezes, no Brasil é chamada de "t-gata", "t-girl", "shemale", "boneca", "trava" entre outras. Com uma visibilidade social cada vez maior, na década de setenta alguns programas de auditório como o Clube do Bolinha ou o Programa Sílvio Santos apresentavam travestis e artistas que dublavam e interpretavam cantoras mulheres e eram conhecidas como “transformistas”.

século XVIII de Lynne Friedli. Já, o dicionário *Houaiss* de acordo com o pesquisador mostra que a palavra travesti aparece em 1831 para denominar homem vestido de mulher ou vice-versa. Observa-se desse modo que a categoria travesti é mais antiga que a categoria transexual.¹²⁹ Ainda em relação ao termo transexual, Leite Júnior (2008, p.12).destaca que:

Estudando as travestis, percebi que o discurso sobre este tema, seja o da cultura de massas, o científico ou o militante, está completamente entrelaçado ao discurso sobre as transexuais. Os limites entre uma pré-suposta ou uma recém-criada “identidade” e outra, supostamente mais conhecida, a travesti, bem como as marcas distintivas entre elas, vão do mais rígido em textos científicos ao mais intencionalmente flexível na cultura de massas, passando pela complexa miscelânea de idéias, vivências e estratégias da experiência concreta e cotidiana de tais pessoas.

Carrara e Carvalho (2013) ressaltam que o termo “travesti”, antes de tomar um sentido propriamente de identidade política, muitas vezes era (e ainda é) usado para homossexuais vistos com feminilidade exagerada, geralmente, chamados de “bichas exageradas” ou “pintosas”.

Quanto em relação ao termo transgênero, o pesquisador Bruno Cesar Barbosa (2010) afirma que a tentativa de usar a expressão “transgênero” como aglutinador de travesti (e transexual) fez com que muitas lideranças travestis vissem o referente termo cumprindo uma finalidade, que mesmo vista com uma visibilidade positiva, a eliminação do uso do termo “travesti”, considerado estigmatizante, e a abreviação do termo “transexual”, que teria um caráter medicalizante para muitas travestis.

No trabalho intitulado *Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil* do antropólogo Sérgio Carrara e do doutorando Mario Carvalho, ambos do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, mostra que o termo transgênero não se popularizou em terras brasileiras como aconteceu com o termo transexual. Diferente dos países europeus e dos Estados Unidos em que o termo é usado de forma muito mais expressiva, a expressão transgênero tem encontrado restrições aqui no Brasil, principalmente, pelos movimentos sociais que travam uma espécie de luta entre os “T” – transexuais, travestis e transgêneros como relatam os

¹²⁹ Por sua vez, o surgimento do debate público sobre transexualidade e a possibilidade de construção da categoria “transexual” como uma identidade diferente da de “travesti” parecem ser bem mais recentes, emergindo entre o final dos anos 1990 e o início dos anos 2000 (CARARRA; CARVALHO, 2003, p). Larissa Pelúcio (2009) destaca que as travestis como os homossexuais foram associados a AIDS. Assim, a doença distanciou as travestis das transexuais. Foi um processo que fez com que Roberta Close, e não era algo somente dela, a recusa do termo travesti, dessa forma esse deslizamento conceitual se mostra em outro cenário como de Lea T e de Sofia Favero que hoje a primeira se vê como uma mulher transexual e a segunda uma travesti.

autores como também Lanz (2015).

De acordo com os pesquisadores Cararra e Carvalho (2013, p.337) mesmo que haja uma tentativa de incorporar “transgênero” na busca de propiciar uma união entre a tranvestilidade e a transexualidade, “boa parte das ativistas travestis e transexuais brasileiras não se “reconheciam” na expressão transgênero” por diversos motivos. Entre eles os principais elencados pelo estudo seriam que as palavras “travesti” e “transexual” são expressões mais usadas e se mostravam consolidadas no Brasil, além de estarem formalmente incluídas nos espaços do movimento LGBT antes mesmo da inclusão do termo transgênero, havendo assim uma dificuldade de concebê-las como ou dentro de um mesmo “T”. Outra resistência com o termo era que muitas travestis e transexuais viam no termo “transgênero” uma influência internacional, muitas vezes com um tom de imposição que poderia esvaziar a brasilidade da travesti e da transexual. Fora isso, muitas viam que a palavra transgênero tinham uma sonoridade muito similar com outro termo que também ganhava destaque social, a palavra transgênico, o que poderia causar confusão de significados como também levar a estigmatização, mais ainda das transexuais e das travestis. Ademais, “transgênero” seria um termo de difícil compreensão, além de que parecia invisibilizar as “verdadeiras identidades” e as diferentes subjetividades dentro da transexualidade e tranvestilidades para muitas pessoas a frente de suas lideranças.

O uso mais drástico da expressão transexual do que a de transgênero como descrito por Carrara e Carvalho (2013) revela, como tem sido pensado e demonstrado neste estudo, as dificuldades do Brasil com as questões de gênero. Como foi descrito existe uma confusão entre gênero, sexualidade e sexo não somente pelo *sensu comum*, mas também por discursos sociais como, por exemplo, parte dos médicos e outros profissionais da saúde, do jurídico e do campo religioso. Vimos que existe uma deslegitimação do conceito de gênero que se encontra nas caixas de comentários como também na retirada da sua expressão em documentos educacionais que a combatem por meio de projetos de lei chamados de proibição de ideologia de gênero nas escolas; todas essas entre outras aqui descritas, demonstram como as restrições com o termo transgênero estão de certa forma ligadas a um incômodo social de aceitar gênero como algo que existe, legítimo e real.

Isso não quer dizer que exista uma legitimação social da transexual por causa do seu sufixo sexual e uma deslegitimação de transgênero pelo seu sufixo gênero, pelo contrário, como vimos até agora, há tanto um caminho de deslegitimação da transexualidade como da

transgeneridade, mesmo que essas sejam tomadas como sinônimas ou não. Mas, o que se precisa dizer é que o uso maior do termo transexual no Brasil se deve em parte pela confusão entre os conceitos de gênero, sexualidade e sexo. Uma vez como foi retratado aqui pelas caixas de comentários, muitas julgam a transexualidade associada e pertencente a sexualidade, a colocando como um fetiche sexual ou tara ou ainda uma perversão ou desvio sexual. Ainda ressaltando que essa confusão entre sexualidade, sexo e gênero se dá pela falta de informação ou propositalmente como forma de combate para deslegitimar as pessoas transexuais.

É preciso neste ponto, como já destaquei sobre tais definições, que a escolha da expressão transexualidade que até mesmo compõem o título dessa tese se deve, simplesmente, porque ela, e também o termo transexual, são os mais usados no Brasil, o que não impede como posto na introdução de ampliá-las para outras transidentidades.

No seu estudo intitulado *Imagining Transgender: An Ethnography of a Category* que para o português seria *Imaginando Transgêneros: uma etnografia de uma categoria* o antropólogo norte americano David Valentine (2007) chama atenção de quanto o termo transgênero foi se tornando cada vez mais popular e adotado pela mídia. Segundo Lanz (2015, p.84) que faz referência ao estudo do antropólogo Valentine (2007), afirma que “hoje em dia, nos Estados Unidos, assim como em boa parte dos continentes europeu e asiático, o termo transgênero está consagrado como de uso generalizado.” Parte do uso do termo transgênero nos Estados Unidos, principalmente a partir da década de noventa, tanto pelas instituições públicas e privadas como pelos ativistas, estudiosos e pesquisadores se deve pelo senso coletivo que a expressão tem em abrigar qualquer variação de gênero como revela a etnografia de Valentine (2007) ressaltada por Lanz (2015).

Diferente do Brasil, de como vimos no texto de Carrara e Carvalho (2013) o termo transgênero teve e ainda encontra dificuldade de se estabelecer, uma vez que os termos como transexual e travesti são mais consagrados no Brasil. Em relação ao emprego e a disseminação sobre os termos transexual e transgênero um artigo jornalístico intitulado *A rápida evolução do termo 'transexual'* da jornalista Mary Schmich do *Chicago Tribune* traduzido por Anna Capovilla no Jornal Estadão que foi publicado no dia 23 de maio de 2016 traz questões muito interessantes e tocantes sobre a recepção da transexualidade, pontos congruentes no qual essa pesquisa aqui se propôs a trabalhar. Como por exemplo, a primeira vez que a palavra transexual foi usada, de como a princípio era num sentido depreciativo quando era empregada e como a expressão de estranha, aos poucos, passou a ser amplamente utilizada e

mais compreendida.¹³⁰

No ensaio, a jornalista Schmitz (2016) do *Tribune* traz a reflexão sobre o uso do termo indagando: transexual ou transgênero? Inicialmente a expressão transexual parecia mais positiva e apropriada do que a expressão transgênero, entretanto, hoje o uso delas está em debate, pois a segunda parece comportar mais com a ideia de gênero fluído e tem sido usada por vários grupos de acordo com a reportagem. Todas essas informações e problematizações foram levantadas por meio de uma pesquisa dos arquivos digitais do *Tribune Chicago* que a jornalista realizou e que ainda, cita sobre o esforço de um professor associado no Departamento de Inglês do *College of the Holy Cross* e diretor do *Digital Transgender Archive* chamado K.J. Rawson. Tal empenho do docente que é pesquisador de retórica e mídias digitais consiste no desenvolvimento de um projeto on-line como uma forma de representar, compartilhar e convidar para a colaboração da pesquisa em curso sobre a etimologia e o cenário retórico de trans + gênero. São fontes primárias midiáticas que trazem o composto específico: trans + gênero segundo o pesquisador.

No Portal *Globo.com*, como explicitado, existe um uso muito mais expressivo como apresentado nos dados levantados da pesquisa da nomenclatura “transexual” do que a de “transgênero.” Tanto que foi possível levantar mais precisamente as expressões “transgênero” e “transgeneridade” nos sites que compõe o *Globo.com* do que as de “transexual” e “transexualidade”, visto que a visibilidade cada vez maior das duas últimas expressões nos anos recentes tornou-se mais difícil de mensurar com maior exatidão da mesma forma que as outras palavras aqui levantadas. Prova disso é que, por exemplo, no site *Ego* que usou a palavra “transgênero” e “transgeneridade” ao contrário das expressões “transexual” e “transexualidade” que por aparecem muitas vezes, não foram possíveis mensura-las depois de 2011 de forma exata. Por meio da investigação imersiva foi verificado que a novela *Força de um querer* em 2017 retomou e trouxe mais visibilidade sobre o conceito “transgênero” gerando inclusive repercussão e discussão sobre a utilização do termo pela autora do folhetim das nove da Rede Globo nos sites que compõe o Portal e a Rede Social.¹³¹ O grupo

¹³⁰ A reportagem está disponível no sítio eletrônico:< <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,a-rapida-evolucao-do-termo-transexual,10000052985>>.

¹³¹ Como em alguns gráficos utilizados pela ferramenta *Google Trends* aqui demonstrado, quando se pesquisa o termo transgênero, o interesse ao longo do tempo se mostra como maior expressão durante os anos de 2016 e 2017, sendo que atinge o pico máximo em julho de 2017, uma vez que a novela das oito referida foi exibida no mesmo ano entre os meses abril a outubro (Ver anexo 01).

Transgente se posicionou em algumas postagens sobre o uso do termo na novela, Letícia Lanz diz:

(...) Desde que soube do enredo dessa novela A Força do Querer, muitos meses antes de ela ir ao ar, exerci a minha crítica de modo contundente contra uma série de aspectos relacionados à redação e produção da novela como à emissora de TV responsável por ela.(...) Minha crítica também se dirigiu ao conteúdo conceitual da novela. O mundo transgênero é absolutamente desconhecido do povo brasileiro. Tudo que as pessoas comuns conhecem de pessoas trans são as travestis de rua que, noite após noite, ganham a própria sobrevivência se prostituindo perigosamente nas esquinas desse país. E se a novela se propunha a mostrar o universo trans, devia ter tido pelo menos o trabalho de usar uma nomenclatura consistente, dando “nome aos bois” de maneira correta e não aumentando ainda mais a confusão terminológica existente dentro e fora do gueto transgênero. Sem ter assistido um único capítulo da novela, tenho tido conhecimento, a cada momento, de alguns sérios deslizes terminológicos que poderiam ter sido evitados com uma pesquisa mais robusta dos redatores(...).¹³²

Tanto Lanz (2015) como Beretti (2002) enfatizam que com a publicação do panfleto intitulado *Transgender Liberation: A Movement Whose Time Has Come*, a ativista norte-americana marxista, lésbica e transgênero Leslie Feibberg (1992) foi a responsável em usar o termo “transgênero” num sentido guarda-chuva possibilitando assim em abrigar as categorias transexuais, travestis, transgêneros, *drag queen*, *cross-dress*, incluindo intersexuais, *drag kinks*, enfim, todas aquelas consideradas fora da normatização de gênero de um jeito politicamente mais organizado. Como ressaltado por Valentine (2007), o termo “transgênero” e o termo “trans” se popularizaram nos EUA porque o uso deles ampliam além das pessoas transexuais, isso quer dizer, inclui todas as pessoas que transitam entre os gêneros masculino e feminino. Além disso, Leslie Feibberg com a obra *Transgender Warriors* publicada em 1997 ganha adeptos no uso do termo transgênero como guarda-chuva, uma inserção do conceito no universo acadêmico que foi e tem sido seguido por estudiosos e pesquisadores. Porém, o uso do termo tem significados controversos não somente pelo círculo acadêmico como será em seguida discutido. A incursão da palavra “transgênero” dentro campo acadêmico, militante e de auto- definições das pessoas transexual/ travesti/ transgênero entre outras vem de certa forma ganhando mais robustez. No início dos anos dois mil, o debate teórico já chamava atenção sobre a definição de transgênero e outras definições como travesti e transexual como vimos com a supracitada Tatiana Lionço (2008) na introdução dessa pesquisa. Tal discussão também é retratada por Anna Paula Vencato (2003) na sua pesquisa

¹³² Essa citação faz parte de uma das críticas e também elogios que Lanz (2017) tece sobre o uso do termo transgênero pela novela. A postagem completa que rendeu 219 curtidas, 29 comentários e 24 compartilhamentos está disponível no link: <<https://www.facebook.com/leticialanz/posts/1286144204831059>>.

etnográfica de doutorado, o que se pode notar que depois mais tarde, nos anos seguintes, a preocupação conceitual foi se tornando cada vez mais uma centralidade nas produções sobre gênero.

O cuidado de tratar as diferenças conceituais sem estereotipar, mas de perceber as semelhanças e especificidades é o que se propõe a pesquisadora Vencato (2003) no artigo *Confusões e estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros*. A autora não usa o termo guarda-chuva ou a expressão *umbrella term* como fazem Kass, (2013) e Lanz, (2014) para o conceito “transgênero”, entretanto, ela vê na nomenclatura um abrigo para as definições de transexuais, travesti, *drag queens* e *cross-dressers* chamando assim tais possibilidades de manifestações de fenômeno transgênero.

Para Vencato (2003, p.190) essas terminologias trans, muitas vezes, são confundidas, entretanto, essas confusões são compreensíveis porque existem “traços comuns entre esses sujeitos trans”. Os equívocos nos termos não se dão apenas pelo *senso comum*, mas, muitas vezes reproduzidos pela própria mídia, como em muitas matérias do Portal aqui em análise. Confundir os termos torna-se aceitável não somente pelo fato dos aspectos semelhantes entre as pessoas trans como Vencato (2003) afirma, mas por serem conceitos que estão em disputas como aqui destacamos. Entretanto, a autora ressalta que as diferenças nas manifestações do fenômeno transgênero, por exemplo, das travestis, transexuais e *drag queens* são importantes para que cada uma das categorias não seja esquecida, marginalizada e justificada pelo preconceito. É necessário devido o ocultamento das diferenças e semelhanças ressaltar as peculiaridades havendo assim um cuidado para não estereotipar segundo a pesquisadora.

Na entrevista intitulada “Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento”, a entrevistada e estudiosa de gênero usa a expressão “pessoa trans*” que assim como a de “transgênero” é usada como um termo guarda-chuva como aqui já relatada. Berenice Bento (2014) utiliza da expressão para fazer referência “a diversas experiências de gênero não normativas, tais como transexual, transgênero ou travesti”. Mesmo com o uso de um termo guarda chuva o entrevistador Diego Madi Dias (2014) ressalta que a socióloga tem trabalhado e contribuído para o questionamento da ideia de um sujeito transexual universal. Tal que Bento (2017, p.25) no livro *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos* afirma:

Eu não utilizo mais o termo guarda-chuva “transgênero” em meus textos (...). Ao fazer tal afirmação, não estou, de forma alguma, negando o direito individual de os sujeitos elaborarem suas identidades de gênero como “transgênero”. Como categoria analítica/política, no entanto, não me serve para pensar as diferenças e as disputas

internas que se dão na luta por visibilidade e pelo direito ao reconhecimento. Tampouco são úteis para entender os sentidos que os sujeitos atribuem às suas existências generificadas.

Bento (2017) vê o uso do termo guarda chuva “transgênero” como colonizador e universalizante que apaga as diferenças, de posição divergente, a já supracitada Letícia Lanz (2015) por meio de suas postagens no *Transgente* vai denunciando os equívocos que ocorrem com o termo e mostrando a importância de conceber o termo de uma maneira mais amplificada, isso quer dizer, visto como um termo guarda chuva “que reúne debaixo de si todas as identidades gênero-divergentes, ou seja, identidades que, de alguma forma e em algum grau, descumprem, violam, ferem e/ou afrontam o dispositivo binário de gênero” (LANZ, 2015, p.24). O uso do termo transgênero e o uso dele como um guarda-chuva transgênero são uma das bandeiras que Letícia Lanz mais levantada e que o grupo luta.

Ademais, é interessante destacar que alguns gramáticos afirmam que segundo as normas gramaticais o correto é pessoa transgênero e dessa forma seria um erro flexionar o segundo elemento do composto em concordância com o primeiro, mesmo tendo em conta o seu valor adjetivo. Apesar da palavra “transgênera” a rigor não existir na língua portuguesa, chamar as transexuais femininas ou as travestis de “transgênero” seria uma violência injustificada, seria mais que isso uma inversão de valores, manter a correção de uma norma gramatical ao custo do sofrimento alheio. Assim, opta-se em usar a expressão pessoa transgênera, uma vez que se entende como foi dito a primazia da dignidade humana sobre a gramática. Quanto a isso o grupo Transgente (2015) faz a seguinte postagem:

Onde se lê mulher "transgênero", por favor leia-se mulher transgênera. Primeiro, foi um custo introduzir o termo no Brasil (...) até hoje não aprendeu que a tradução de transgender é transgênero e não transexual). Agora a dificuldade é mostrar que transgênero é adjetivo e não substantivo - e ainda por cima "masculino" (aff...).

Em suma, o que se observa em relação à palavra “transgênero” são três pontos principais de discussões. Primeiro ponto seria se o termo “transgênero” pode ser ou não considerado uma categoria diferente de transexual e de travesti, tendo dessa maneira a sua especificidade reconhecida. Segundo ponto se transgênero pode ser considerado como sinônimo de transexual e algumas vezes de travesti, enfim serem tratadas como categorias de significados iguais. E por fim, o terceiro ponto de discussão é se a palavra “transgênero” pode ser usada como um termo guarda chuva de várias expressões como transexual, travesti, transgênero, *crossdress*, *drag queen*. Neste caso transgênero torna-se um amplo espectro para

peessoas, cada uma com a sua particularidade de transitoriedade, entretanto, não sendo assim vistas como sinônimas, mas a união de diversas categorias trans. Observa-se que a palavra transexual é a mais frequentemente usada como sinônimo de transgênero pelas mídias digitais. Algumas definições que separam transgênero de transexual estão na ideia que ambas estão em trânsito, mas que para a primeira viver em trânsito é um objetivo, enquanto para a segunda o trânsito é uma passagem para confirmar a sua auto identificação de gênero que mesmo em “transição” se mostra frequentemente inabalável. Mas se colocar o/a transgênero como aquele/a que referente a uma ampla gama de pessoas que transitoriamente ou persistentemente não se identificam com o seu sexo biológico e a/o transexual é a pessoa que não se identifica com o seu sexo biológico e que busca ou buscou por uma adequação para o gênero desejado, e que na maioria dos casos envolve uma transição por meio de tratamento hormonal e cirurgia de transgenitalização. Quando que termina o trânsito? Com a cirurgia? Mudança do nome? Reconhecimento social? Muitas, mesmo conseguindo vencer todas essas fases ainda serão vistas como trans, ainda que não querendo, ou ainda se desejando, pois se colocar como mulher trans ou homens trans é uma decisão de posição política. São questões que estão em aberto, mas talvez a resposta esteja na própria performatividade que gênero se mostra ser.

Em relação a esses três pontos sobre a palavra “transgênero” percebe-se que há dois movimentos daqueles/as que ressaltam a importância de diferenciar primando destacar as peculiaridades de cada manifestação trans e outros/as que veem que essa diferenciação traz o risco de estereotipar, enfim taxomizar e assim o conceito guarda chuva seria um melhor caminho, mas que por outro lado, invisibiliza as diferenças. Tais problematizações levam a outra questão a ser discutida no próximo tópico.

* * *

Em relação a minha irmã como descrito, “o trânsito dela terminou”, conseguiu aquilo que almejou ou muito perto quanto a sua identidade de gênero; desde então se sente realizada, fez a cirurgia e tem o seu nome feminino nos documentos. Entretanto, ela se vê hoje como uma mulher trans, e não olha isso como algo negativo como poderia em outrora enxergar. Uma vez que narrativas de vida como de Bianca Di Capri captada por Pelúcio (2009, 99) “Se alguém me pergunta: como é que você se coloca: travesti ou transexual? Nenhum dos dois. Eu sou mulher!”, era como ela pensava inicialmente. Atualmente, provida de uma visão mais

crítica e acampada dos estudos de gênero, vê o quanto é necessário, muitas vezes, se colocar como uma mulher trans, uma posição política que faz jus a sua luta que mesmo em grande parte vencida ainda se mostra necessária, principalmente, em poder validar e ajudar as outras pessoas trans. É preciso ainda se colocar, se mostrar visível, uma vez que, muitos ainda falam: *vive a sua vida, mas não é preciso levantar a bandeira*. Enfaticamente, minha irmã devolve a essa afirmação: *e por que não levantar?*

No livro *Vidas trans*, Amara Moira (2017) começa o seu relato com a seguinte indagação: “*Por onde começa uma história, minha história, sendo travesti?*” (MOIRA, 2017, p.17). Um pouco diferente da pergunta de Amara, a minha irmã perguntaria: “*Por onde começa uma história, minha história, sendo transexual?*” O conceito para ela apareceu num programa, vespertino do fim da década de noventa, no canal bandeirantes chamado *Silvia Popovic*, nome da jornalista e apresentadora que trazia convidados para discutir junto com a plateia geralmente um tema dado como polêmico socialmente. Lá numa dessas tardes, estava a minha irmã se “identificado” e se “encaixando” num conceito; percebera que aquilo que vinha a tempo vivenciando tinha um nome e era tema do programa naquele dia: transexual. Apesar de conhecer Roberta Close e Rogéria não se via no rótulo que a mídia as colocava de travesti, talvez pelo fato, daquilo que Sofia Favero escreve em uma das suas postagens que a palavra “travesti” por ser marginalizada fez com que o termo “transexual” fosse visto como algo higienizado e elitizado e por minha irmã ser de classe média cristã e naquele momento querendo sair de qualquer “rótulo estigmatizante” se via mais perto no conceito de transexual. Sobre se ver em um conceito fica várias indagações: Será que as travestis se reconhecem como travesti ou é a sociedade que as enxergam como? Quantas transexuais precisam viver como travesti, se definirem como para sobreviver? Rogéria na sua biografia aceitava muitas vezes os rótulos que lhe punham, tentava agradar a sociedade, já Roberta não pretendia agradar o público, se vê mulher era mais importante. Para minha irmã não há separação entre travesti e transexual, as duas vivem o feminino. O que vale para ela, é a pessoa ter o poder de ser o que é.

4.2.1 Rotular organiza politicamente ou limita a experiência trans?

Perceber o processo de recepção da transexualidade nas mídias digitais é entender e refletir sobre os conceitos que envolvem a experiência trans; os embates e os acordos conceituais em relação ao fenômeno transexual que se mostram presentes tanto no off-line

como no on-line. Dessa maneira, nesse tópico, pretendo continuar a partir da disputa conceitual do termo “transgênero”, não apenas restringindo ao debate da conceituação em si, mas discutir se tal conceito pode ser ou não usado como forma de organização política? Na luta política pela visibilidade e legitimação das pessoas trans? Ou se os usos de conceitos ou de termos guarda-chuvas limitam o entendimento da realidade trans? Enfim, se essa conceituação (rotulação) pode aprisionar a vivência trans?

Diante disso, pretendo apresentar o que o campo on-line aqui analisado tem me mostrado quanto a essas questões junto à luz dos/as teóricos/as aqui usados/as pode refletir sobre elas, uma vez que os meios digitais como temos visto se mostram uma ferramenta poderosa para a comunicação, participação e organização social (CASTELL, 1999).

Apesar de um esforço acadêmico de trazer um debate sobre conceituar a experiência trans. Deve se disser a esta feita, o quanto é empobrecedor e incompleto conceituar algo, pois por mais intencional e aventurada seja esta jornada, jamais conseguirá a proeza conceitual a façanha de oferecer à realidade o entendimento desta em sua complexidade, exatidão e completude. As ciências, e em especial as ciências sociais vão mostrar a importância de perceber que os conceitos são recortes e ferramentas e não realidade. Assim, são próprias do ser humano, as tentativas de explicar e entender o mundo que o cerca, e sendo assim este não esquivaria desta tarefa, mesmo estando ciente de que o ato de conceituar é reduzir a elementos conhecidos. Não obstante de todas as dificuldades, assim se procede em relação à experiência trans seja como vimos pelo campo acadêmico seja pela militância e ainda pelas próprias trans e sem esquecer pelos comentários digitais aqui destacados.

Portanto, como será observado no cenário digital existem dois movimentos: um daqueles/as que vê a conceituação como algo necessário, pois é um ato que representa mais força política e o outro como desnecessário, porque limitam a experiência trans. Assim, se definir ou não vai ser semente de discussões seja off-line ou on-line. A disputa conceitual leva inevitavelmente a pensar o quanto, muitas vezes, o próprio conceito pode aprisionar a pluralidade da experiência de gênero em suas mais possíveis possibilidades tão como uma conceituação dos tipos de sexualidade. Apropriada tal como Butler da conjuntura nietziana, de que todo conceito gera unidade, Berenice Bento (2011) vê que no mundo da política, a ênfase está na identidade, entretanto, ela se torna uma ficção devido à dimensão plural encontrada no mundo vivido.¹³³ A identidade esvazia o mundo da vida, pois não encontramos

¹³³ A filósofa *queer* retoma Nietzsche (1991) na ideia de que a obra é tudo e assim não há um artista ou um

a unidade de mulher, gay, lésbica, transexual. Essas marcas identitárias são abertas e problematizadas. Há uma pluralidade interna a cada identidade e assim o conceito não dá conta da pluralidade das relações sociais. O grupo *Transgente*, principalmente, pela sua administradora, Letícia Lanz traz em seus posicionamentos sobre as identidades de gênero no grupo que:

O Movimento Transgente é um movimento inclusivo, não identitário, que se articula em torno da luta pelos direitos civis das pessoas transgêneras, quaisquer que sejam as suas identidades (travestis, transexuais, crossdressers, dragqueens, homens trans, transformistas, andróginos, não-binários, etc.)(...) A luta do Movimento Transgente é por direitos, não por identidades. Toda pessoa transgênera, é antes de mais nada, cidadã da República no pleno gozo dos seus direitos civis(...).

Letícia Lanz vê que não se rotular ou se não se definir não impede de se organizar politicamente. Essa é uma das diversas discussões que o grupo administrado por Leticia Lanz coloca o termo “trangênero” em debate. Lanz o toma como um termo guarda-chuva que segundo ela não deve se mostrar como identidade e sim inclusivo, enfim como uma estratégia. É aquilo aproxima da filósofa Butler (2015, s.p) que nos coloca que não sendo uma identidade, *queer* é uma aliança de pessoas em vidas precárias. “Pertencer a um movimento *queer* é contestar as normalizações dominantes, restritivas e excludentes, e o próprio processo de normalização” Ao pensar sobre tais questões, Lanz (2014, p.159) vê, por exemplo, como é

Um grave problema ao se definir a identidade travesti a partir da ambiguidade do seu corpo e da sua sexualidade difusa, que resulta no conceito, amplamente aceito nos estudos acadêmicos existentes, de que a travesti ‘convive muito bem’ com sua genitália de macho e, portanto, não quer se submeter a cirurgia de transgenitalização, é justamente quando a travesti passa a explicitar esse desejo. Nessa hora, o que ela é? Ou o que passa a ser? Transexual? Nesse caso, esteve ela até agora mentindo para si mesma e para as outras pessoas? Foi precipitado ou inadequado o rótulo de travesti ‘que lhe deram no passado (muitos dos estudos existentes afirmam que a pessoa ‘já nasce travesti’ e já nasce transexual’)? Ou, como afirmam muitas transexuais’, crossdressers e travestis são apenas estágios ‘de descoberta e/ou aceitação da transexualidade?

Dessa maneira, Leticia Lanz vai me indicando algumas divergências conceituais sobre gênero como, por exemplo, na utilização da palavra transgênero e do seu sentido *umbrella* por ela que tem sido descartado por Berenice Bento como elencado. Também diverge com a

fazedor por de trás dela, tomando dessa forma gênero enquanto um tipo de imitação que não tem um original. O feminino e o masculino e suas infinitas possibilidades são que as pessoas fazem e não uma noção universal do que as pessoas são. Isso quer dizer que, gênero é obra e não artista, em outras palavras, gênero é fazer (ato) e não fazedor (ser).

já citada Sofia Favero da *Página Travesti Reflexiva* que não vê problema de se definir. Em uma entrevista dada ao *Nlucon* e inclusive compartilhada na página *Transgente*, Sofia vê que se definir como travesti é uma forma de luta política. Como foi falado, Sofia Favero é de uma geração de travestis (posterior ao marco de separação - aids) em que o termo “travesti” nesses dois últimos anos vem sendo apresentado como espaço de potência e de reivindicação de autoridade. Em relação ao debate sobre identidades, é preciso dizer que o grupo *Hetero/orgulho* toma constantemente as diversas manifestações da sexualidade e de gênero que estão fora da hetero-cis-normatividade como tudo viado, o que representaria para os membros o anti-hetero.

Diante de tais problematizações, afinal a identidade ajuda ou atrapalha? A classificação junta ou exclui as pessoas? Para autora das postagens do grupo *Transgente*, Letícia Lanz: “*Numa sociedade justa e igualitária, as pessoas são respeitadas por ser GENTE, independentemente do rótulo identitário que carregam.*” Lanz (2015) parte da ideia que “*todo mundo nasce gente. O resto é rótulo.*” Uma vez que atento com a ideia de identidades fixas, dadas e acabadas como alerta a própria teoria *queer*, tais estabilidades identitárias são uma estratégia de poder para criar uma ilusória unidade como afirma Miskolsi (2009). As identidades são instáveis, múltiplas e experimentadas, sempre com algo a ser acrescentado ou retirado, é preferível entendê-las como processos identitários (AGIER, 2001) e mais estão envolvidas em uma simbiose entre o eu e o outro, o sujeito e o social.

Ao longo da pesquisa expus reflexões sobre a transexualidade com a finalidade de perceber que existe uma manutenção do *status* vigente dela, principalmente, como vimos dado por um discurso médico que entre os discursos parece ser o que mais se destaca. O cerne deste controle se encontra, muitas vezes, em estabelecer o órgão genital como o definidor exclusivo da identidade de gênero, um elemento anatômico que sustentará a fala médica e que, às vezes, fará que exista a partir dele um enquadramento das pessoas em uma das identidades LGBT como, por exemplo, de que a transexual é aquela operada e a travesti aquela não operada, desconsiderando dessa forma as múltiplas dimensões do fenômeno das pessoas que rompem com o sistema binário de gênero e da matriz heterossexual. Tais biologizações do gênero, muitas vezes, serão aceitas pelos próprios membros dos movimentos LGBT para definir cada um em uma determinada letra da sigla e também em algumas vertentes do movimento feminista que por vezes excluem mulheres trans dele.

Como visto o viés médico, por vezes traz uma identidade fixa taxomizada da pessoa

transexual, que além de estereotipá-la reforça preconceitos distanciando assim da ideia da existência de sujeitos e isso pode ser percebido também nos discursos jurídicos. Os discursos médicos e jurídicos ainda são atravessados por preconceitos. O jurídico chamou de monstro a primeira transexual que operou no Brasil. Observa-se que com passar do tempo, a medicina e o jurídico vão acampanando cada vez mais a luta pela transexualidade, uma vez que a própria medicina oferece o seu aparato médico para a cirurgia e o jurídico a lei, entretanto, há ainda profissionais que vão ter seus discursos providos de preconceitos mesmo que hoje a medicina e o jurídico amparem e aceitem a transexual. O religioso cristão, mesmo com o seu discurso de acolher e não excluir as pessoas, ainda veem a população trans como algo ameaçador como relatada a reportagem “Oi? Papa Francisco diz que aceitar pessoas trans fará com que todos sejam inférteis” (NLUCON, 2017,s.p).

Acerca da reflexão sobre o fazer política identitária é preciso entender que as identidades trans são elementos presentes tanto no ativismo *queer* e/ou dissidência sexual e de gênero quanto no movimento LGBT. Segundo Leandro Colling (2015) apesar das diferenças entre o movimento LGBT e o ativismo *queer* há neles muitas semelhanças, e que apesar do primeiro apostar quase puramente nas conquistas de marcos legais, políticas públicas e ter um diálogo mais direto com o Estado e o segundo ter como instrumento político para o êxito dos direitos as performances corporais, manifestações de rua, enfim as produções culturais, há possível diálogo entre eles e os mesmos não devem ser vistos como compartimentos estancados. Inclusive para o autor há uma sintonia e uma influência cada vez maior do ativismo *queer* (que se mostra mais sintonizado com a universidade seja na filosofia das diferenças seja na vertente sociológica) nos movimentos institucionalizados LGBT. E mais, de acordo com Colling (2015) existem muitas diferenças no interior do movimento LGBT institucionalizado, há pessoas e grupos no movimento mais e menos conservadoras, progressistas e normatizadas. Entre os coletivos, as diferenças estão também presentes, principalmente, porque não existe uma federação que define uma diretriz para todos. Assim as diferenças variam características políticas/partidárias, geracionais, de classe, estéticas e o esforço de pensar em políticas de dissidência sexual e de gênero dentro da cultura e realidade local (COLLING, 2015).

Pensando a partir da leitura de Colling (2015) sobre as tensões e afrouxamento entre o movimento LGBT e o ativismo *queer* percebo que primeiramente é importante destacar que nem todo gay, lésbica, transexual e travesti é militante de um movimento LGBT mais

institucionalizado e/ou detém um vocabulário teórico como ativista *queer*, visto que muitos não conseguem até mesmo entender que uma transexual pode ser lésbica ou heterossexual. Por este e outros motivos como, por exemplo, “tentar forçar todas as pessoas não heterossexuais e não cisgêneras a se enquadrar em uma identidade da sigla LGBT” (COLLING, 2015, p.160) não se mostra acolhedor como relata Letícia no grupo Transgente.¹³⁴ O discurso político identitário por vezes trata as sexualidades e as identidades de gênero dos sujeitos como estáveis, como se houvesse homogeneização de ser na mesma proporção e intensidade, como se todos experimentassem as da mesma forma. Entretanto, a essa altura seria interessante perguntar: o compartimento de cada demanda política de gênero e sexualidade, delimitando as suas margens de pertencimento identitário, apartando cada qual em seu quadrado, não seria um enfraquecimento destas para o questionamento do dispositivo heterossexual? De acordo com Miskolci (2014) é preciso questionar o dispositivo heteronormativo que impõem a vida social como sinônimo de heterossexualidade, antes mesmo da defesa de políticas isoladas que atendam demandas homossexuais ou transexuais.

Observa-se que não é somente o discurso médico que subalternizará a fala das transexuais, outros discursos também, entre eles o próprio movimento LGBT. A comunidade LGBT por vezes discrimina comunidade T. Ou seja, o T está lá, mas é como se não estivesse. Por isso também se discute cada vez mais se o T lá deveria estar, ou se deveria ser uma categoria à parte. Afinal, identidades trans não são orientações sexuais.¹³⁵ O termo transgênero no sentido guarda chuva pode ser uma força política no sentido de trazer força no T da sigla LGBT, mais visibilidade e união daquelas que se identificam com a letra. Entretanto, ao mesmo tempo, há uma invisibilidade e um apagamento das possíveis expressões de T que existem e são possíveis dentro de uma ideia mais geral de T. Embora a colaboração mútua seja uma forma política contra a heteronormatividade, o público transgênero parece não ter mais tanta coisa em comum com a causa dos gays e lésbicas como tinha há décadas atrás, quando homossexualidade e transgeneridade eram tidas como uma só única coisa. Como se pode perceber, essas tentativas de definir não se restringe apenas a caixa

¹³⁴ O uso do ímpeto fixador não é exclusividade daqueles que combatem as trans, mas também uma preocupação do próprio movimento de luta. Brant (2017) na sua biografia relata que se via cobrado pelo ativismo LGBT de não usar de um nome próprio feminino (Tereza), já que era um homem trans. Logo após, a publicação do livro *Vidas Trans* em que conta um pouco da sua história, T.Brant anunciou que pediu e foi rebatizado pelos seus pais de Tarso Brant.

¹³⁵ A confusão que grande parte das pessoas e como foi observado nos comentários fazem entre as categorias de gênero, sexualidade e sexo faz parte da justificativa para a mobilização de Letícia Lanz em trazer no repertório de sua luta o uso da expressão “transgênero”.

de comentários, ela está presente e em disputa como vimos no tópico anterior pela academia e também na militância, ativismo *queer* e nos discursos médico, jurídico e religioso.

4.4 O *meme* da ideologia de gênero

A cerca do que foi discutido, observa-se que há dois movimentos de recepção dos comentários em relação à transexualidade como também quanto às palavras que fazem parte do vocabulário de gênero: um deslegitimador e outro legitimador; que por meio de opiniões on-line as qualificam e desqualificam tanto enquanto fenômeno (coisa) como conceito (palavra). Numa lógica biopolítica operacionalizada na internet como já discutida tenho notado que o *meme* pode ser usado como uma ferramenta tanto deslegitimadora como legitimadora da transexualidade. Neste tópico final, pretendo descrever como o *meme* da *ideologia de gênero* pode ser utilizado como uma ferramenta de comunicação para o não reconhecimento da transexualidade transmitindo um discurso de verdade de que a transexualidade e tudo que se associa a ela é algo ameaçador e destrutivo para a sociedade.

O *meme* foi anteriormente adotado como um conceito antropológico, antes de cair nas graças das redes sociais e posteriormente ser definido como todo viral que se propaga pela rede web, enfim, tudo aquilo que se espalha (se repete) em frases, fotos, vídeos, entre outros pela internet.¹³⁶ Retomo ao título da presente pesquisa, pois eis que ela surge entre aqueles diversos *memes* que, por um lado, são engraçados, bem sacados e entretêm e que foi inspirado no *meme* de “*quantas curtidas merece esse principezinho?*” ou “*quantas curtidas merece essa princesinha?*” e que jocosamente em trocadilho intitulo essa tese de “*Quantas curtidas merece essa trans?*” Por outro lado, o *meme* tem sido usado por alguns usuários para deslegitimar as questões sobre identidade de gênero, muitas vezes, como uma fórmula raivosa para se circular pela internet. Observo que o projeto *ideologia de gênero* – vaza um norte nas mídias digitais - um artifício poderoso digital para combater a visibilidade das trans: o uso do *meme* para criticar deslegitimadamente a identidade de gênero, colocando os seus estudos como uma farsa, e assim a intenção em comum de propagar a ideia de que a transexualidade não existe.

O *meme* da *ideologia de gênero* tem uma visão reducionista e mecanicista do ser humano, uma vez que reduz a identidade de gênero a carros, parafusos, shampoos, maioneses,

¹³⁶ Análogo a ideia de gene (informações genéticas) o biólogo Richard Dawkins na obra *O Gene Egoísta*, de 1976 reduziu o termo grego *mimesis* (imitação) à *meme* (informações culturais). E foi nesse estreitamento entre a cultura e a natureza que pela primeira o termo *meme* apareceu.

notas de dinheiro. Tais *memes* se utilizam de imagens como forma de propagar pelas redes como mostra a figura abaixo:



FIGURA 12. Exemplos do *meme* da ideologia de gênero.

Observa-se como, nos exemplos de imagens que compõe a figura 12, que grande parte do poder do *meme* é imagético. Isso quer dizer que, as informações, principalmente, quando usadas por meio de imagens facilita o entendimento daquilo que é transmitido, atuando de forma mais efetiva sobre os assuntos na vida social das pessoas. Outro item poderoso do *meme* é que a circulação e a propagação das expressões imagéticas com as novas formas de comunicação digitais têm um alcance de rápida distribuição.

Mas, também estão textualizados em comentários de matéria:

- “*Entrei hoje com uma ação pedindo pra me reconhecerem como homem aranha. Eu nasci em um corpo normal, mas minha mente me diz que sou o homem aranha*” – comentário na matéria “*É uma questão de dignidade’, diz transgênero que teve pedido de mudança de nome questionado por promotor no Paraná*” (GLOBO, 2017, s.p).

- “*Eu sempre soube que tinha nascido no corpo errado, na verdade eu sou um milionário, só nasci nesse corpo de pobre. E agora, me ajuda aí plim plim.*” – comentário na matéria “*Quem Sou Eu?: Conheça crianças transgêneros na estreia da nova série* (GLOBO, 2017 c, s.p).

Dessa forma, a *ideologia de gênero* sendo convertida por meio de compartilhamentos de postagens, imagens e textos que viram muitas vezes memes tornam-se uma ferramenta de disseminação de desinformação e propagação de ódio às pessoas transexuais que determinados grupos políticos e conservadores religiosos fazem em torno dos estudos e teorias de gênero que são intencionalmente chamados por eles de “ideologia de gênero”. O grupo aqui analisado *Hetero/orgulho* me mostra em seus links uma teia de outros grupos e páginas que como ele julgam e combatem a moral das trans, por exemplo: *Pais, contra a Ideologia de Gênero, Diga Não a Ideologia de Gênero* e também as figuras circulantes nas

mídias digitais tais como *Marisa Lobo*, *Marcus Feliciano* e *Ana Paula Valadão*.¹³⁷

Como foi verificado ao longa dessa pesquisa, a temática gênero foi e tem ainda sido uma das mais discutida nesses últimos anos nas redes sociais, entretanto, cheio de divergências incansáveis e predominantemente com distorções. Mas, a controvérsia não é sobre o que parece ser. O debate parece ser sobre uma preocupação com o conhecimento ou proteção aos alunos ou ainda sobre a irresponsabilidade dos professores de falar sobre gênero e sexualidade, mas, quando analisado de perto, se vê que é, na realidade, apenas uma estratégia dissimulada e de distorção dos grupos de poderes hegemônicos heteronormativos e cisnormativos aliados aos setores mais conservadores políticos e religiosos para manipular o público e fazer avançar a agenda contra a diversidade e a pluralidade de pensamento, que inclui o impedimento de que a homofobia, a transfobia e a misoginia sejam desmanteladas. A ideia de que o fato de esclarecer que existem outros tipos de famílias, sexualidades e identidades de gênero além da forma cis- heteronormativa e também quanto a sua padronização gera violência para aqueles que estão fora dela levará a destruição da família tradicional. Como abordado, uma das maiores filósofas da contemporaneidade por desvendar o regime cis-hetero tornou-se alvos de gritos como "queimem a bruxa" de manifestantes contrários às ideias de Judith Butler. Há um discurso de ódio à academia e ao intelectual. Há em grande parte dos comentários a assunção de uma postura que faz da opinião a expressão da "verdade", secundarizando ou mesmo desqualificando o conhecimentos científico sobre o tema, sobretudo se este conhecimento vem do campo das Humanidades. "A minha opinião" se torna mais importante que os argumentos de um especialista no assunto discutido na rede on-line.¹³⁸

Entre as postagens de seu blog, a socióloga e professora aqui já citada, Berenice Bento (2016, s.p) vê o estatuto da família, a escola e a proibição da teoria sobre gênero e sexualidade nas escolas chamada distorcidamente e algumas vezes equivocadamente de ideologia de gênero como ações de uma "elite política moral que se expressa politicamente via as bancadas BBB (Bíblia, boi, bala)" por um país/reino de Deus sem "lixo humano", pois não somente

¹³⁷ Até mesmo figuras jurídicas que negam a cientificidade dos estudos de gênero como evidencia a matéria: "Promotoria recomenda que não se discuta gênero em escolas de Capela" (GLOBO, 2015, s.p).

¹³⁸ Para o filósofo Emil Cioran (1989) nem mesmo a realidade dos fatos faz as pessoas mudarem a sua forma de pensar tamanho o peso das suas crenças. Nesse aglomerado digital, o que se observa são que seus usuários e comentaristas defendem suas opiniões mesmo que seja preciso se utilizar de distorções, formas opressivas e até de violência; desfazer delas é algo muito difícil para os grupos como *Hetero/orgulho*, pois as crenças acabam obtendo uma força maior que o próprio conhecimento científico.

essa “elite”, mas toda a sociedade, família e até mesmo Deus se sentem ameaçados pelos movimentos feministas, LGBT, comunistas e os de direitos humanos. Enfim, uma vida (heteronormativa) que se sente ameaçada e desejosa de “limpeza social” mesmo que se viva “a heterossexualidade obrigatória em pleno funcionamento” social (Bento, (2016, s.p). A mínima possibilidade oposta deste modelo heteronormativo impositivo é visto como uma terrível ameaça e que deve ser combatida.

Com vimos para Semélin (2009) a necessidade de purificação social faz ver a morte como necessária, desejável e justificável, e dessa maneira a sociedade não enxergará como um assassinato a morte de algumas pessoas porque estará fazendo por fins terapêuticos, uma limpeza que prima pela saúde social. Esse anseio social são elementos discursivos em comentários postados em portais de notícias combatendo a transexualidade e para isso se valem por vezes de distorções que são colocadas como verdade. Para tal se utilizar de *fake news* (notícias falsas)¹³⁹ que associam a transexualidade a tudo que a sociedade moralmente acredita ser ameaçador e mal para o corpo social sacramentalizado. Como vimos existe dentro de um processo biopolítico como retratado no capítulo três que alguns grupos são ameaçadores e por esta razão acabam se tornando bode expiatório, culpados por “todo mal” que assola a sociedade; assim junto as pessoas trans também se tornam e acabam sendo incluídas no pacote das perseguições na categoria de “elimináveis” como os homossexuais, os pobres, os negros, os imigrantes, os intelectuais, os artistas e os “comunistas.”¹⁴⁰ Entre um dos enunciados que chama atenção são que “a transexualidade é coisa de esquerdista, isso é ideologia de gênero”; utilizando-se que “a transexualidade não é de Deus e contra a vontade de Deus.”

- *“Mulher é XX --- Homem é XY. Fora isso é engenharia social marxista para destruir a família...Marx engendrou a estrutura da ideologia de gênero visando destruir a família, com intuito de inviabilizar a cultura da posse de propriedade, que era na cabeça dele, a razão de todo mal. Ele acreditava q a família era o alicerce da ideia de propriedade, logo*

¹³⁹ Com o número de notícias falsas cada vez maior o “G1 lança Fato ou Fake, novo serviço de checagem de conteúdos suspeitos” (GLOBO, 2018, s.p) no dia 30 de julho de 2018.

¹⁴⁰ A gramática moral reinante aproximou grupos de interesse laicos como o Movimento Brasil Livre (MBL) e o Escola sem Partido, de religiosos (católicos e evangélicos, neopentecostais ou não), de maneira que sua aliança reforçou a tendência de atribuir problemas sociais concretos a inimigos imaginários, que podem ser comunistas, gays, feministas, pessoas trans. Esse tipo de prática política se alicerça em uma visão de mundo dividida entre os que representariam “o Bem” e os que representariam “o Mal”. Da política para a moral, grupos de interesse passaram a demonizar pleitos de direitos humanos por parte de mulheres, homossexuais, pessoas trans, travestis, intersex, entre outrxs, concatenando-os no fantasma que batizaram de “ideologia de gênero”

quis destruir a família como ela é ” - comentário da matéria “Monstro, prostituta, bichinha': como a Justiça condenou a 1ª cirurgia de mudança de sexo do Brasil e sentenciou médico à prisão” (GLOBO, 2017 h, s.p) .

- “As pessoas estão brincando de Deus, acham q tem essa capacidade!!! Odeio isso!!!” - comentário da matéria “Ex-patricinha escolhe visual masculino como identidade em MG” (GLOBO, 2013 d, s.p).

- “Esse negócio de gênero quem inventou foi os marxistas politicamente correto, fica na base do discurso . para saber se e macho ou fêmea e só olhar os cromossomos xy homem xx mulher , no ser humano e assim. o resto são palavras que o vento leva e a pessoa fala o quer , mas não o que é” - comentário da matéria “Policiais que não impediram agressão a travesti são afastados” (GLOBO, 2015, s.p).

- “Imundícia! Podridão! Agora qualquer folgado vai poder 'virar mulher' quando completar 30 anos de trabalho pra se aposentar antes. Esse STF PORCO indicado pelo condenado nove dedos de esquerda deveria ser todo fuzilado na praça dos 3 poderes” - comentário da matéria “STF decide que transexuais e transgêneros poderão mudar registro civil sem necessidade de cirurgia” (GLOBO, 2018 b, s.p).

- “Olhem na primeira foto, essxs são os típicos eleitores do PSOL e PT, l.i.x.os!” - comentário da matéria “Torturei minha 'garotinha' durante anos', diz mãe sobre aceitação de filho transgênero; relato viralizou” (GLOBO, 2016 a, s.p).

- “O progressismo esquerdista vai acabar com a civilização ocidental!!!! os valores, princípios, moralidade e tudo mais que conhecemos... Deixa teu filho em casa assistindo rede globo o dia inteiro pra ver se ele não vira um mongolóide esquerdopata comunista feminista transgênero” – comentário da matéria “Quem Sou Eu?: Conheça crianças transgêneros na estreia da nova série” (GLOBO, 2017 c, s.p).¹⁴¹

A questão de gênero nunca foi pauta de Karl Marx, pois nem tal conceito tinha sido elaborado como afirma Giddens (2010). O pensador moderno falou sobre a mulher, mas não sobre o prisma de gênero. Assim, como a transexualidade nunca foi uma problemática de centralidade de Marx e outros teóricos modernos da sociologia e das suas teorias marxistas. Talvez o que existe é uma espécie de imã cultural que uni os marxistas, os esquerditas da atualidade ao movimento feminista, LGBT e *queer*, porém, isso não quer dizer que todo

¹⁴¹ Na reportagem “Quem Sou Eu?: Conheça crianças transgêneros na estreia da nova série” (GLOBO, 2017 c, s.p) a palavra Deus aparece 28 vezes em 16 comentários e palavra comunismo 10 vezes em 10 comentários.

marxista e esquerdista acampou de vez as pautas e reivindicações desses movimentos. Raewyn Connell (2016) vê que o certame social destes está nas dinâmicas da masculinidade com o neoliberalismo. É uma relação de gênero com as instituições neoliberais. Para ela, o neoliberalismo tem um modelo de sujeito racional representado na figura do homem forte que toma decisões de forma autoritária, eficiente e sem piedade. Ainda, Connel (2015) sobre as religiões afirma que as mulheres que não deixam de seguir o discurso teológico acabam sendo complacentes em reconhecer a hierarquias da masculinidade nas religiões.

Os comentários, os grupos e as páginas digitais e as figuras circulantes on-line, regularmente partem do princípio que a transexualidade sendo algo ruim, inferior e sem valor deve assim ser associada a algo que também da mesma forma é considerado que é o comunismo. Para eles por serem (equivocadamente) malvistas socialmente acabam sendo associados e mais ainda, ambos associados à um malvisto maior: o feminino. Assim, o grupo *Hetero/orgulho* associa ao feminino como algo a ser ridicularizado, assim como as feministas, esquerdistas, lgbtistas e até homens que valorizam mulher que são chamados pelo grupo de *manginas* (junção das palavras *man* (homem) em inglês com gina, de vagina). Nas postagens os membros intitulam o “homem de verdade” como aquele provido de frieza, autoridade, racionalidade, autocontrole, decidido e sabe o seu valor, já o *mangina* é dito fracassado, pois é emocional, paga pau, sentimental, chorão, suplicante e implora atenção.



FIGURA 13. A ridicularização da mulher no grupo *Hetero/orgulho*.

Muitos comentários sociais vão me apresentando que ninguém reivindique pelas transexuais e que impeça que essas pessoas se organizarem enquanto um movimento de luta pelos seus direitos e, sobretudo, as condenem sempre se possível acusando-as de vitimização por quererem se privilegiar de direitos em relação aos outros, sem esquecer de vê-las como

uma real ameaça social. A transexualidade e a travestilidade trazem a ideia de ameaça ao tecido social por potencializarem o pensamento das relações e das identidades de gênero como construções sociais que também podem ser desconstruídas. Isso implica com que muitos grupos, páginas e figuras circulantes nas redes sociais convertam equivocada e intencionalmente a noção de desconstrução social em destruição social. A ideia distorcida de desconstruir em destruir é extremamente ameaçadora para a família, a sociedade, a concepção de Deus e a própria vida (heterossexual) e assim o outro que rompe com sistema binário de gênero, misógino, falocêntrico e heteronormativo é uma ameaça. Cria-se a ideia de um espantinho, tudo que a pessoa trans faz ou deixa de fazer é reprovável não importa o que seja o que ela faça e sim pelo fato do que ela representa. Assim, a disseminação de distorções é uma luta de sobrevivência desses grupos contra os estudos de gênero.

Segundo Isabela Oliveira Kalil (2018, p.4) a “ideologia de gênero” é apenas o olho de um furacão que mobiliza uma complexa rede de significados, categorias, marcadores, operadores políticos e forças.” A autora traz um conjunto desses elementos (temas) a partir de uma etnografia realizada entre os que estavam presentes nas manifestações contra a presença da filósofa Judith Butler em palestra no Sesc Pompéia, em São Paulo. Tal como a pesquisadora durante a realização da minha imersão oculta antropológica pela internet também percebi como a categoria “ideologia de gênero” mobiliza um conjunto de temas, no caso como verificado no on-line daquilo que principalmente deve ser combatido como: transexualidade, feminismo, LGBT, comunismo, socialismo, travesti, homossexuais, bissexuais, pessoa não binária, partidos de esquerda, indígenas, pluralidade de pensamento, diversidade cultural, laicidade, cultura, ciências humanas, intelectuais, ser humano, política, direitos humanos, cidadania, religiões afro, ateus, movimento sem terra, aborto seguro, sexualidade, artes, sexo, desigualdade social, meio ambiente, imigrante, Mercosul, Organizações Nações Unidas – ONU, latino americano, nordestino, muçulmano, pesquisa científica, aspectos sociológicos, dados históricos, filosofia.

A ideologia de gênero se torna um grande espantinho de que uma coisa vai sendo jogada a outra. Se uma pessoa é a favor da identidade de gênero, ela é feminista, militante LGBT, aceita a transexualidade e a homossexualidade, comunista, a favor da distribuição de renda, dos médicos cubanos, se torna satanista, ateu, adjetivações que se desdobram em teias aparentemente desconexas, mas que compõem de fato uma trama social costurada pelas linhas do temor da violação de valores tidos como intocáveis (heterossexualidade, sexualidade

das crianças, família em modelo canônico, lugar da mulher, questões raciais) somada a orquestrada criminalização da política formal como sendo um campo de corrupção e arrematada pelo temor à crescente violência urbana. Nesse cenário, ser a favor de se discutir estes temas e/ou ampliar o campo dos direitos para segmentos historicamente subalternizados em nossa sociedade, é coloca-la em risco. Assim, a opinião culposa de uma coisa vai sendo passada de uma em uma, constituindo uma grande associação maligna que produz o escopo da falácia do espantalho. Na maioria das vezes são ideias vagas sobre o assunto que vem acompanhado de um sentimento de medo junto ao discurso de ódio que tem desprezo pelo esclarecimento, diálogo, embasamento mais sofisticado e pelo que envolve o político, assim é tudo absurdamente associado.

Há ainda, que se considerar o recente fenômeno que ficou conhecido como *fake news*, a produção de matérias em formato jornalístico que, de fato, não estão baseadas em dados concretos ou em realidades empíricas verificáveis.¹⁴² É interessante pensar na potência de propagação dessas inverdades, o que não farei aqui, mas parece-me que sua potência está no fato de haver uma parte da população encontrar nas *fake news* suas ideias e valores sistematizados, organizados e expostos em formato crível. Muitas vezes, o entusiasmo é tal, que o conteúdo completo sequer é lido, atendo-se apenas sua manchete, gerando replicações rápidas, confiando-se, mais na força da mensagem que na fonte emissora, que pode ser até mesmo um tio, uma prima que diz ter recebido de fontes seguras, as quais, muitas vezes, não interessa saber quais são. Confia-se no emissor e no conteúdo como do grupo *Hetero/orgulho*.

Como já se mencionou, tais falácias colocam que Karl Marx inventou a “ideologia de gênero” ou ainda que ela “é coisa de marxista”, “invenção de comunista” e “negócio de petista”. Isso não quer dizer que associa-los faz com que desmereça um ou outro, ou que ser marxista ou *queer* é algo ruim por ser contrário a valores tidos como inegociáveis. Frequentemente, devido a efervescência das discussões sobre gênero, a transexualidade acaba sendo alvo de demonização por meio da ideologia de gênero e aqueles que a combatem veem que Marx e Engels seriam os precursores sobre a ideologia de gênero pelo fato desses

¹⁴² É importante fazer uma ressalva que os *memes* e as *fake news* não são inverdades, são discursos e, portanto, contemplam efeitos de verdades. Observa-se que nem sempre quando as pessoas postam e defendem ideias estarão acreditando nelas, as vezes até acreditem, mas isto não quer dizer que essas pessoas possuem uma moralidade estoica, talvez o contrário, no fundo o moralismo da onda conservadora é hipócrita; talvez este seja um componente a ser analisado: o moralismo é a defesa fundamentalista da moral, mas não é a moralidade. É preciso, talvez, desconstruir o moralismo reinante, mostrando, por exemplo que alguns pastores são picaretas, parte dos héteros são consumidores de pornografia gay, e, em alguns casos, de pedofilia, e frequentemente os políticos são oportunistas. O moralismo, assim, torna-se uma estratégia biopolítica para governar e, em última instância, eliminar corpos ingovernáveis.

falarem da família enquanto uma instituição social e não natural que revela a subordinação da mulher. Tal distorção revela uma disputa em torno de um modelo de sociedade e de um ideal de nação que estaria maculado pelos partidos de esquerda, principalmente pelo Partido dos Trabalhadores - PT e pelo Partido Socialismo Liberdade - PSOL, aonde gênero seria uma ideia marxista para “destruir a humanidade”. Por mais apocalíptico que pareça e por mais que nos perguntemos por que desejariam isso, as vozes dissonantes ficam abafadas pelo entusiasmo das frases de efeito, agora proferidas pelo presidente eleito. Observar a dinâmica desses compartilhamentos que advém também de outros grupos e páginas e que são replicados no *Hetero/orgulho* é perceber o quanto a distorção se torna um poderoso instrumento, principalmente, para a rejeição de um discurso que procura promover igualdades e que mesmo partindo de premissas frágeis e, até mesmo, falsas, tem a intenção primordial de fazer valer os valores e privilégios que esses grupos tem como bandeiras políticas como, por exemplo, da cis-heteronormatividade.¹⁴³

Ideias que distorcem, muitas vezes, são editadas e selecionadas para amplificar os fatos como, por exemplo, um vídeo intitulado de *ditadura gay* postado na página *Marco Feliciano* e compartilhado no grupo *Hetero/orgulho* que pede para os pais exigirem que as escolas não ensinem ideologia de gênero, expressão essa que já é uma distorção daquilo que na realidade são os estudos científicos de gênero nas escolas. Ao longo do vídeo, vários outros fatos são distorcidos, entre eles de que o nazismo é um partido de esquerda (e não de extrema direita), e mesmo que o regime tenha perseguido e matado homossexuais (fato o qual é ocultado) fornece fundamentos para a “ditadura gay” que é percebida atualmente como cada vez mais imposta. Segundo esse vídeo, tal como o nazismo, a ditadura LGBT obriga todas as pessoas aceitarem a homossexualidade e tudo aquilo se associa a ela como, por exemplo, o comunismo. Uma imposição gay que segundo a página *Marco Feliciano* usa da força e da

¹⁴³ Exemplos de ataques políticos aos direitos LGBT não faltam, eles estão nos projetos de lei de Marcos Feliciano (PSC/SP) e Eduardo Bolsonaro (PSC/SP) que visam barrar iniciativas da pasta na promoção da Cultura LGBT assim impedir cada vez mais os direitos a serem conquistados como também retroceder os direitos já conquistados. Como também no projeto de lei do deputado federal Victório Galli (Partido Social Cristão - PSC/MT) que deseja criminalizar as pessoas transgêneras (que não se identificam com o sexo biológico) de utilizarem o banheiro de acordo com seu gênero. São grupos políticos em articulação com grupos religiosos que vê a transexualidade como uma ameaça social e assim justificam o seu combate para que as pessoas *trans* não tenham acesso aos direitos que outros têm e ainda no desejo de derrubarem os poucos direitos que elas possuem. É uma luta política que se concentra e se esforça na retirada de direitos do outro e dessa forma é sempre lembrada até na justificativa “contra o ensinamento da mudança de sexo nas escolas” para a retirada do chamado por eles de “*impeachment*” de uma presidenta (TERRA, 2016, s.p). É um combate por parte desses grupos para impor as pessoas *trans* na condição de *homo sacer* e de bode expiatório ao mesmo tempo.

violência cometida por travestis mesmo que, na realidade, elas sejam as mais vulneráveis de violência e morte como revelam as pesquisas aqui citadas. Porém, esses dados que colocam as travestis como vítimas e não como algozes não são publicados em suas postagens.

A distorção é uma poderosa via de atuação advinda de páginas/grupos como *Orgulho de ser Reaça*, *Bolsonaro Presidente*, *Movimento Brasil Livre*, *Missões Cristãos*, *Silas Malafaia* e outras compartilhada no *Hetero/orgulho* que falaciosamente criam uma pseudo-realidade que torna a exceção uma regra. Então dessa forma, existe todo um cuidado dessas páginas e grupos em postar reportagens e informações que somente criminalizem determinadas pessoas e grupos sociais. A visão de culpar as pessoas trans colocando-as como ameaçadoras levam os frequentadores dessas páginas e grupos não se perguntarem sobre o porquê dos crimes contra estas pessoas. Ou como provoca Judith Butler,

o que precisamos perguntar é: por que alguém seria assassinado em razão do modo como anda? Por que esse andar seria tão perturbador para os outros garotos, perturbador a ponto de sentirem que precisam pará-lo a qualquer custo, que precisam erradicar a possibilidade de essa pessoa voltar a andar novamente? Parece-me que estamos tratando aqui de um pânico ou medo profundo e extremo, de uma ansiedade relacionada às normas de gênero (Judith Butler, 2006, parte 3-6, tradução livre).

Essa ansiedade à qual se refere Butler são banalizadas nessas plataformas, e assim vista como “mimimi”¹⁴⁴. Pensá-las como vítimas é extremamente incômodo e inadmissível. Por isso esses grupos veem a necessidade de disseminação dessas falsas notícias por meio de compartilhamentos em massa junto à uma postura de indiferença justificada no “se não fizer isso, eles farão com a gente.”

Mesmo diante dessas fragilidades argumentativas, como, por exemplo, a afirmação de que a transexualidade não é uma questão de identidade de gênero e sim uma “sem vergonhice” e que estudar gênero e sexualidade é fazer com que os/as alunos/as se tornem transexuais e homossexuais, faz com que aquilo que é compartilhado no grupo mesmo sendo *fake news* e dados que faltam de substância teórica - empírica científica tenham força. O conhecimento científico fica enfraquecido diante das *fake news*, pois elas estão arraigadas no sistema de crenças. Por isso existe, constantemente, nas postagens desses grupos como do *H/O* um desprezo ao intelectual e (também do artista) seja na figura do/a sociólogo/a, do/a filósofo/a seja do/a historiador/a. São figuras vistas como ameaçadoras e a serem combatidas

¹⁴⁴ Segundo Larissa Pelúcio (2018, pp. 184-185), “a onomatopeia usada para falar dessas manifestações já desqualifica os sentimentos a elas associados. Lidos como caprichos, não como tentativas (nem sempre bem encaminhadas) de se estabelecer relações com mais parceria e simetria, os “mimimis” tendem a não provocar sérias reflexões acerca da relação e podem ser vistos como forma infantil de querer cercar o espaço do outro”.

para que o ato de matar não seja visto como assassinato. Torturar não seja considerada tortura. Espancar mulheres até a morte, não seja feminicídio. Agredir homossexuais, não consista em homofobia. Linchar travestis e transexuais, não seja definido como transfobia e muitas vezes nem se quer crime. O amarelo passa ser acreditado como azul.

Nesses casos a distorção aliada à recusa que se transforma em uma espécie de política “espontânea” do ódio. Espontânea porque faz-se crer que a indignação é individual e que estes indivíduos isolados se encontram, por exemplo, on-line enxergando-se uns nos comentários dos outros, legitimando em boa medida sentimentos que foram, isto sim, orquestrados como políticas de governo ou ações pensadas de grupos organizados tais como parlamentares da muito falada bancada BBB (bala, boi, bíblia). “O ódio como política” faz com que as pessoas acreditem ou queiram acreditar mesmo quando os fatos propalados não são comprováveis em um exame mais cuidadoso.

Para o sociólogo Ricardo Mariano (2016) os evangélicos são os maiores inimigos da esquerda, do aborto e da ideologia de gênero. As frases de deslegitimação aqui levantadas muitas vezes parecem vir diretamente dos cultos evangélicos, frequentemente são carregadas de ódio, mas de um ódio purificador, como do discurso da Igreja durante a inquisição. Tal aproximação já que ela é autorizada pela questão da caça às bruxas, pode ser percebida na ocasião da vinda ao Brasil da Judith Butler. O discurso de ódio, muitas vezes, de líderes políticos e religiosos são multiplicados em rede sociais e muitos dos seus seguidores, usuários e comentaristas estão mais preocupados em replicar as informações que essas figuras circulantes on-line transmitem por meio de compartilhamentos do que necessariamente com o conteúdo daquilo que está sendo compartilhado nas redes on-line. Dessa forma, muitos vão compartilhar uma notícia mesmo tendo ciência que é *fake news*, no sentido de disseminar suas verdades, ainda que esta possa ser promotora de ações odiosas sejam on-line ou off-line. O conceito de “verdade” ou de “realidade dos fatos” ou ainda de uma explicação de argumento científico de um especialista sobre o assunto acaba não tendo importância e sim o ato de disseminar.

No caso das questões relativas à sexualidade e ao gênero, a recusa, como vimos, se ampara no desprestígio das ciências humanas e se respalda em recursos primários das ciências biológicas. Como vimos, sexualidade e gênero não se resumem a Xs e a Ys, trata-se de um instrumento de análise das relações humanas e sociais, relaciona-se com poder e regulação de corpos e subjetividades. Assim, a chamada ideologia de gênero representa uma forma de

enfraquecer mais especificamente as ciências sociais e demonizar ativistas ou simplesmente aqueles e aquelas que escapam da “cistema”.¹⁴⁵ Assim, se Butler (2003) nos revela que gênero é um problema político e ontológico, e inclui-se nele, como pode-se observar, também um problema epistemológico.

Como foi sendo percebido ao longo dessa tese, é que não obstante a maior visibilidade trans nas redes, considerando o campo de pesquisa, a naturalização das diferenças de gênero e sexualidade, a misoginia e a patologização da condição trans são as marcas predominantes nos discursos deslegitimadores. Apesar da maior visibilidade das trans, a pesquisa revelou que há uma predominância do discurso de deslegitimação. A recepção sobre a transexualidade não revelou um discurso novo para deslegitima-la, esse discurso é o mesmo usado, muitas vezes, no off-line, ele ainda é biologizante, patologizante e de fundamento religioso. Enfim, não se criou um novo discurso para deslegitimar a transexualidade nas mídias digitais. Dessa forma, a misoginia se torna a base da construção do discurso de deslegitimação da transexualidade seja ela off-line seja ela on-line. Portanto, a recepção da transexualidade revelou que o discurso deslegitimador possui dois principais desdobramentos: a misoginia e a demonização de gênero.

Outro ponto a ser destacado é que a transexualidade é muitas vezes eleita para discutir outras questões como se percebe no grupo *H/O*. Ao longo da pesquisa identificou-se a transfobia com uma visão conservadora mais ampla que é contra todos os temas progressistas, indicando então, que se trata de uma estratégia discursiva e de poder que visa deslegitimar o pensamento cosmopolita e vilipendiar as diferenças. Sendo assim, são os mesmos grupos sociais e políticos que constituem a base social que legitima a desigualdade como sendo natural, criminaliza as diferenças e torna os diferentes em *homine sacri*.

Ainda, é preciso frisar, que as semânticas das palavras do vocabulário de gênero usadas pelo discurso deslegitimador traz tanto um esvaziamento do sentido da palavra como a deslegitimação do lugar de autoridade dos/as estudiosos/as de gênero, principalmente, dos/as cientistas sociais.

¹⁴⁵ Sistema de normas cisgêneras, que em “uma corruptela de ‘sistema’, com a intenção de denunciar a existência de cissexismo e transfobia no sistema social e institucional dominante” segundo Viviane Vergueiro (2015, p.225).

A *batalha* poderia ter sido mais amena se no momento que a minha irmã fez o seu primeiro curso superior, no início dos anos 2000, os espaços tidos como mais críticos se mostrassem providos de um vocabulário de gênero mais diverso. Por não haver uma problematização das percepções de gênero mais constante nesses espaços, eram recorrentes indagações como: De que maneira uma transexual conseguiu ingressar um curso superior de uma conceituada universidade pública através de um processo seletivo? Mesmo que haja uma luta para que gênero seja percebido como uma categoria central de análise social e agora parece que suscita esta tremenda recusa que aparece no sintagma “ideologia de gênero”, naquele momento não havia centralidade de discussão sobre gênero por parte dos docentes que se mostravam, durante a graduação de minha irmã, uma singularidade estabelecida pelas normas cis-hegemonativa cristã que a todo instante dizia que não havia espaço para transexuais. Como por exemplo, a resistência de professores de estágios no uso do banheiro de acordo com a afirmação de gênero e o nome social no crachá do estágio, ao ponto da psicóloga da universidade intervir com os docentes.

O digital amenizou a proibição do direito de existir das pessoas transexuais, possibilitou uma política de existência (MELO, 2016). Se apropriar de uma gramática por meio dos estudos de gênero e estar conectada a grupos nas redes sociais tornou o mundo de existência de minha irmã mais plena, acessível, para uma pessoa de classe média, a um *click*. Mas, como espero ter mostrado aqui, a mesma tecnologia de comunicação que serviu para criar redes solidárias serviu, muitas vezes, como vitrine de preconceitos que impactam subjetividades que mal começaram a se reconhecer como possíveis, bem como se pensarem fora da chave da patologia e/ou do desvio.

FINALIZANDO A CONEXÃO: reiniciando sempre o sistema

É momento de juntar os links e deixar uma (trans) conexão em aberto. Será que se pode ter um espaço para o otimismo da transexualidade pela rede? A recepção e a maior visibilidade das pessoas trans na internet está provocando uma mudança na opinião pública? De legitimidade? Ou de deslegitimidade? O estudo antropológico de imersão on-line me mostrou que os corpos trans se são alvos de discursos de ódio como política também são corpos de resistência e de luta pela existência plena de seus direitos.

Ficar imerso por quatro anos (2015-2018) em ambientes on-line onde comentários raivosos e outros nem tanto, mas que muitas vezes ajudavam a criar o ambiente de tensões e disputas de verdades, fez com que, por meio dos estudos de recepção, olhasse para o Portal como um grande quadro composto por outros quadros. Alguns desses pequenos quadros formados por sites, blogs e outros maiores como os portais dentro de um Portal maior. Fez perceber o Portal *Globo.com* como um conglomerado que carrega dentro dele portais, sites, blogs, com os mais diversos links formando assim um grande mosaico composto por matérias, fotos, anúncios entre outros elementos digitais internos com conexões externas como, por exemplo, com as redes sociais, o *Facebook*, um poderoso canal de opinião, inclusive de organização tanto para luta (*Transgente*) e como para o combate (*Hetero/orgulho*) da existência de determinados grupos sociais.

Do *plim plim* para o *click click* (bordão usado no lançamento do *Globo.com*) a transexualidade saiu de uma anedota predominantemente caricata e pejorativa para um campo mais político de cidadania e direitos, assim como um campo de disputas. Tal conversão se deu mais explicitamente com a participação de Ariadna Arantes no programa *Big Brother Brasil 11*.¹⁴⁶ Assim, a transexualidade adentrou e ainda adentra cada vez mais o tecido digital, e a sua recepção tem provocado as mais diferentes recepções, entre elas: a misoginia.

A vinda de Judith Butler em 2017 mostrou como as questões de gênero encontram dificuldades de serem compreendidas no Brasil. Seguindo a linha sobre a culpabilização do feminino, Butler foi e ainda é sentenciada por setores reacionários tanto políticos, religiosos

¹⁴⁶ Como foi destacado ao longa da pesquisa, no *Orkut* essa discussão começa ganhar outros rumos, aqueles mais políticos e humanizados. Além disso, a rede reflete um movimento social que engloba grupos organizados, e também de políticas públicas de um governo mais à esquerda, bem como o crescimento do campo das pesquisas sobre gênero e sexualidade a partir de uma perspectiva crítica e não biologizada. Isso veio desde as pesquisas sobre a aids, sob um prisma das ciências humanas.

como por figuras midiáticas como sendo a “mãe da ideologia de gênero” mesmo que como retrata Campana e Miskolci (2017, p.726) a expressão tenha a sua origem em documentos religiosos e tenha na realidade um “pai da ideologia de gênero”, Joseph Ratzinger, hoje para mérito, que “se constituiria uma peça-chave para começar a desenhar uma contraofensiva político-discursiva poderosa contra o feminismo.”

Vale ainda ressaltar, que na época pré-redes sociais era mais difícil saber o que as pessoas pensavam. A opinião pessoal não era ofertada abertamente. Primeiro porque o receptor era mais passivo, e também não havia um aparato tecnológico das mídias digitais para ajudar a proporcionar um protagonismo até então não vivenciado como é o usuário de mídias munido quase sempre a mão de seu *smartphone*, sobretudo pós-web 2.0, e agora com a web 3.0 (era dos aplicativos e da portabilidade). E segundo, tem de considerar que as pessoas vem cada vez mais perdendo o pudor de mostrar seus incômodos com os avanços de direitos no campo do gênero e sexualidade, porque se sentem protegidas pela tela, seja do computador ou do celular (o confronto que frequentemente não se dá face a face); ademais, porque surgiram figuras públicas como Bolsonaro, que respaldadas pela mídia de massa, por suas posições de poder, autorizaram, em alguma medida, a manifestação despudorada de ódios.

Nessa malha on-line, verifica-se que são canalizados um leque de sensações que vão de sentimentos de amor e ódio, inveja e admiração, direito e destruição. A mídia digital trouxe uma polarização maior do ódio, mas ela não inventou o ódio. Entretanto percebe-se que na mídia digital como em quase toda rede web que existe uma lógica biopolítica em que determinadas pessoas ou grupos sociais devem ser abjetados, excluídos e liquidados tanto da vida off-line como também da on-line. Uma rede web também que pode ser percebida, enquanto, um dispositivo panóptico (FOUCAULT, 1996). De uma vigilância constante dos seus usuários que na incerteza de não saber quando estão sendo vigiados disciplinam o seu comportamento antes de despejar o seu ódio em cliques, mas que em muitos momentos como descrevemos durante a pesquisa, não se importam em expor os seus preconceitos e suas desumanizações. Esse possível vigiar *web* potencializado por fazer mais usuários que expõem suas vidas em redes sociais permite com que eles descubram, por exemplo, que aquele vizinho que o cumprimenta todos os dias é um transfóbico, pois o tal vizinho seguiu páginas ou curti postagens preconceituosas.¹⁴⁷ Não tão longe das telas digitais, a violência contra as

¹⁴⁷ Muitas vezes desconsideram a internet como apenas um meio (SANTAELLA, 2003). Portanto, nessa linha de

trans foram confirmadas por pesquisas como o dossiê da *Transgender Europe* – TGEU (2014) que revelou o Brasil como uma sociedade de controle que mais mata transexuais e travestis no mundo.

A recepção se mostrou possível e quantificável, permitindo ainda análise qualitativas por meio das quais procurei compreender os discursos sobre a visibilidade da transexualidade nas mídias digitais. Utilizar da imersão nas plataformas on-line de maneira oculta foi uma experiência instigante e desafiante que me trouxe a possibilidade de descrever em detalhes a dinâmica da receptividade da transexualidade. Vimos que na recepção sobre a transexualidade existem dois maiores tipos de discursos, os deslegitimadores e os legitimadores das pessoas trans que são formados respectivamente por enunciados. Assim como para Butler (2003) partindo das formulações de Foucault (2006) o discurso são:

grandes grupos de enunciados que governam o modo como falamos e percebemos um momento ou momentos históricos específicos (...) eventos reiteráveis que estão ligados por seus contextos históricos (...) continuidades entre os enunciados que juntos, constituem formações discursivas (...) nas posições de sujeito pressupostas pelos enunciados e no modo como os sujeitos são discursivamente constituídos (SALIH,2013 p.69).

Por sua vez, os enunciados deslegitimadores mais frequentes levantados foram os de exclusão, desumanização e distorção em relação a transexualidade, uma tríade enunciativa que expressa que grande parte dos comentários não conseguem desapegar dos conceitos advindos de um essencialismo de visão de origem biológica ou de criação divina de que “homem é homem e mulher é mulher” e assim não há uma diversidade nas formas de se viver historicamente as masculinidades e feminilidades. Se apegam as crenças por meio de um regime de verdade, o qual procurei entender neste trabalho. Outros enunciados legitimadores da transexualidade possuem movimento de reconhecimento das transexuais, e se mostram em sua maioria inclusivos, humanos e esclarecidos. É necessário ainda destacar a força dos enunciados, dos discursos que se convertem em práticas como a passabilidade da estética das trans, a desumanização e da abjeção dos seus corpos, a negação da demanda e dos direitos das pessoas transexuais.

pensamento, a internet sendo um meio, o ódio ali na rede não foi criado na rede, ele vem da sociedade. Usa a rede como meio. O ódio não é uma invenção duma plataforma produtora em potencial de transfobicos? A internet é o que a gente faz dela. A lista é imensa. É muita responsabilidade pra uma Internet só. A culpa não é da tecnologia, nem da internet ou redes sociais digitais (VENCATO, 2017).

É preciso dizer finalizando aqui, que desenvolver uma pesquisa sob viés pós-estruturalista é desafiante, uma vez que o uso de algumas palavras e conceitos podem se tornarem armadilhas daquilo que fundamenta as teorias pós-estruturalistas. Isso me exigiu um esforço e cuidado com a utilização dos termos e palavras para não me contradizer ao usá-las, por exemplo, o uso de expressões “verdade”, “verdadeiro” ou ainda “verdadeiramente”, uma vez que as vertentes pós-estruturalistas rejeitam as “verdades absolutas.” A teoria *queer* também me possibilitou perceber que não imponho uma “verdade” por meio deste estudo antropológico, e sim proponho uma estratégia que seja menos cruel para com as transexuais. Existe motivo para mudança, para desconstruir a lógica de gênero e sexualidade vigente para que politicamente traga felicidade também para as pessoas transexuais.

À medida que a pesquisa foi sendo desenvolvida, o conceito de gênero se tornou, no cenário nacional, uma palavra amaldiçoada e perigosa. Ao mesmo tempo, uma palavra negada nos espaços escolares por grupos conservadores, mas insistentemente convocada principalmente para demarcar as diferenças entre mulheres e homens nos espaços mais cotidianos da vida social. Por outro lado, o vocabulário sobre gênero vem ocupando espaço no on-line e se mostra conceitualmente em disputa seja pela academia seja pelos movimentos sociais e ainda pelas próprias pessoas trans. Berenice Bento (2018) instiga a refletir que o gênero das pessoas sendo diagnosticado é uma forma de permitir que os seres construídos como abjetos continuem habitando as margens do Estado e que suas vidas sejam vistas ameaçadoras e matáveis. Nessa lógica biopolítica, os discursos/atos de fala demarcam nossos gêneros e nossas sexualidades tornando-os de vidas possíveis e pensáveis, uma vez que o sexo não é pré-discursivo (BUTLER, 2003).

Observa-se que em relação aos estudos de gênero tem sido usado diversos epítetos, entre eles, ideologia de gênero, ideologia de esquerda, ideologia da destruição da família, ideologia contra Deus. A escola não deve se omitir de seu papel formador, o que, entendo, envolve lidar com as relações de gênero que constituem fortemente nossas vidas. Entretanto, as resistências às ideias aos estudos de gênero, as recusas às ideias das pesquisas de gênero revelam justamente porque a teoria de gênero parece fazer sentido e ameaçar a ordem binária dos gêneros, bem como a naturalização da heterossexualidade. E tem assustado justamente porque a sociedade brasileira passa a se deparar, desde as últimas duas décadas do século passado, com flagrantes mudanças no campo das relações de gênero e sexualidade, politizando assim esses temas como nunca havíamos experimentado. Como vimos esse

contexto macrosocial deve ser considerado também. São os fatores off-line em simbiose com os fatores on-line.

Alguns elementos levantados pela pesquisa imersiva on-line apareceram e ganharam força no cenário eleitoral de 2018. Como foi evidenciado a recepção da transexualidade se mostrou em sua maioria condensada em dois movimentos: os legitimadores e os deslegitimadores da existência das pessoas transexuais. O de legitimação, essencialmente, se mostrou por uma luta pela igualdade de direitos e o de deslegitimação, ao contrário, é contra o tratamento igualitário que, por conseguinte, se desdobrou em dois outros tipos de recepção: a da misoginia e a de amaldiçoamento do gênero.

Nesse período eleitoral foi possível encontrar, como aqui verificado, na recepção da transexualidade a representação do masculino (uno) e do feminino (múltiplo) de Irigaray (1985) e a masculinidade hegemônica retratada por Connell (2016). Nessa linha de pensamento proposto pelas duas autoras, pode se perceber que o PSL – Partido Social Liberal, do então candidato, Jair Bolsonaro seria a representação do masculino na figura do homem liberal. Já, o PT – Partido dos trabalhadores, do então candidato, Fernando Haddad, seria a simbolização do feminino, que ao contrário do “homem de bem”, seria a personificação de todos os temores que apareceram em tom, muitas vezes raivoso, disperso em centenas de comentários aqui explorados.

Ainda pensando na dimensão política decisiva da pauta de gênero no pleito eleitoral de 2018, quando, justamente, finalizava-se a escrita desta tese, chama a atenção o e a candidata a vice-presidência da República: o do PSL, o General Mourão, representa o símbolo bélico tão reverenciado pelo grupo *H/O* como sinônimo de heterossexualidade, já a vice do PT, Manuela D’Ávila, mulher e jovem de esquerda que estampou camisetas e viralizou com a *hashtags* com a frase *lute como uma garota*, evidenciaram o quanto essa eleição foi uma disputa entre o masculino e o feminino.¹⁴⁸

Ainda a prática imersiva on-line realizada no grupo *Hetero/orgulho* foi me indicando como Jair Bolsonaro (naquele momento deputado do baixo clero) que, no início dessa pesquisa em 2015, era uma figura de um *meme* aonde os membros do grupo canalizavam em

¹⁴⁸ #elenão foi outra hashtag que se espalhou pelas redes sociais e se converteram em manifestações off-line em diversas cidades do Brasil em repúdio ao candidato a presidente Jair Bolsonaro devido suas declarações contra as minorias sociais e o fato do então candidato se mostrar misógino. Apesar de uma luta de resistência frente aos preconceitos, alguns setores sociais conservadores criticaram o movimento por ser feminista, mesmo que o feminismo seja uma realidade global que luta pelos direitos igualitários entre homens e mulheres.

sua representação os seus preconceitos foi ganhando espaço político e tornando-se uma autoverdade, uma representação da verdade, ou melhor, a própria “verdade” para os seus eleitores. Era a pesquisa imersiva alertando o desfecho de quanto esse movimento de campanha eleitoral revelaria uma pauta moral, na qual o gênero se tornaria uma palavra capaz de mobilizar diferentes afetos, servindo mesmo para justificar a adesão de parte do eleitorado à candidatura e eleição de Bolsonaro.

Juntamente da ideia criada de ser ele “fora do sistema” político, temos a ideia de ser absolutamente integrado e defensor do “cistema”, no qual os binarismos são restritivos e excludentes, além de assimétricos (homem/mulher; branco/negro; heterossexual/homossexual; gente de bem/bandidos). Apagar o gênero ou coloca-lo como perigoso, é também a tentativa de apagar vidas. Como vimos, esta pauta se entrecruza com muitas outras,¹⁴⁹ é que com sua anunciada “virtude” moral, estaria acima das questões da política partidária ou de Estado, mas falando de algo maior e mais “universal” como a “família”¹⁵⁰ e a proteção de crianças. Exemplo síntese desses temores foi a cruzada contra o *kit gay* (que na realidade era o material "Escola sem Homofobia" de formação sobre questões de gênero e sexualidade) usado com distorções pelo PSL para atacar o adversário do PT.¹⁵¹

O processo eleitoral trouxe ainda à cena o ataque a intelectualidade. O/A professor/a foi e tem sido visto como um/a inimigo/a do Estado.¹⁵² A abolição do pensamento crítico nas

¹⁴⁹ Como falado a antropóloga Isabela Oliveira Kalil (2018, p.4) descreve que “nesta rede, a categoria ideologia de gênero - em seus múltiplos significados a partir de diferentes grupos - é o elemento que mobiliza temas como família, Estado, educação, drogas, demarcação de terras indígenas, temas de segurança pública como prisão, redução da maioria penal e porte de armas, saúde, alistamento militar, reforma da previdência, cálculo do tempo da aposentadoria de homens e mulheres, mercado de trabalho, intervenção militar, casamento, direitos humanos, adoção, aborto, polícia, militarismo, secularismo, sexualidade, comunismo, religião, antifascismo, futebol, infância e, não menos importante, o movimento Escola Sem Partido”. Gênero se torna uma questão para discutir outras questões.

¹⁵⁰ Dados demográficos como do IBGE e do PNAD têm mostrado, principalmente, nesses últimos anos, uma pluralidade de arranjos familiares cada vez maior no Brasil.

¹⁵¹ Como vimos Castell (1999) afirmara o quanto as redes sociais poderiam fortalecer a democracia, entretanto, o que presenciamos foi que as redes começaram a ser usadas pela direita em 2013 e, que ao finalizar esta tese, o fenômeno das *fake news* aparece com força para distorcer fatos sobre adversários políticos. Utilizando -se de uma pauta moral, vimos que a avalanche de *fake news* produzidas na campanha de Bolsonaro não puderam ser desmentidas, nem quando as pessoas assumiam que aquilo não era mesmo fato e o uso do *WhatsApp* foi fundamental para o disparo de notícias falsas e garantir mais eleitores.

¹⁵² A professora Marlene Fáveri da Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC entrou com queixa crime por calúnia e difamação contra a ex- mestrand, Ana Caroline Campagnolo, que hoje eleita deputada estadual pelo PSL. Logo após a eleição Ana Caroline postou em rede social uma mensagem incentivando estudantes a denunciarem professores "doutrinadores". A ação contra a professora realizada pela aluna foi dada improcedente, uma vitória para Fáveri, historiadora reconhecida internacionalmente nos estudos de gênero e feminismo.

escolas foi pleito e continua sendo desejo do candidato do PSL eleito presidente que se encontra alinhado a “Escola Sem Partido”. Diante desse discurso de repressão de pensamento e impedimento de expressões por Bolsonaro, questões surgem como: Por que se recusa fortemente um candidato com o perfil do Haddad? Professor e defensor da liberdade de pensamento? O antipetismo como portador daqueles ditos “males” todos listados aqui pode indicar a possível escolha do PSL e não do PT? Apesar de confirmado, ao longo da campanha eleitoral, o quanto Bolsonaro representa ser contrário aos direitos humanos, além de portador de uma fala anti-diversidade e anti-pluralismo. A pergunta que fica é por que essas posições encontraram eco na sociedade brasileira a ponto de alça-lo ao cargo máximo da Nação com alta porcentagem de votos?

Quando analisamos os dados divulgados pelo instituto *Sintonia Eleitoral* (ferramenta que compara os pontos de vistas do eleitorado com as plataformas dos candidatos à Presidência)¹⁵³ a pergunta feita acima se torna ainda mais exigente. A pesquisa mostra que parte dos brasileiros é contrária às várias pautas que Bolsonaro apresentou durante o pleito eleitoral (armamento, casamento homossexual, aborto, entre outras).¹⁵⁴ Ainda sobre essa pauta moral que consegue eleger um ex-militar que, segundo a pesquisa, não seria representativo em termos de valores sociais e morais manifestos pela maioria da população, fica a questão: o que então justifica sua eleição? Onde estaria essa contradição? Qual a importância da pauta de gênero e sexualidade como definidora da adesão à suas propostas? Talvez, uma das fontes possíveis para se ensaiar respostas esteja entre os membros do grupo *Hetero/orgulho*: a vingança do “macho branco” contra as minorias sociais.¹⁵⁵ Uma eleição que se mostrou de contradições, pois, ao mesmo tempo que se elegeu Eduardo Bolsonaro

¹⁵³ Em parceria com o G1 a Ferramenta *Sintonia Eleitoral* e as pesquisas realizadas com os dados captados estão hospedadas no endereço eletrônico: <<https://sintoniaeleitoral.g1.globo.com/>>.

¹⁵⁴ Alguns dados extraídos da ferramenta de pesquisa trazem que 96% dos leitores defendem direito de protestar, a maioria diz que aborto deve ser permitido apenas para casos de estupro, risco de vida à mãe e anencefalia, a maior parte é contra facilitar compra de arma no Brasil, 68% diz que homossexuais devem ter os mesmos direitos que heterossexuais.

¹⁵⁵ Dados do DataFolha, IBOPE entre outros institutos de pesquisa, ao longo da eleição, foram traçando o perfil dos eleitores de Bolsonaro, algumas porcentagens fornecidas por esses institutos mostram que a maioria é composta por homens, brancos, jovens (16 a 24 anos), classe média, moradores das regiões centro-oeste, sudeste e sul e evangélicos. Um dos dados publicados em setembro de 2018 pelo DataFolha mostrou que 49% do eleitorado feminino jamais votaria em Bolsonaro, tal rejeição crescente entre as eleitoras provocou a criação de um grupo feminino no *Facebook* contrário ao candidato chamado de *Mulheres Contra Bolsonaro* chegando a 1 milhão de membros em uma semana.

como deputado federal (*overkill* de Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro, morta em 2018), houve a eleição das minorias sociais com as quatro herdeiras de Marielle, uma indígena, uma trans para o cargo de deputadas. Mas que também vale pensar na multidão silenciosa, que elegeu a extrema direita, mas que talvez não necessariamente seja de extrema direita, esta multidão que não se sente legitimada pelos espaços abertos pelas mídias digitais. Parece que as mídias digitais são mais espaços agônicos em que há confrontos nervosos de posturas contraditórias; e em muitos momentos da análise dos comentários, houve a impressão que os raivosos se manifestam mais do que os moderados.

Observou que a lógica da biopolítica tem uma relação com o sagrado e que alguns grupos sociais como o das pessoas trans devem ser limpados em nome de Deus e pelo bem do Estado. Novamente, o processo eleitoral, trouxe tais elementos no lema de campanha do PSL “*Brasil acima de tudo e Deus acima de todos.*” Confirmando o quanto algumas pessoas e determinados grupos não terão espaço para habitar a nação: feministas, lgbtistas, comunistas, professores de esquerdas, homossexuais, travestis, transexuais entre outros/as. Tais limpezas anunciadas pelo discurso de ódio on-line vão se tornando violência e morte no off-line de pessoas que se posicionaram contra essa agenda conservadora e preconceituosa: morte do capoeirista em Salvador, universidades sendo alvo de opressão, mulheres-cis e trans agredidas, estupradas e mortas pelo Brasil. São as manchetes comprovando: “Aos gritos de ‘É Bolsonaro’, jovem transgênero é agredida a coronhada em Santarém” (GLOBO, 2018,s.p).

A cena eleitoral confirmou que a transfobia anterior ao espantinho da pessoa trans possui um espantinho “original”, a do feminino. Enfim, uma misoginia que alimenta sistematicamente as páginas e os grupos que combatem a transexualidade nas redes sociais. Tornando assim, a misoginia como um massacre de gênero, aonde o massacrado é o feminino. Dessa forma se pode afirmar que o ódio ao intelectual pode ter raízes no feminino. O combate a intelectualidade se mostra muito presente nas mídias digitais, vide os comentários que ao tentarem esclarecer postagens com opiniões preconceituosas em páginas e grupos nas redes sociais e em portais noticiosos são vistos como um posicionamento de ataque e assim respondidos com muita agressividade. O esclarecer vira incômodo, o informar entendido como ataque, a ciência se torna chata, especialmente a das humanidades que tenta trazer na figura do intelectual a luz do conhecimento.

O historiador Richard Hofstadter (1967) investigou o anti-intelectualismo nos Estados Unidos que na primeira metade do século XX tornou-se incisivo na cultura americana. O

ataque a intelectualidade segundo o autor foi e continua sendo motivado tanto pela visão religiosa como pelo discurso político aliado ao espírito empresarial influente na sociedade e no Estado, numa supervalorização de estudantes com bom rendimento nos esportes e não acadêmico da sala de aula. Os homens, o estudante-atleta (populares), a política conservadora e militar, as atividades esportivas, o conhecimento especializado prático e monofocalizado foram associados ao masculino. Por outro lado, ao feminino aquilo lido como coisas de mulheres (ou de gays) foi associado ao estudante nerd risível e desajeitado (impopular), a literatura, política, filosofia, cultura e artes, numa formação mais pluralista e das humanidades. O intelectual visto como algo desprezível para o modelo uno masculino e assim lançado ao repudiado modelo múltiplo feminino que Irigaray (1985) aqui já descreveu.

No Portal me deparo com a manchete “SP elege sua primeira deputada transgênera” (GLOBO, 2018, s.p), apesar desse avanço trans como outros, muitas vezes, postados em rede como no site *Nlucon* sobre conquistas trans em espaços políticos, é preciso dizer que, assim como os grupos sociais dos negros, homossexuais e das mulheres-cis não terem conseguido plenamente sua integração na sociedade, o caminho para as pessoas transexuais ainda está sob vigilância dos holofotes dos preconceitos. Há ainda muita luta.

“*Ai, minha Deusa! Quantas lutas ainda vou ter que lutar pra não ter mais que lutar nenhuma luta?!*”, escreveu Leticia Lanz (2017, s.p), em uma de suas muitas postagens no grupo *Transgente*. Sua questão sintetiza o cansaço que às vezes nos toma, bem como expressa, de forma bem-humorada que, como nos ensinou Foucault, estamos em permanente embate: poder e resistências. Aposto, ainda que no momento final desta escrita as vidas trans voltassem a ser mais ameaçadas do que quando iniciei o trabalho, que a mobilização de saberes disruptivos são capazes de enfrentar circuitos discursivos simplistas e lineares, criando curto circuitos, pirotecnicamente, como numa celebração às lutas que priorizaram a inclusão de mais e mais corpos no campo da humanidade, contra os espectros da abjeção.

Fontes do Portal *Globo.com*

ARANTES, Ariadna. **Ariadna é a primeira eliminada do 'BBB 11'**. In: GLOBO. (2011) Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/01/ariadna-e-primeira-eliminada-do-bbb-11.html>>. Acesso em: 02 fev. 2014.

GLOBO. In: GSHOW (2017 a). **Resumo de 'Encontro com Fátima Bernardes' de sexta-feira, 17 de fevereiro**. Disponível em: < <http://gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/resumo/2017/02/17.html> >. Acesso em: 17 fev. 2017.

GLOBO. In: G1 (2017 b). **Facebook atinge os 2 bilhões de usuários**. Disponível em:<<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/facebook-atinge-os-2-bilhoes-de-usuarios.ghtml>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

GLOBO. In: EGO (2008 a). **Roberta Close afirma que é mulher, casada e feliz**. Disponível em:<<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL314531-9798,00-ROBERTA+CLOSE+AFIRMA+QUE+E+MULHER+CASADA+E+FELIZ.html>>. Acesso em: 03 mai. 2018.

GLOBO. In: G1 (2008 b). **O que é: Portal**. Disponível em:<<http://g1.globo.com/Noticias/0,,MUL414442-15524,00-O+QUE+E+PORTAL.html> >. Acesso em: 20 abr.2018.

GLOBO. In: G1 (2008 c). **Globo.com estreia portal para iPhone e outros smartphones**. Disponível em:< <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL774442-6174,00-GLOBOCOM+ESTREIA+PORTAL+PARA+IPHONE+E+OUTROS+SMARTPHONES.htm> l>. Acesso em: 20 abr.2018.

GLOBO. In: G1. (2012 a). **Facebook passa Orkut e vira maior rede social do Brasil, diz pesquisa**. Disponível em: < <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/01/facebook-passa-orkut-e-vira-maior-rede-social-do-brasil-diz-pesquisa.html> >. Acesso em: 17 jun. 2017.

GLOBO. In: G1. (2017 c). **Quem Sou Eu?: Conheça crianças transgêneros na estreia da nova série** . Disponível em:<<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/03/quem-sou-eu-conheca-criancas-transgeneros-na-estreia-da-nova-serie.html>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

GLOBO. In: G1 (2016 a). **Torturei minha 'garotinha' durante anos', diz mãe sobre aceitação de filho transgênero;** relato viralizou. Disponível em < <http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2016/10/torturei-minha-garotinha-durante-anos-diz-mae-sobre-aceitacao-de-filho-transgenero-relato-viralizou.html>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

GLOBO. In: G1 (2016 b). **Documentário 'Trans' mostra a vida de transgêneros no Brasil**. Disponível em:< <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2016/07/documentario-trans-mostra-vida-de-transgeneros-no-brasil.html>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

GLOBO. In: G1 (2015 a). **“Representei a dor que sentimos', diz transexual 'crucificada' na Parada Gay”** (GLOBO, 2015, s.p). Disponível em < <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/06/representei-dor-que-sentimos-diz-transexual-crucificada-na-parada-gay.html>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

GLOBO. In: G1 (2017 d). **Unicamp tem 1ª travesti doutora: 'Universidade aprendeu a se transformar para que pessoas como eu caibam ali'**. Disponível em:<<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/unicamp-tem-1-travesti-doutora-universidade-aprendeu-a-se-transformar-para-que-pessoas-como-eu-caibam-ali.ghtml>>.

Acesso em: 08 dez. 2017.

GLOBO. In: G1 (2015 b). **Transexual advertida em banheiro de escola vai processar o Estado**. Disponível em:<<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2015/06/transexual-advertida-em-banheiro-de-escola-vai-processar-o-estado.html>>. Acesso em: Acesso em: 08 jun. 2016.

GLOBO. In: G1 (2018 a). **Jovem trans relata preconceito ao ter entrada gratuita negada em casa noturna**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/jovem-trans-relata-preconceito-ao-ter-entrada-gratuita-negada-em-casa-noturna.ghtml>>. Acesso em: Acesso em: 10 mai. 2018.

GLOBO. In: G1. (2015 c). **Aluno transexual é expulso da Cásper após criticar método de professora**. Disponível em: < <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/10/aluno-transexual-e-expulso-da-casper-apos-criticar-metodo-de-professora.html>>. Acesso em: 13 out.2015.

GLOBO. In: G1. (2015 d). **Nº de transexuais que usarão nome social no Enem cresce 172%, diz Inep**. Disponível em<<http://g1.globo.com/educacao/enem/2015/noticia/2015/10/n-de-transexuais-que-usarao-nome-social-no-enem-cresce-172-diz-inep.html>> Acesso em: 13 out.2015.

GLOBO. In: G1 (2016 c). **Mulher transexual é impedida de embarcar em aeroporto de SC ao usar nome social**. Disponível em:< <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/mulher-transexual-e-impedida-de-embarcar-em-aeroporto-de-sc-ao-usar-nome-social.ghtml>> Acesso em: 31 dez.2016.

GLOBO. In: G1. (2018 b). **STF decide que transexuais e transgêneros poderão mudar registro civil sem necessidade de cirurgia**. Disponível em:<<https://g1.globo.com/politica/noticia/stf-decide-que-transexual-podera-mudar-registro-civil-sem-necessidade-de-cirurgia.ghtml>>. Acesso em: 01 mar.2018.

GLOBO. In: G1. (2016 d). **Jovem transexual faz campanha para realizar cirurgia de retirada dos seios**. Disponível em: < <http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2016/01/jovem-transexual-faz-campanha-para-realizar-cirurgia-de-retirada-dos-seios.html>>. Acesso em: 10 mai.2016.

GLOBO. In: G1. (2018 c). **'Monstro, prostituta, bichinha': como a Justiça condenou a 1ª cirurgia de mudança de sexo do Brasil e sentenciou médico à prisão**. Disponível em:<<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/monstro-prostituta-bichinha-como-a-justica-condenou-a-1a-cirurgia-de-mudanca-de-sexo-do-brasil-e-sentenciou-medico-a-prisao.ghtml>> Acesso em: 28 mar.2018.

GLOBO. In: G1 (2017 e). **Cresce número de pessoas que buscam processo transexualizador; homens são maioria, aponta instituto**. Disponível em:<

<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/cresce-numero-de-pessoas-que-buscam-processo-transexualizador-homens-sao-maioria-aponta-instituto.ghhtml>> Acesso em: 28 mar.2018.

GLOBO. In: G1 (2017 f). **Transexual ganha na Justiça direito de retirar os seios por plano de saúde.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2017/03/transexual-ganha-na-justica-direito-de-retirar-os-seios-por-plano-de-saude.html>>. Acesso em: 28 mar.2018.

GLOBO. In: EGO (2015 e). **Veja novas fotos de Thammy Miranda exibindo peitoral em revista.** Disponível em:< <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/11/veja-novas-fotos-de-thammy-miranda-exibindo-peitoral-em-revista.html>>. Acesso em: 27 mar.2016.

GLOBO. In: Revista Quem (2017 g). **Thammy Miranda fica sem camisa em estreia de peça.** Disponível em: < <http://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2017/05/thammy-miranda-fica-sem-camisa-em-estreia-de-peca.html>> Acesso em: 30 mai. 2017.

GLOBO. In: EGO (2016 e). Thammy Miranda e Andressa Ferreira posam de mãos dadas em praia. Disponível em:< <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2017/01/thammy-e-andressa-ferreira-posam-de-maos-dadas.html>> Acesso em: 30 mai. 2017.

GLOBO. In: EGO (2017 h). **Tereza Brant vai adotar nome masculino: 'Evoluí como pessoa'.** Disponível em:< <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2017/02/tereza-brant-vai-adotar-nome-masculino-evolui-como-pessoa.html>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

GLOBO. In: EGO (2016 f). **Tereza Brant mostra visual cada vez mais masculino.** Disponível em:< <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/03/tereza-brant-mostra-visual-cada-vez-mais-masculino.html>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

GLOBO. In: EGO (2015 f). **Tereza Brant faz uma análise de seu corpo 13 dias após tirar os seios.** Disponível em:< <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/06/tereza-brant-13-dias-apos-tirar-os-seios-como-se-tivesse-tirado-um-elefante.html>> Acesso em: 30 mai. 2017.

GLOBO. In: EGO (2017 i). **Ex-BBB Ariadna brinca de amamentar sobrinho e diz: 'Já estou treinando'.** Disponível em:< <http://ego.globo.com/criancas/noticia/2017/01/ex-bbb-ariadna-brinca-de-amamentar-crianca-e-diz-ja-estou-treinando.html>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

GLOBO. In: EGO (2016 g). **Ariadna fala sobre suposto comentário polêmico de Biel em rede social.** Disponível em:< <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/08/ariadna-fala-sobre-antigo-comentario-de-biel.html>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

GLOBO. In: EGO (2015 g). De férias no Brasil, Ariadna dispara: 'Dizem que fui pra Itália me prostituir'. Disponível em:< <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/09/de-ferias-no-brasil-ariadna-dispara-dizem-que-fui-para-italia-me-prostituir.html>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

GLOBO. In: REVISTA MARIE CLAIRE (2017 j). **Lea T. revela que sentiu o primeiro orgasmo somente após a cirurgia: "até chorei".** Disponível em:<

<https://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2017/03/lea-t-revela-que-sentiu-o-primeiro-orgasmo-somente-apos-cirurgia-ate-chorei.html>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

GLOBO. In: VOGUE (2016 h). **Lea T será 1ª transexual em cerimônia de abertura na história das Olimpíadas.** Disponível em:< <https://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2016/07/lea-t-sera-1-transsexual-numa-abertura-olimpica-na-historia.html>>. Acesso em: 30 dez. 2016.

GLOBO. In: EGO (2015 h). **Lea T leva cachorrinho dentro de bolsa de grife para SPFW: 'É meu filho'.** Disponível em:< <http://ego.globo.com/moda/noticia/2015/04/lea-t-leva-cachorrinho-dentro-de-bolsa-de-grife-para-spfw-e-meu-filho.html>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

GLOBO. In: EGO (2017 k). **“Thalita Zampirolli celebra o Dia Internacional da Mulher.”** Disponível em:< <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2017/03/thalita-zampirolli-celebra-o-dia-internacional-da-mulher.html>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

GLOBO. In: EGO (2016 i). **Latino dá beijinho em Thalita Zampirolli em vídeo.** Disponível em:< <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/05/latino-da-beijinho-em-thalita-zampirolli-em-video.html> >. Acesso em: 30 mai. 2016.

GLOBO. In: EGO (2015 i). **Transexual Thalita Zampirolli gasta R\$ 30 mil para fazer mudanças no corpo.** Disponível:< <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/10/transexual-thalita-zampirolli-gasta-r-30-mil-para-fazer-mudancas-no-corpo.html> > Acesso em: 30 out. 2015.

GLOBO. In: G1. (2015 j). **Polícia prende 3 suspeitos de agredir e matar travesti Laura Vermont em SP .** Disponível em:< <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/07/policia-prende-3-suspeitos-de-agredir-e-matar-travesti-laura-vermont-em-sp.html> > Acesso em: 30 jul. 2015.

GLOBO. In: G1. (2016 j). **‘Só quero minha vida de volta’, diz em carta travesti presa por morder policial.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/04/so-quero-minha-vida-de-volta-diz-em-carta-travesti-presa-por-morder-policial.html>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

GLOBO. In: G1. (2018 d). **Cinco dos acusados pela morte da travesti Dandara são condenados.** Disponível em:< <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/cinco-dos-acusados-pela-morte-da-travesti-dandara-sao-condenados.ghtml>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

GLOBO. In: G1. (2016 k). **Transexual é morta em Cachoeira do Sul e dois adolescentes são suspeitos.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/07/transexual-e-morta-em-cachoeira-do-sul-e-dois-adolescentes-sao-suspeitos.html> > Acesso em: 30 jul. 2017.

GLOBO. In: G1 (2017 l). **Transgênero é internado em coma após ataque homofóbico no Rio.** Disponível em:< <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/transgenero-e-internada-em-coma-apos-ataque-homofobico-no-rio.ghtml>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

GLOBO. In: G1. (2018 e). **Justiça começa a rever casos de militares afastadas por serem trans.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2018/02/justica-comeca-rever-casos-de-militares-afastadas-por-serem-trans.html>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

GLOBO. In: G1 (2017 m). **Transexual diz ter sofrido preconceito durante exame do SUS em Nazareno, MG.** Disponível em:< <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/transexual-diz-ter-sofrido-preconceito-durante-exame-do-sus-em-nazareno-mg.ghtml>> . Acesso em: 30 jul. 2017.

GLOBO. In: G1 (2017 n). **'Quero que saibam que a escola é para todos', diz mulher trans que saiu da prostituição e se tornou professora em Mogi.** Disponível em:< <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/quero-que-saibam-que-a-escola-e-para-todos-diz-mulher-trans-que-saiu-da-prostituicao-e-se-tornou-professora-em-mogi.ghtml>> . Acesso em: 30 jul. 2017.

GLOBO. In: G1. (2015 k).**Transexual impedida de usar banheiro feminino de bar desabafa: 'Sem chão'.** Disponível em< <http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2015/12/transexual-impedida-de-usar-banheiro-feminino-de-bar-desabafa-sem-chao.html>> Acesso em: 30 dez. 2015.

GLOBO. In: G1 (2017 o). **Servidor público transexual alega ter sido vítima de transfobia em escola de SP.** Disponível em:< <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/servidor-publico-transexual-alega-ter-sido-vitima-de-transfobia-em-escola-de-sp.ghtml>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

GLOBO. In: G1. (2018 f). **Transexual diz que quase teve o pé amputado após agressão e mostra ferimentos em vídeo.** Disponível em:< <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/transexual-relata-agressao-e-mostra-ferimentos-em-video.ghtml>>.> Acesso em: 27 mar. 2018.

GLOBO. In: G1 (2017 p). **Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, diz pesquisa.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2017/04/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais-no-mundo-diz-pesquisa.html>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

GLOBO. In: G1. (2016 l). **Travesti é baleada durante atentado na Zona Oeste de Natal.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2016/07/travesti-e-baleado-durante-atentado-na-zona-oeste-de-natal.html>> . Acesso em: 30 jul. 2016.

GLOBO. In: EGO (2016 m). **Carro de Thammy Miranda é atingido por bandidos em fuga em São Paulo.** Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/09/carro>>

de-thammy-miranda-e-atingido-por-bandidos-em-fuga-em-sao-paulo.html>. Acesso em: 20 nov. 2016.

GLOBO. In: G1. (2016 n). **Policiais que não impediram agressão a travesti são afastados.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/10/policiais-que-nao-impediram-agressao-travesti-sao-afastados.html>> Acesso em: 20 out. 2016.

GLOBO. In: G1. (2013 a). **'A vitória é nossa', diz transexual do RS que provocou mudanças no SUS.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/11/vitoria-e-nossa-diz-transexual-do-rs-que-provocou-mudancas-no-sus.html>>. Acesso em: 20 out. 2017.

GLOBO. In: G1. (2013 b). **Transexual pode se descobrir já na primeira infância, dizem especialistas.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2013/03/transexual-pode-se-descobrir-ja-na-primeira-infancia-dizem-especialistas.html>>. Acesso em: 20 out. 2015.

GLOBO. In: G1. (2013 c). **Transexuais e travestis podem usar nome social no cartão do SUS em SP.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/03/transexuais-e-travestis-podem-usar-nome-social-no-cartao-do-sus-em-sp.html>>. Acesso em: 20 out. 2015.

GLOBO. In: G1. (2014 a). **Inep diz que 95 transexuais poderão usar nome social no Enem 2014.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/educacao/enem/2014/noticia/2014/09/inep-diz-que-95-transexuais-poderao-usar-nome-social-no-enem-2014.html>> Acesso em: 20 out. 2015.

GLOBO. In: EGO (2012 b). **“Thammy Miranda malha de camisa larga e bermudão”.** Disponível em:< <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2012/10/thammy-miranda-malha-de-camisa-e-bermudao.html> >. Acesso em: 20 out. 2015.

GLOBO. In: EGO (2014 b). 'Eu namorei Romário durante um ano', diz transexual Thalita Zampirolli. Disponível em <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2014/02/eu-namorei-romario-durante-um-ano-diz-transexual-thalita-zampirolli.html> > Acesso em: 20 out. 2015.

GLOBO. In: EGO (2011 a). **"Sofro bullying todos os dias. O transex é o lixo do mundo", diz Lea T na TV.** Disponível em:< <http://ego.globo.com/gente/noticias/0,,mul1674450-9798,00-sofro+bullying+todos+os+dias+o+transex+e+o+lixo+do+mundo+diz+lea+t+na+tv.html>>. Acesso em: 20 out. 2015.

GLOBO. In: EGO (2014 c). **“Casada com italiano, Ariadna critica homens brasileiros: 'Falsos moralistas’”** Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2014/05/casada-com-italiano-ariadna-critica-homens-brasileiros-falsos-moralistas.html>>. Acesso em: 08 out 2015.

GLOBO. In: G1. (2013 d). **Ex-patricinha escolhe visual masculino como identidade em MG.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/08/ex-patricinha-escolhe-visual-masculino-como-identidade-em-mg.html>>. Acesso em: 18 out 2015.

GLOBO. In: G1. (2014 d). **Travesti diz que foi agredida dentro de ônibus em Aracaju.** Disponível em: < <http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2014/05/travesti-sofre-agressao-sexual-fisica-e-moral-dentro-de-onibus-em-aracaju.html>>. Acesso em: 18 out 2015.

GLOBO. In: G1. (2012 c). **Travesti é encontrada morta com três tiros em rodovia de Piracicaba, SP.** Disponível em: < <http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2012/08/travesti-e-encontrada-morta-com-tres-tiros-em-rodovia-de-piracicaba-sp.html>>. Acesso em: 18 out 2015.

GLOBO. In: G1. (2013 e). **Candidatas transexuais do Enem dizem ter sofrido constrangimento.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/enem/2013/noticia/2013/10/candidatas-transexuais-do-enem-dizem-ter-sofrido-constrangimento.html>>. Acesso em: 18 out 2015.

GLOBO. In: G1. (2013 f). **Miss transexual é barrada em banheiro feminino de bar em Fortaleza.** Disponível em: < <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/06/miss-transexual-e-barrada-em-banheiro-feminino-de-bar-em-fortaleza.html>>. Acesso em: 18 out 2015.

GLOBO. In: G1. (2012 d). **Candidata transexual perde Miss Universo Canadá.** Disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/05/candidata-transexual-perde-miss-universo-canada.html>>. Acesso em: 18 out 2015.

GLOBO. In: G1. (2016 o). **Facebook libera cinco novos botões alternativos ao 'curtir'.** Disponível em: < <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/02/facebook-libera-cinco-novos-botoes-alternativos-ao-curtir.html>>. Acesso em: 03 jun. 2016.

GLOBO. In: ÉPOCA. (2002 a). **Nasce uma mulher.** Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT441567-1664-2,00.html>>. Acesso em: 10 mai.2017.

GLOBO. In: G1 (2008 d) **Transexual que deu à luz revela primeiras imagens da filha.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL690727-5602,00-TRANSEXUAL+QUE+DEU+A+LUZ+REVELA+PRIMEIRAS+IMAGENS+DA+FILHA.html>>. Acesso em: 24 jul 2015.

GLOBO. In: G1. (2007 a). **'Além do desejo' traz amizade entre transexual e mulher.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Cinema/0,,MUL38186-7086,00-ALEM+DO+DESEJO+TRAZ+AMIZADE+ENTRE+TRANSEXUAL+E+MULHER.html>>. Acesso em: 20 ago 2015.

GLOBO. In: G1. (2008 e). **Revista divulga primeiras fotos de filha do 'homem grávido'.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL689663-5602,00-REVISTA+DIVULGA+PRIMEIRAS+FOTOS+DE+FILHA+DO+HOMEM+GRAVIDO.html>>. Acesso em: 27 ago. 2015.

GLOBO. In: G1 (2006 a). **Transexual abre precedente ao processar o exército tailandês.** Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,AA1369454-5602,00->

TRANSEXUAL+ABRE+PRECEDENTE+AO+PROCESSAR+O+EXERCITO+TAILANDE S.html>. Acesso em: 30 nov. 2015.

GLOBO. In: G1 (2006 b). **Banheiro para parlamentar transexual gera briga na Itália.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,AA1328448-7084,00-BANHEIRO+PARA+PARLAMENTAR+TRANSEXUAL+GERA+BRIGA+NA+ITALIA.html>>. Acesso em: 27 out. 2015.

GLOBO. In: G1 (2007 b). **Tailandesa é eleita 'Miss Transexual 2007.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL176913-5602,00-TAILANDESA+E+ELEITA+MISS+TRANSEXUAL.html>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

GLOBO. In: G1 (2007 c). **Juiz paquistanês solta transexual e sua mulher, presos em maio.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,AA1575893-5602,00-JUIZ+PAQUISTANES+SOLTA+TRANSEXUAL+E+SUA+MULHER+PRESOS+EM+MAIO.html>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

GLOBO. In: G1 (2008 f). **Transexual vence concurso como representante de estado que não conhece.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL587880-5605,00-TRANSEXUAL+VENCE+CONCURSO+COMO+REPRESENTANTE+DE+ESTADO+QUE+NAO+CONHECE.html>>. Acesso em: 24 jul 2015.

GLOBO. In: G1 (2008 g). **Transexual entra na Justiça por se sentir discriminada no trabalho.** Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL738989-5605,00-TRANSEXUAL+ENTRA+NA+JUSTICA+POR+SE+SENTIR+DISCRIMINADA+NO+TRABALHO.html>>. Acesso em: 24 jul 2015.

GLOBO. In: G1 (2011 b). **Transexual fará 1ª cirurgia de retirada de órgãos femininos pelo SUS em SP.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/03/transexual-fara-1-cirurgia-de-retirada-de-orgaos-femininos-pelo-sus-em-sp.html>>. Acesso em: 08 out 2017.

GLOBO. In: G1 (2012 d). **Com cirurgia liberada, transexuais têm batalha para trocar 'nome oficial'.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2011/01/com-cirurgia-liberada-transexuais-tem-batalha-para-trocar-nome-oficial.html>>. Acesso em: 10 mai 2015.

GLOBO. In: G1. (2012 e). **Transexual obtém na Justiça cirurgia para mudar de sexo em Campinas.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2012/09/transexual-obtem-na-justica-cirurgia-para-mudar-de-sexo-em-campinas.html>>. Acesso em: 10 mai.2015.

GLOBO. In: G1. (2008 g). **Operação de mudança de sexo é procedimento delicado e de longo prazo.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,MUL731899-5603,00-operacao+de+mudanca+de+sexo+e+procedimento+delicado+e+de+longo+prazo.html>>. Acesso em: 10 mai.2015.

GLOBO. In: G1. (2008 h). **Cirurgia de mudança de sexo pode ser feita pelo SUS.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/noticias/brasil/0,,mul728807-5598,00-cirurgia+de+mudanca+de+sexo+pode+ser+feita+pelo+sus.html>>. Acesso em: 10 mai.2015.

GLOBO. In: G1. (2010 a). **Travestis e transexuais poderão usar nome social na administração pública.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2010/05/travestis-e-transexuais-poderao-usar-nome-social-na-administracao-publica.html>>. Acesso em: 10 mai.2015.

GLOBO. In: G1. (2011 c). **Travestis poderão adotar nome social oficialmente no RJ.** Disponível em:<<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/07/travestis-poderao-adotar-nome-social-oficialmente-no-rj.html> >. Acesso em: 10 mai.2015.

GLOBO. In: G1. (2012 f). **Estudante transexual da UnB ganha direito de usar nome social.** Disponível em:<<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2012/09/estudante-transexual-da-unb-ganha-direito-de-usar-nome-social.html>>. Acesso em: 10 mai.2015.

GLOBO. In: MULTISHOW (2017 r). **Um vídeo que deveria ser meme! Gretchen e Thammy Miranda se divertem com Fernanda Souza tentando adivinhar quem são os filhos de famosos.** Disponível em: < <http://multishow.globo.com/programas/vai-fernandinha/materias/gretchen-e-thammy-miranda-se-divertem-com-fernanda-souza-tentando-adivinhar-quem-sao-os-filhos-de-famosos.htm>>. Acesso em: 05 jul.2017.

GLOBO. In: O GLOBO (2017 s). **Falta de fraldários em banheiros masculinos levanta discussão.** Disponível em:<<https://oglobo.globo.com/sociedade/falta-de-fraldarios-em-banheiros-masculinos-levanta-discussao-21554183#ixzz55hsnsHDcstest>>. Acesso em: 06 jul.2017.

GLOBO. G1(2017 t). **Em vídeo, mulher obriga suposta amante do marido a circular pelas ruas de Barretos nua e com cabelos raspados.** Disponível em:<<https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/em-video-mulher-obriga-suposta-amante-do-marido-a-circular-pelas-ruas-de-barretos-nua-e-com-cabelos-raspados.ghtml>>. Acesso em: 05 jul.2017.

GLOBO. In: G1. (2014 e). **Comissão aprova texto principal do Plano Nacional de Educação.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/04/comissao-aprova-texto-principal-do-plano-nacional-de-educacao.html>>. Acesso em: 05 jul.2017.

GLOBO. In: G1. (2015 l). **Corrupção, fraudes e ideologia de gênero marcam ano político.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2015/12/corruptao-fraudes-e-ideologia-de-genero-marcam-ano-politico.html>>. Acesso em: 23 dez. 2015.

GLOBO. In: G1. (2016 p). **Cartilha contra ideologia de gênero em escolas gera críticas a vereador.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2016/06/cartilha-contrai-ideologia-de-genero-em-escolas-gera-criticas-vereador.html>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

GLOBO. In: G1. (2017 u). **Entenda o que é ideologia de gênero**. Disponível em:< <http://g1.globo.com/minas-gerais/videos/t/todos-os-videos/v/entenda-o-que-e-ideologia-de-genero/4336828/>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

GLOBO. In: O Globo (2017 v). **Conheça a história de homens e mulheres que mudaram de gênero e, depois, voltaram atrás**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/conheca-historia-de-homens-mulheres-que-mudaram-de-genero-depois-voltaram-atras-21777549>>. Acesso em: 03 set. 2017.

GLOBO. In: Revista Quem (2017 w). **Carol Marra: “sou uma mulher por inteira, plena”**. Disponível em:< <https://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2017/07/carol-marra-sou-uma-mulher-por-inteira-plena.html> >. Acesso em: 15 jul.2017.

GLOBO. In: EXTRA (2017 x). **Thammy Miranda perde cabelo com tratamento hormonal: ‘não me incomoda’**. Disponível em:< <https://extra.globo.com/famosos/thammy-miranda-perde-cabelo-com-tratamento-hormonal-nao-me-incomoda-21595123.html> >. Acesso em: 15 jul.2017.

GLOBO. In: Ge (2018 g). **“Envolvida em polêmica, Tiffany desabafa: ‘Força de uma mulher.”** Disponível em:< <https://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/envolvida-em-polemica-tiffany-desabafa-forca-de-uma-mulher.ghtml>>. Acesso em: 18 jan.2018.

GLOBO. In: Ge (2017 y). **Ana Paula critica liberação de trans na Superliga: "Não é preconceito, é fisiologia."** Disponível em:< <https://globoesporte.globo.com/volei/noticia/ana-paula-critica-liberacao-de-trans-na-superliga-nao-e-preconceito-e-fisiologia.ghtml>>. Acesso em: 18 jan.2018.

GLOBO. In: VOGUE (2018 h). **Pablo Vittar revela desejo de gerar um filho: "A maior dádiva"**. Disponível em:< <https://vogue.globo.com/moda/gente/noticia/2018/04/se-fosse-mulher-pablo-vittar-revela-desejo-de-gerar-um-filho-maior-dadiva.html>> Acesso em: 13 abr. 2018.

GLOBO. In: EGO (2009 a). **'Não vou operar, não me falta nada', diz o travesti Patrícia Oliveira**". Disponível em:< <http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL959737-9798,00-VIDEO+NAO+VOU+OPERAR+NAO+ME+FALTA+NADA+DIZ+O+TRAVESTI+PATRICIA+OLIVEIRA.html>>. Acesso em: 14 out. 2014.

GLOBO. In: EGO (2009 b). **No Fashion Rio, a travesti Patrícia Oliveira revela: 'Sempre quis ser famosa'**. Disponível em:< <http://ego.globo.com/gente/noticias/0mul959431-9798,00-no-fashion-rio+a+travesti+patricia+oliveira+revela+sempre+quis+ser+famosa.html>>. Acesso em: 14 out. 2014.

GLOBO. In: EXTRA(2018 i). **'Ela foi executada ao entrar em comunidade', diz irmão de estudante da Uerj desaparecida**. Disponível em:< <https://extra.globo.com/casos-de-policia/ela-foi-executada-ao-entrar-em-comunidade-diz-irmao-de-estudante-da-uerj-desaparecida-22658953.html>>. Acesso em: 06 mai. 2018.

GLOBO. In: G1 (2016 r). **Vídeo mostra ambulante sendo espancado até a morte no Metrô de SP.** Disponível em: < <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/video-mostra-ambulante-sendo-espancado-ate-a-morte-no-metro-de-sp.ghtml> >. Acesso em: 26 dez. 2016.

GLOBO. In: G1 (2017 z). **ONU vê 'misoginia' e aponta chacina em Campinas como crime de gênero.** Disponível em: < <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2017/01/onu-ve-misoginia-e-aponta-chacina-em-campinas-como-crime-de-genero.html>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

GLOBO. In: G1. (2017 aa). **Em post, jovem disse antes de morrer que foi agredido pela mãe por ser gay.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2017/01/em-post-jovem-disse-antes-de-morrer-que-foi-agredido-pela-mae-por-ser-gay.html> >. Acesso em: 16 jan. 2017.

GLOBO. In: G1 (2017 bb). **Travesti Dandara foi apedrejada e morta a tiros no Ceará, diz secretário.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

GLOBO. In: G1 (2017 cc). **Acusada de chantagear assessor do deputado Marco Feliciano, jornalista virá ré.** Disponível em:< <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/acusada-de-chantagear-assessor-do-deputado-marco-feliciano-jornalista-vira-re.ghtml>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

GLOBO. In: O Globo. (2017 dd). **BBB 17': Após expulsão, Marcos se desculpa com Emilly: 'Jamais tive a intenção'.** Disponível em:< <https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/bbb-17-apos-expulsao-marcos-se-desculpa-com-emilly-jamais-tive-intencao-21190904>>. Acesso em: 11 abr.2017

GLOBO. In: G1 (2015 m). **Travesti fica desfigurada após prisão; Defensoria diz haver indício de tortura.** Disponível em: < <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/04/travesti-fica-desfigurada-apos-prisao-defensoria-diz-haver-indicio-de-tortura.html>>. Acesso em: 10 out. 2016.

GLOBO. In: G1. (2017 ee). **Alunos de medicina fazem foto com calças abaixadas e faculdade abre sindicância.** Disponível em:< <https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/alunos-de-medicina-fazem-foto-com-calças-abaixadas-e-faculdade-abre-sindicancia.ghtml>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

GLOBO. In: G1. (2017 ff). **Mulher morre após fazer cirurgia plástica em clínica na Zona Oeste do Rio.** Disponível em:< <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/mulher-morre-apos-fazer-cirurgia-plastica-em-clinica-na-zona-oeste-do-rio.ghtml> >. Acesso em: 10 out. 2017.

GLOBO. In: G1. (2015 n). **'Não é o fim da história', diz filósofa sobre ensino de gênero nas escolas.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/09/nao-e-o-fim-da-historia-diz-filosofa-sobre-ensino-de-genero-nas-escolas.html>>. Acesso em: 10 out. 2016.

GLOBO. In: G1 (2017 gg). **Filósofa Judith Butler é agredida em aeroporto de SP e mulher leva tapa ao defendê-la.** Disponível em:< <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/filosofa-judith-butler-e-alvo-de-ofensas-em-aeroporto-de-sp-e-mulher-e-agredida-ao-defende-la.ghtml>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

GLOBO. In: G1 (2017 hh). **Museu de Porto Alegre encerra exposição sobre diversidade sexual após ataques em redes sociais.** Disponível em: < <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/museu-de-porto-alegre-encerra-exposicao-sobre-diversidade-apos-ataques-em-redes-socias.ghtml>>. Acesso em: 10 set. 2017.

GLOBO. In: EGO (2014 f). **Bruna Marquezine passando férias com Neymar na Espanha.** Disponível em:< <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2014/07/bruna-marquezine-desfilasuas-curvas-em-iate-em-ibiza.html>>. Acesso em: 10 mai 2017.

GLOBO. In: G1 (2016 s). **Transexual é esfaqueada e aparece em vídeo sendo agredida em hospital.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2016/10/transexual-e-esfaqueada-e-aparece-em-video-sendo-agredida-em-hospital.html>>. Acesso em: 17 out. 2016.

GLOBO. In: G1 (2016 t). **Vídeo mostra travesti e irmã sendo espancadas no Rio; três foram presos**”. Disponível em:< <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/09/video-mostra-travesti-e-irma-sendo-espancadas.html>>. Acesso em: 14 set. 2016.

GLOBO. In: G1 (2018 j). **Casal de empresárias é vítima de homofobia em Resende, no Sul do Rio.** Disponível em:< <https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/casal-de-empresarias-e-vitima-de-homofobia-em-resende-no-sul-do-rio.ghtml> >. Acesso em: 11 jun.2018.

GLOBO. In: G1 (2017 ii). **Feminicídio mata oito mulheres por dia no Brasil; confira relatos.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2017/10/feminicidio-mata-oito-mulheres-por-dia-no-brasil-confira-relatos.html> >. Acesso em: 04 out.2017.

GLOBO. In: G1 (2018 k) **Crime no Rio de Janeiro tem como alvo pessoa não binária.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2018/05/crime-no-rio-de-janeiro-tem-como-alvo-pessoa-nao-binaria.html> >. Acesso em: 13 mai. 2018.

GLOBO. In: G1 (2018 l). **“Aos gritos de ‘É Bolsonaro’, jovem transgênero é agredida a coronhada em Santarém”.** Disponível em:< <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2018/11/05/aos-gritos-de-e-bolsonaro-jovem-transgenero-e-agredida-a-coronhada-em-santarem.ghtml>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

GLOBO. In: G1 (2018 m). **SP elege sua primeira deputada transgênera.** Disponível em:< <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2018/noticia/2018/10/08/sp-elege-sua-primeira-deputada-estadual-transexual.ghtml> >. Acesso em: 08 out.2018.

LEA T. In: GLOBO. GSHOW. (2017 q). **Lea T lembra de obstáculos na carreira: 'Muita resistência no mundo da moda'.** Disponível em:< <https://gshow.globo.com/tv/noticia/lea-t-lembra-de-obstaculos-na-carreira-muita-resistencia-no-mundo-da-moda.ghtml>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

TAVARES, Tiago. Organização Não Governamental - ONG Safernet. In: GLOBO (2016 q). **Brasil cultiva discurso de ódio nas redes sociais, mostra pesquisa.** Disponível em:<

<https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-cultiva-discurso-de-odio-nas-redes-sociais-mostra-pesquisa-19841017>>. Acesso em: 03 ago. 2016.

Fontes de Rede Social *Facebook*

ALEXANDRE FROTA. Alexandre Frota Disponível em: <<https://www.facebook.com/alexandrefrota/>>. Acesso em: 01 out. 2017.

FACEBOOK. 102 milhões de brasileiros compartilham seus momentos no Facebook todos os meses. Disponível em:< <https://www.facebook.com/business/news/102-milhes-de-brasileiros-compartilham-seus-momentos-no-facebook-todos-os-meses>>. Acesso em: 19 abr.2016.

FAVERO, Sofia. Travesti Reflexiva. Disponível em:<<https://www.facebook.com/TReflexiva?fref=ts>>. Acesso em: 10 ago 2014.

G1 - O Portal de Notícias da Globo. In: Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/g1/posts/1834948266557250> Acesso em: 11 out. 2017.

HOMEM DE HONRA. Homem de honra. Disponível em:<https://www.facebook.com/homemdehonraoriginal/?ref=br_rs>. Acesso em 10 mai.2016.

HOMEM TRADICIONAL. Homem tradicional. Disponível em:<https://www.facebook.com/homemtradicional/?ref=br_rs>. Acesso em 10 mai.2016.

HOMEM DE VERDADE. Homem de verdade. Disponível em:<https://www.facebook.com/bloghomemdeverdade/?ref=br_rs>. Acesso em 10 mai.2016.

IEOLOGIA DE GÊNERO NÃO. Ideologia de gênero não. Disponível em:<<https://www.facebook.com/ideologianao/>>. Acesso em: 08 mar.2018.

LANZ, Leticia. Leticia Lanz. Disponível em: <<https://www.facebook.com/leticialanz>> Acesso em:: 28 ago. 2014.

MARCO FELICIANO. Marco Feliciano. Disponível em:<<https://www.facebook.com/PastorMarcoFeliciano?pnref=story>>. Acesso em: 23 jul.2016.

MOIRA, AMARA. Amara Moira. Disponível em: <<https://www.facebook.com/amoiramara/posts/1944545589166489>>. Acesso em: 05 set.2017.

MARISA LOBO. Marisa Lobo. Disponível em:<https://www.facebook.com/MarisaLobo?ref=br_rs>. Acesso em: 16 jun 2015.

MULHER DE VERDADE. Mulher de verdade. Disponível em:<<https://www.facebook.com/mulherdeverdadeoriginal/>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

MULHER CONSERVADORA. Mulher conservadora. Disponível em:<<https://www.facebook.com/PageMulherConservadora/>>. Acesso em: 10 mai.2016.

NLUCON. Nlucon. Disponível em: < <https://www.facebook.com/nlucon/>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

ORGULHO DE SER HETERO. ODSH. In: FACEBOOK. Disponível em:<<https://www.facebook.com/OrgulhoHeteroBR?ref=ts&fref=ts>>. Acesso em: 23 jul.2016.

PÁGINA DESCONSTRUIDONA. Página Desconstruidona. Disponível em:<<https://www.facebook.com/paginadesconstruidona/>>. Acesso em 10 jun.2016.

PAIS, CONTRA A IDEOLOGIA DE GÊNERO. Pais, contra a Ideologia De Gênero. Disponível em:< <https://www.facebook.com/genero2016/>>. Acesso em: 01 dez. 2016.

TOMBANDO A NORMA. Tombando a norma. Disponível em:<<https://www.facebook.com/tombandoanorma/>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

TRANSGRESSIVA. Transgressiva. Disponível em:<<https://www.facebook.com/Transgressiva/>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

TRANSFEMINISMO. Transfeminismo. Disponível em:<<https://www.facebook.com/Transfem/>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

TRANSGRUPO MARCELA PRADO. Transgrupo Marcela Prado. Disponível em:<<https://www.facebook.com/transgrupo/>>. Acesso: 17 nov 2017.

TRANSGENTE. Transgente. Disponível em:<<https://www.facebook.com/groups/transgente/?fref=ts>>. Acesso em: 28 ago 2014.

TRANSLÚCIDO. Translúcida. Disponível em:<<https://www.facebook.com/Translucido221/>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

TRAVESTI REFLEXIVA. Travesti reflexiva. In: Facebook. Disponível em:<<https://www.facebook.com/TReflexiva?fref=ts>>. Acesso em: 10 ago 2014.

Outras fontes:

AGÊNCIA NOVA/SB. Comunica que muda. **Dossiê Intolerâncias: visíveis e invisíveis no mundo digital.** (2016). Disponível em:<<http://www.comunicaquemuda.com.br/dossie/intolerancia-nas-redes/>>. Acesso em: 10 dez 2016.

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **Dossiê Violência contra as mulheres: feminicídio.** Disponível em:<<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/femicidio/>> Acesso em: 10 jun.2017.

ALEXA. **Ranking dos sites mais acessados no Brasil.** Disponível em:<<https://www.alexa.com/topsites/countries/BR>>. Acesso em: 15 abr.2018.

BUTLER, Judith. In: FOLHA DE SÃO PAULO UOL. (2017) **Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>> Acesso em: 19 nov. 2017.

JUDITH Butler. **Philosophe en tout genre.** Direção: Paule Zajdermann. Art France, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Q50nQUGiI3s&index=1&list=PL4EC66D573ED68FA1>> Acesso em: 31 jan. 2018.

CARAS UOL. In: Caras Digital. **Silvio Santos chama a atenção de Rachel Sheherazade no Troféu Imprensa: 'Não te contratei para opinar'.** Disponível em: <<http://caras.uol.com.br/tv/silvio-santos-chama-atencao-de-rachel-sheherazade-no-trofeu-imprensa-nao-te-contratei-para-opinar.phtml>>. Acesso em: 11 abr.2017.

CLASSIFICAÇÃO ESTATÍSTICA INTERNACIONAL DE DOENÇAS E PROBLEMAS RELACIONADOS À SAÚDE. **CID 10.** 2013.

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Informações para ingresso de ação judicial para mudança de nome.** Núcleo especializado de combate a discriminação, racismo e preconceito, 2013.

ESTADÃO. In: Cultura. (2001). "Globo" mostra beijo transexual em novela. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,globo-mostra-beijo-transexual-em-novela,20010924p7896>>. Acesso em: 10 mai.2017.

FOLHA UOL. (2001). **Transexual opõe Globo e governo.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u14127.shtml>>. Acesso em: 03 jun 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal: 2014.** Coordenação de Trabalho e Rendimento – Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <<http://goo.gl/q1PhEG>>. Acesso em: 05 dez. 2016.

NLUCON. **O governo do Paraná vai viabilizar cirurgias de redesignação sexual.** Disponível em: <<http://www.nlucon.com/2017/07/cfm--incluir-cirurgia-de-redesignacao-sexual.html>>. Acesso em: 12 jul.2017.

NLUCON. **Dráuzio Varella diz que ser transgênero é só mais uma manifestação da diversidade humana.** Disponível em: <<http://www.nlucon.com/2016/07/drauzio-varella-diz-que-ser-transgenero.html>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

NLUCON. (2017) **Maria Clara Spinelli chega com tudo em “A Força do Querer” na pele de espã cis.** Disponível em: <<http://www.nlucon.com/2017/05/maria-clara-spinelli-forca-do-querer-mira.html>>. Acesso: 16 mai.2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento (CID-10): Descrição clínica e diretrizes diagnósticas, F64.0.** Porto Alegre: Artes médicas, 1996.

ORKUT. Orkut. (2006). **Arquivos de comunidades do Orkut.** Disponível em:< <https://orkut.google.com/>>. Acesso em: 20 jun.2016.

REDE TRANS. Sayonara Naider Bonfin Nogueira, Tathiane Araújo Aquino e Euclides Afonso Cabral. **Dossiê: A Geografia dos Corpos das Pessoas Trans.** Brasil, 2017.

SCHMICH, Mary. **A rápida evolução do termo 'transexual'.** (2016) In: ESTADÃO. Disponível em:< <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,a-rapida-evolucao-do-termo-transexual,10000052985> >. Acesso em: 19 set.2018.

TERRA. **'Economist' ironiza dedicatórias 'ecléticas' de deputados.** Disponível em: < <https://noticias.terra.com.br/brasil/politica/impeachment/economist-faz-ironia-com-dedicatorias-ecléticas-de-deputados,5649c76701c825891a89b5637015a2519rseqvmu.html>>. Acesso em: 18 abr.2016.

TRANSFEMINISMO. **Organização Mundial de Saúde (OMS): A transexualidade não é uma doença mental.** Disponível em:<<http://transfeminismo.com/2013/02/27/organizacao-mundial-de-saude-oms-a-transexualidade-nao-e-uma-doenca-mental-%E2%80%A8/>>. Acesso em: 07 jul 2014.

TRANSGENDER EUROPE (TGEU). **Trans Murder Monitoring.** Berlim, 2014.

URBANO, Bianca de Freitas Monteiro, et al. **Contribuições e apelo médico-científico acerca da terceira versão da base nacional comum curricular.** São Paulo, 2017.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁDREON, Loris. **Meu corpo, minha prisão.** Autobiografia de um transexual. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

ADELMAN, Miriam. **A voz e a escuta Encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea.** São Paulo: Blucher, 2016.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua.** Belo Horizonte, Ed. da UFMG, 2002.

AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 7-33, out. 2001.

ALMEIDA, Guilherme. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades? **Rev. Estud. Fem.** vol.20 no.2 Florianópolis May/Aug. 2012

AMARAL, Adriana da Rosa. Etnografia na pesquisa em cibercultura. Limites e insuficiências metodológicas. **Revista USP**, v. 1, p. 122-135, 2010.

ANDRADE, Marcelo; BASTO, Felipe. Ser mulher não tem a ver com dois cromossomos x: impactos da perspectiva feminista de gênero no ensino de ciências” **Rev. Diversidade e Educação**, v.4, n.8, p. 56-64, jul./dez.

ARÁN, Márcia; MURTA, Daniela . Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redefinições da experiência da transexualidade. *Physis* (UERJ. Impresso), v. 19, p. 15-40, 2009.

ARÁN, Márcia. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 9, n. 1, p. 49-63, 2006.

ARENDETT, Hannah. **Origens do totalitarismo. Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ÁVILA, Simone. ; GROSSI, Miriam Pillar . Identidades trans no contexto de transnacionalização do Movimento Transgênero e diáspora queer. **História Agora**, v. 15, p. 199-216, 2013.

ÁVILA, Simone. **Sobre o autor.** In: NERY, João W. Viagem solitária: Memórias de um transexual trinta anos depois. São Paulo: LeYa, 2011.

BAGALI, Beatriz Pagliarini. A diferença trans no gênero para além da patologização. **Periódicus**, Salvador, n. 5, v. 1, maio-out. 2016.

BALIEIRO, Fernando Figueiredo. Não se meta com meus filhos-: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. **Cadernos Pagu**, p. e185306, 2018.

BARBOSA, Bruno Cesar. **Normas e Diferenças:** uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010;

BARROS, Laan. Mendes de. O campo da Comunicação e os estudos de recepção. **Revista Comunicação Midiática (Online)**, v. 6, p. 8-20, 2011.

BAYM, Nancy K. **Personal Connections in the Digital Age.** Cambridge: Polity Press, 2010.

BECKER, Beatriz. Televisão e novas mídias: repensando o papel das audiências nos telejornais. **E-Compós** (Brasília), v. 17, p. 1-16, 2014.

BENJAMIN, Harry. **El fenómeno transexual.** Sevilha, 1966.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas** (UFSC. Impresso), v. 20, p. 569-581, 2012.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo:** sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo; Brasiliense, 2008.

BENTO, Berenice. A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. **Bagoas**, n. 04, 2009, p. 95-112.

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: Edufba, 2017.

BENTO, Berenice. (2010) . **Transexualidade**. "Nós fazemos gênero no dia a dia". Entrevista especial com Berenice Bento. In: IHU UNISINOS. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/36605-transexualidade-nos-fazemos-genero-no-dia-a-dia-entrevista-especial-com-berenice-bento>>. Acesso em: 01 mai 2014.

BENTO, Berenice. Na escola na escola se aprende que a a se aprende que a diferença faz a diferença. **Rev. Estud. Fem.** vol.19 no.2 Florianópolis May/Aug. 2011. a

BENTO, Berenice. Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal. Contemporânea – **Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 4, n. 1, jan.-jun. 2014.

BENTO, Berenice. **Heteroterrorismo e o lixo humano**. (2016). Disponível em: <<http://berenicebento.blogspot.com.br/2016/04/heteroterrorismoe-o-lixo-humano.html>>. Acesso em: 02 dez. 2016.

BENTO, Berenice. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação?. **Cad. Pagu** [online]. 2018, n.53, e185305. Epub June 11, 2018.

BERUTTI, Elaine Borges. **Transgenders: questionando os gêneros**. In: LYRA, Bernadette; GARCIA, Wilton. (Org.). **Corpo & imagem**. São Paulo: Arte & Ciência, 2002..

BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo**. 2.ed. Paris: Librairie Galimard,1967.

BRANT, T. **Eterno aprendiz**. In: MOIRA, Amara; ROCHA Márcia; BRANDT, T.; NERY, João W. **Vidas trans: a coragem de existir - a luta de transgêneros brasileiros em busca de seu espaço social**. Bauru: Astral Cultural, 2017.

BRAGA, Adriana Andrade; GASTALDO, Édilson. O Legado de Chicago e os Estudos de Recepção, Usos e Consumos Midiáticos. **Revista FAMECOS**, v. 39, p. 78-84, 2009.

BRAGA, Adriana Andrade. Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica. **UNirevista (UNISINOS. Online)**, v. 1, p. 1-11, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.): **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte. Autêntica, p. 153-172. 2000.

BUTLER, Judith. Vida precária. Contemporânea – **Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n.1, p. 13-33.

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cad. Pagu** no.42 Campinas Jan./June 2014.

BUTLER, Judith. **Judith Butler**: “o queer é uma aliança de pessoas em vidas precárias”. In: AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. (2015). Disponível em:< <https://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/judith-butler-o-queer-e-uma-alianca-de-pessoas-em-vidas-precarias/>>. Acesso em 10 out. 2018.

BUTLER, Judith. **Judith Butler, 2006, parte 3-6**. In: CYFER, Ingrid. Debate. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000200403#fn2>. Acesso em: 01 nov. 2018.

CARVALHO, Mario; CARRARA, Sergio. Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, núm. 14, agosto, 2013

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Volume I. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CIORAN, Emil M. **Breviário de decomposição**. Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda, 1989.

CLOSE, Roberta. Lucia Rito. **Muito prazer. Roberta Close**. Rio de Janeiro: Record; Rosas dos Tempos, 1998.

COLLING, Leandro. **“Que os outros sejam o normal”**: transas e tensões entre movimento LGBT e ativismo queer. Salvador. Edufba, 2015.

CONNELL, Raewyn. **Gender**. Oxford: Polity, 2002.

CONNELL, R. W. **Masculinities**: Knowledge, power and social change. Berkeley/Los Angeles: University of Califórnia Press, 1995.

CONNELL, Raewyn. Tradução (para o português) e organização de Magô Tonhon. **“Masculinidades, colonialidade e neoliberalismo”**. (2016). Entrevista com Raewyn Connel. Disponível em:< <http://www.ssexbbo.com/2016/07/masculinidades-colonialidade-e-neoliberalismo-entrevista-com-raewyn-connel/>>. Acesso em: 20 jun 2016.

CORRÊA, Mariza. **Ambiguidades do corpo e da alma**. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

CORRÊA, Mariza. (2003) **Não se nasce homem**. Disponível em:< http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/942_926_naosenascehomem.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2015.

CYFER, Ingrid. A bruxa está solta: os protestos contra a visita de Judith Butler ao Brasil à luz de sua reflexão sobre ética, política e vulnerabilidade. **Cadernos Pagu**, v. 4, p. 1-15, 2018.

DAMIANI, Durval et al. Homem XX: relato de três casos na faixa etária pediátrica. **Arq Bras Endocrinol Metab** vol.49 no.1 São Paulo Jan./Feb. 2005.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 1976.

DERRIDA, Jacques. **Pensar a desconstrução**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

ELIAS, Valéria de Araújo. **A proibição obsessiva e a demanda transexual como resposta ao mal estar na cultura**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Assis. São Paulo, 2008.

ELUF, Luiza Nagib. A paixão no banco dos réus: casos passionais célebres: de Pontes Visgueiro a Pimenta Neves. São Paulo: Saraiva, 2007.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. **As relações de gênero nos estudos de recepção: notas sobre metodologias de pesquisa e suas repercussões teóricas**. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002, Salvador. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Comunicação para a Cidadania, 2002.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. **Quando a recepção já não alcança**: por uma revisão de objeto e método. In: 17 Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2008, São Paulo. 17 Compós - Anais. São Paulo, 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, npo. 1ve9m7-b2r2o3/,2 n0o0v1embro/ 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A História da sexualidade I**: a vontade de saber. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id e outros trabalhos** (1923[1925]). In:__. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIX.

GADDIS, Michael.; VERDERY, Ahston. Using Google Trends in Social Science Research: Monitoring and Predicting Demographic Trends and Social Movements. **Paper presented at the annual meeting of the American Sociological Association Annual Meeting**, Colorado Convention Center and Hyatt Regency, Denver, CO, 2012.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkan, 2010.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GUERRA, Joana Rita Vieira. **A discriminação sexual com pessoas transgênero**. dissertação de mestrado. Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social. Escola Superior de Educação e Ciências Sociais. Instituto Politécnico de Leiria, 2017.

GUIMARÃES, Amanda. **Meu nome é Amanda #trans #mandycandy #youtube**. Rio de Janeiro: Editora: Fabrica 231, 2016.

HINE, Christine. **Internet como cultura y artefacto cultural**. Etnografia Virtual. Barcelona: Editora UOC, 2004.

HOFSTADTER, Richard. **O anti-intelectualismo nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

IRIGARAY, Luce. **This sex which is no one**. Ithaca: Cornell university press, 1995.

IRIGARAY, Luce. A questão do outro. Labrys, **Estudos Feministas**, número 1-2, julho/dezembro, 2002.

IRIGARAY, Luce. **Sexes and Genealogies**. Ithaca: Cornell University Press, 1993.

KAAS, Hailey. (2013). **Trans* como termo guarda-chuva**. Disponível em:<<https://transfeminismo.com/trans-umbrella-term/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

KRASOTA, Alisson Gebrim. **Uma noção de pessoa trans não-binária**. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

JARDIM, Juliana. **“It’s time”! MMA feminino, mercado da beleza e cis-heteronormatividade: uma etnografia multissituada com lutadoras brasileiras**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UNESP, Marília, 2018.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos** / Jaqueline Gomes de Jesus. Brasília, 2012.

JOICY, Fabiana Moraes. **O nascimento de Joicy**. Transexualidade, jornalismo e os limites entre o repórter e personagem. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

JUNGBLU, Airton Luiz. A heterogenia do mundo on-line : algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 97-121, jan./jun. 2004.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **“Ideologia de Gênero”**: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos tornou-se uma “ameaça à família natural”? In: RIBEIRO, Paula R.; MAGALHÃES, Joanalira C. (Org.). Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade. Rio Grande: Ed. Furg, 2017.

KALIL, Isabela Oliveira. Notas sobre ‘Os Fins da Democracia’: etnografar protestos, manifestações e enfrentamentos políticos. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP. **Ponto Urbe** 22, 2018.

KOZINETS, Robert V. Click to connect: netnography and tribal advertising. **Journal of Advertising Research**. p. 279-288, sep. 2006.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia** : realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre : Penso, 2014.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa** - A pessoa transgênero entre a conformidade e a transgressão das normas de gênero: Uma introdução aos Estudos de Gênero. Curitiba: Transgente, 2015.

LEITE JÚNIOR, Jorge. **“Nossos Corpos Também Mudam”**: sexo, gênero e a invenção das categorias **“travesti”** e **“transexual”** no discurso científico . Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

LEITE JUNIOR, Jorge. Transitar para onde? Monstruosidade, (des)patologização, (in)segurança social e identidades transgêneras. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 20(2): 559-568, maio-agosto/2012.

LEMOS, André. **Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LIMA, Fátima. **A invenção da transexualidade**: discursos, práticas e modos de subjetividades. In: IGALA T Internacional Gender and Language Association Conference, 2012, São Leopoldo/RS. IGALA. São Leopoldo/RS: Casa Leiria, 2012.

LIMA, Fátima. **Corpos, Gêneros, Sexualidades**: Políticas de Subjetivação Textos reunidos. 1. ed. Porto Alegre: Rede Unida, 2014.

LIMA, FÁTIMA. **Biotecnologias, modos de subjetivação e práticas de si nos processos de hormonização entre homens transexuais.** In: Reunião Brasileira de Antropologia, 29º, 2014, Natal. Anais. Natal: ABA, 2014. p.01-18.

LIMA, Aline Soares. (2009). **Quem sou eu:** autorrepresentações de travestis no Orkut. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual – Faculdade de Artes Visuais- Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2009.

LIONÇO, Tatiana. **Um olhar sobre a transexualidade a partir da perspectiva da tensionalidade somato-psíquica.** Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Universidade de Brasília. Brasília, 2000.

LIONÇO, Tatiana. (2008). **A transexualidade não é um equívoco.** In: RADIOTUBE. Disponível em:<<http://www.radiotube.org.br/texto-6vHbUqfc>>. Acesso em: 19 mai 2014.

LIONÇO, Tatiana. (2009) Atenção integral à saúde e diversidade sexual no Processo Transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios. *Physis* [online]. 2009, vol.19, n.1, pp.43-63.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero sexualidade e educação.** 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho:** Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MAGNANI, José Guilherme C. (2002), “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 17 (49), 2002.

MALINOSWKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental.** São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARANHÃO Fº, Eduardo, Meinberg de Albuquerque. 'A travesti morreu mas eu carregou ela no caixão' e outras histórias vivas: conversão, transfobia religiosa e morte. **Revista Brasileira De História Das Religiões**, v. 10, p. 165-216, 2017.

MARIANO, Ricardo. Expansão e ativismo político de grupos evangélicos conservadores: Secularização e pluralismo em debate. **Civitas**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 710-728, out.-dez. 2016.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro/2005.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do Feminino:** a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. **Sobre o sacrifício.** São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2001.

MELO, Késia Maria Maximiano de. “**Consciência, news e glamour**”: a internet como espaço alternativo de sociabilidade e ativismo entre pessoas trans. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UNESP, Marília, 2016.

MIRANDA, Thammy. Márcia Zanelatto. **Thammy**: nadando contra a corrente – cartografia de uma transexualidade. Rio de Janeiro: BestSeller, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

MILLER, Daniel; HEATHER, A. Horst. O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital. **Parágrafo**, v. 2, n. 3 jul./dez.2015, pp.91-111.

MILLER, Daniel; HEATHER, A. Horst. **Digital anthropology**. London, UK/New York, USA: Berg, 2012.

MISKOLCI, Richard. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Cronos**: R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN, Natal, v. 12, n.2, p. 09-22, jul./dez. 2011

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**. n.21, Porto Alegre, 2009.

MISKOLSI, Richard, CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 32, Número 3, Setembro/Dezembro 2017.

MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea**. v. 6, n. 2 p. 275-297. Jul.–Dez. 2016.

MISKOLCI, Richard. San Francisco e a nova economia do desejo. **Lua Nova**, São Paulo, 91: 269-295, 2014.

MISKOLCI, Richard. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(3): 272, setembro-dezembro/2006.

MISKOLCI, Richard; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. A cruzada moral contra os direitos humanos no Brasil. **Cadernos Pagu** (53), 2018:e185300

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu** (28), janeiro-junho de 2007.

MOIRA, Amara. **Destino amargo**. In: MOIRA, Amara; ROCHA Márcia; BRANDT, T.; NERY, João W. Vidas trans: a coragem de existir - a luta de transgêneros brasileiros em busca de seu espaço social. Bauru: Astral Cultural, 2017.

MORAES, T. P. B.; SANTOS, Romer Motinha . Os Protestos no Brasil. Um estudo sobre as pesquisas na web e o caso da Primavera Brasileira. **Revista Internacional de Investigación en Ciencias Sociales**, v. 9, p. 193-206, 2013.

MURTA, Daniela. **Os desafios da despatologização da transexualidade**: reflexões sobre a assistência a transexuais no Brasil. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva - Ciências Humanas. Instituto de Medicina Social – UERJ, Rio de Janeiro, 2011.

NANY PEOPLE. Flávio Queiroz. **Nany People**: ser mulher não é para qualquer um – minhas verdades. São Paulo: Planeta, 2015.

NERY, João W. **Erro de Pessoa**: João ou Joana? São Paulo: Record, 1984.

NERY, João W. **Viagem solitária**: Memórias de um transexual trinta anos depois. São Paulo: LeYa, 2011.

NEVES, Raphael. “Joga pedra na Judith”: discursos de ódio e populismo. *Cadernos Pagu* (53), 2018:e185300.

NIETZSCHE, Friedrich. (Coleção Os pensadores). **Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral**. Rio de Janeiro: Nova Cultura, 1991.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **Tel-E-Videncias** – Metodologias qualitativas de investigação em comunicação, audiências e meios audiovisuais. Seminário. Porto Alegre, PUCRS, 2003.

PAULINO, Roseli. Aparecida Figaro. Estudos de recepção para a crítica da comunicação. **Comunicacao e Educacao (USP)**, São Paulo, v. 17, p. 37-42, 2000.

PELÚCIO, Larissa; PAIT, Heloísa; SABATINE, Thiago. **No emaranhado da rede**: gênero, sexualidade e mídia, desafios teóricos e metodológicos do presente. São Paulo: Annablume Queer, 2015.

PELÚCIO, Larissa. Narrativas infiéis: notas metodológicas e afetivas sobre experiências das masculinidades em um site de encontros para pessoas casadas. *Cadernos Pagu*, v. 01, p. 31-60, 2015.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e Desejo** – uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo, Annablume. 2009.

PELÚCIO, Larissa. O gênero da ciência ou sobre silêncios e temores em torno de uma epistemologia feminista. **ComCiência (UNICAMP)**, v. 185, p. 00-00, 2017.

PELÚCIO, Larissa. **Amor em tempos de aplicativos Masculinidades heterossexuais e a negociações de afetos na nova economia do desejo**. Tese de Livre Docente apresentada ao Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP - Campus de Bauru, 2018.

PERES, William Siqueira; TOLEDO, Livia Gonsalves. Dissidências existenciais de gênero: resistências e enfrentamentos ao biopoder. **Rev. psicol. polít.** vol.11 no.22 São Paulo dez. 2011.

POLLAKE, Carla. **Estudos de Audiência e Recepção: mais do que números do Ibope**. In: Intercom, – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação , Brasília DF, 2006.

PORTO, Mauro P. **A pesquisa sobre a recepção e os efeitos da mídia**: propondo um enfoque integrado. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. INTERCOM, Belo Horizonte, MG. Anais. 2-6, set. 2003.

PORTUGAL, Sílvia. (2007). **Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica**. Oficina do CES n.º 271. Março de 2007. Disponível em:< file:///C:/Users/Usuario/Downloads/271.pdf>. Acesso em 10 jun 2017.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

RODRIGUES, Núbia Bento. **Médicos, monstros e heróis: ensaio antropológico sobre ficção científica e biotecnologia**. (Capítulo 20) In: MINAHIM, Maria Auxiliadora (coord). Meio ambiente, direito e biotecnologia: estudos em homenagem ao Prof. Dr. Paulo Affonso Leme Machado. Curitiba: Juruá, 2010.

ROGÉRIA. Marcio Pascoal. **Rogéria**: uma mulher e mais um pouco. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2016.

RUÓTOLO, Antônio Carlos F. **Audiência e recepção**: perspectivas. Comunicação & Sociedade n. 30, 1998. p. 159-170.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 22, dezembro, 2003.

SANTOS, Gabriella Barbosa dos. In: SOUSA, Janara Kalline Leal Lopes de [et al.]. Organização Elen Cristina Geraldes ... [et al.] **Mídia, Misoginia e Golpe**. – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2016.

SANTOS, Flávia Martins; GOMES, Suely Henrique de Aquino. (2013). Etnografia virtual na prática: análise dos procedimentos metodológicos observados em estudos empíricos em cibercultura. **7 Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Cibercultura**. Disponível

em:<https://abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo_1_Educacao_e_Processos_de_Aprendizagem_e_Cognicao/26054arq02297746105.pdf>. Acesso em: 19 mai 2016.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Recife: SOS Corpo, 1991.

SCOTT, Joan Wallach. "Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista". **Debate Feminista**, São Paulo: Cia. Melhoramentos, Edição Especial (Cidadania e Feminismo), p. 203-222, 1999.

SEFFNER, Fernando. **Composições (com) resistências à norma: pensando corpo, saúde, políticas e direitos LGBT**. In: COLLING, Leandro (org). Stonewall 40+ o que no Brasil? Salvador: EDUFBA, p. 57 a 78. 2011.

SÉMELIN, Jacques. **Purificar e Destruir: Usos políticos dos massacres e dos genocídios**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

SORIANO, Jaume. **Las nuevas reglas de la etnografía de la comunicación**. 2007. Disponível em: <http://www.portalcomunicacion.com/esp/n_aab_lec_1.asp?id_llico=30>. Acesso em: 10 ago. 2018.

SOUSA, Janara Kalline Leal Lopes de [et al.]. Organização Elen Cristina Gerales ... [et al.] **Mídia, Misoginia e Golpe**. – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2016.

SIFUENTES, Lirian. Incursões pelos estudos de recepção: retomadas históricas, desafios e perspectivas. **ANIMUS - Revista Interamericana de Comunicação Midiática**. v.13. n.25, 2014.

SPARGO, Tamsim. **Foucault e a Teoria Queer**. Rio de Janeiro: Pazulin, 2006.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

STOLLER, Robert. **A experiência transexual**. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

STOLLER, Robert. **Sex and Gender: the Transsexual Experiment**, Hogarth Press, 1968.

TEIXEIRA, Flávia. **Vidas que desafiam corpos e sonhos: uma etnografia sobre o construir-se outro no gênero e na sexualidade**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

TEIXEIRA, Flávia. (Re)encontrando Berenice Bento: uma década de afetações. **Cadernos Pagu (UNICAMP)**, v. 1, p. e164818, 2016.

TOMAZETTI, Tainan Pauli; CORUJA, Paulo. Relações de gênero nos estudos de recepção e consumo midiático: perspectivas de teses e dissertações em comunicação entre 2010 e 2015. **Novos Olhares**, v. 6, p. 115-128, 2017.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de Si** – uma interpretação Antropológica da Masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 2000.

VALENTINE, David. **Imagining Transgender: an ethnography of a category**. Durham NC : Duke University Press, 2007.

VAN DIJCK, José. **The Culture of Connectivity**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VARIS, Piia. Digital ethnography. **Tilburg Papers in Culture Studies**, Paper 104. Tilburg University. Understanding Society, 2014.

VENCATO, Anna Paula. Confusões e estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros. **Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP)**, Unicamp: Campinas, v. 10, n.18/19, p. 185-215, 2003.

VENCATO, Anna Paula. Gênero e sexualidades em tempos instáveis: mídias digitais, identificações e conflitos. **Etd: Educação Temática Digital**, v. 19, p. 808-823, 2017.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

VIEIRA JUNIOR, Luiz Augusto Mugnai. **Nas malhas das redes da internet: a proibição do direito de existir das pessoas transexuais**. In: I Seminário Internacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais UNESP campus de Marília 22 a 24 de setembro de 2015.

WINKIN, Yves. **Descer ao campo**. In: SAMAIN, Etienne (org.). A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo. São Paulo: Papirus, 1998.

ANEXO 01 – GRÁFICOS DA FERRAMENTA *GOOGLE TRENDS*: PALAVRAS QUE COMPÕE O VOCABULÁRIO DE GÊNERO

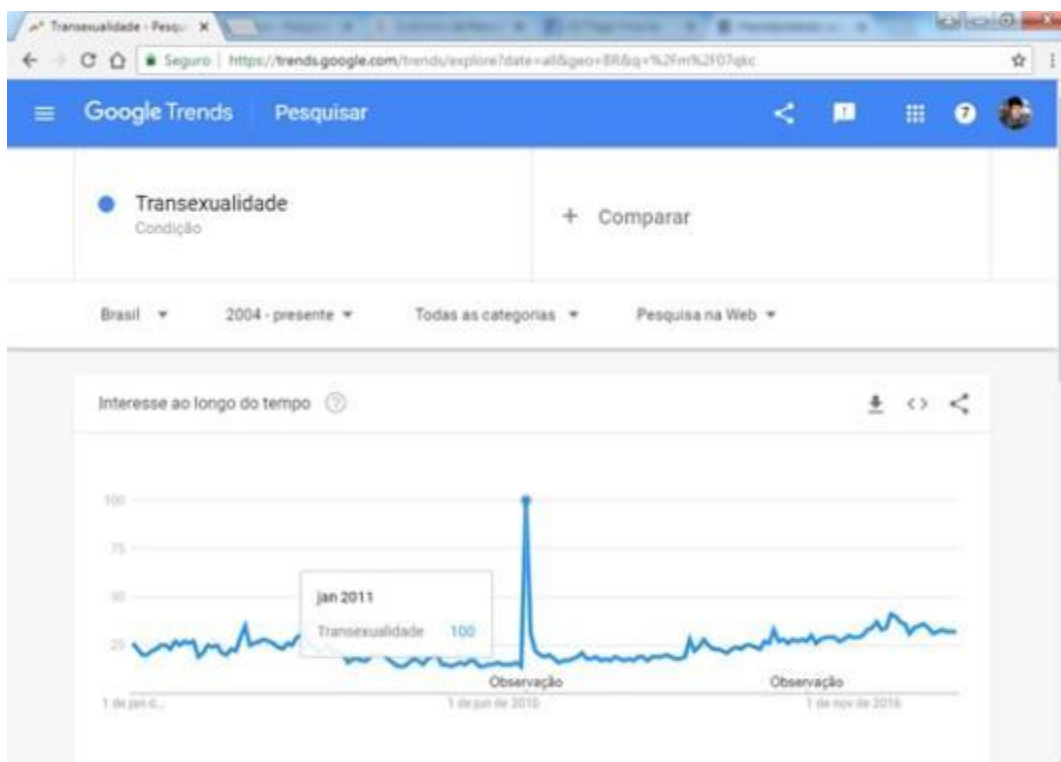


GRÁFICO 01. Fonte *Google Trends*: termo transexualidade.

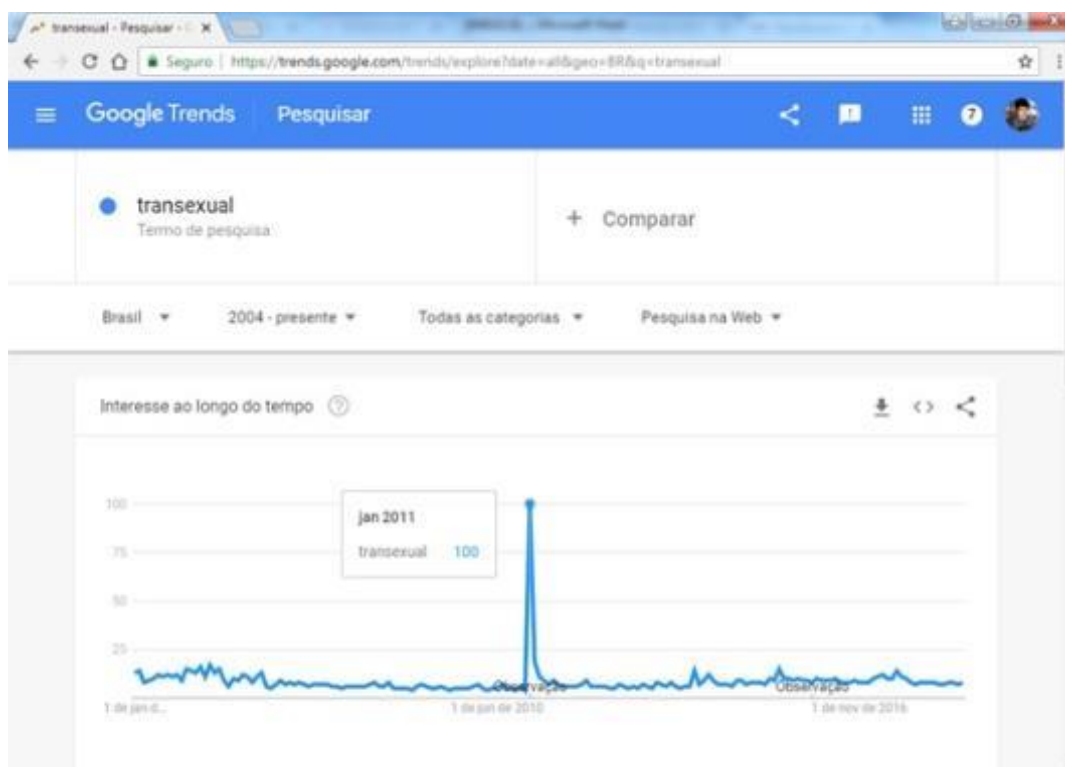


GRÁFICO 02. Fonte *Google Trends*: termo transexual.

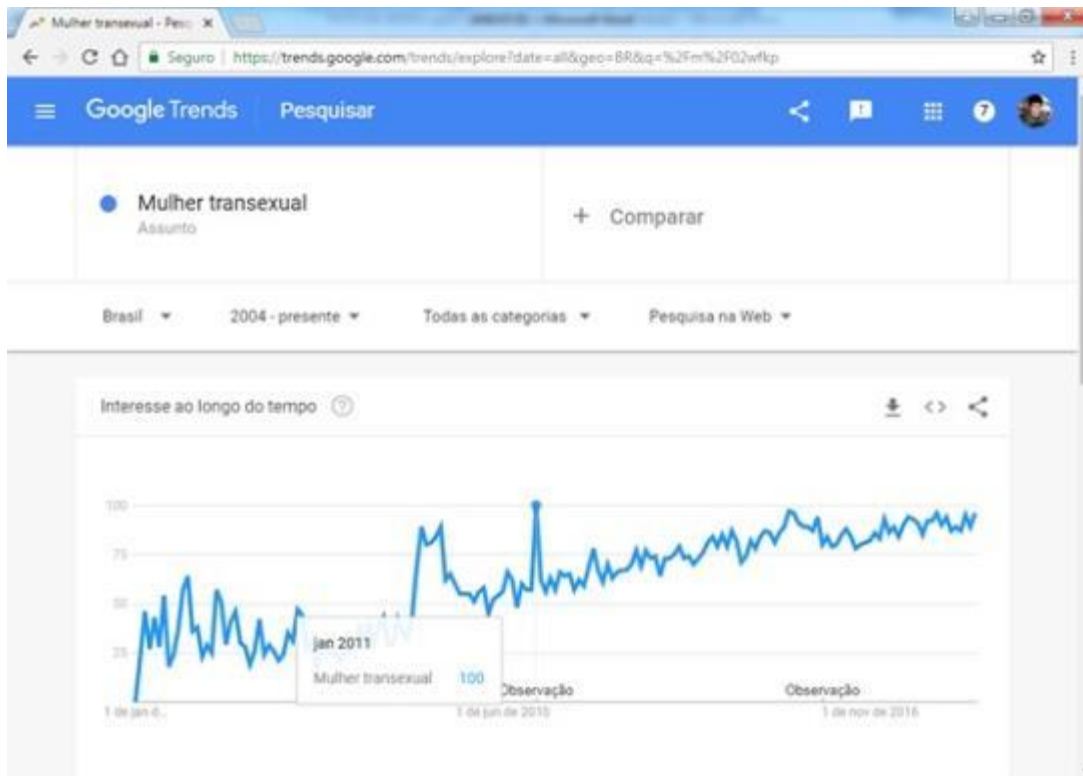


GRÁFICO 03. Fonte *Google Trends*: mulher transexual

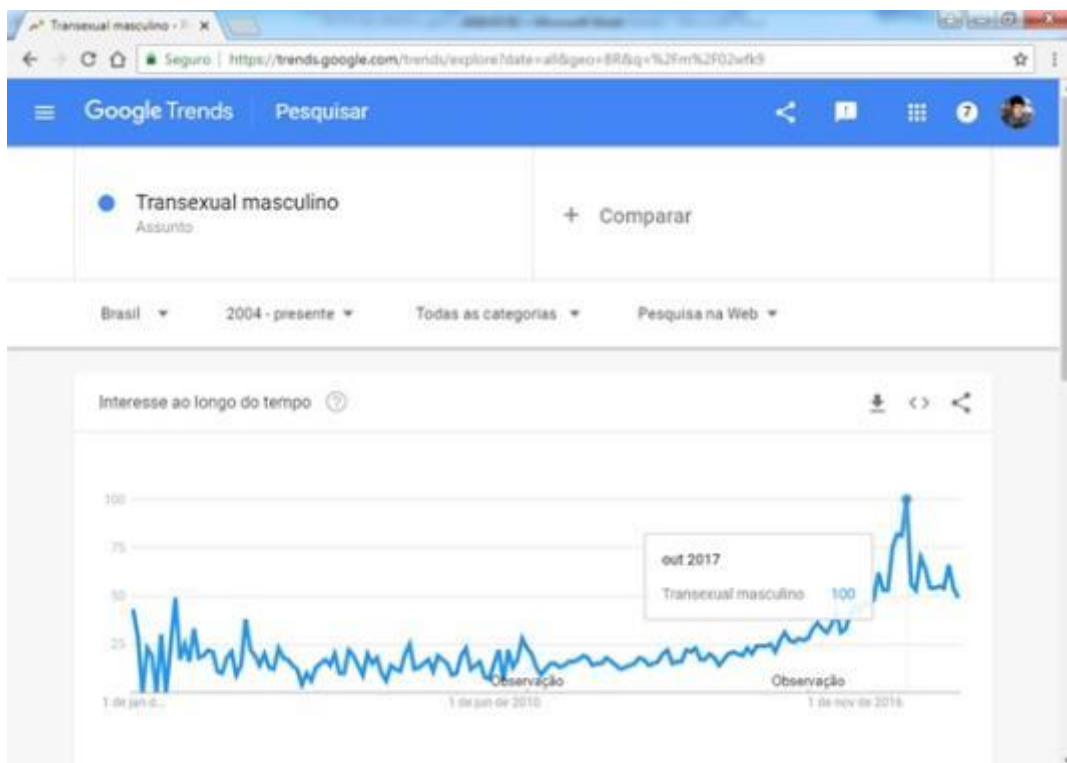


GRÁFICO 04. Fonte *Google Trends*: transexual masculino

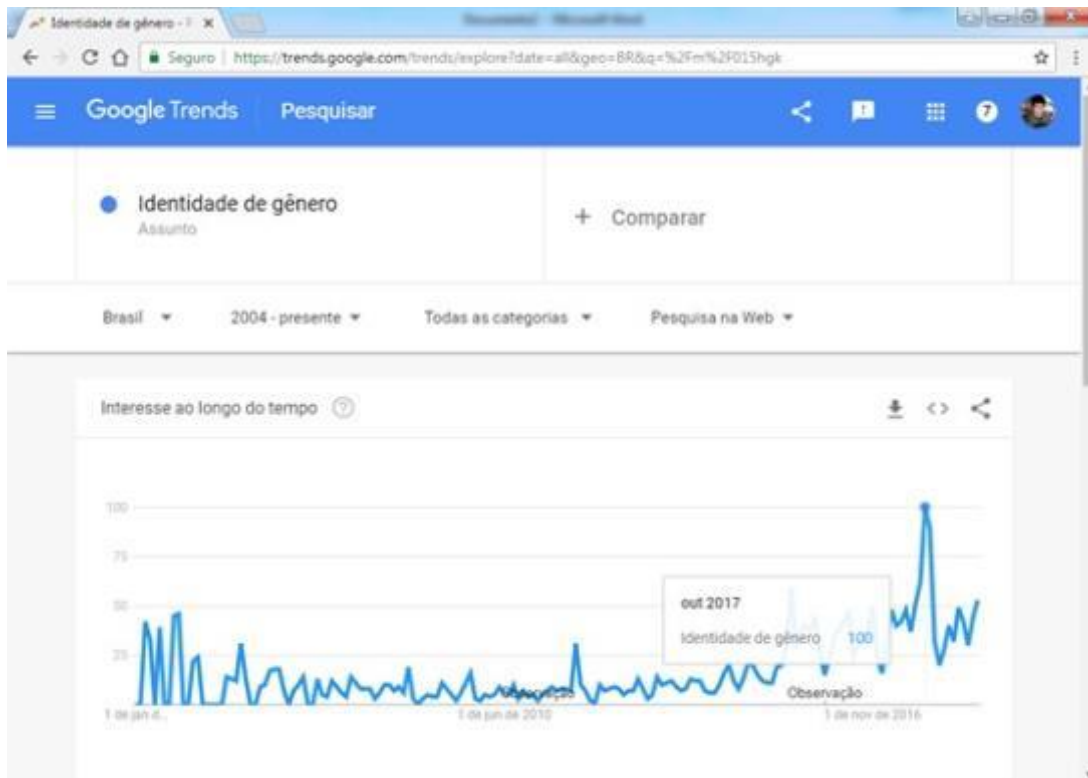


GRÁFICO 05. Fonte *Google Trends*: identidade de gênero.

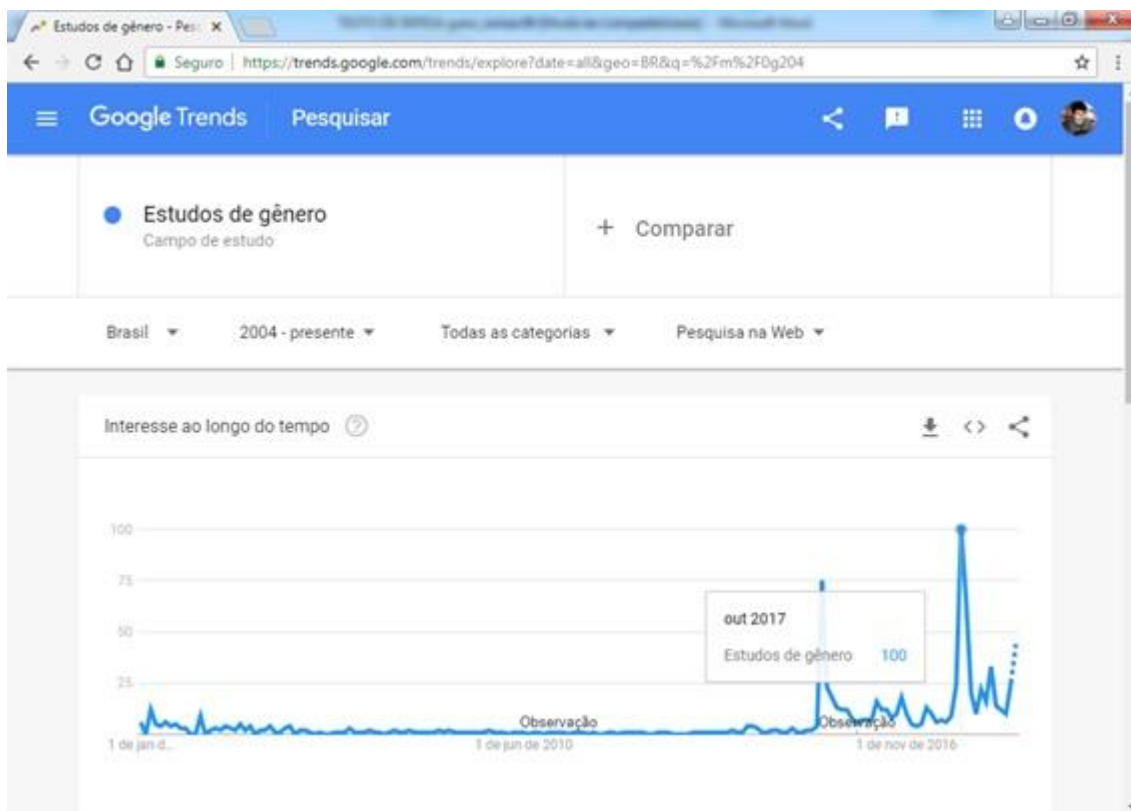


GRÁFICO 06. Fonte *Google Trends*: estudo de gênero.

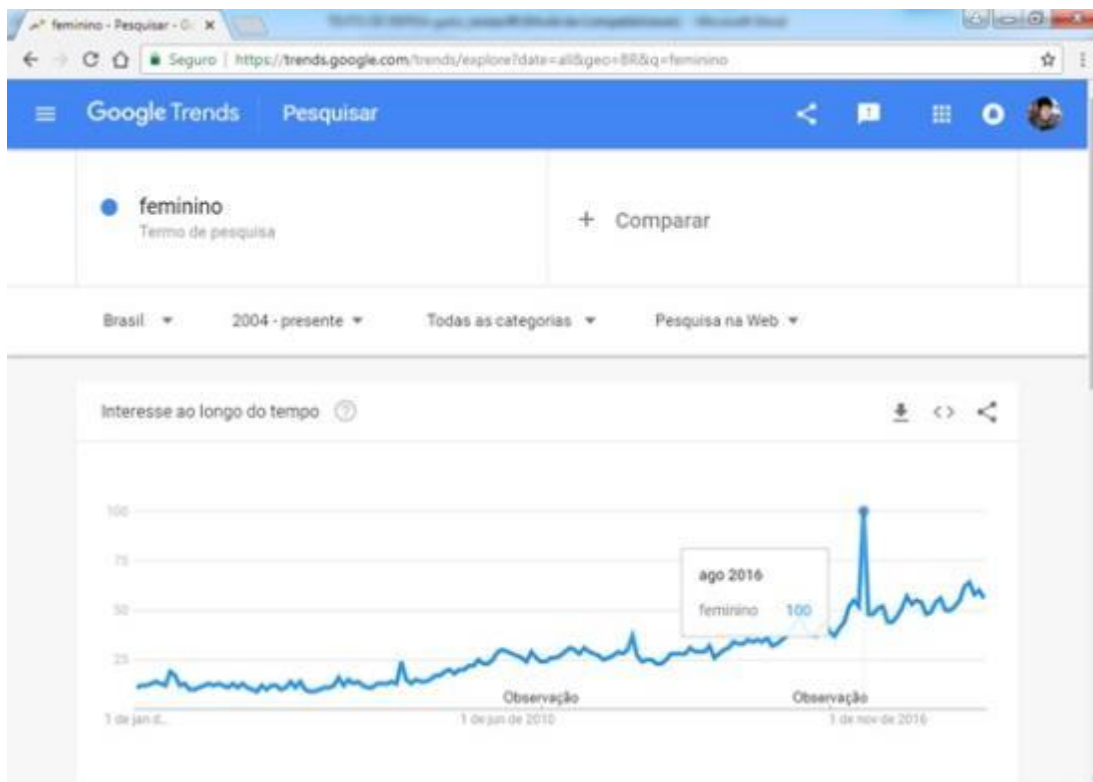


GRÁFICO 07. Fonte *Google Trends*: feminino.

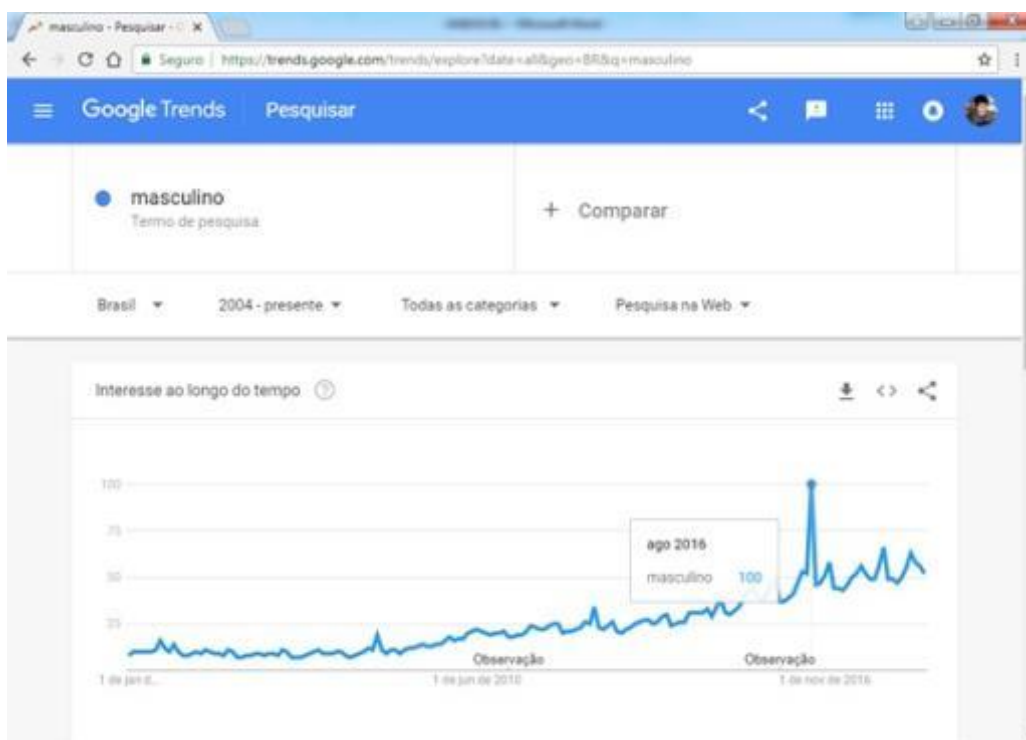


GRÁFICO 08. Fonte *Google Trends*: masculino.

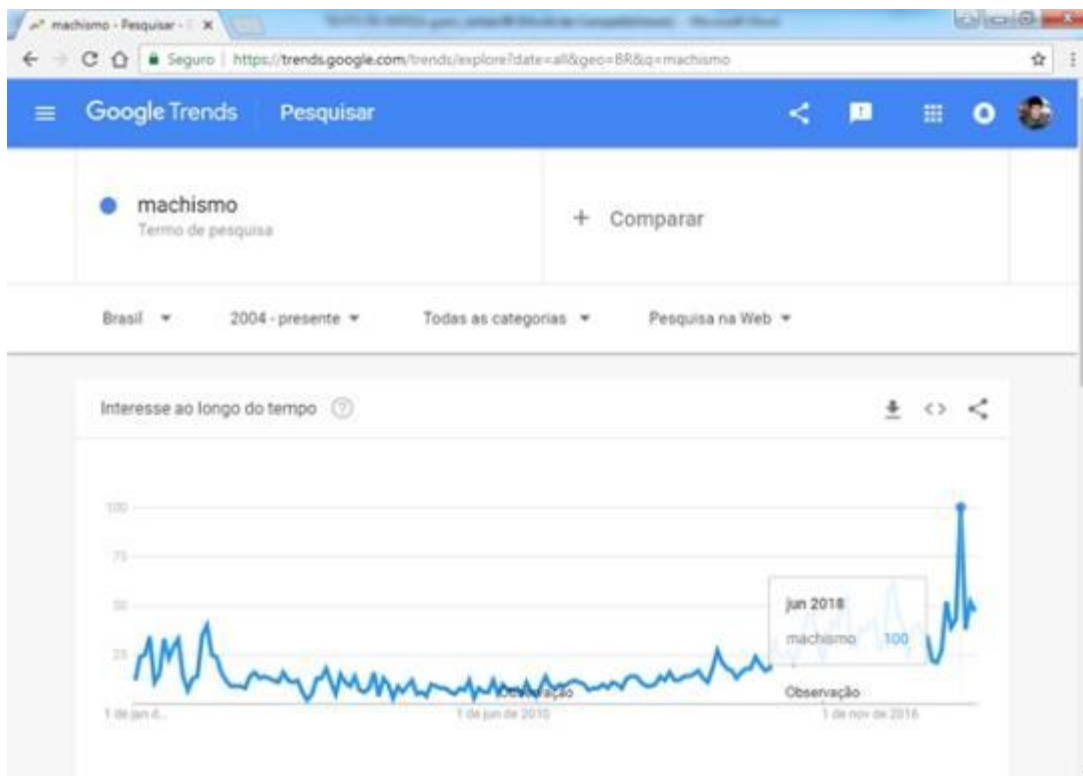


GRÁFICO 09. Fonte *Google Trends*: machismo.

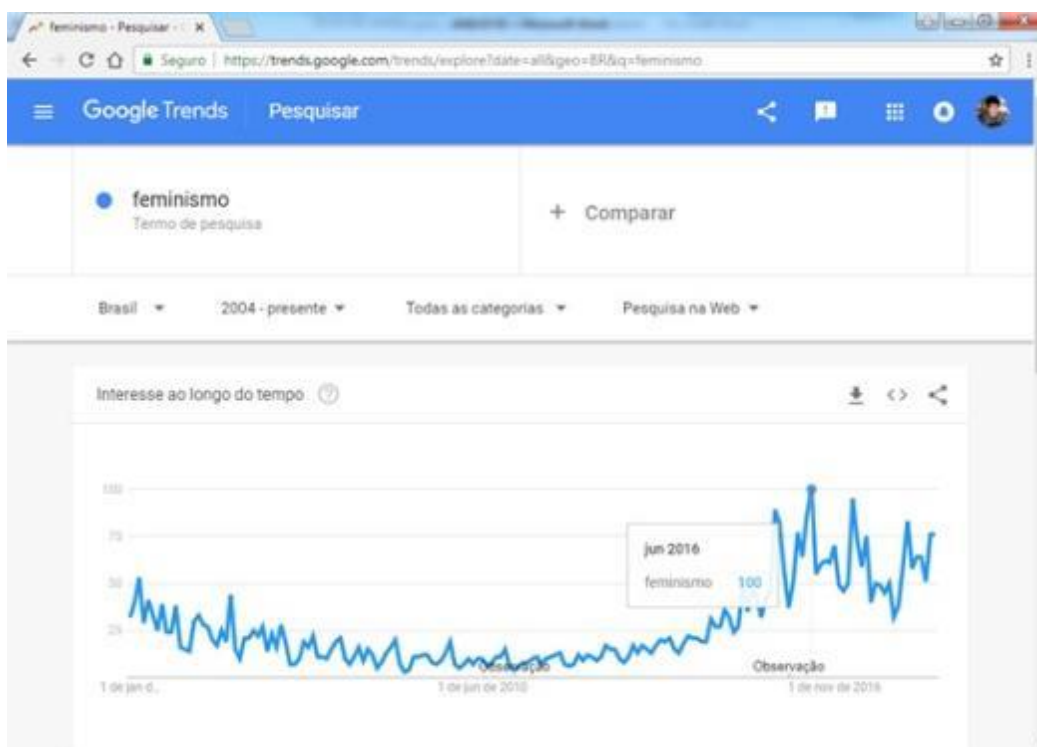


GRÁFICO 10. Fonte *Google Trends*: feminismo.

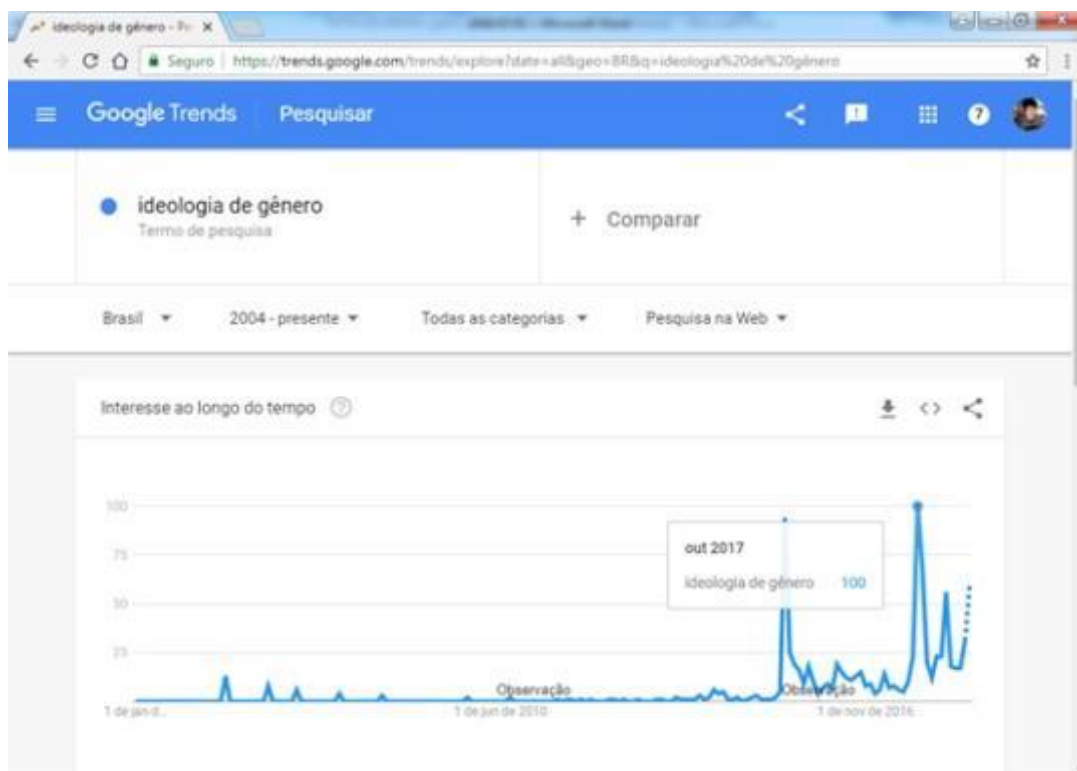


GRÁFICO 11. Fonte *Google Trends*: ideologia de gênero.

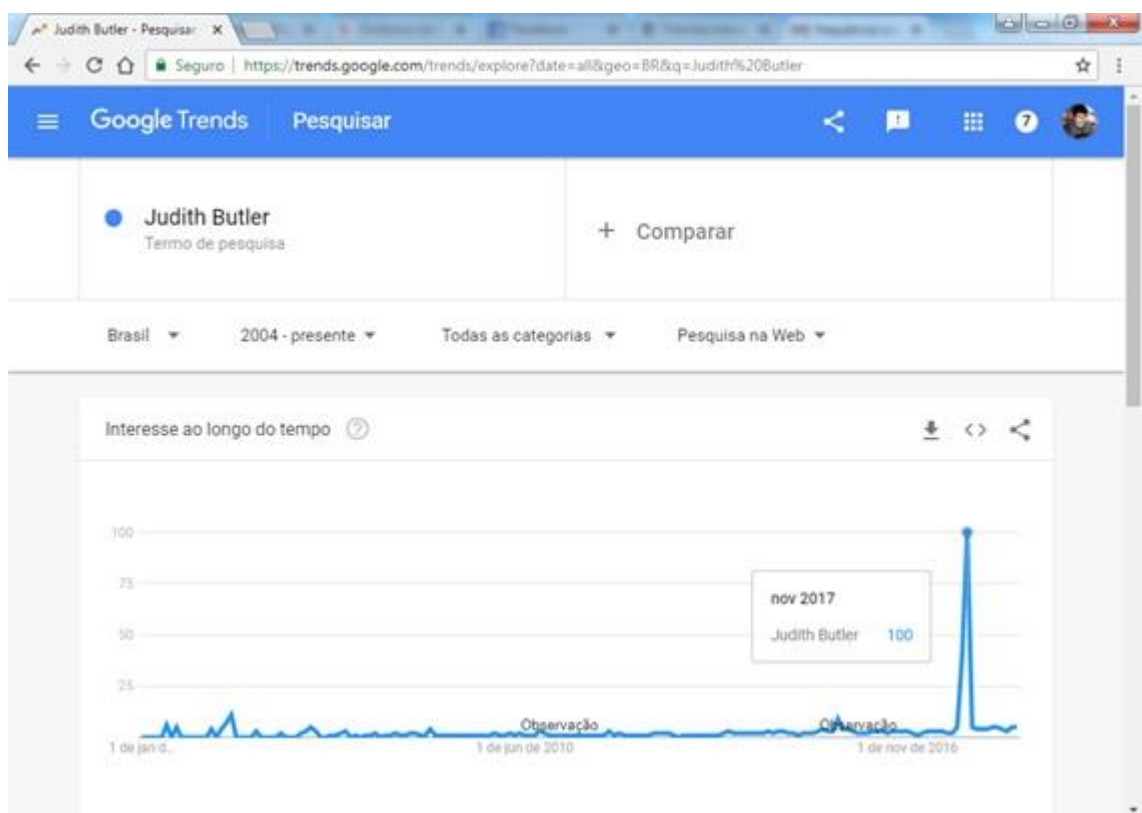


GRÁFICO 12. Fonte *Google Trends*: Judith Butler.

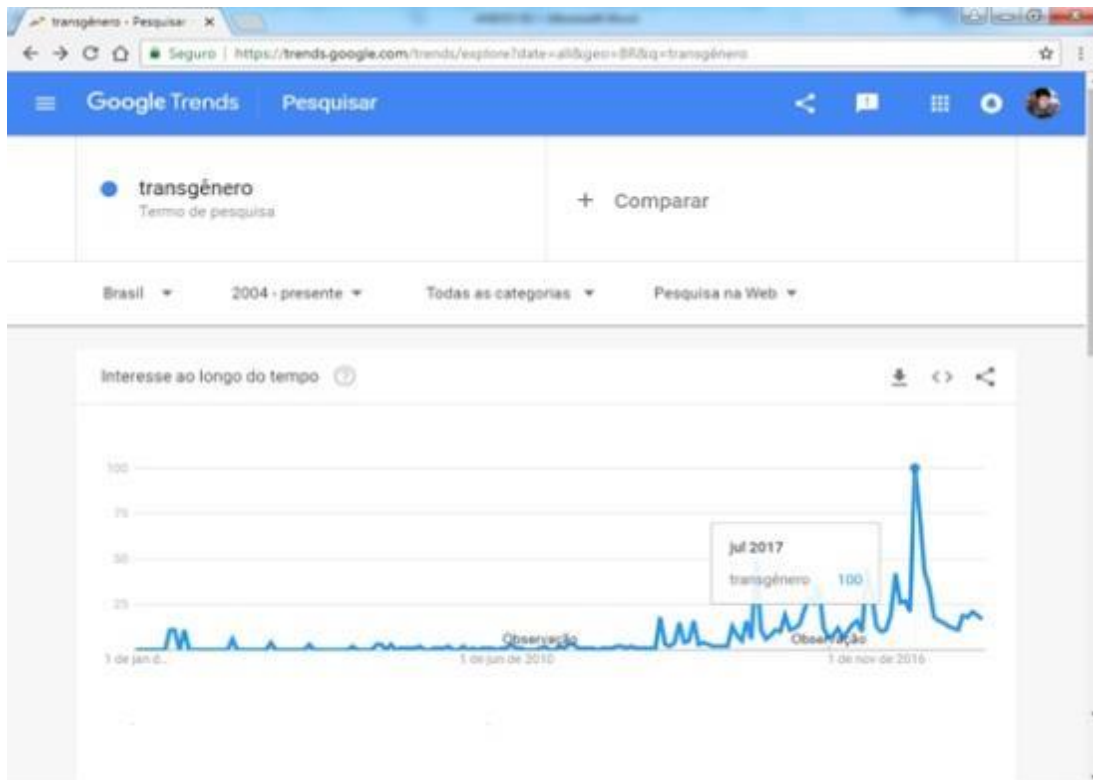


GRÁFICO 13. Fonte *Google Trends*: transgênero.

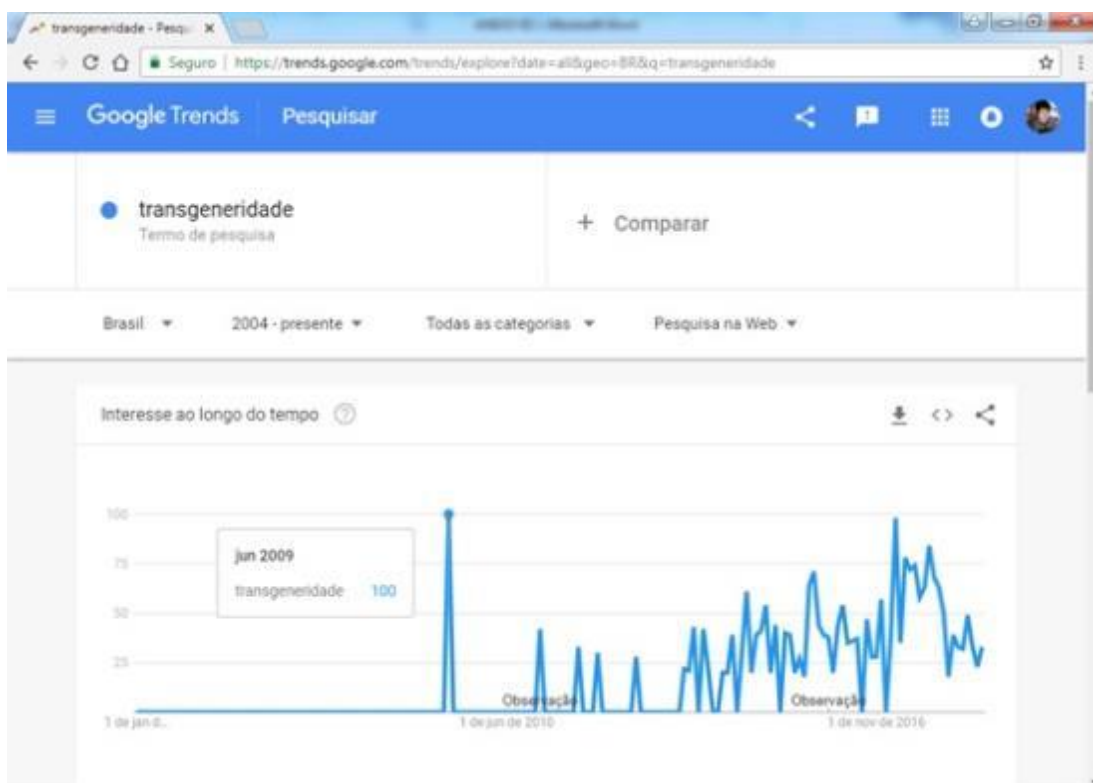


GRÁFICO 14. Fonte: *Google Trends*: transgeneridade.

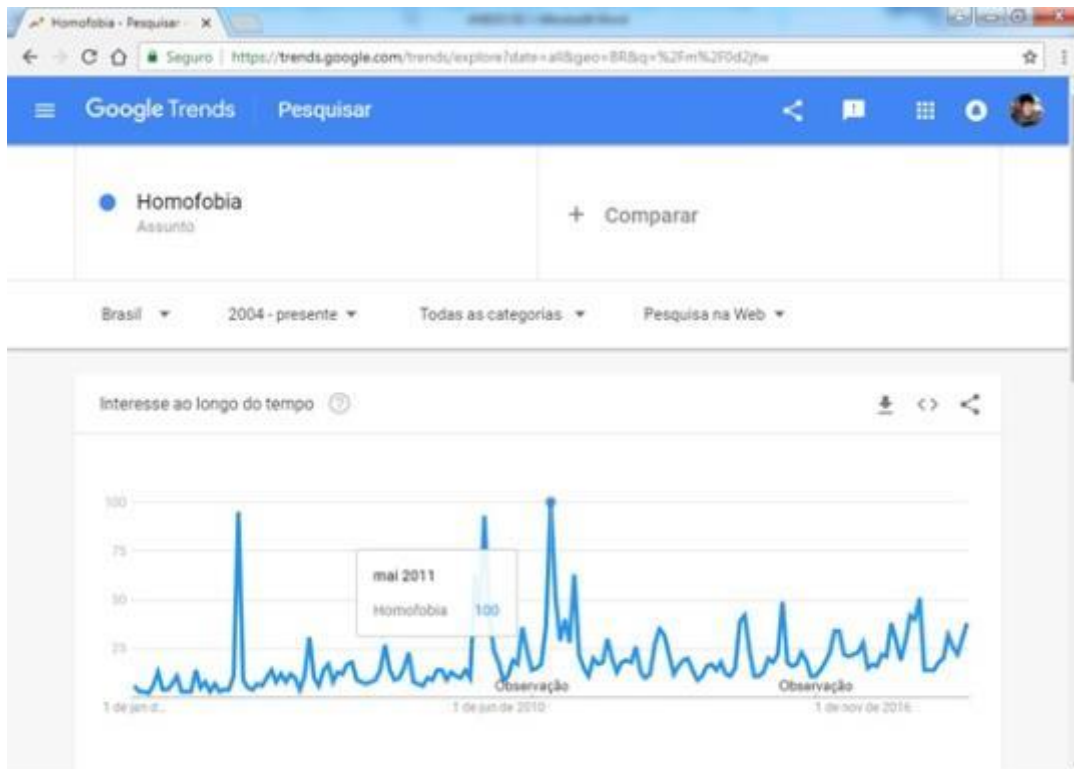


GRÁFICO 15. Fonte *Google Trends*: homofobia.

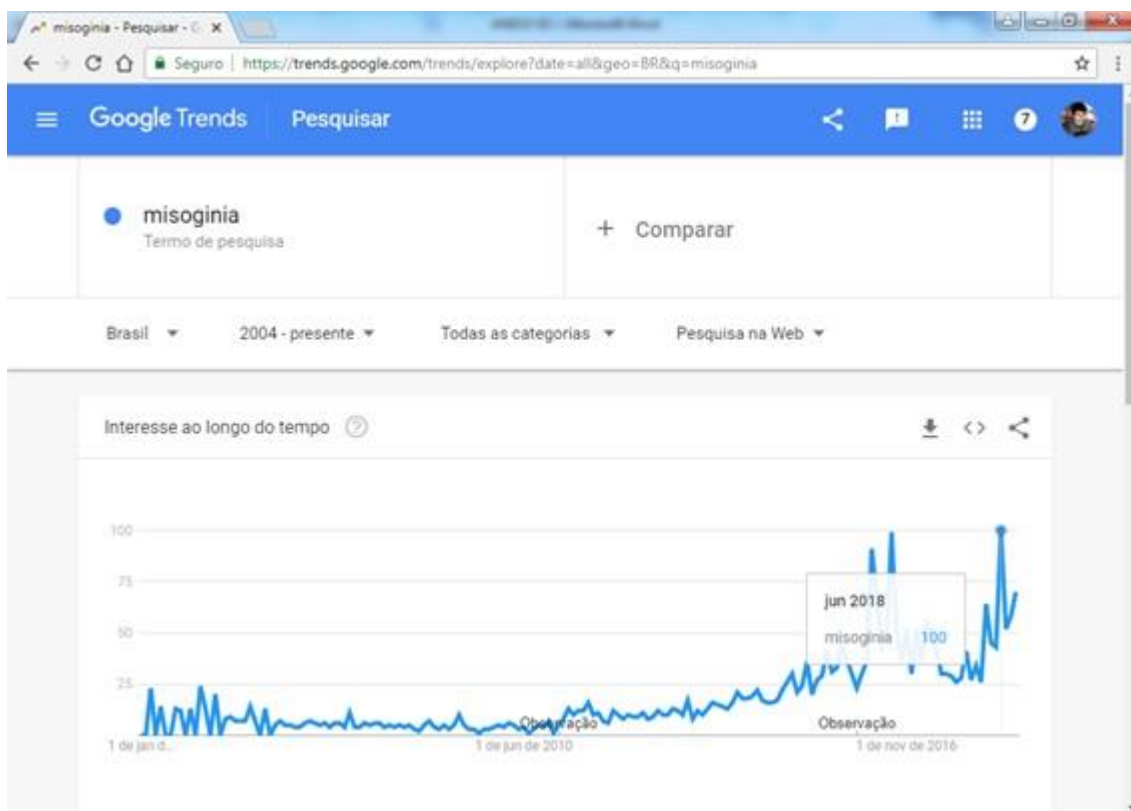


GRÁFICO 16. Fonte *Google Trends*: misoginia.

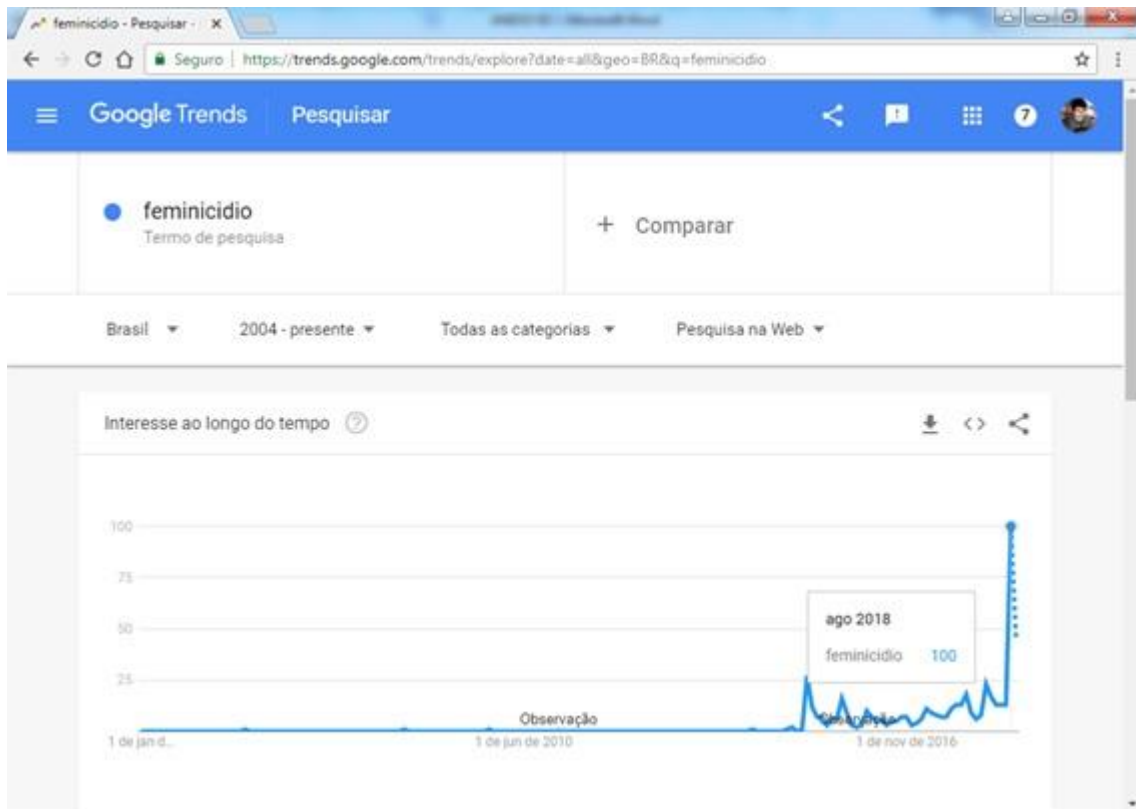


GRÁFICO 17. Fonte: *Google Trends*: feminicídio.

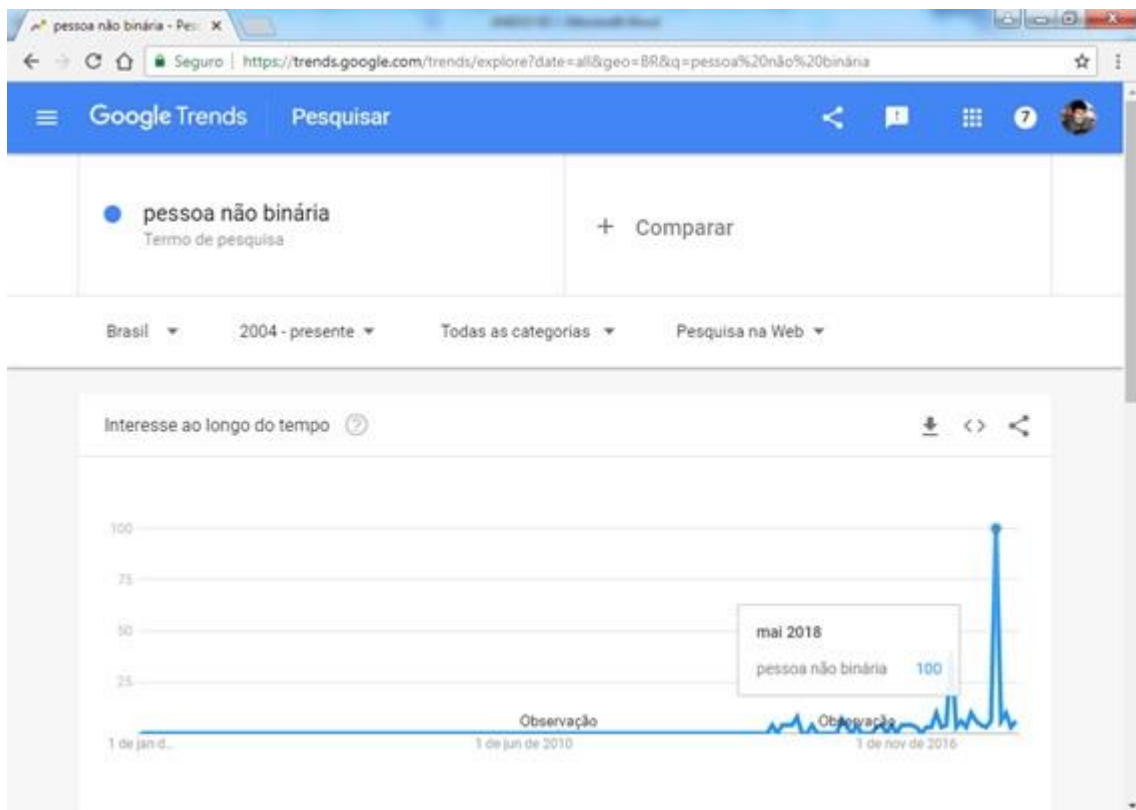


GRÁFICO 18. Fonte: *Google Trends*: pessoa não binária.

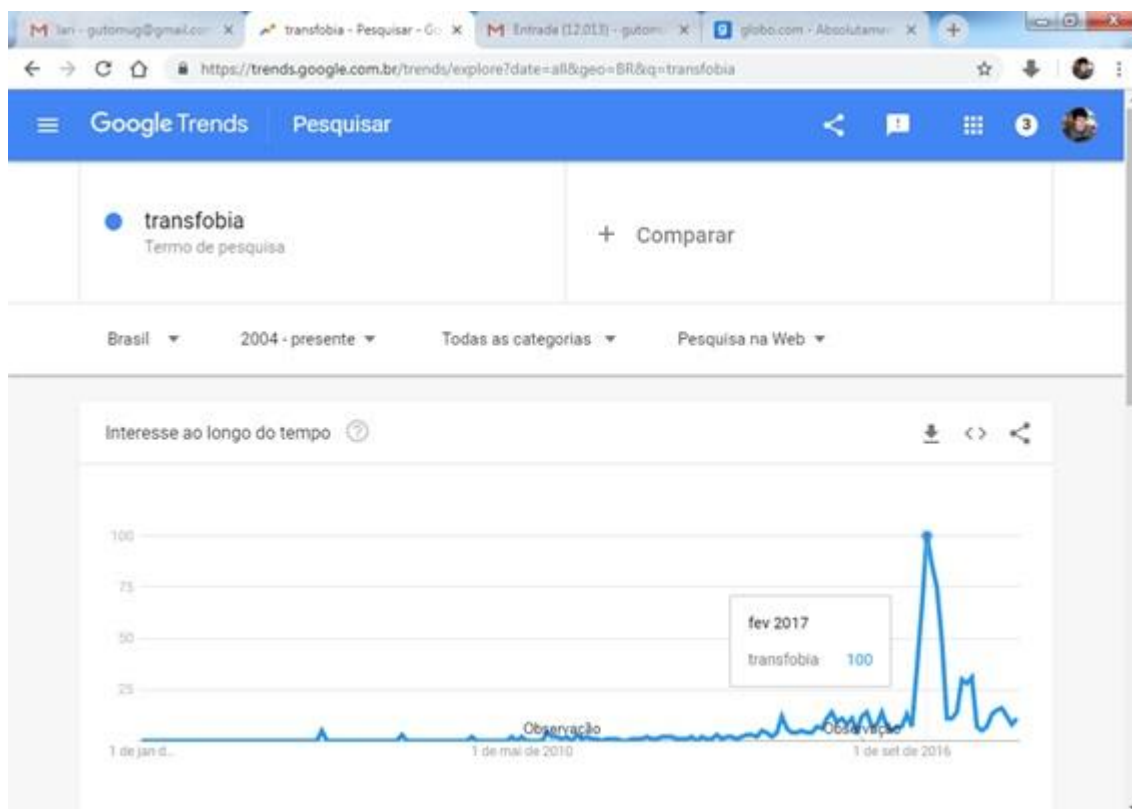
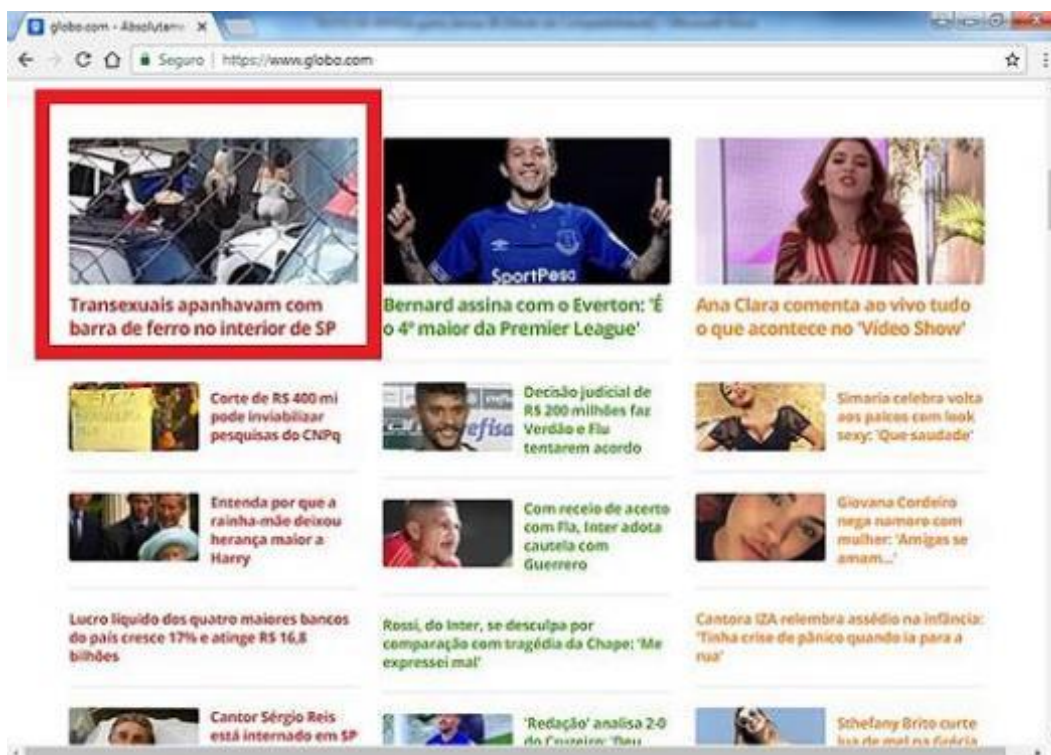


GRÁFICO 19. Fonte: *Google Trends: transfobia*

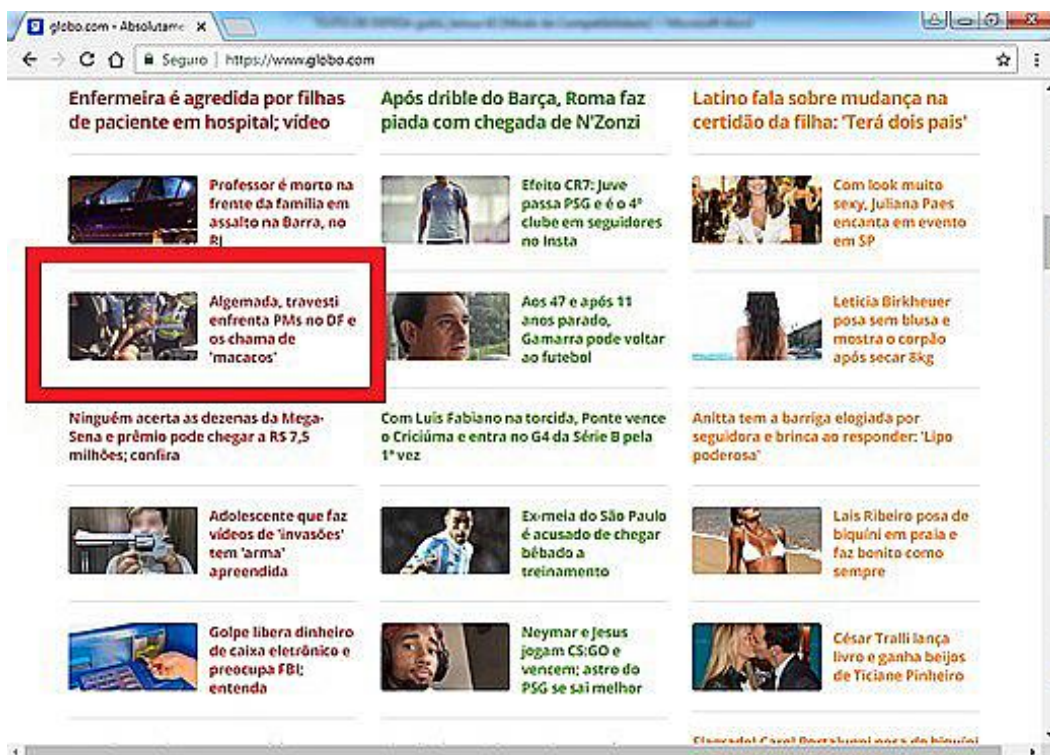
ANEXO 02: 14 PRINTS DAS 15 MATÉRIAS SOBRE TRANS/GÊNERO DO MÊS DE AGOSTO DE 2018 QUE COMPUSERAM O PORTAL *GLOBO.COM*



Print 01- a composição do Portal *Globo.com* do dia 08 de agosto de 2018 com destaque em vermelho da matéria sobre trans/gênero.



Print 02- a composição do Portal *Globo.com* do dia 13 de agosto de 2018 com destaque em vermelho da matéria sobre trans/gênero



Print 03- composição do Portal *Globo.com* do dia 14 de agosto de 2018 com destaque em vermelho da matéria sobre trans/gênero.



Print 04- a composição do Portal *Globo.com* do dia 15 de agosto de 2018 com destaque em vermelho da matéria sobre trans/gênero.



Print 05- a composição do Portal *Globo.com* do dia 15 de agosto de 2018 com destaque em vermelha matéria sobre trans/gênero.



Print 06- composição do Portal *Globo.com* do dia 18 de agosto de 2018 com destaque em vermelho da matéria sobre trans/gênero.



Print 07- composição do Portal *Globo.com* do dia 19 de agosto de 2018 com destaque em vermelho da matéria sobre trans/gênero.



Print 08- a composição do Portal *Globo.com* do dia 23 de agosto de 2018 com destaque em vermelho a matéria sobre trans/gênero.



Print 09- a composição do Portal *Globo.com* do dia 25 de agosto de 2018 com destaque em vermelho a matéria sobre trans/gênero.



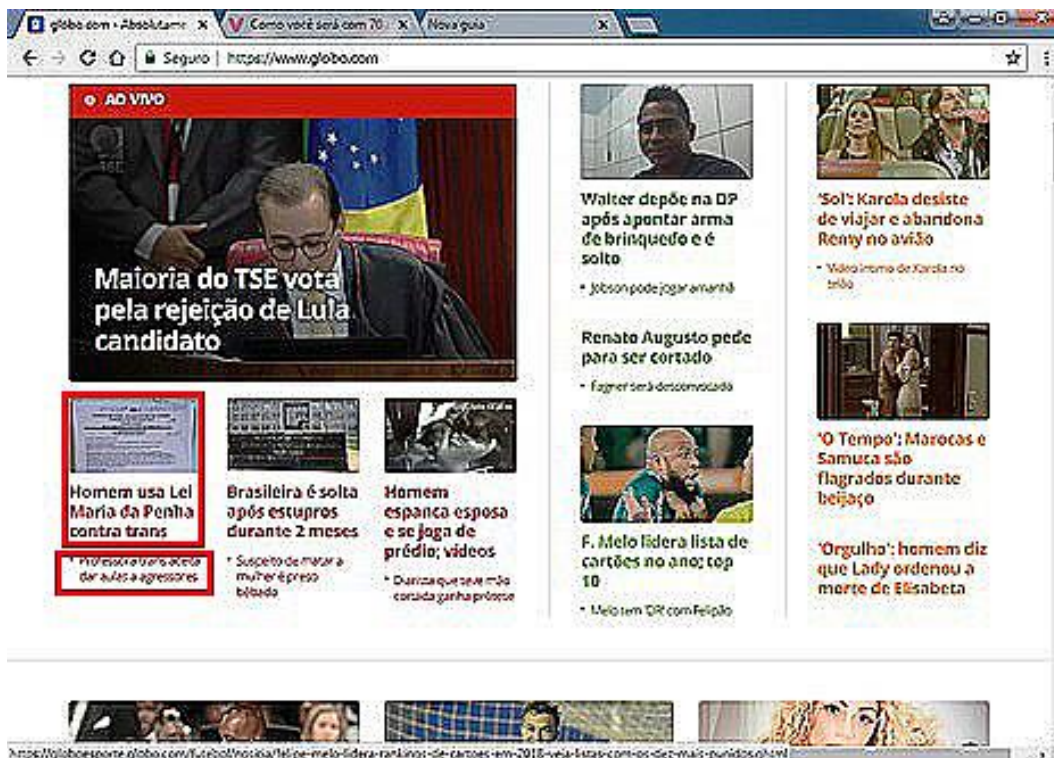
Print 10- a composição do Portal *Globo.com* do dia 27 de agosto de 2018 com destaque em vermelho a matéria sobre trans/gênero.



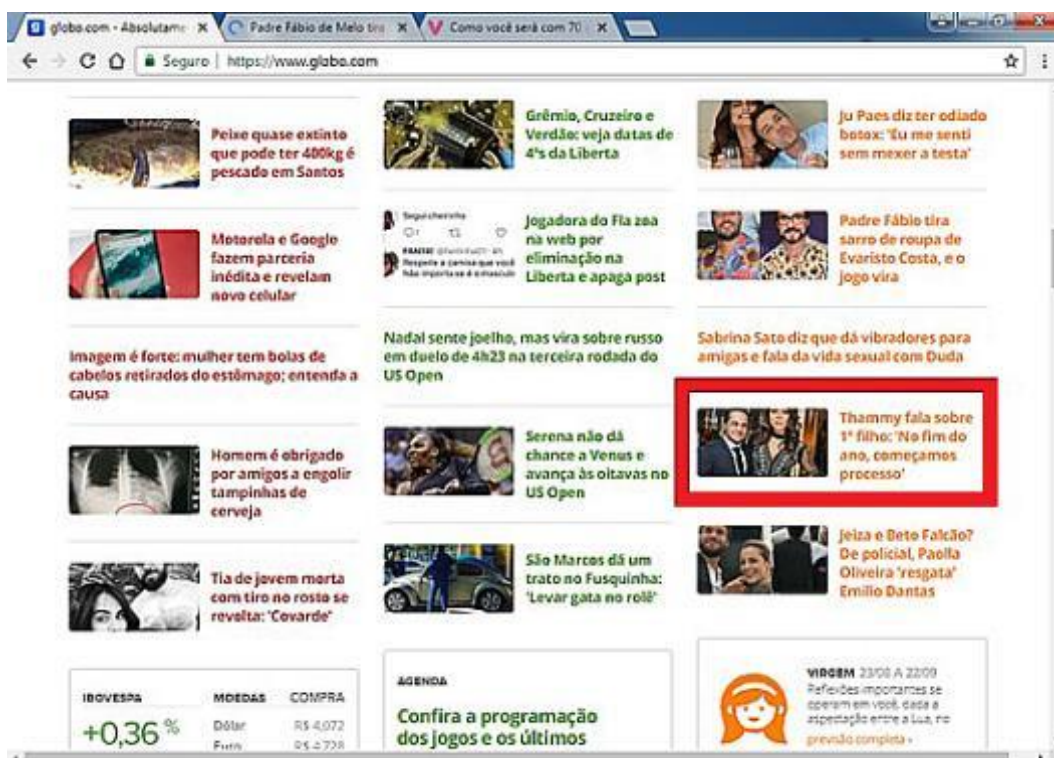
Print 11 - a composição do Portal *Globo.com* do dia 29 de agosto de 2018 com destaque em vermelho a matéria sobre trans/gênero.



Print 12 - a composição do Portal *Globo.com* do dia 30 de agosto de 2018 com destaque em vermelho a matéria sobre trans/gênero.



Print 13 - a composição do Portal *Globo.com* do dia 31 de agosto de 2018 com destaque em vermelho a matéria sobre trans/gênero.



Print 14 - a composição do Portal *Globo.com* do dia 31 de agosto de 2018 com destaque em vermelho a matéria sobre trans/gênero.